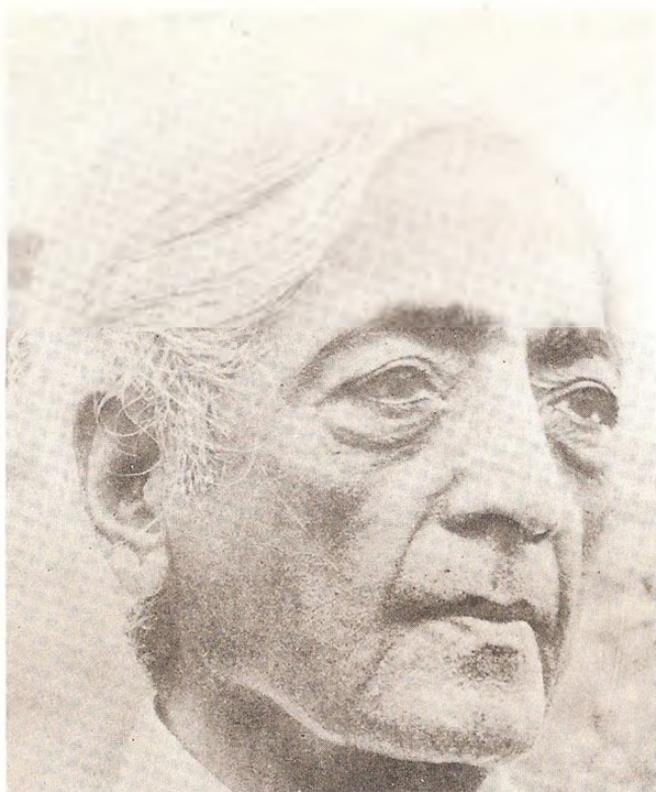
Krishnamurti

A SUPREMA REALIZAÇÃO

cultrix

KRISHNAMURTI

Tanto para aqueles que queiram travar o primeiro contacto com o pensamento de Krishnamurti, tanto quanto para aqueles que, conhecendo-lhe a natureza iluminadora e libertária, desejam vê-lo espraiar-se em novos desenvolvimentos, A SUPREMA REALIZAÇÃO tem muito a oferecer. Isso porque este volume reúne o essencial de palestras realizadas pelo grande pensador na Índia em 1965, palestras nas quais ele abordou temas de crucial importância como: só a mente lúcida vê o real; o poder do amor; a virtude do silêncio; uma diferente maneira de viver; vida criadora; urge transformar-nos; morrer para o passado, etc.

Krishnamurti

A SUPREMA REALIZAÇÃO

A SUPREMA REALIZAÇÃO

Outras Obras de Krishnamurti Publicadas Pela Cultrix

A Suprema Realização
A Primeira e Última Liberdade
Comentários Sobre o Viver
O Mistério da Compreensão
A Importância da Transformação
Reflexões Sobre a Vida
Uma Nova Maneira de Agir
Diálogos Sobre a Vida
A Educação e o Significado da Vida
O Passo Decisivo
Fora da Violência
A Mutação Interior
A Cultura e o Problema Humano
Liberte-se do Passado

KRISHNAMURTI

Jiddu Krishnamurti nasceu na Índia do Sul em 1895 e foi educado na Inglaterra. Embora não tenha ligações com nenhuma organização filosófico-religiosa nem se apresente com títulos universitários, vem fazendo conferências para grupos de líderes intelectuais nas maiores cidades do mundo, há já várias dezenas de anos.

Além dos volumes editados pela Cultrix, grande número de publicações, de palestras e conferências suas, foram lançadas em português, com êxito igual ao obtido quando publicadas em espanhol, francês, alemão, holandês, finlandês e vários outros idiomas, além do original inglês.

J. KRISHNAMURTI

A SUPREMA REALIZAÇÃO

Tradução
de
HUGO VELOSO

EDITORA CULTRIX
SÃO PAULO

Título do original:
TALKS BY KRISHNAMURTI IN INDIA
1965

1.ª edição: maio de 1974
2.ª edição: junho de 1977

MCMLXXVII

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

ÍNDICE

MADRASTA — I

SÓ A MENTE LÚCIDA VÊ O REAL

NUMA reunião desta natureza, o ato de comunicar, o ato de escutar e o ato de compreender são de grande importância. Porque esse movimento de comunicar, escutar e compreender, não só faz parte de nossa vida diária, mas é, ao mesmo tempo, um movimento constante, contínuo, infinito. E, principalmente quando se trata de problemas que exigem muita compreensão, não apenas no nível verbal, faz-se também necessária aquela comunhão que se estabelece quando — não sentimental ou emocionalmente — ultrapassamos as palavras e compreendemos sua verdadeira natureza e significado. Poderão, assim, estas reuniões ter especial significação e valor.

O que aqui pretendemos fazer, todos juntos, é participar — participar ativamente. Isto é, da parte do orador haverá não só o ato de comunicar, mas também o de participar; pois não iremos, nestas palestras, adquirir meros conhecimentos, porém, antes, passar por uma série de experiências, nas quais tanto o orador como os ouvintes deverão tomar parte ativa. A maioria de nós, infelizmente, não sabe participar ativamente. Estamos acostumados a escutar, concordando ou discordando verbalmente, ou simplesmente rejeitando idéias; dessa maneira, é difícil haver participação. Só há participação, quando o orador e o ouvinte estão tomando parte ativa no que se está dizendo. Do contrário, estas palestras serão como tantas outras conferências e discursos, que, infortunadamente, tanto gostamos de ouvir; e serão puro desperdício de tempo, se não houver, de vossa parte e da parte do orador, uma participação ativa.

Participar é escutar sem saltar nenhuma conclusão. Em primeiro lugar, vem o ato de escutar. Esse ato de escutar depende do ouvinte, isto é, de vós que estais escutando, ouvindo. Se aceitais o que ouvis porque coincide com o que credes, ou o rejeitais porque não se coaduna com o que credes, não há participação. E parece-me importante que, não só durante esta hora, mas durante toda a nossa vida, tenhamos essa capacidade, essa arte de escutar e participar — de tudo escutar, com todo o nosso ser.

A vida é um constante movimento de relações. E o indivíduo que está vigilante, atento a tudo o que se passa no mundo, percebe que esse movimento que é a vida deve ser compreendido, não num determinado nível — científico, biológico ou tradicional, porém no nível total. Do contrário, não pode haver participação.

A palavra "participar" ou "compartilhar" tem extraordinário significado. Podemos partilhar nosso dinheiro, nossas roupas. Se temos um pouco de comida, dela podemos dar, dividi-la com outrem; mas, afora esses casos, raramente partilhamos alguma coisa com outrem. Compartilhar implica, não só a comunicação verbal — ou seja a compreensão do significado e natureza das palavras — mas também comunhão. E comungar é uma das coisas mais difíceis da vida. Talvez tenhamos uma certa capacidade de comunicar a outrem algo que temos, ou que desejamos ou esperamos ter; mas comungar com outrem é dificílimo.

Porque o comungar requer que tanto a pessoa que fala como a que escuta possuam intensidade, paixão, e requer também, no mesmo nível e ao mesmo tempo, um estado mental não propenso a aceitar ou rejeitar, porém interessado em escutar ativamente. Só então há possibilidade de comunhão, de estarmos em comunhão com alguma coisa. É relativamente fácil estar em comunhão com a natureza. E pode-se estar em comunhão com uma dada coisa, quando não existe nenhuma barreira verbal ou intelectual entre vós, o observador, e a coisa observada. Mas a comunhão é um estado, talvez de afeição, um estado de intensidade, em que ambas as partes se encontram no mesmo nível e a um só tempo, com a mesma intensidade. De outro modo, não há possibilidade de comunicação — principalmente de

comunhão, que é o verdadeiro ato de compartilhar. E esse ato de comunhão é com efeito muito importante, porquanto é essa comunhão, esse estado de intensidade, que pode transformar radicalmente a mentalidade de um indivíduo.

O amor — se posso empregar este termo sem lhe dar, por ora, determinado significado — só é possível no ato de compartilhar. E este, por sua vez, só é possível quando, no mesmo nível e ao mesmo tempo, há aquela peculiar intensidade que dispensa a comunicação verbal. De contrário, não há amor, porém, tão-só emocionalismo e sentimentalismo —, coisas sem nenhum valor.

Nossa vida de cada dia — não o momento supremo do presente segundo — consiste nesse ato de comunicar, escutar e compreender. E, para a maioria de nós, escutar é uma das coisas mais difíceis; é uma grande arte, bem mais importante do que outra qualquer. Raramente *escutamos*, porque em geral vivemos muito ocupados com os nossos problemas, nossas próprias idéias e opiniões — esse incessante "tagarelar" de nossas deficiências, fantasias, mitos e ambições. Raramente escutamos, não só o que outros dizem, mas também os pássaros; raramente vemos o pôr do sol, os reflexos na água. E quando sabemos escutar — e isso requer extraordinária energia — há, nesse ato, uma completa comunhão; as palavras, seu significado e construção, têm, então, pouquíssima importância. Ides, pois, juntamente com o orador, participar plenamente na verdade ou na falsidade do que se vai dizer. O ato de escutar é para a maioria de nós sobremodo difícil; mas é só escutando que se pode aprender.

Aprender não é acumular conhecimentos. Qualquer cérebro eletrônico é capaz de acumular conhecimentos. O conhecimento, por conseguinte, não é de grande relevância; tem uma certa utilidade, mas não aquela desmedida importância que os entes humanos lhe atribuem. Mas o ato de aprender requer uma mente muito ágil. O ato de aprender dispensa a interpretação. Quando escutais aquela ave, logo dizeis: "É um corvo", ou "Seria bom que ele se calasse, para eu poder prestar atenção ao que se está dizendo!" Dessa maneira, está terminado o ato de escutar. Mas, sois capaz de ouvir o pássaro e ao mesmo tempo o orador, quando não há interpretação, quando não há tradução

do que se está dizendo. Estais então escutando — mas *não* aceitando, pois isso é terrível.

E não podeis escutar, se traduzis o que ouvis por meio de vossos conhecimentos. Sabeis certas coisas por experiência própria. Vossos conhecimentos procedem dos livros, da tradição, dos vários embates da vida; esses conhecimentos se incorporaram à vossa consciência, ao vosso ser. E, assim, quando ouvis ou escutais alguma coisa, traduzis o que está dizendo mediante o que já sabeis. Por conseguinte, não estais escutando e, portanto, não há o ato de aprender.

A mente que interpreta, que traduz, que tem uma tradição ou conhecimentos acumulados — essa mente é incapaz de aprender, porque está funcionando num estreito canal. Não é uma mente capaz de atuar, de aprender, cheia de energia e de vitalidade. E, como nestas sete palestras iremos falar acerca de muitas coisas, o mais importante é o ato de aprender. Porque só a mente que está aprendendo é nova; a mente nova pode ver as coisas de maneira nova, com clareza, rejeitar o que é falso e perseguir o verdadeiro.

O verdadeiro e o falso não dependem de vossa opinião, ou daquilo que já sabeis, ou de vossa experiência. Porque vossa experiência é meramente a continuação do velho condicionamento, modificado de várias maneiras pela educação. Por conseguinte, vossa experiência não é o fator que indica o que é verdadeiro ou o que é falso. Tampouco o é o vosso conhecimento, porquanto o verdadeiro e o falso estão constantemente a alterar-se, a mover-se, constantemente ativos, dinâmicos, nunca estáticos. E se tentais discerni-los com vossas opiniões, juízos, experiência, tradição, nunca descobrireis por vós mesmo o que é verdadeiro, principalmente se estais sob o domínio da autoridade — se vossa mente está a obedecer. A mente, então, não só não é juvenil, mas também é incapaz de explorar, de descobrir. E a verdade tem de ser descoberta a cada minuto, e nisso consiste sua beleza. Sua beleza é sua energia. Necessitamos, portanto, de uma mente sobremodo enérgica — *não* uma mente combativa, uma mente que crê, que tem opiniões, que funciona num canal estreito e limitado; esta mente é sem energia. Só a mente nova é capaz de inquirir, de explorar, de indagar, de exigir, de investigar.

Nós vamos investigar, explorar juntos essa questão de como promover na mente humana uma revolução completa. Essa revolução é necessária, por várias e óbvias razões. Em primeiro lugar, o homem vive há dois milhões de anos e ainda anda às voltas com o sofrimento, o medo, o desespero. Continua a ter medo, ansiedade, sob o peso de grande agonia. Vive, superficialmente modificado, tal como vivia há dois milhões de anos. A maior parte do cérebro é ainda de natureza animal, a qual se expressa em avidez, ambição, inveja, ciúme, violência, etc. Temos vivido, como entes humanos, nesta desordem, nesta contradição, e a mente humana ainda não foi capaz de transformar-se, de promover em si própria uma mutação completa. E sabemos que ela pode alterar-se, sob pressão, por influência das circunstâncias e de numerosos "desafios" e embates, por influência da civilização e de tensões várias; a mente pode mudar, modificar-se; isso está sucedendo a todas as horas, quer nos agrade, quer não. Os alimentos, os trajes, o clima, os jornais, as revistas, a família, tudo nos impele e força a ajustar-nos a um certo padrão. E, a gosto ou a contragosto, ajustamo-nos, porque isso nos dá mais segurança. Em tal ajustamento, há sempre determinada mudança. Essa mudança consiste apenas numa modificação do que *era*.

Mas, não estamos falando acerca de mudança, porém de coisa muito diferente. Estamos falando sobre a mutação completa, a revolução total; porque esta é absolutamente necessária ao indivíduo verdadeiramente *sério*.

Por "pessoa séria" não entendo o indivíduo que está ligado a um dado padrão de crença e que funciona em conformidade com essa crença; em geral, esse indivíduo é tido por um ente maravilhoso e sério; mas eu não o chamo "sério", de modo nenhum! Também a pessoa que se devotou a um determinado movimento, e dessa linha não se desvia, é considerada uma pessoa muito séria; mas eu não a chamo "séria". E aquele que vive de acordo com determinado princípio, idéia, crença, a que segue rigidamente, costuma ser considerado um "homem sério", mas eu não o considero tal.

Assim, pela palavra "sério" entendemos coisa muito diferente. Ora, se não damos a mesma significação à mesma palavra, a comunicação se torna muito difícil. Por "mente séria"

entendo aquela que percebe o que é verdadeiro — não de acordo com um certo padrão de crença ou certa autoridade — e que persegue infinitamente essa verdade. As condições mundiais, essa glorificação do "tribalismo"(1) que se chama nacionalismo, as várias divisões na religião — catolicismo, hinduísmo, budismo, etc. — os partidos políticos — comunistas, socialistas, capitalistas, etc. — e as divisões econômicas, científicas, tecnológicas, e as diferentes fragmentações da vida — tudo isso está a exigir uma solução completamente diferente para esses problemas. Essa solução diferente exige uma mente que tenha passado pela mutação completa; do contrário, continuaremos a perpetuar os nossos problemas. Isso deve ser percebido muito claramente — não verbal ou teoricamente, não tolerantemente — porém deve ser compreendido com ardor, com entusiasmo, com vitalidade, energia, paixão. Porque, intelectualmente — isto é, verbalmente — podemos dizer: "É bem óbvio que necessitamos dessa mudança, dessa mutação" — e deixar-nos ficar nesse nível. Intelectualmente, podemos admitir a necessidade da mutação e deixar de lado o assunto, continuando estáticos como estamos! Ou, esperamos que as circunstâncias, o tempo, operem a mutação. É o que faz a maioria das pessoas! Esperam que, por obra de algum milagre, algum acaso, algum incidente ou acidente, se opere em sua existência uma tremenda revolução! Tal espera, mais uma vez, não promove nenhuma revolução.

A palavra "revolução" tem diferentes sentidos para diferentes pessoas. Os comunistas dão-lhe um sentido econômico, social, ditatorial; revolução de acordo com uma idéia, de acordo com um plano. Outras pessoas há que temem a palavra revolução! O indivíduo que está bem de vida, que tem conta corrente no banco, um bom emprego, casa própria, posição, deseja que as coisas continuem como estão e teme aquela palavra. Outros a detestam, porque crêem na evolução, ou seja no progresso gradual. Todavia, fazemos da palavra um emprego muito diferente. Não tem ela para nós o sentido de revolução dependente do tempo, que segue um certo padrão ou conceito, porém o sentido de que devemos observar a situação mundial e nossa própria situação, como parte do mundo, e perceber totalmente

---

(1) Espírito de tribo, espírito tribal. (N. do T.)

— não em níveis diferentes, fragmentários, porém totalmente — quanto é urgente que a mente humana passe por uma tremenda revolução, revolução da qual venha a luz, e não a confusão e o caos — para pormos em ordem, organizarmos esse caos de acordo com o nosso condicionamento.

Nestas sete reuniões, iremos indagar se é possível à mente humana, que anda tão escravizada, que é o produto de dois milhões de anos de tempo e espaço e distância — se é possível a essa mente promover uma mutação fora do tempo, ou seja instantânea! E, para investigar esta questão, necessita-se de liberdade, pois ninguém pode investigar, se está amarrado. Necessitamos de uma mente livre, uma mente sem medo e sem crença, uma mente que não esteja a "projetar" seu próprio condicionamento, suas próprias esperanças e anseios.

Só pela investigação se pode descobrir, e para investigar necessita-se de liberdade. A maioria de nós perdeu — ou nunca a possuiu — a energia necessária ao investigar. Preferimos aceitar, continuar pelo velho caminho; mas não sabemos investigar. No laboratório, o cientista investiga. Pesquisa, observa, indaga, duvida; mas, fora do laboratório, é um homem como os outros — nada investiga! E a auto-investigação requer não só liberdade, mas também uma extraordinária capacidade de percepção, de visão.

É relativamente fácil ir à Lua, e mais além — como está provado. Mas é dificílimo penetrarmos em nós mesmos. Para penetrarmos em nós mesmos, infinitamente, o primeiro requisito é a liberdade — *não* que estejamos livres *de* alguma coisa — liberdade independente de *motivo* e de revolta. Quando se torna revolta, a liberdade é uma mera reação às condições de existência; é revoltar-nos para nos livrarmos de alguma coisa — e isso não é ser livre. Posso revoltar-me contra a sociedade atual. Essa sociedade pode ser estúpida, corrupta, inepta, mas essa revolta é uma mera reação — assim como o comunismo é uma reação contra o capitalismo. Essa revolta só me coloca numa posição modificada, na linha do mesmo padrão. Mas, não estamos falando da revolta que é reação, porém, sim, da liberdade em que não se está livre de alguma coisa.

Não sei se já conhecestes uma libertação dessa natureza — libertação não calculada, nem provocada — em que, subita-

mente, nos sentimos aliviados, sem problemas, nossa mente em extraordinária atividade, nosso corpo — coração, nervos, tudo — intenso, vibrante, vigoroso. Essa liberdade é necessária. Porque é bem evidente que só o indivíduo livre pode investigar, e não aquele que diz: "Creio e vou investigar" (isso não tem sentido nenhum); não aquele que teme as conseqüências da investigação e por isso desiste de fazê-la.

O investigar requer mente equilibrada, sã, mente que não se deixe persuadir por opiniões, próprias ou alheias e, portanto, seja capaz de ver as coisas com toda a clareza, em cada minuto de seu movimento, de seu fluir. A vida é um movimento de relações, e portanto — ação. E, se não há liberdade, a mera revolta nenhuma significação tem. O homem verdadeiramente religioso nunca se revolta. É um homem livre — *não do* nacionalismo, *da* avidez, *da* inveja, etc.; *livre*, simplesmente.

E o investigar requer a compreensão da natureza e significado do medo, porque a mente que, em qualquer de seus níveis, sente medo, é obviamente incapaz do rápido movimento que exige o investigar. Sabeis que neste país, em virtude da tradição e do prestígio da autoridade, gostamos de gabar-nos de nossa civilização sete vezes milenária. E os que tanto se orgulham dessa civilização provavelmente nada têm para dizer; por esta razão tanto se fala a respeito dela. Não é livre o espírito que está sob o peso da tradição e da autoridade. Terá de transcender a civilização e a cultura, porque só então será capaz de investigar e descobrir a verdade; de contrário, só saberá discorrer sobre a verdade, e a seu respeito ter inumeráveis teorias. O descobrir exige um espírito totalmente livre da autoridade e, portanto, do medo.

A compreensão do medo é um enorme e complexo problema. Não sei se alguma vez já lhe *destes* a vossa mente — não só a mente, mas também o coração. A mente talvez já tenhais dado, mas com toda a certeza nunca destes o coração. Para compreender uma coisa, temos de *dar-lhe* nossa mente e nosso coração. Quando só aplicamos a mente a uma certa coisa — principalmente ao medo — tratamos de resistir a essa coisa, de erguer uma muralha contra ela, de fechar-nos e isolar-nos, ou, ainda, tratamos de fugir da coisa. É o que fazemos quase todos nós, e para isso é que serve a maioria das religiões. Mas,

quando aplicais o coração à compreensão de uma coisa, verifica-se então um movimento muito diferente. Quando dais o coração à compreensão de vosso filho — se isso vos interessa — observais todo incidente, toda minúcia; nada é insignificante, e nada importante demais; e nunca vos enfadais. Entretanto, nunca damos o coração a coisa alguma — nem mesmo a nossa esposa ou marido, ou filhos; e muito menos ainda à vida. Quando o indivíduo dá o seu coração, é instantânea a comunhão.

"Dar o coração" é uma ação total. "Dar a mente" é ação fragmentária. E a maioria de nós dá a mente a tantas coisas! Por isso, vivemos uma vida fragmentária: pensando uma coisa e fazendo outra; e vemo-nos divididos pela contradição. Para compreender uma coisa, temos de dar-lhe não só a mente, mas também o coração.

E para se compreender esse complexo problema do medo — do qual pretendo tratar na próxima reunião — não se requer um mero esforço intelectual, porém que a ele nos apliquemos totalmente. Quando amamos uma coisa — e emprego a palavra "amor" em seu sentido total, isto é, sem o dividir em "amor a Deus" e "amor ao homem", ou "amor profano" e "amor divino"; tais distinções não são amor, em absoluto — quando amamos uma coisa, a ela nos entregamos com nossa mente e nosso coração. Isso não é o mesmo que vincular-se a uma coisa. Pode um indivíduo devotar-se de corpo e alma a uma certa causa — social, filosófica, comunista, religiosa. Mas, isso não é *dar-se*; é seguir uma mera convicção intelectual, uma idéia de que terá de cumprir certos deveres, a fim de melhorar a si próprio ou à sociedade, etc. Estamos, porém, falando de coisa bem diferente.

Ao darmos o coração, todas as coisas são percebidas claramente, na esfera dessa compreensão. Tentai fazê-lo — ou, melhor, espero que o estejais fazendo neste momento. O homem que diz "Tentarei" — está no caminho errado, porque o tempo não existe; só há o presente momento, *o agora*. E se o fizerdes *agora*, vereis que, quando se dá o coração, a ação é total — e não uma ação fragmentária, forçada, nem uma ação que segue certo padrão ou fórmula. Se derdes o coração, compreendereis imediatamente, instantaneamente, qualquer coisa; isso nada tem de sentimentalismo ou devoção — que são coisas muito pueris.

Para dar o coração, necessitamos de muita compreensão, de muita energia e clareza, para que, na luz dessa compreensão, possamos ver as coisas claramente. E não podeis vê-las claramente, se não estais livre de vossa tradição, de vossa autoridade, de vossa cultura, de vossa civilização, de todos os padrões sociais; não é fugindo da sociedade, indo-se viver numa montanha, tornando-se eremita que se compreende a vida. Pelo contrário, para compreenderdes esse extraordinário movimento da vida — que é relação, que é ação — e o acompanhardes infinitamente, necessitais de liberdade, e esta só vem àquele que dá sua mente, seu coração, seu ser inteiro. Então, compreendereis a vida. Na compreensão não existe esforço: é um ato instantâneo.

Só a mente livre, lúcida — só essa mente é capaz de ver o verdadeiro e de afastar o falso.

16 de dezembro de 1964.

MADRASTA — II

O Medo

No mundo moderno, onde há tantos problemas, tendemos a perder a sensibilidade. Pela palavra "sensibilidade" não entendo sentimentalidade, emocionalismo, nem mera sensação, porém a capacidade de percepção, a capacidade de ouvir, de escutar, de *sentir* a ave que canta numa árvore, o movimento de uma folha ao sol. É muito difícil à maioria de nós sentir as coisas com intensidade, profunda e penetrantemente, porque temos tantos problemas! Tudo o que tocamos parece converter-se num problema. E, aparentemente, não têm fim os problemas do homem, e este se mostra totalmente incapaz de resolvê-los, porque, quanto mais problemas existem, menos sensível ele se torna.

"Sentir" é a capacidade de apreciar a curva de um ramo de árvore, apreciar as coisas sórdidas, a lama da estrada, ser sensível ao sofrimento de outrem, assistir com enlevo ao crepúsculo. Isso não é sentimento, nem mera emoção. Emoção e sentimento ou sentimentalidade podem converter-se em crueldade, e ser explorados pela sociedade; e o indivíduo sentimental, impressionável, torna-se escravo da sociedade. Mas, necessitamos da capacidade de sentir intensamente; de sentir a beleza, sentir a palavra e o silêncio entre duas palavras. Dessa capacidade necessitamos, porque é ela que torna a mente altamente sensível.

A sensibilidade no mais alto grau é inteligência. Se o indivíduo não é sensível a tudo — a seu próprio sofrimento, ao

sofrimento de um grupo humano, de uma raça; ao sofrimento de tudo o que vive — se não possui essa requintada sensibilidade, não pode resolver nenhum dos seus problemas. E temos muitos problemas, não só no nível físico, no nível econômico, no nível social, mas também nos níveis mais profundos de nossa existência — problemas que, aparentemente, somos incapazes de resolver. Não me refiro a problemas matemáticos ou mecânicos, porém aos problemas humanos: nossos sofrimentos, nosso desespero, nossa estreiteza mental, a superficialidade de nosso pensar, a monotonia de nossa existência, a diária rotina de um escritório, durante trinta ou quarenta anos! E nossos numerosos problemas, tanto conscientes como inconscientes, embotam-nos a mente, roubam-lhe a sensibilidade. E perder sensibilidade é perder inteligência.

Como dissemos na última reunião, vamos examinar a questão do medo. Mas, para podermos examinar cabalmente este problema, devemos compreender que todos os problemas estão relacionados entre si. Nenhum problema existe separadamente; todo problema está em relação com outros problemas. E, assim, a mente que tenta resolver um problema isoladamente, nunca o resolverá, porquanto ele se relaciona com meia dúzia de outros problemas, tanto conscientes como inconscientes. Só a ação correta — a ação religiosa — pode resolver completamente todos os problemas.

Relevai-me o emprego da palavra "religião", que para muita gente é uma palavra antipática e, na moderna sociedade, quase vazia de significação! Freqüentar a igreja ou o templo, ouvir salmos ou cânticos — isso pouco significa; será confortante, mas só isso! Não estamos, absolutamente, empregando a palavra "religião" nesse sentido. A religião organizada, a crença organizada são coisas sem valia; não conduzem a parte alguma, nem nos trazem compreensão e clareza, nem, tampouco, conduzem o homem à verdade. Essas crenças e religiões organizadas representam, com efeito, essencialmente, a incapacidade do homem de resolver os seus problemas diários e, por conseguinte, ele se vê obrigado a apelar para uma certa forma de misticismo, de ritualismo, etc. Damos à palavra "religião" um sentido totalmente diferente. Por ela entendo a capacidade de ver e com-

preender o todo do problema imediatamente, e de atuar com a mesma instantaneidade.

E importa também compreender isto: Para podermos ver uma coisa com toda a clareza, intelectual ou verbalmente, devemos compreender a palavra e o *som* da palavra — o som, que evoca o símbolo, a imagem, a significação, a lembrança, a reação imediata. Porque, se não compreendemos a palavra e não percebermos até que ponto somos escravos da palavra, não teremos possibilidade de descobrir o verdadeiro significado da religião. Porque a palavra se torna significativa quando não constitui um obstáculo, quando nos abre a porta — não em conformidade com nossas idiossincrasias, nosso caráter ou inclinações, ou em conformidade com algo a que estamos vinculados. Uma palavra, afinal de contas, é um som; e se recebemos esse som como um mero conceito, idéia ou fórmula intelectual, perdemos a sensibilidade ao som. E a palavra se torna mais importante do que o fato, quando toma o lugar deste.

Estamos *participando*, todos juntos, neste exame. Não estais meramente a escutar o orador; não estais a escutar uma série de palavras, idéias ou conceitos, e a concordar ou a discordar. Ao contrário, vós e eu estamos aqui *participando* nesta enorme questão do medo. E o participar exige comunhão — não simples comunicação, mas também comunhão, que é muito mais importante.

Com a palavra "comunhão" refiro-me a um estado mental de sensibilidade, vigilância, observação, um estado em que a mente nem aceita nem rejeita, porém se acha em extraordinária atividade e é, portanto, capaz de afastar o falso e seguir o verdadeiro. Afinal, é também isto o que entendemos por "participar". Participar num problema significa que vós e eu o investigamos juntamente. E "juntamente" não significa que vós ficais de lado, a escutar explicações ou palavras de muito pouca significação, porém, sim, que me ides acompanhando e, através das palavras, de sua significação, de seu próprio som, compreendeis e sentis tudo o que a palavra sugere. E, mediante essa comunicação verbal, estabelece-se a comunhão; então, estamos *participando, compartilhando.*

E nós temos de compartilhar este problema, porquanto é um problema muito complexo. Todos os problemas são com-

plexos; não há solução específica para nenhum problema. Assim, para participarmos em alguma coisa, temos de juntar-nos e viajar com rapidez; cada um de nós não só percebe e sente o significado da palavra, mas também, intelectualmente, toma conhecimento de sua total significação. É isso o que se entende, quando estamos participando em alguma coisa, não é verdade?

Quando ouvis uma narrativa, vós a seguis com atenção, se a achais interessante, divertida, dramática ou trágica; a estais acompanhando, a fluir junto com ela. — E, ao examinarmos, conjuntamente, esta questão do medo, devemos também compreender que todo problema — dor física, perturbação psicológica, problema econômico, contradição social — está relacionado com outros problemas e que nenhum problema pode ser resolvido isoladamente. O homem que diz: "Pela introspecção mais e mais profunda resolverei meus problemas, ou os problemas da sociedade" — esse homem não está em relação com a sociedade, com os fatos que estão sucedendo. O mesmo se pode dizer do homem que dirige sua atenção exclusivamente para o exterior. A compreensão de um problema requer extraordinário equilíbrio, vigilância, alertamento.

E para compreender essa questão do medo, que existe não só no nível consciente, mas também em níveis mais profundos, devemos compreender, em seu todo, a questão do atrito ou conflito, do esforço, da contradição. Porque toda a nossa existência se baseia na luta, no atrito, no esforço. Só isto conhecemos: esforço, luta, atrito, que gera certas formas de energia, e é essa energia que nos mantém em movimento. Ambição, avidez, inveja, tudo isso é atrito e nos mantém ativos. Essa avidez, essa inveja, essa ambição impele-nos a fazer esforços, a fim de alcançarmos o que desejamos: isso nos proporciona uma certa espécie de energia — a única que conhecemos. E quando essa energia causa aflições, confusão, sofrimentos, apelamos para extravagâncias religiosas, para a bebida, as mulheres, os entretenimentos; de dezenas de maneiras desejamos fugir, e o fazemos; mas o problema continua existente — o problema do esforço, do conflito, da contradição.

A educação, a sociedade, a religião e os chamados livros sagrados — todos insistem em que devemos fazer esforços e mais esforços. Dizem ao homem que ele é, por natureza, indo-

lente, preguiçoso e que, se não forcejar, ficará vegetando, se tornará um ente letárgico, inerte, incapaz. É com isso que vos educam, desde os dias escolares até à morte: que o homem tem de fazer esforços, infinitamente, tanto no lar como no escritório; tem de se empenhar para ver virtuoso, para ser bom, etc. Nunca indagamos se não haverá uma maneira de viver plenamente, sem esforço e sem atrito.

A vida sem atrito é a vida religiosa. E a mente em que não há atrito, em que não há conflito, é a mente religiosa. Quando ela atua, dissolvem-se todos os problemas; não há nenhum problema. E devemos compreender este ponto antes de examinarmos a questão do medo.

Por que fazemos esporço? Para alcançarmos um certo resultado — é a resposta óbvia. E, sem o esforço, pensamos que iremos degenerar. Mas nunca indagamos, antes de fazermos qualquer esforço, por que razão tem a mente de se esforçar. Não é possível aprender sem esforço, observar e escutar sem esforço — de modo que o próprio ato de escutar seja um ato de aprender? Só há esforço porque estamos em contradição. Se não houvesse contradição, não haveria esforço. O homem que se identificou completamente com uma crença não faz esforço — tal como os indivíduos desequilibrados, os psicopatas, que também assim procedem; de tal maneira se identificaram esses indivíduos com uma certa crença, uma certa idéia, um certo conceito, que, da parte deles, não há esforço algum; são assim porque não percebem nenhuma contradição. Peço-vos atenção a isto. Devemos compreender, desde já, que a mente que faz esforço é destrutiva e, portanto, incapaz de aprender. Já estivemos examinando a questão do aprender.

Quando é que aprendemos? Não me refiro à acumulação de conhecimentos, que é coisa muito diferente. Estou perguntando quando aprendemos. Por "aprender" entendo um movimento não acumulador, um perene fluir, que é aprender, aprender, sem jamais acumular. O cérebro eletrônico acumula conhecimentos, possui conhecimentos; mas não pode aprender. E qual o estado da mente que aprende? Como disse antes, a vida é um movimento de relações; e, se desse movimento fazemos um mero processo acumulador de conhecimentos, nada podemos aprender dele. Só se aprende quando há movimento, um movi-

mento constante, de investigação, exploração ou compreensão, sem nenhuma atividade de acumulação.

Só aprendemos quando a mente está de todo quieta; só então começamos a aprender. Se, por exemplo, estais escutando o que se está dizendo com idéias, opiniões, com conhecimentos anteriormente adquiridos, ou se estais comparando o que ouvis com o que outro disse, não há aprender. Só podeis aprender, *escutando.* Escutar é um ato silencioso; só a mente que está em silêncio, mas ao mesmo tempo em plena atividade, pode aprender.

Estamos, pois, aprendendo juntos sobre a questão do esforço. E compreender, aprender, exige esforço? "A vida é esforço. Que estais a dizer?! Somos educados à custa de esforço, e tudo nos exige esforço. Se é o contrário que quereis dizer, isto é inteiramente sem significação." Fazer tal asserção é deter o movimento do aprender. Para aprender — que é compartilhar, comungar — requer-se um "estado de investigação" e, por conseguinte, que a mente esteja livre do "estado de conhecimento", de acumulação, e possa, portanto, mover-se e atuar com plena vitalidade. Compartilhar é, portanto, um processo ativo entre vós e o orador. É só quando estamos compartilhando, que podemos aprender juntos.

Fazemos esforço porque nos achamos num estado de contradição. A contradição não existe apenas entre a idéia e a ação, — sendo idéia a crença, o conceito, a fórmula —, mas também entre o nosso pensar e o nosso atuar. Penso uma coisa e faço outra; sou violento e aspiro à não-violência — o ideal. Conseqüentemente, existe sempre contradição, em toda a nossa vida. Essa contradição instalou-se profundamente em nós, por influência da sociedade, de nossas próprias experiências e do acervo de coisas ditas pelos santos instrutores e pelos livros.

E vivemos nesse estado de contradição, provocado ou já existente. Nunca o investigamos. Nunca aprendemos nada a seu respeito e, assim, continuamos fazendo esforço. Porque não deseja a contradição, que lhe traz aflições, frustração, conflito, confusão, procura o homem livrar-se dela mediante esforços e mais esforços. Entretanto, nunca a investiga e nunca aprende nada a seu respeito.

É possível viver completamente sem esforço, em nível algum? Dizemos que é, mas não aceiteis isso; investigai-o, tratai de descobrir se é verdadeiro, se é possível. Vamos fazê-lo agora, juntos.

Há a opinião e o fato — *o que é*. Temos opiniões e idéias, e o fato. Consideremos a pobreza existente neste país; isto é um fato. Mas, a respeito desse fato temos opiniões; temos idéias e fórmulas, para resolver esse problema — nossas fórmulas, como socialistas, comunistas, membros do Congresso, etc. Idéias, fórmulas, conceitos e padrões não são fatos, porém opiniões, conhecimento. Com esse conhecimento queremos resolver o problema da fome; por isso há contradição. Isto é, se sois socialista ou comunista (ou o que quer que sejais) tendes um conceito, uma fórmula, possuís certos conhecimentos, tendes uma certa crença à qual procurais ajustar o problema. A fome, a pobreza, as coisas medonhas que estão ocorrendo neste país — tais problemas não podem ser resolvidos pelo nacionalismo ou "tribalismo". Governo nenhum pode resolvê-los em nível algum, em tempo algum, porquanto se trata de um problema mundial, como o superpovoamento, etc. É um problema universal, e não um problema local atinente a um grupo de indivíduos ou a algum indivíduo excêntrico, desejoso de fazer "algo de notável". Esse problema só pode ser resolvido em seu todo, e não em parte. — Temos, pois, imediatamente, a contradição: o conceito e o fato. O mesmo acontece conosco, tanto interior como exteriormente. Temos idéias, opiniões, conceitos, fórmulas — e o fato: a inveja, o ciúme, a brutalidade, a violência. A idéia e o fato — e, imediatamente, a contradição. Isto é muito simples.

Pode-se olhar o fato sem a idéia, olhar uma coisa sem nenhum conceito? Quando vos abeirais de um fato com um conceito, o fato se torna sem importância e o conceito importante; por conseguinte, aumenta-se o conflito, a contradição. Mas, é possível olhar o fato sem nenhuma opinião, nenhuma idéia? Podeis ouvir o barulho daquele avião, sem nenhuma idéia — escutar simplesmente o som, sem deixar que ele perturbe o outro som — a voz do orador? Podeis olhar aquela árvore ou aquele pôr do sol sem verbalização, sem a lembrança

de outros ocasos? Vede, por favor, que estamos compartilhando — que não estais apenas a ouvir, para refletirdes amanhã sobre esta questão. Lá está o crepúsculo; podeis olhá-lo sem a palavra, sem a lembrança de outras ocasiões em que assististes ao pôr do sol? Só podeis olhá-lo, vê-lo completamente, quando não há a palavra, quando não há imagens nem símbolos; estais então em relação direta, em direto contato com o crepúsculo.

Identicamente, sois capaz de olhar um fato, sem com ele relacionardes os vossos conhecimentos, vossas simpatias, emoções e idéias? São essas idéias, opiniões, conceitos, e não o fato, que criam a contradição; o fato jamais cria contradição. Suponhamos que sou um indivíduo violento. A idéia da não-violência é que cria a contradição. Fomos nutridos de idéias: que devemos ser delicados, que devemos ser bons, não-violentos! Por isso, existe uma contradição. Posso olhar minha violência sem a idéia — o oposto — ater-me ao fato de que sou violento e investigar a questão da violência, não através da idéia da não-violência, porém diretamente? Que me faz violento? Talvez falta de cálcio em meu organismo, ou frustrações várias, ou o desejo de algo que não posso obter. Pode-se explicar de várias maneiras por que nos tornamos violentos. Podemos entrar em contato com o fato, mas não podemos entrar em contato com a idéia; com o fato podemos entrar em contato imediatamente.

A capacidade de ocupar-se com o fato imediatamente, sem criar nenhuma contradição, é peculiar à mente que vê o todo. Só é religiosa a mente que tem a capacidade de ver o todo de modo instantâneo. E ver é atuar; ver não é verbalizar, não é perceber intelectualmente e depois agir — pois isso cria também contradição.

Devemos, pois, aprender que a idéia, o ideal, a fórmula, o conceito, criam a contradição — e não o fato. Só quando a mente é capaz de *olhar* o fato, não há contradição e, por conseguinte, não há esforço. Vede, por favor, que muito importa compreender isto. Só se torna existente o conflito, o atrito, quando há uma opinião, um conceito a respeito do fato. Quando uma pessoa diz: "Quero alterar este fato, não gosto dele", apre-

senta-se a contradição, e nada se aprende do fato. E, como dissemos, aprender é observar qualquer problema em silêncio. Só a mente silenciosa, a mente que está a mover-se com o fato, aprende. No aprender, por conseguinte, não há contradição. Só quando intelectual ou verbalmente, ou na ocasião da experiência, tomamos uma certa posição, e dessa posição tentamos alterar o fato, há contradição. Espero esteja claro isto. Se não, procuraremos esclarecê-lo melhor, noutra ocasião.

Assim, havendo atrito de qualquer natureza, tem de haver conflito e contradição. Mas, é possível ver e compreender tão completamente esta questão da contradição, que possamos viver só com os fatos e nada mais? A contradição encerra também outro problema mais profundo: não há apenas consciente e inconsciente, mas também a separação entre o pensador e o pensamento. Se tudo isso não for compreendido, não teremos possibilidade de esclarecer o problema do medo.

Temos, como quase todos sabem, o consciente e o subconsciente ou inconsciente. Para a maioria de nós existe separação entre essas duas entidades e, por conseguinte, contradição. Em geral, funcionamos no nível consciente: exercendo nossas ocupações, aprendendo uma certa técnica. Passamos a maior parte do tempo no nível do consciente; tudo o que aprendemos, todos os embates e pressões da moderna civilização, se verificam mais ou menos na superfície. E há o inconsciente, que é o resíduo de dois milhões de anos — a herança racial, a hereditariedade, a influência social, as lendas, os mitos, as idéias, fórmulas, desejos, os motivos profundamente ocultos. Entre tudo isso e nosso viver diário há uma separação. Ocasionalmente o inconsciente se manifesta, causando graves danos, profundas perturbações; ou, ainda, "projeta-se" em sonhos, etc.

Não vamos esmiuçar esta questão do consciente e do subconsciente; só desejávamos assinalar a contradição aí existente. A seu respeito, temos de aprender, não dos livros, nem de Freud, nem dos mais modernos psicanalistas, nem de ninguém mais. Temos de aprender, observando cada movimento de nosso próprio pensamento. E isso é muito mais significativo do que qualquer filosofia, qualquer ensino, qualquer psicologia, porque é direto: estamos *vivendo* com o fato.

Há também a contradição entre o pensador e o pensamento, ou seja entre o observador e a coisa observada. Eis mais uma contradição que temos de compreender. Esse é um problema sobremodo complexo. A maioria das pessoas supõe que primeiro vem o pensador, o experimentador, o observador. Mas, é exato isso? Não respondais de acordo com as tradições sânscritas ou com o que disseram certas pessoas — Sankara, Buda, ou outro qualquer, isso é inteiramente sem valor, porque é a voz da autoridade. Quando se aceita a autoridade, termina o investigar, o compartilhar, o aprender. Estamos investigando juntos o porquê dessa contradição entre o pensador e o pensamento. Enquanto ela existir, haverá necessariamente conflito e, portanto, luta infindável.

Temos, pois, de aprender sobre o problema do pensar. O pensar é um problema muito complexo. Não vou examiná-lo agora; talvez o façamos noutra ocasião. Por ora, só queremos assinalar a contradição e que esta é a fonte de todo esforço. E onde há esforço, de qualquer natureza, a mente se embota. Para aprender, deve a mente permanecer altamente sensível; e *aprender* implica que devemos olhar cada problema, não como um fato isolado, porém como um fato relacionado com outros.

Considere-se este problema que a maioria das pessoas tem: o sexo. Por que se tornou o sexo um problema? Vamos examinar esta matéria, mas, por favor, não concordeis nem discordeis do que se vai dizer. Nós vamos investigar o problema, explorá-lo. Por que é que uma dada coisa se torna um problema? E que se entende por "problema"? A vida é um movimento contínuo de "desafio" e "reação". Se a reação é adequada, isto é, tão ampla, tão plena, tão potente e vital como o desafio, não há atrito; se inadequada, essa insuficiência cria um problema. Exato? Não estamos definindo o problema; estamo-lo explorando. Por "problema" entendemos um *problema humano.* Qualquer que seja o desafio, se a mente não "reage" adequadamente, completamente, esse desafio cria um problema na vida do indivíduo. Se não "reajo" adequadamente ao problema da morte, ao problema da pobreza, aos problemas relativos a meu emprego, minha esposa, meus filhos, minha sociedade, a insuficiência de minha reação cria um problema, e esse problema vai gerar conflito, luta, aflição, confusão.

Aí está uma questão que se apresenta à maioria das pessoas — a questão do sexo. Por que se tornou ela um problema? Como disse, todo problema está relacionado com outros. O sexo se torna um problema quando não temos outro meio de libertar nossas energias, intelectual ou emocionalmente; ou, melhor, quando não há sensibilidade — *não* emoção, sentimentalidade, recordações de passados incidentes e sensações. Isto é, o sexo se torna um problema quando o nosso ser não tem possibilidade de expressar-se senão numa única direção. Intelectualmente, não existe essa possibilidade, porque aceitamos, seguimos; as idéias são-nos de extraordinária importância, e não o ato, a atividade. Intelectualmente, as idéias se tornam sobremodo importantes e, assim, não temos, absolutamente, liberdade intelectual. Prestai atenção! Intelectualmente, não somos criadores. Intelectualmente, estamos sob o domínio da autoridade; somos escravos da sociedade, da respeitabilidade; estamos ajustados, e, por conseguinte, não há possibilidade de expressão mediante a atividade da mente. E tampouco há libertação por meio da beleza, da sensibilidade — da beleza de uma árvore, do pôr do sol, do pássaro, da luz, do som. Nunca olhais para uma árvore, nunca olhais para o céu estrelado. Podeis ir a um concerto ouvir música; mas isso se tornará uma mera ocorrência, porque não estais vivendo com a beleza, que é sensibilidade — sensibilidade ao belo, ao feio, à sordidez, a tudo.

Vossas atividades diárias causam-vos tédio. Trabalhar num escritório, receber insultos, a pobreza da mente e do coração, a total insensibilidade à vida — em nada disso há possibilidade de expressão (*release*). Assim, que acontece? Resta-nos uma única válvula: o sexo. E, porque só temos essa única possibilidade de expressão, ele se torna um problema.

Conseqüentemente, para se compreender, aprender, a respeito desta questão, torna-se necessário investigar amplamente este problema: Que é ser criador? Só podemos ser criadores quando não há medo. E, para investigar a questão do medo, temos de compreender, em seu todo, a questão do tempo e do pensamento; porque é o tempo que gera o medo, e o pensamento que "projeta" o medo. A mente medrosa está no escuro, embotada; com essa mente, não importa o que façamos — se freqüentamos todas as igrejas e templos do mundo, se promo-

vemos reformas sociais, se nos exercitamos para tornar-nos estupidamente virtuosos, respeitáveis — com essa mente não se descobrirá o que é a Verdade. Só a mente livre, altamente sensível, inteligente, lúcida, inteiramente livre de conflito — só ela pode compreender a SUPREMA REALIDADE.

20 de dezembro de 1964.

MADRASTA — III

O Movimento do Desejo

Poderíamos continuar com o que estávamos dizendo outro dia. Dizíamos que aprender é muito mais importante do que adquirir conhecimentos. Aprender é uma arte. O cérebro eletrônico e os computadores só são capazes de adquirir conhecimento e de fornecer informes de toda espécie; essas máquinas, por mais "engenhosas" e por mais "bem informadas" que sejam, são incapazes de aprender. Só a mente humana tem a capacidade de aprender. Fazemos uma distinção absoluta entre o ato de aprender e o "processo" do conhecimento (o ato de adquirir conhecimento). O "processo" do conhecimento é: acumular, por meio da experiência, de impressões várias, do contato com a sociedade, de influências de toda ordem. Essa acumulação deixa um resíduo — o conhecimento; e é com esse conhecimento, com esse *fundo* que atuamos. De contrário, i.e., sem o conhecimento, sem o saber técnico adquirido através de tantos séculos, não temos possibilidade de atuar, ignoramos onde viver, o que devemos fazer. Mas o ato de aprender é um movimento constante. O que se aprendeu se tornou conhecimento e constitui a base em que operamos. Esse conhecimento, por conseguinte, atua no presente mediante o passado.

Mas, aprender é uma ação, um movimento atual sem nenhum ajustamento ao passado. Isso deve ser compreendido claramente, senão seremos levados a toda espécie de confusão, quando entrarmos em terreno mais amplo. Porque aprender não é escutar por meio de nossos conhecimentos. Se estais escutando

com vossos conhecimentos, com as coisas que aprendestes, não estais realmente escutando; estais interpretando, comparando, julgando, avaliando, ajustando, conforme um certo padrão previamente estabelecido. Mas o ato de aprender é muito diferente disso. Nele, escutamos com toda a atenção, sem ajustamento a nenhum padrão, sem comparação, avaliação, ou interpretação; *escutamos!* Estais escutando o barulho daqueles corvos; é a hora de "irem para a cama". Mas, se os escutais com irritação, porque desejais prestar atenção ao que o orador está dizendo, se resistis ao barulho dos corvos, não estais dando completa atenção; vossa mente está dividida. Por conseguinte, o ato de escutar é o ato de aprender.

Há muito o que aprender da vida, porque a vida é um movimento de relações. Essas relações são — *ação.* Temos de aprender — não acumular conhecimentos extraídos desse movimento que chamamos "vida", para vivermos de acordo com tais conhecimentos, ou seja, a eles nos ajustando. Ajustamento é adaptar-nos, acomodar-nos a um molde, ajustar-nos às influências, exigências e pressões de determinada sociedade. A vida é para ser vivida, compreendida. Temos de aprender a respeito dela; e já não estamos aprendendo quando começamos a "discutir" com a vida, i.e., quando vamos ao seu encontro com o passado, com o nosso condicionamento e os nossos conhecimentos.

Há, pois, muita diferença entre adquirir conhecimentos e o ato de aprender. Necessitamos, é verdade, do conhecimento; do contrário, não saberíamos sequer nosso endereço, esqueceríamos nosso próprio nome, etc. Por conseguinte, num certo nível, o conhecimento é indispensável; mas, quando fazemos uso do conhecimento para compreender a vida, que é um movimento, uma coisa ativa, fluente, dinâmica, variável; quando não estamos acompanhando esse movimento da vida, estamos vivendo no passado e a esforçar-nos por compreender essa coisa extraordinária que chamamos "a vida". Ora, para compreender a vida, é preciso aprender, a cada minuto, a seu respeito; e nunca nos abeirarmos dela com o que já foi aprendido.

A vida de quase todos nós, em sociedade, é de ajustamento — i.e., adaptar nosso pensar, nosso sentir, nossos modos de vida, a um padrão, a uma dada sanção ou molde estabelecido

por uma sociedade civilizada — sociedade que marcha lentamente, que evolve de acordo com certos padrões. E, desde a infância, somos amestrados para ajustar-nos — ajustar-nos ao padrão, ao ambiente em que vivemos. Em tal "processo" nunca se aprende. Podemos revoltar-nos, para nos livrarmos desse ajustamento, mas tal revolta nunca traz a liberdade. Só a mente que está aprendendo e jamais acumula, só essa acompanha o constante fluir da vida.

Sociedade é relação entre os entes humanos, ação recíproca entre os indivíduos. A sociedade estabeleceu certos padrões, aos quais, desde criança, somos obrigados a adaptar-nos, ajustar-nos; mas com tal ajustamento, nunca seremos livres. Institui ela determinada autoridade, certas normas de comportamento, de conduta, de legislação. Nunca ajuda o homem a ser livre; pelo contrário, a sociedade obriga o homem a sujeitar-se a seus padrões, a respeitar, a cultivar as virtudes por ela aprovadas, a acomodar-se a um molde. Não deseja ela que o homem seja livre; não o educa para a liberdade. Todas as religiões são partes da sociedade, inventadas pelo homem para sua própria garantia psicológica. As religiões, organizadas como estão, constituem-se de dogmas, rituais; nelas impera a autoridade, a divisão. As religiões, por conseguinte, também não querem que o homem seja livre; isso é perfeitamente óbvio.

Dessarte, o problema é estabelecer a ordem necessária na sociedade. A ordem é indispensável, pois sem ela não se pode viver. Ordem significa eficiência, significa cooperação entre todos os cidadãos, em que cada qual diligencia por preencher sua função, sem que esta lhe dê posição. Eis o que é ordem; e não essa coisa criada pela sociedade, que chamamos "ordem", mas que é, apenas, jerarquia. A função confere ao indivíduo uma situação; confere-lhe prestígio, poder, posição. E, na batalha que se trava nessa sociedade competidora, fazem-se leis para manterem o homem dentro da ordem.

O problema, portanto, é este: É necessário um certo "ajustamento" — por exemplo, conservar o lado direito da estrada, quando se está conduzindo um carro; mas, ao mesmo tempo, deve haver liberdade; de outro modo, a vida em sociedade não tem significação nenhuma. A sociedade nenhuma liberdade dá ao homem; poderá levá-lo a revoltar-se — mas, qualquer menino

de escola é capaz de revoltar-se! Ajudar o homem a ser livre e a compreender o problema do ajustamento; ajudá-lo a obedecer, sem ser escravo da sociedade; a observar as normas e padrões, a ajustar-se à sociedade, mantendo sempre aquele extraordinário espírito de liberdade — isso tudo exige muita inteligência. Não é livre o homem, embora tenha vivido dois milhões de anos. E, a menos que seja livre, nunca terá fim seu sofrimento, sua ansiedade e aflição, nunca terá fim a deplorável pobreza da mente e do coração humanos.

À sociedade não interessa, absolutamente, essa liberdade, que constitui a única possibilidade de o homem descobrir, por si próprio, uma nova maneira de viver, independente de padrões, de crenças, e do saber; viver de momento em momento, fluir junto com a vida. Mas, se o homem não for livre, no sentido profundo da palavra, e não no sentido de ser livre para fazer o que bem entender — que é uma maneira muito simplória e estulta de atuar; se o homem não for livre da sociedade, que lhe impôs certas condições, que lhe moldou o espírito — poderá viver outros dois milhões de anos ou mais, e nunca estará livre do sofrimento, do tormento da solidão, das amarguras da vida, de todas as ansiedades que constituem sua herança humana.

O problema, por conseguinte, é este: Poderá o homem ajustar-se à sociedade, e ao mesmo tempo dela estar livre? Fisicamente, o homem tem de obedecer, de ajustar-se: conservar-se à direita da estrada, quando conduz um carro, para segurança dos outros; comprar um selo postal para despachar uma carta; pagar impostos, se tem dinheiro, etc. etc. Mas, o ajustamento, para a maioria de nós, se tornou uma coisa muito mais profunda: tornou-se ajustamento psicológico, e aí é que está a fonte dos malefícios que a sociedade inflige ao homem. Por conseguinte, enquanto não for livre da sociedade, livre dos padrões psicológicos que ela lhe impôs, será o homem apenas uma entidade moral, quer dizer, muito ordeiro no sentido social, porém desordenado no sentido virtuoso. O homem que segue os padrões morais de uma dada sociedade é imoral, porquanto se estabiliza sempre mais, torna-se mais e mais um escravo da sociedade; cada vez mais respeitável e, por conseguinte, cada vez mais medíocre.

O homem que aprende está vivendo e compreendendo a verdadeira função da sociedade, que é a de estabelecer relações corretas entre um homem e outro, de ajudar o homem a cooperar, não mediante uma idéia um padrão, uma autoridade, mas com afeição, amor, inteligência. Está também compreendendo com a requintada sensibilidade da inteligência. Pois inteligência é essa sensibilidade requintada que nenhuma relação tem com a experiência e o saber, pois o saber e a experiência embotam a mente.

Podeis passar diariamente por uma árvore. Se não tendes a capacidade de apreciar a admirável forma de um ramo ou de uma folha, ou a nudez da árvore durante o inverno; se não sois capaz de apreciar a beleza do pôr do sol, ou se não estais em comunhão total com a sordidez que vedes ao redor de vós, com o crepúsculo vespertino, com a palmeira espelhada na água, então vossa mente está embotada, ainda que seja muito "moral", respeitável, obediente aos preceitos sociais. Uma mente nessas condições nunca pode ser livre. Só a mente que, em cada dia e cada minuto, vive e aprende do movimento da vida, do movimento das relações, só ela pode ser livre. A mente deve ser livre — livre de conflitos, livre da contradição existente no homem. Essa autocontradição gera interminável conflito interior e com os semelhantes; esse conflito é chamado "moral", porque ajuda o homem a sujeitar-se ao padrão imposto pela sociedade!

Por conseguinte, urge compreender o que é "ajustamento" e o que é "desejo". Desejo é apetite não satisfeito. O desejo é isto — um apetite a que se não soltaram as rédeas. E a sociedade diz que deveis conter, reprimir, guiar, controlar ou sublimar o desejo! O lado religioso da sociedade diz: "Praticai várias formas de disciplina; reprimi-vos a fim de achardes Deus; sede celibatário; ide para um convento; cumpri vossos deveres, mas controlai sempre vossos desejos!" Dessa maneira implanta-se na psique, no ente humano, essa contradição, essa existência dupla: o desejo que quer preencher-se, que está a batalhar, a ferver, a ansiar; e, a outro lado, a sanção religiosa e social a dizer-vos que deveis conter, controlar, reprimir, sublimar o desejo. E assim nasce a contradição. E diz também a sociedade que deveis ajustar-vos.

Ora, que é o desejo? E que é que dá continuidade ao desejo? Prestai atenção, por favor, ao que vai seguir! Se o não fizerdes, interpretareis mal o que quero dizer; direis: "O orador está advogando o desejo, recomendando-nos ceder aos nossos desejos, aos nossos impulsos e anseios". De qualquer maneira ireis ceder — quer escuteis, quer não escuteis o que digo; sub-repticiamente, secretamente, ireis satisfazer os vossos desejos, malgrado a vossa sociedade e, por conseguinte, aumentar vossa contradição, aumentar a vossa frustração!

Investiguemos pois esta questão do desejo, para *aprender*. Desejo significa impulso para preencher apetites de vária natureza, que exigem ação — o desejo sexual, ou o desejo de ser um grande homem; o desejo de possuir um carro ou uma casa. Que é desejo? Esta é uma pergunta a que dificilmente poderíeis responder. Desejo não significa "desejo *de* alguma coisa". Não estamos falando sobre o desejo *de* alguma coisa, porém sobre o desejo em si: como nasce, e o que lhe dá continuidade. Compreendeis? Não estamos falando sobre o preenchimento do desejo, nas várias formas que ele assume; estamos falando sobre a natureza, o significado do desejo em si, o que lhe dá continuidade, o que o mantém constantemente ativo. Preencho um certo desejo, e passo desse preenchimento para outro preenchimento, outra exigência, outro apetite — e assim, infinitamente.

Senhores, permiti-me pedir-vos que não tomeis notas, pois não estais numa escola. Estais escutando com o fim de descobrir, por vós mesmos, sem sairdes daqui. Descobrir significa abrir-vos a vós mesmos, para verificardes o que é o vosso desejo, como nasce, sua natureza, seu significado, e o que lhe dá continuidade. Mas, não é possível escutar e tomar notas ao mesmo tempo. Escutar é toda a atenção. Se amais alguma coisa — escutais; se amais vossa esposa, vosso filho — escutais. Mas, provavelmente não os amais e, portanto, não sabeis o que é *escutar*. Se amais alguém, se amais a árvore, o pássaro — se amais intensamente — estais pronto a escutar, pronto a escutar todos os sussurros, escutar o vento, "escutar" cada movimento da folha e o esvoaçar da folha. Se amais vosso filho, estais pronto a observar todas as suas disposições de espírito, seu temperamento, suas insubordinações, suas brincadeiras, sua alegria, curio-

sidade, inteligência. Por conseguinte, aprender é amar — não amanhã, não depois de tomardes notas e voltardes para casa, para estudar vossas notas. O amor está sempre no presente; não é lembrança; não é a fotografia que tendes no quarto e a que ocasionalmente dais um olhar; isso não é amor: é a lembrança morta de coisas idas. Só podeis escutar ilimitadamente. E para escutar ilimitadamente é necessário haver aquela afeição, aquela chama que destrói o passado.

Que é, pois, desejo? Vedes uma bonita casa, ou um belo carro, ou um homem poderoso — e gostaríeis de possuir aquela casa, de ser aquele homem de posição, ou de conduzir aquele carro sob os olhares admirados da multidão. Como aparece esse desejo? Primeiro, a percepção visual — *ver* a casa; o *vós* vem muito mais tarde. A visão da casa, ou seja a atração visual, a atração de uma linha, a beleza de um carro, da cor; e, por fim, o desejo.

Acompanhai-me, por favor! Vós é que estais trabalhando, e não eu. Apenas falo, explico; vós, porém é que trabalhais. Estamos participando juntos nesta coisa. Não escutais meramente o que diz o orador; por conseguinte, estais a observar o movimento de vosso próprio pensamento na forma de desejo. Não há separação entre o pensamento e o ver; constituem um só movimento. Entre o pensamento e o desejo não existe também separação, como veremos mais adiante.

Há, pois, o ver, o perceber, que cria a sensação; em seguida, vem o contato; depois, o desejo — o desejo de possuir — que dá continuidade àquela sensação. Isto é muito simples. Vejo uma bela mulher ou um belo homem. Há então o prazer de ver, e todo prazer exige continuidade. Por conseguinte, penso nesse prazer, e quanto mais penso nele, tanto mais favoreço a sua continuidade. E, uma vez estabelecida a continuidade, entra em cena o "eu" — quero, não quero. É isso o que todos nós fazemos, o dia inteiro, acordados ou dormindo.

Estamos vendo, pois, como nasce o desejo. Percepção, contato, sensação; depois, dá-se continuidade à sensação; e essa continuidade da sensação é o desejo. Não há nada de misterioso acerca do desejo. Mas, o desejo se torna muito complicado quando se apresenta uma contradição, não no próprio desejo, porém no objeto por meio do qual ele busca preenchimento.

Exato? Desejo ser um homem bem rico; isto é, meu desejo diz que devo ser muito rico, pois vejo tanta gente com propriedades, carros, etc. O desejo diz que devo ter posses para preencher-me. Mas, há também uma parte de mim mesmo, condicionada pela sociedade, que diz: "Para achardes Deus, para viverdes nobremente, para serdes *sanyasi*, deveis abandonar o desejo". Apresenta-se, assim, a contradição; isto é, devo ajustar-me aos padrões da sociedade, competindo, batalhando com meus semelhantes, a fim de subir mais alto que eles, e, ao mesmo tempo, a sociedade me diz que, para encontrar aquilo a que ela chama "Deus", devo repelir o desejo. Por um lado, ela me diz que devo ser *sanyasi* — um *sanyasi* venerável, é claro! — e, por outro lado, que devo ser também um cidadão respeitável — quer dizer, competir; e competição significa matar meu semelhante, não fisicamente, porém tudo fazendo para destruí-lo, tomar-lhe a posição ou ultrapassá-la.

Existe, pois, em mim, uma contradição criada pela sociedade; porque o desejo quer preencher-se de muitas maneiras: ser famoso; achar Deus; viver feliz; viver numa atmosfera de grande beleza e encantamento e perfume, desligado do passado, sem pesares nem ansiedades; viver num extraordinário estado de êxtase; viver com a beleza e a alegria, infinitamente. O desejo busca preencher-se em todas as direções; os objetos de preenchimento são muito atraentes, mas cada objeto contradiz o outro.

Vivemos a ajustar-nos, a batalhar, a preencher-nos e a frustrar-nos. Assim é nossa vida. E, para encontrar Deus, as chamadas pessoas religiosas, os santos, os pontífices, os monges, as freiras, os assistentes sociais — todas essas pessoas consideradas religiosas dizem-nos: "Reprimi o desejo; sublimai-o; identificai-vos com Deus, para que o desejo desapareça; ao verdes uma mulher, voltai-lhe as costas; não sejais sensível a coisa alguma, não ouçais música, não olheis uma árvore; acima de tudo, não olheis para uma mulher!" — Tal é a vida do homem medíocre, escravo da sociedade!

Se não compreender — compreender, e *não* reprimir — o desejo, o homem nunca estará livre do "ajustamento" ou do medo. Sabeis o que acontece quando se reprime uma coisa? O coração se embota! Já observastes os *sanyasis*, as freiras, os indivíduos que fogem da vida? Como são frígidos, duros, vir-

tuosos, santimoniais, em seu viver de rígida disciplina! São capazes de falar interminavelmente sobre o amor, enquanto interiormente estão em ebulição, com seus desejos nunca preenchidos e nunca compreendidos; são entes mortos, sob um sudário de virtude!

O que estamos dizendo difere de tudo isso. A vida é "desafio" e "reação". "Reagir" é corresponder prontamente à beleza — à beleza de uma árvore, ao som de um instrumento, a uma voz maviosa que vem do outro lado do rio; se não há tal "reação", é porque estais morto. Mas, se a "reação" é agradável, desejais *mais*; se dolorosa, desejais fugir. Assim, pois, quando reprimimos ou sublimamos o desejo, quando o identificamos com algo que consideramos sumamente nobre, essa identificação, essa repressão, esse controle, essa negação, embotam-nos a mente e insensibilizam-nos o coração.

Torna-se, pois, bem evidente a necessidade de descobrir, de aprender a respeito do desejo — *não*, aprender o que fazer com ele, como asfixiá-lo. E uma das coisas mais deploráveis é que, neste país, tem havido tantos santos a dizerem sempre: "Reprimi o desejo, sufocai-o, destruí-o!" Por essa razão é que nunca contemplamos uma árvore; eis por que, para vós, amor é sexo. Aceitais a miséria, a pobreza, a ignomínia aqui existentes porque estais ajustado ao padrão estabelecido por esses santos que nunca transcenderam seu próprio condicionamento.

Temos de compreender o desejo. A compreensão de uma coisa não é um "processo" intelectual ou verbal. Para compreenderdes uma coisa, a ela deveis chegar-vos com uma mente nova, ardorosa, afetuosa. Entendeis? Se quero compreender-vos, não devo aproximar-me de vós com meus preconceitos, minhas opiniões, com aquilo que acumulei; devo achar-me em "estado de novo". E esse estado de novo exige profunda simpatia e afeição — não num futuro distante, porém agora. Pois estais ardendo em desejos, não só de riquezas, mas também de ganhar o céu, a bem-aventurança. Se não compreender o desejo, o indivíduo se verá sempre em conflito, frustrado, ansioso.

Sabemos como surge o desejo; isso é muito simples. Temos, pois, de verificar o que dá continuidade ao desejo. Esta é que é a questão verdadeiramente importante — e não como surge o desejo. Disso já sabemos. Vejo algo belo e o desejo. Vejo

algo feio, doloroso; isso me suscita lembranças de toda espécie, e trato de afastá-lo de mim. Pode-se perceber como se origina o desejo, mas nunca tratamos de investigar o que lhe dá continuidade e o que, nessa continuidade, gera a contradição. Se não existisse contradição alguma — a batalha entre o bom e o mau, entre a dor e o prazer, entre o preenchimento e a frustração — se não houvesse essa contradição no desejo e a continuidade do desejo — se compreendêssemos tudo isso, teria então o desejo significado totalmente diferente. Tornar-se-ia uma chama viva, uma força inspiradora, uma fonte de beleza, e nunca seria uma coisa temível, que se deve destruir, sufocar ou negar.

Que é que dá continuidade ao desejo? Estais ouvindo a buzina daquele carro, a qual emperrou. Está a fazer um barulho contínuo, de que não gostais. Desejais que esse barulho cesse, mas vossa atenção está lá, e no momento em que cessa o barulho, sentis alívio! Que foi que causou a irritação? Entre aquele barulho contínuo e o desejo de escutar o orador, que foi que causou a irritação? O desejo de escutar, sem ser perturbado. Desejais escutar o orador e aquele barulho irrita, perturba. É doloroso, não o desejais, não gostais dele. Mas, se vísseis uma bela mulher ou um belo homem, ou uma formosa árvore, essa percepção despertaria um desejo e desejaríeis que esse desejo continuasse! Observai, por favor, vossos próprios "processos". Não estais meramente a ouvir o orador. O orador nenhuma importância tem; o importante é que compreendais vosso próprio desejo e vejais como ele dá origem ao "ajustamento", à contradição, à agonia — o desespero do desejo.

Por conseguinte, como vedes, o desejo tem continuidade por causa do pensamento. Isto é, há a percepção de uma casa, a sensação; a respeito dessa sensação a mente pensa e lhe dá continuidade, que se torna desejo. E esse desejo se identifica com o pensamento, que diz: "Esse desejo *sou eu*; quero tal coisa". Tende a bondade de acompanhar-me, passo por passo. Isso é muito simples e claro. É o pensamento que dá continuidade ao desejo. E se, sem compreender todo o mecanismo do pensar, tratamos de reprimir o desejo — não importa quem tenha recomendado isso — fazemos uma coisa muito infantil.

Temos, pois, de examinar a questão do pensamento, do "processo" do tempo — do tempo como duração, existência —

existência do desejo. Porque é o desejo que compõe o padrão, como memória, ao qual nos ajustamos. Por conseguinte, ajustamento, desejo, pensamento e tempo estão relacionados entre si. Se não se compreende um deles, não se pode compreender os demais. Foi por essa razão que iniciei a palestra falando sobre o ajustamento e como estamos perenemente a ajustar-nos, não só porque temos muito medo de estabelecer a desordem em nós mesmos, mas também por causa da sociedade, que fez da desordem uma coisa "desrespeitável", etc.

Há, pois, ajustamento e há o desejo que diz: "Tenho de ajustar-me". A esse desejo o tempo dá continuidade — que é pensamento. Assim, vê-se que essas coisas estão relacionadas entre si. Se não as compreenderdes, não tereis possibilidade de ir muito mais longe. Mas temos que ir bem mais longe. Porque a vida é um movimento e, para poderdes acompanhar esse movimento, precisais de energia — energia que não conhece ajustamento; energia que não produz conflito; energia que não é produto do pensamento, com todas as suas resistências, contradições; energia que não é escrava do tempo: do tempo, que é "gradualidade" — "Obterei isso".

Por conseguinte, a menos que a mente compreenda esse movimento do desejo — ajustamento, pensamento, tempo — nunca poderá ir mais longe. Só a mente livre é religiosa. E só a mente religiosa resolverá os nossos problemas — e não os políticos, nem os líderes, nem os ditadores, nem nenhum plano político ou econômico. Só a mente religiosa, que compreendeu todo esse "processo" e, por conseguinte, o conflito, é capaz de liberar aquela energia que é imaculada. E só essa energia pode alcançar o Altíssimo.

23 de dezembro de 1964.

MADRASTA — IV

Desejo, Prazer, Amor

Prossigamos com o assunto de que estávamos tratando na última reunião. Dizíamos, então, que, se, como entes humanos, não compreendermos o problema do desejo, não haverá ordem na sociedade. Por "ordem" entendemos cooperação. Sem cooperação, só pode haver "ajustamento", e esse ajustamento conduz a várias formas de revolta — que não é revolução. E, sem a compreensão desse complexo problema do desejo, não haverá liberdade para o homem; e, se não houver liberdade em todos os níveis de nossa existência, a vida se tornará uma série de problemas irremediáveis e insolúveis. Para compreender a questão do desejo, devemos compreender também outro problema complexo, ou seja, o problema do amor.

Porque, como antes assinalamos, sem amor não pode haver cooperação; e a sociedade em que não há cooperação deverá necessariamente desintegrar-se. A cooperação é uma das coisas mais difíceis; não só é difícil compreendê-la verbalmente, mas também viver realmente num estado de cooperação. É verdade que cooperamos com a autoridade, com idéias, com a pessoa que domina por meio de suas idéias; tal cooperação se funda na autoridade; e onde há autoridade, não há liberdade. Para cooperar — sem ser na base de algum motivo pessoal, sem ser por imperiosa necessidade ou visando a vantagens, na vida — deve o indivíduo compreender a questão do amor e do desejo.

Na última reunião, estivemos investigando as fontes do desejo, como ele se torna existente, ou seja, pela percepção, a

sensação, o contato, e pelo dar continuidade a essa sensação — que pode ser de dor ou de prazer — por meio do pensamento; os que estiveram presentes àquela reunião poderão agora ir mais longe. Não vou repetir tudo o que estive dizendo, pois precisamos ir para a frente. Nós mesmos podemos ver como o desejo aparece. A sociedade, com os santos, suas sanções religiosas, exige que o ser humano reprima seus desejos, trate de controlá-los, ou evitá-los, através de várias vias de fuga. Mas, quando, sem a compreensão do desejo, só há mera disciplina, deixam de existir a eficiência, a ordem e a cooperação.

Iremos, nesta tarde, investigar as características do desejo e suas contradições; trataremos também da disciplina e da questão do amor. Dissemos também, na última reunião, que iríamos examinar o mecanismo do pensamento e do tempo; pois tudo isso está relacionado — desejo, amor, pensamento e tempo. Se não os compreendermos, não poderemos devassar todo o campo do pensamento, do tempo, do amor e do desejo.

Compreender não significa, meramente, concordar intelectual ou verbalmente. Compreensão é percepção e conhecimento das palavras, de seu significado, não só intelectualmente, mas também com a sensibilidade — não só com a mente, mas ainda com os nervos, a vista, o olfato. Só há compreensão na percepção total de todo o nosso ser. A compreensão não é parcial, fragmentária. "Intelectualmente, compreendo o que estais dizendo" — eis uma asserção sem grande significação, exprime tão-só, que estou entendendo as palavras que estais empregando; como vós e eu falamos inglês, entendemos o significado dessas palavras. Mas a compreensão é mais profunda, mais real do que o mero entendimento das palavras. Quando dizemos "compreendo", isso significa compreensão total e, portanto, ação.

Compreender é agir; não é "compreender, para depois agir" — nesse caso a compreensão permanece como idéia e, portanto, não é compreensão. A idéia é separada da ação. Por isso, há o problema de ajustar a ação à idéia, ou aproximá-la da idéia. Haverá sempre contradição, enquanto não se compreender essa serventia das palavras para criar idéias, que aceitamos ou rejeitamos, e às quais, quando as aceitamos, queremos ajustar ou aproximar a nossa ação: tais "processos" não constituem, absolutamente, um estado de compreensão. A compreensão é um estado

total, é compreender com todo o nosso ser — nervosa, emocional, intelectualmente, com os sentimentos, com tudo o que possuímos. Quando há essa compreensão, há ação.

A vida é ação. Não são duas coisas separadas. A vida não é uma idéia que se pôs em ação, assim como não podemos ter o amor como idéia. O amor não pode ser cultivado; não pode ser desenvolvido, produzido; ou há amor, ou não há. Identicamente, ou há compreensão, ou não há. Para compreender uma coisa, temos de escutá-la, e escutar é uma arte. Escutar significa dar toda a atenção — não só ao que o orador está dizendo, mas também àqueles corvos, ao poente, às nuvens, à brisa que agita as folhas, às várias cores que aqui se notam; é compreender totalmente — com o sistema nervoso, com as células cerebrais, com tudo o que temos. Só dessa compreensão total vem a ação que não produz contradição e, por conseguinte, conflito e interminável sofrimento e aflição. É nesse sentido que estamos empregando a palavra "compreensão".

Estamos agora tentando compreender o desejo; queremos aprender o seu significado e não a reprimi-lo, rejeitá-lo, sublimá-lo. Para compreender uma coisa, temos de dar-lhe atenção, aprender a seu respeito, investigá-la, explorá-la, penetrá-la; isso não significa que temos de ceder ao desejo, e tampouco que temos de refreá-lo.

Dissemos outro dia que o desejo é inerente ao homem. Ele existe em cada um de nós; tem de existir, porquanto faz parte da vida. Já mostramos como aparece o desejo. E, no mundo inteiro, os indivíduos, principalmente os que se interessam por assuntos religiosos, foram sempre ensinados a reprimir o desejo, a viver sem desejo — coisa absolutamente impossível. Só se pode ser sem desejo quando se está morto! Mas, a compreensão do desejo requer muita atenção, paciência, investigação.

Desejo significa apetite insatisfeito, não é verdade? Peço vênia para dizer-vos que não estais apenas a ouvir uma palestra; nela estais tomando parte, participando. Estais tão ativos como o orador, e não meramente ouvindo umas poucas palavras, umas poucas idéias, umas poucas sentenças, a concordar ou a discordar, para depois vos irdes daqui. Estamos participando na investigação do desejo. Esse investigar requer que estejais livres; não significa concordar nem discordar. Não podeis dizer: "Disse-

ram-nos os grandes santos que devemos reprimir o desejo, controlá-lo, negá-lo, encontrar meios e modos de sublimá-lo"; dessa maneira nenhuma investigação é possível, nada se aprende nem descobre. Para descobrir requer-se estejamos livres das tradições, das coisas ditas por outros; mas isso não significa que devemos entregar-nos ao desejo.

Vamos, pois, investigar, descobrir o que é o desejo. Com a compreensão do desejo vem a disciplina — disciplina não imposta por ninguém, que não é ajustamento nem repressão, porém uma disciplina inerente à própria compreensão do desejo. Como disse, desejo é apetite, aspiração, ânsia não preenchida. E, ou cedemos a essa ânsia, a esse desejo, ou o reprimimos, porque a sociedade nos diz que devemos reprimi-lo, porque as religiões organizadas preceituam que devemos transmutá-lo etc. Há nesse "processo" uma constante batalha entre o ente humano que quer compreender o desejo ou por ele se vê completamente dominado, e a sociedade, que estabeleceu certas normas, e as religiões organizadas, com suas crenças, que nos mandam ajustar-nos ao respectivo padrão.

Eis a primeira coisa que importa compreender: o desejo não é em si contraditório; há, porém, contradição entre os objetos de seu preenchimento. Entendeis? Satisfaço o meu desejo numa certa direção; mais tarde desejo satisfazê-lo noutra direção. Essas duas direções, ou estados, é que são contrários. Desejo ser um homem rico e ao mesmo tempo viver santamente — não santamente, porém religiosamente. Uma das coisas mais fáceis do mundo é ser santo! O que se tem de fazer é, tão-só, agir de acordo com um padrão aprovado pela sociedade: vestir uma tanga, viver exteriormente com muita simplicidade — fazer exibição de simplicidade. Diz então a sociedade: Eis um extraordinário ente humano! — No entanto, interiormente, esse indivíduo está em ebulição, atormentado, torturado por suas paixões e ambições, sua luxúria e avidez, sua identificação com uma certa sociedade. Mas, o que nos interessa não é a espécie de vida que um santo leva interiormente, porém, tão-só, ajustar-nos ao padrão do "santo", que consiste em ser isto ou aquilo. É, pois, relativamente fácil ser santo. Muito mais difícil, porém, porque requer extraordinária inteligência e compreensão, é investigar o desejo e libertar-se do conflito que os objetos do desejo provo-

cam. A compreensão do "processo" do desejo requer muita inteligência.

Inteligência não é acumulação de experiências e de conhecimento; inteligência é o mais alto grau de sensibilidade. Ser sensível a todas as coisas, aos pássaros, à sordidez, à pobreza, à beleza de uma árvore, à formosura de um rosto, ao ocaso, às cores, aos reflexos, ao movimento de uma folha, ao vôo de uma ave, ao sorriso de uma criança, às lágrimas, ao riso, à dor, à agonia, à angústia, às desditas de um ente humano — ser totalmente sensível a tudo significa ser inteligente. E não podemos ser inteligentes se cuidamos apenas de reprimir ou de ceder. Só podemos ser sensíveis quando há compreensão.

Temos desejo, que é, na realidade, reação a um apetite. Desejo ser uma coisa, e "reajo". Essa reação depende da intensidade de meu sentimento. Se é intenso o sentimento, imperiosa a emoção, o preenchimento é então quase imediato, seja em pensamento, seja em ato. Peço-vos atenção, porquanto vamos examinar a questão do tempo, do pensamento e do amor; e vós tendes de seguir-me passo por passo, mas não como autoridade. Estamos empregando a palavra "seguir", no sentido de acompanhar o que se está dizendo. No que concerne à nossa própria pessoa, não há autoridade de espécie alguma. Seguir uma autoridade é contrário ao estado de sensibilidade, e a mente religiosa não segue autoridade alguma. A mente religiosa é aquela que se acha num constante "estado de aprender" e que, por conseguinte, é sensível. E cessa o aprender quando há autoridade. Não importa qual seja a autoridade — o governo, o sacerdote, o *guru* ou o Mestre — a autoridade é sempre um obstáculo ao aprender. A autoridade só leva ao ajustamento, sob a pressão do medo. E a mente que se vê atormentada, em qualquer nível que seja, deixa de ser uma mente religiosa. No que nos diz respeito, não somos autoridade.

O desejo, reação a uma sensação a que se deu continuidade pelo pensamento, busca seu preenchimento; e, nas várias formas de preenchimento, há sempre contradição. Dessa contradição vem o conflito; e onde há conflito, há esforço. O desejo, pois, gera o esforço, se não compreendemos o seu "processo" total.

Que é o desejo, e como continua? Vê-se como surge o desejo: percepção, visão, contato, sensação. Mas, que é que dá

continuidade ao desejo? Eis o problema. Foi neste ponto que ficamos, outro dia. Ora, não há dúvida de que o pensamento dá continuidade ao desejo. Isto é, gosto de uma certa coisa, dá-se grande prazer contemplar o pôr do sol, ou ver um belo rosto, ou um homem de posição, prestígio, poder, dinheiro, etc. etc. Seria deleitável achar-me na situação daquele homem; penso nesse prazer, como noutro prazer qualquer — sensual, subjetivo ou objetivo. Penso. Gosto de vosso rosto; tendes um bonito sorriso; acho muito atraente vosso rosto e vosso sorriso. Penso nisso, e quanto mais penso, tanto mais força dou ao desejo, que busca seu preenchimento em vossa pessoa — ou numa certa idéia ou objeto.

Assim, o pensamento dá continuidade ao desejo. Se não houvesse a continuidade do desejo, não haveria a busca de preenchimento. O desejo apareceria e tornaria a desaparecer. Ele tem de aparecer, como uma reação, pois devemos ter reações; se não as temos, estamos mortos, como entes humanos. O desejo, pois, viria como uma reação, e a essa reação não seria dada continuidade pelo pensamento. Observai esse fato em vossa vida.

Tendes um prazer, sexual ou trivial, e pensais nele; criais em vossa mente imagens, símbolos, palavras. E, quanto mais pensais nesse prazer, tanto mais intenso ele se torna. E essa intensidade exige preenchimento. Mas nesse preenchimento há uma contradição, pois desejais também preencher-vos em outros sentidos. Assim, onde há preenchimento do desejo, há contradição. Por conseguinte, para fugirdes à contradição, à dor causada pelo conflito, dizeis ser necessário reprimir o desejo. Mas, não é importante reprimir o desejo, moldá-lo, sublimá-lo, porém, sim, compreendê-lo, compreender o que lhe dá substância, intensidade, urgência de preenchimento. Compreendido isso, tem o desejo significação completamente diferente.

Observai-vos! Quando tendes um prazer, pensais nele. Ao terdes uma dor, nela também pensais. O pensamento lhe dá vitalidade, força, continuidade. Portanto, é necessário investigar a questão do pensamento para se compreender o desejo.

Que é pensar? Não se trata de uma pergunta acadêmica. Pergunto-vos: Que é o pensamento? Essa pergunta é um desafio, e ficais aguardando uma resposta, não? Uma resposta deste

orador. Desejais que ele vos diga o que é pensar. Se não o diz, tentais descobrir a resposta com a ajuda de vossos próprios conhecimentos ou de conhecimentos dados por outros; ou ficais rebuscando na memória, a fim de descobrirdes o que é pensar.

Vemos, pois, que, quando se apresenta um desafio, a memória "reage". Segui atentamente isto, porque, se o não fizerdes, passo por passo, perdereis a conexão com o que se vai dizer. A vida é um "desafio", uma série contínua de desafios. A vida é um movimento; está sempre a variar, sempre a fluir, nunca permanece a mesma coisa. E esta é que é a beleza da vida! É uma coisa *viva* e não uma coisa morta; por isso está sempre, a cada minuto, apresentando-nos um "desafio" — consciente ou inconscientemente, quer o percebamos, quer não. E, quando se apresenta um desafio, reagimos de acordo com o nosso condicionamento, com a nossa memória; nossa memória reage. Nesse processo de desafio e reação, a reação é imediata ou se verifica após um breve intervalo de tempo; e nesse intervalo está o processo do pensar.

Que é pensar? Provavelmente, a maioria de vós nunca refletiu a tal respeito e está esperando que eu o diga! Se o digo, concordais ou discordais, ou vossa memória diz: "Mas isso não basta, pois é apenas uma parte da coisa; o mecanismo do pensamento deve ser muito mais do que isso". Examinemo-lo, pois. Quando há "desafio" e "reação", se a reação é imediata, não há "processo" de pensar. Se vos perguntam vosso nome, respondeis prontamente, pois com ele estais perfeitamente familiarizado. Mas, se vos fazem uma pergunta mais complicada, precisais de tempo para responder; há um intervalo de tempo entre o desafio e a reação. Nesse intervalo, a mente fica em busca de uma resposta, a pesquisar, a indagar, a esperar, a questionar. Esse intervalo é o que chamamos pensar. E esse pensar depende de vossa raça, vossa família, do conhecimento, da memória, das marcas do tempo, de vossas experiências, vossas dores e sofrimentos, das inumeráveis pressões e agonias da vida — ou seja, de vosso *fundo.* De acordo com ele, "reagis" ou respondeis. Por conseguinte, a reação ao desafio é sempre inadequada. Espero esteja claro isso. E essa insuficiência da reação gera contradição.

Por conseguinte, temos de compreender, não só o mecanismo do pensar, mas também esse depósito de conhecimentos acumulados, com os quais "respondemos" a um desafio, que é sempre novo. Sempre respondemos ao novo com o "velho": com a tradição hinduísta, se somos hinduístas; com as tradições cristãs, se somos cristãos; com nossos conhecimentos, se somos cientistas etc. Essa resposta nunca é total, porém sempre fragmentária; por conseguinte, apresenta-se uma contradição, um conflito, uma dor ou um prazer, que desejamos continue; e daí resulta mais conflito. Vivemos, pois, neste processo: desafio, reação inadequada, contradição, conflito, dor ou prazer, e a exigência de que cesse a dor e de que o prazer continue. Tal é o ciclo de nossa vida.

Se penetrardes mais nesta questão do pensar, alcançareis um estado mental em que dizeis: "Não sei". Entendeis? Aí é que está a diferença entre o computador eletrônico e a mente humana. A mente humana pode dizer "não sei", e isso significa *não sei*; não há simulação, não há espera de resposta. "Não sei" representa um extraordinário estado mental, quando realmente o compreendemos. Pois temos tantos conhecimentos sobre inúmeras coisas! A respeito de Deus sabemos de muitas coisas que vêm sendo ditas há cinco mil, sete mil, ou dois milhões de anos. Estamos carregados de conhecimentos, de experiência — tudo do passado. Sabemos muito acerca disso que chamamos Deus, amor, sexo, a respeito de quase tudo o que a mente humana tem inventado ou cogitado! E estamos sempre em busca de mais; quer dizer, aumentando continuadamente nosso saber, sem nunca dizermos "Não sei". E não é necessário dizermos "Não sei", para que a mente esteja sempre a aprender, sempre fresca, inocente, jovem? Só a mente jovem diz "Não sei" e quer que se entenda *não sei* — e não espera ser instruída. No momento em que *sabeis*, esse saber já se tornou parte do "velho". Mas a mente que diz entre si "Não sei" — não está duvidando. Se duvidais, isso significa que já estais à espera de uma confirmação ou de uma negação. Mas, quando dizeis "Não sei", vossa mente já está rejuvenescida, nova, ardorosa, disposta a descobrir.

Tal é o pensamento. O pensamento só existe no tempo. Por "tempo" entendemos o "estado psicológico de adiamento",

a idéia psicológica de progresso, de evolução, de acesso a uma altura, de acumular, e de desfazer a distância, ou seja o intervalo de tempo-espaço entre *o que é* e o que *deveria ser*. Peço-vos mais um pouco de paciência. A mente em que não há espaço é uma mente morta. A mente necessita de espaço — que é *vazio*.(1) Só nesse espaço pode tornar-se existente um novo estado; só nesse espaço pode ocorrer uma mutação, uma completa revolução.

Necessitamos de uma revolução, neste mundo — revolução psicológica, e não econômica ou social; uma profunda revolução religiosa. Uma revolução, uma mutação de tamanha magnitude, não poderá verificar-se se a mente não estiver totalmente vazia, se nenhum espaço houver na mente. E a compreensão do tempo, a compreensão do desejo cria, sem o procurarmos, esse extraordinário espaço. Esse espaço não é criado por um objeto nele existente. Aquela árvore, que é um objeto, cria espaço; por causa da árvore, existe espaço ao redor dela. Só conhecemos o espaço em relação ao objeto e ao "não-objeto". E o homem que está aprisionado no espaço que um objeto cria, está escravizado para sempre. Só é livre a mente em que há espaço sem objeto.

Ora, nós entes humanos, que vivemos há mais de dois milhões de anos, segundo os antropólogos, nos desenvolvemos, progredimos, evolvemos, através do tempo. Levamos dois milhões de anos para chegarmos ao nosso atual estado — dois milhões de anos, do animal ao ente humano! — e dizemos: "Precisamos de mais tempo, de outros dois milhões de anos, para progredir, evolver. Nos dois milhões de anos passados, sofremos, vivemos em tremenda ansiedade, em aterradora solidão". Sabeis o que é "solidão"? A maioria de nós sabe o que é ansiedade. A maioria sabe o que é sofrimento. Quase todos conhecemos bem a dor, física e de outra natureza. Quase todos conhecemos as agonias da incerteza e da dor, a corrupção, os desgostos, as impurezas de nosso próprio pensar e de vossa vida. Mas, mui poucos conhecem a dor, a agonia da solidão completa. O homem vive há dois milhões de anos com sua solidão, sem a conhecer; e, quando a conhece, procura fugir dela, inventando

---

(1) "Vazio", como substantivo. I.e., a mente precisa de "estar vazia", pois "uma taça só é útil quando vazia". (N. do T.)

deuses, céus, infernos, todas as formas de preenchimento, a fim de furtar-se a esse extraordinário e intenso sentimento de completo isolamento, de completa solidão.

Vivemos há dois milhões de anos, e inventamos o tempo porque somos resultado do tempo. Nossas células cerebrais, nosso organismo, nosso cérebro, tudo é resultado do tempo — que significa: "Virei a ser", "serei", "realizarei", "progredirei", "mudarei, de hoje para amanhã, de agora ao próximo segundo". É isso o que se entende por "tempo". Não nos referimos ao tempo cronológico ou cronométrico, porém, sim, ao tempo concebido pela mente que pensa na esfera da "gradualidade"; esse tempo é uma invenção. Cronologicamente, conforme o relógio, há *amanhã*; a outros respeitos, não existe amanhã; nós inventamos o amanhã. Se examinardes bem isso, vereis que foi realmente o pensamento que criou o amanhã. O amanhã é incerto, amanhã tereis de ir ao escritório, amanhã tereis de fazer certas coisas; nisso estais pensando hoje. O pensamento, com efeito, cria o tempo como amanhã e, assim, temos o tempo. Servimo-nos do tempo como meio de mudança. "*Sou* colérico, rixento, violento; mas *me tornarei* diferente". Quer dizer, empregamos o tempo como meio de "vir a ser". E há, assim, sempre, adiamento e fuga.

Os entes humanos são, em maioria, violentos. Nunca foram brandos, delicados; não sabem o que é o amor. Sabem o que é sexo, o que é desejo. Conhecem a agonia em todos os seus aspectos. E envolvidos, que estão, nas redes da agonia, dizem: "Preciso de tempo para libertar-me; preciso do amanhã, de uma próxima vida; ou, libertar-me-ei gradualmente". Vê-se, pois, que o pensamento inventa o tempo; que o pensamento *é* tempo. E o homem que compreende esse processo do desejo, pensamento e tempo, é um ente humano que está vivendo plenamente no presente. Não tem o tempo como meio de alcançar um alvo desejado.

No momento em que tendes o tempo, que acontece? Não estais enfrentando o desafio real e concreto, que está à vossa frente, a exigir ação imediata. Só atuais imediatamente ao sentirdes dor ou prazer intenso. Quando intensa a necessidade sexual, ou a dor, sois obrigado a atuar. E a maioria de nós

é incapaz de ver os fatos como são — *o que é*. *O que é* é o fato, ao qual nos chegamos com diferentes opiniões, idéias, juízos. Isto é, com o passado nos abeiramos do fato presente; por conseguinte, criamos a contradição, ou falta de compreensão do fato.

A mente, pois, só é livre quando capaz de enfrentar o fato — *o que é* —, de enfrentar a pobreza; não um certo desafio supremo, pois não há desafios supremos. A vida é desafio a cada minuto: — em face da pobreza; em face do chefe, no escritório; em face de nossa esposa, de nossos filhos; em face do condutor do ônibus, da miséria, da beleza do poente; em face de nossa cólera, de nosso ciúme, de nossa estupidez. Tudo isso são fatos. O importante é como enfrentamos o fato, não o que pensamos dele, o que a seu respeito temos de fazer. Quando ides ao encontro do fato sem nenhuma opinião, juízo, avaliação, estais vivendo completamente no presente. Para a mente, então, não há tempo, de modo que ela pode agir. Porque o próprio fato exige ação urgente — e não as vossas opiniões, desejos e ideais.

Vede, senhores, vosso grande infortúnio é terdes sido educados com ideais. Os ideais são meras palavras. Nada significam, nenhuma substância têm. São os filhos estéreis de uma mente vã, inane! Fostes criados com o ideal da não-violência. Correis mundo, a pregar a não-violência. A não-violência é o ideal. Mas o fato é que sois violento, nos gestos, na maneira como falais a vosso superior ou a vosso subordinado. Escutai-vos, por favor! Eu só vos estou mostrando a direção. Sois violento — nos gestos, nos pensamento, nos sentimentos, nas ações. Por que não examinais a violência? Por que necessitais de um ideal de não-violência? O fato é que sois violento, e o ideal é sem realidade; criais com ele (o ideal) uma contradição em vós mesmo, que vos impede de olhar o fato da violência. Quando olhais um fato, sabeis o que é necessário fazer. Direis que sois violento e que aceitais esse estado e, aceitando-o, dizeis: "Sou violento, e não quero ser hipócrita". Ou direis que sois violento e gostais de o ser. Ou, ainda, olhais o fato, sem nenhum ideal. Só se pode olhar um objeto, ou um fato, ou *o que é*, quando não se tem nenhum ideal, nenhuma opinião, nenhum juízo a seu respeito. Vedes então o fato tal qual é.

O fato gera então uma intensidade que se traduz em ação imediata. Só quando temos idéias acerca de um fato, adiamos a ação. Ao perceberdes que sois violento, ou seja o fato, podeis então encará-lo, examiná-lo; podeis então aprender tudo a seu respeito: a natureza da violência, se é ou não possível a libertação — não idealmente, porém realmente.

A mente religiosa não tem ideais, não tem modelos, não reconhece autoridade alguma, porque para ela só o fato é importante, o fato que está a exigir pronta ação. Uma vez compreendida, em seu todo, a questão do desejo, do pensamento, do tempo, que impedem a mente de olhar o fato — então, não se pode agir de outra maneira senão imediatamente, independentemente da idéia. Considerai vossa avidez, vossa cólera, vosso apetite sexual, qualquer coisa; observai isso sem condenação, juízo, avaliação, sem dizerdes que está "certo" ou "errado". Sabeis quantas sutilezas o intelecto do homem inventou, para evitar o fato; considerai a miséria existente neste país. Ela é um fato; mas se estais empolgado pela idéia nacionalista, fica o fato impedido de produzir ação. Sobre isto falaremos noutra ocasião.

A mente que está livre do tempo — que é pensamento, que é desejo — essa mente conhece o amor. Para a maioria de nós, o amor é sexual. Observai-o em vós mesmo. Para a maioria de nós, amor é ciúme — uma contradição composta de ódio e de amor. Não sabemos, com efeito, o que é o amor. Conhecemos a comiseração, a piedade, talvez também a liberalidade — contanto que não nos custe muito dinheiro... Não riais! Tudo isso está à vossa frente — estais vendo a vós mesmo. Não podeis rir. Se podeis rir de vós mesmo, isso tem, sem dúvida, uma certa significação. Mas, não riais dos fatos, pois com isso estais a fugir deles. Só conheceis o amor sob o aspecto de contradição, dor e prazer, angústia e ciúme — a dor, a brutalidade, a violência do ciúme! — Não sabeis o que é o amor, porque não sabeis o que é a beleza. Se não conheceis a beleza, jamais conhecereis o amor — não a beleza de uma mulher ou de um homem, não o sexo: *a Beleza*!

Fostes amestrados para negar a beleza, que sempre vos foi mostrada associada ao prazer; e o prazer (conforme vos ensinaram) é o homem, a mulher! Sempre vos disseram, principal-

mente os santos, que se quereis achar Deus, não deveis possuir mulher, não deveis ter prazer; por isso negais a beleza. E, negando-a, negastes também o amor. A beleza não é prazer; a beleza está presente em todas as coisas. Senhores, observai-vos; observai aquela folha; observai a beleza do crepúsculo, a beleza da terra, da colina e de suas curvas, das águas correntes; a beleza de uma mente pura, de uma mente boa; a beleza de um rosto, a beleza de um sorriso. Tudo isso tendes negado, porque para vós a beleza está associada ao prazer, e o prazer ao sexo, ao chamado "amor".

A beleza, absolutamente não é isso — algo meramente relacionado com o prazer. Para compreender a beleza, precisamos de uma mente sobremodo simples, mente não anuviada pelo pensamento e capaz de ver as coisas como são, de ver o pôr do sol com todas as suas cores, seu encantamento e luminosidade — *vê-lo* sem verbalização, em contato, em comunhão com ele — sem a palavra, sem o gesto, sem a memória — sem *vós* e o objeto que estais contemplando.

Essa extraordinária comunhão, sem objeto, sem pensador e pensamento, nem objeto e experiência — essa consciência de um espaço imenso — é a beleza.

E é também o amor. Se não há amor, o que quer que façais — podeis tomar parte em obras sociais, promover reformas sociais ou um governo parlamentarista, casar, ter filhos — sem o amor, nunca encontrareis a solução para os problemas da vida. Com o amor, podeis fazer tudo o que desejardes: com o amor, há virtude e há humildade.

27 de dezembro de 1964.

MADRASTA — V

O Poder do Amor

NEM só o uso das palavras constitui para nós uma grande dificuldade. As palavras são necessárias para podermos comunicar-nos, mas a comunicação não depende unicamente da palavra. E, por mais intelectual e preciso que seja o emprego das palavras, não podemos viver só de palavras, pois temos também sentimentos, fortes emoções, paixões violentas, ódio, compaixão, ternura, afeição. E, evidentemente, vivemos em diferentes níveis da existências. Se somos o que se chama "intelectuais", vivemos com palavras, com idéias, temos a capacidade de argumentar sutil e eruditamente. Se somos emotivos, comovemo-nos quase até às lágrimas, a propósito de tudo. E tanto o intelectual como o emotivo estão a arder, interiormente, com seus numerosos problemas, por eles próprios criados ou impostos pelo condicionamento ambiente etc.

Nossa vida é tortura; tentamos disfarçar essa tortura com palavras, com sentimentos, com fugas, com toda uma série de atos chamados religiosos ou intelectuais. Mas, essas coisas não escondem nossa luta interna, nossa frustração interior, nossa solidão, nossos profundos pesares, nem nosso sentimento de completo isolamento. Queremos estar em segurança, não só física, mas também emocionalmente; queremos companhia; queremos ter alguém em quem amparar-nos, em quem confiar plenamente; queremos o sentimento de íntimo e infinito contato com outro ente humano. Não só buscamos a segurança em outro ente humano, na vida de relação, mas também desejamos segu-

rança em nossas idéias, nossas crenças, nossa maneira de vida. Não queremos errar, queremos seguir o caminho certo — o que quer que isso signifique. Precisamos de alguém que nos diga o que devemos fazer. Dependemos da autoridade, e temos infinito amor à tradição.

E nós temos de viver com tudo isso — no nível intelectual, no nível emocional, no nível físico e no nível psicológico; viver com a solidão, o vazio, o desespero; viver com a doença e o infinito tédio da vida: ir para o trabalho em cada dia de nossa vida, durante os próximos quarenta ou cinqüenta anos. Ou, depois de termos mourejado num emprego durante cinqüenta anos seguidos, fazendo sempre e sempre a mesma coisa, nada mais resta de nós, no fim da vida — estamos inteiramente consumidos. Ou, entramos na vida com certas convicções, certas fórmulas, grandes intenções; mas a vida ao redor de nós gradualmente nos "espreme" toda a energia, toda a vitalidade, o claro percebimento, a lucidez, e somos deixados a sós com nós mesmos, vazios, isolados, entregues ao desespero e ao sofrimento.

Tal a nossa vida real de cada dia. E, ao percebermos esse fato, forcejamos por descobrir algo de transcendental, existente fora deste mundo, muito longe dele, e sem nenhuma relação com nossa vida de cada dia. Preferimos citar o Upanishads, o Gita, a Bíblia, os visionários, os santos etc., fugindo assim a esta cotidiana aflição, horror, brutalidade. E quanto mais nos distanciamos (do mundo, da vida de cada dia), tanto maior a neurose. A maioria dos indivíduos religiosos são neuróticos, porque a vida deles pertence a este mundo, mas querem cultivar ideais, queimar incenso, freqüentar as igrejas, os templos, os rituais, tudo o que lhes possibilite a fuga à diária tortura e agonia da vida. Tal é o fato. Talvez eu não o esteja descrevendo com muita clareza, mas assim é nossa vida. E nós temos de mudar *aqui*: em nossa vida diária, nossas perspectivas, nossas atividades, nossas maneiras de pensar, de sentir; porque esta é que é a realidade, e não aquela outra coisa que andamos buscando. Essa "outra coisa" é mera idéia de outro indivíduo, que disse tal ou tal coisa há muitos séculos passados; e nenhum bem faz repetir o que eles dizem ou disseram, ou o que dizem os modernos filósofos; nem tentar ajustar-nos à moderna filo-

sofia ou retroceder dez mil anos, para ressuscitar o passado morto — isso que, infelizmente, chamamos "cultura".

A cultura é algo que cresce, nutre-se, move-se — e morre. Mas é bem evidente, neste país, que adoramos esta cultura moribunda; queremos restaurá-la, por meio da dança, do canto, da música, dos templos, dos vários credos; tudo em pura perda. Mas, apesar da inutilidade de nossos esforços, não desistimos; não queremos observar a realidade — a realidade *viva* — para ver se não podemos transformá-la e instaurar a simplicidade — a simplicidade que é a essência da harmonia. Somos entes incapazes; por isso estamos sempre a olhar, a procurar, a desejar encontrar alguém que nos indique o que devemos fazer; e em tais pessoas depositamos nossa fé. Fé e confiança são coisas sem valor. Podemos ter fé num médico experiente. Mas, qualquer teoria baseada na experiência de outro homem, em questões relativas à psique ou à vida interior, é completamente sem valia; mas, aparentemente, não podemos abandonar tal fé. E temos de abandoná-la completamente, porque precisamos firmar-nos sobre nossas próprias pernas. Essa é uma das coisas que mais nos metem medo — sendo "medo" o sentimento de incerteza, o sentimento de perigo, a apreensão relativa a algo que desconhecemos.

O medo existe tanto no selvagem como no chamado homem culto, altamente intelectual e eloqüente, muito eficiente e capaz. Existe o medo. E o homem, que talvez já viva há dois milhões de anos, mostra-se incapaz de livrar-se dele. Portanto, considero este um dos principais problemas de nossa existência: se temos possibililidade de livrar-nos do medo. Ora, alguém vos diz que deveis viver sem medo e vos fornece um sistema de "como libertar-se do medo". Mas, o verdadeiramente necessário é que percebamos a realidade do medo, que o penetremos, com ele entremos em contato direto, em íntima comunhão, para o compreendermos e ficarmos, assim, livres dele. Porque a mente que teme está morta. Sabeis disso, pois já o deveis ter observado em vossa vida. Quando tendes medo de alguma coisa, esse medo vos persegue; pensais nele; ergueis muralhas contra ele; mantendes-vos vigilante, atento, atribuindo exagerada importância ao intelecto ou às emoções, que vos oferecem possibilidades de fuga, sem nunca entrar em contato com o medo.

Se temeis a dor física, fazeis o necessário para debelá-la. Ou se a dor não é excessiva, a suportais; não vos pondes a executar "danças e cânticos" em torno dela. E suportar a dor significa não permitir que ela nos transtorne o pensar, a psique, as afeições, nosso progredir; isso é também dificílimo, porque vivemos na dependência de nossos nervos, e são eles que recebem o impacto da dor. Desejamos ter saúde e talvez não o possamos. Se podemos, tanto melhor. Se não podemos, temos medo da dor, medo de que volte ou que continue a atormentar-nos. E ficamos vivendo no canto escuro desse medo, que nos desfigura o pensar.

Há o medo à insegurança — emocional, psicológica, interior. O medo de não termos alguém a quem falar, a quem abrir nosso coração, com quem comungar. Alguém que nunca nos interprete mal, a quem nos sintamos unidos por grande afeição, por um forte sentimento. Se porventura encontramos uma tal pessoa, a ela nos agarramos como a uma tábua de salvação. Bem sabemos que um dia ela poderá ir-se, poderá morrer; ou poderá voltar-nos as costas, interessar-se por outro, e começará então o ciúme, o ódio, a envenenar nossas relações.

Por essa razão construímos uma sociedade em que o matrimônio se tornou um sacramento; seus laços não podem ser quebrados e, por meio da lei, os mantemos indissolúveis. Entretanto, as pressões da vida moderna estão a quebrar essa lei. Queremos a permanência daquela relação e não percebemos que não há permanência em coisa alguma. E, assim, o medo ensombra-nos os dias. Vede, por favor, que não estou descrevendo nada de fantástico. Não precisais imaginar nada disso: é vossa vida real de cada dia.

Fisicamente, buscamos a segurança: queremos casa, posses, renome, posição, prestígio, e se alguém tenta tocar-nos nessas coisas, repelimo-lo, legal, moral e religiosamente. E desejamos, também, a segurança nas relações, embora, intimamente, saibamos muito bem que não há permanência nas relações. Podemos acostumar-nos com uma certa relação. Posso acostumar-me com minha mulher, suas falhas, seus louvores, suas zangas, e habituar-me a dormir com ela. Posso acostumar-me com isso, e esse costume, esse hábito se torna minha segurança, e nada o deve perturbar. Isso também gera medo. E do medo resulta sofri-

mento. Há medo, não só fisicamente, interiormente, emocionalmente, mas também quando desejamos preencher-nos, ser grandes, famosos, sabendo interiormente que somos insignificantes entes humanos, de mente muito estreita, a atuar egocentricamente e a desejar ocultar a nossa insignificância. Também isso gera medo — o desejo de preenchimento: falar, do alto de um palanque, a numeroso público, e sentir nisso um deleite extraordinário; e, se não aparecem os ouvintes, achar que está tudo perdido.

Desejamos também ser felizes. Em alguma parte muito profunda de nós mesmos, em algum paraíso, desejamos ser felizes, estar descansados, tranqüilos, serenos, nunca perturbados. Por isso, inventamos um céu. Aonde quer que vamos, o que quer que façamos, o medo e o sofrimento nos seguem; essa perseguição parece não ter fim. Aparentemente, não somos capazes de enfrentar o fato, com energia, capacidade, eficiência, e continuar para diante. E, no fim de tudo, naturalmente, há o medo e a agonia da morte.

A morte, o fim da vida, o fim da existência física — só isso nos causa apreensão; é isso que chamamos morte. Mas há tantas outras formas de morte. Viver trinta ou quarenta anos em constante conflito íntimo e com a sociedade — isso também é morte. Há aquela espécie de morte que é o levar uma existência estúpida e monótona, sem muita significação. E, percebendo quanto é insignificante a nossa existência, inventamos uma finalidade da vida, uma meta, uma beleza espiritual. E de novo nos vemos em luta com o sofrimento, porque jamais alcançamos aquela meta, nem podemos alcançá-la.

A morte tem muito aspectos, e não apenas o aspecto físico. Quando a pessoa vive numa estreita rotina, sem dela jamais sair, por ser prisioneira de idéias e de opiniões, por temer o que possam dizer "os outros", por viver de acordo com um estreito código — que é na realidade, um código não ético de relações com o mundo — isso também é morte. E há também o indizível sofrimento causado pela solidão. Não sei se já sentistes essa solidão profunda e aparentemente interminável.

Nesta tarde, vamos falar sobre tudo isso e investigar se é possível a vós e a mim, a qualquer pessoa, olhar de frente o medo e dele libertar-se.

Se não estais livre do medo, ainda que sejais muito talentoso e afável, estais vivendo no escuro. Observai-vos, um dia. Quando o medo vos acomete inesperadamente, ficais paralisado; quanto maior o medo, maior a tensão, maior a opressão. Não sabeis enfrentar o temor. Com ele nunca entrais em comunhão direta — assim como entrais em contato com o alimento que tomais, com vossos desejos sexuais, com qualquer movimento ou atividade que se verifica em vosso íntimo. Aparentemente, nunca entramos em contato com o medo.

O medo não existe sozinho. Está em relação com coisas: o escuro; o que dizem "os outros"; algum erro ou falta que cometemos; perda do emprego; infidelidade conjugal; frustração etc.

O homem que teme vive na escuridão. É muito fácil descobrir a causa do temor. Temo meu vizinho, porque dependo de sua benevolência; ele poderia dizer algo desabonador a meu respeito e fazer-me perder o emprego ou impedir-me de casar minha filha; portanto, tenho medo. Dependo; conheço muito bem a causa do temor.

Não é muito difícil descobrir a causa do medo — seja consciente, seja inconsciente. É muito simples; se temos uma mente capaz de certa atenção, ela pode ser descoberta imediatamente. Mas, o descobrimento da causa não liberta a mente do medo; ele continua existente. Atentai nisso! A mera análise do medo não parece capaz de dissolvê-lo. Isso é um fato observável. Conhecemos a causa e continuamos a temer. A mera análise da causa, a mais profunda, e complicada, e analítica investigação dessa causa — a mera compreensão dela não liberta a mente, ou o ser humano, do temor. O mero descobrimento do fato não traz a libertação do medo. Temos de entrar em contato com ele. E esta é a maior das dificuldades: entrar diretamente em contato com o medo.

Quase nunca nos pomos diretamente em contato com alguma coisa, exceto os nossos alimentos e, talvez, o sexo. Nunca vemos uma árvore como árvore — nunca há uma percepção pura. Temos idéias, pensamentos, imagens, noções, relativas à estrutura biológica, à natureza da árvore etc. Entrar em contato com a árvore não significa dar-lhe cabeçadas, porém ser

sensível a sua natureza e beleza; ao tato, o cheiro, o ramo delicado, a folha e a flor e a brisa que agita as folhas; então, sim, há contato. Nunca entramos em contato com o medo e, por isso, desconhecemos seu verdadeiro significado. Nunca o "apalpamos", nunca estivemos diretamente em contato com ele, porque receamos entrar em contato com o medo!

Jamais entramos em contato com o medo, porque de antemão tememos as conseqüências. Se não dou importância ao que diz de mim o meu próximo, posso perder meu emprego ou posso não perdê-lo. Mas o pensamento diz: "Cuidado! Domina tua língua! Sê insincero, habil, astucioso! Nada digas contra o teu próximo, porque ele pode prejudicar-te!" Assim o pensamento precede o medo, o pensamento protege o medo; por esta razão nunca se estabelece um contato direto com ele. Este é o primeiro ponto.

A palavra "medo" significa: apreensão, pressentimento de um perigo, de calamidades, da perda de um bem, de acontecimentos funestos. A palavra medo não é o próprio medo. Mas, para nós, a palavra — o símbolo, a idéia — se torna importantíssima e nos impede de entrar em contato com a própria coisa. Isso é bastante simples. Nós vivemos de palavras; para nós, o importante é a palavra, a análise da palavra, o emprego hábil da palavra; notai quanto barulho se faz em torno de palavras! Afinal, que é o *Upanishads, o Gita*? Palavras, só palavras! E vós não os jogais fora! Usamos de palavras, e por meio da palavra esperamos entrar em contato com a coisa! A palavra nunca nos porá em contato com coisa alguma. Não vivemos só pela palavra, mas também pelo sentimento, o temperamento, a afeição, a beleza, a percepção — o espetáculo das nuvens, do ocaso. A palavra "ocaso" não é aquela coisa, aquela luz, aquelas cores, aquela nuvem formosa e radiante. É necessário, pois, compreender que a palavra impede o contato. Quando dizeis a alguém: "Eu te amo", estais também a segurar-lhe a mão e a fazer-lhe carinho. A palavra não é o fato.

A palavra "medo" gera o medo. Tendes de descobrir isso, se foi a palavra que criou o medo, e se a mente pode livrar-se da palavra e entrar em contato com o medo. Não sei se já observastes uma ave, uma aranha, um animal que não nota que

o estais observando. Vê-se então cada movimento, cada característica do pêlo, cada movimento das pernas do animal — tudo se pode ver. Mas, se tendes idéias sobre o animal ou o inseto, já não há percepção, já não estais vendo. Da mesma maneira deve um pessoa entrar em contato com o medo, ou seja, diretamente; esta é uma das coisas mais difíceis, i.e., olhar o medo não verbalmente, sem o pensamento. Porque o pensamento cria medo: "Fulano vai me fazer mal" — esse pensamento logo me atemoriza. E se o pensamento descobre a causa do medo, dele não vos livrará. O que põe fim ao temor é o contato direto; e não posso entrar em contato com o temor, se estou a fugir dele. Tenho de "viver com ele". Tenho de saber tudo a seu respeito, de observá-lo infinitamente — observar, sempre observar, sem jamais fugir nem levantar defesas, barreiras. E não tentar tornar-me corajoso. O homem que tenta fazer-se corajoso quando está amedrontado — continua amedrontado! O medo existe e, por conseguinte, devemos observá-lo, assim como observamos uma aranha — a eficiência com que constrói sua teia, tão bela, tão simétrica! Da mesma maneira, observai o vosso medo. Para tanto é necessário que a mente seja capaz de olhar o medo sem o desfigurar, sem procurar um saída, porque isso é também desfigurar; capaz de olhá-lo simplesmente, com claro percebimento. E não há esse percebimento claro quando se está a fugir do medo, a fazer uso da palavra para encobri-lo, a tentar transcendê-lo. O que se precisa fazer é só olhar o medo, observá-lo, perceber cada um de seus movimentos durante o dia, perceber como ele se expressa. Assim fazendo, se o medo tornar a manifestar-se, sabereis enfrentá-lo, porque já não haverá nenhuma "camuflagem" verbal; estais, assim, começando a aprender a enfrentar o medo. E após terdes percebido que foi o pensamento que o criou, abandonais esse pensamento criador de medo e, por conseguinte, abandonais também o intervalo de tempo entre agora e amanhã, quando temeis que irão falar mal de vós; assim se enfrenta o medo.

O medo se apresenta também sob o aspecto de desejo de segurança. Todos temos necessidade de segurança física — necessidade de pão, de roupas, de teto; isso é perfeitamente óbvio. Do contrário, sem essa segurança, seremos incapazes de pensar e de sentir prontamente. Precisamos da segurança física.

No Oriente, a grande maioria das pessoas não a tem. Mas cabe ao homem inteligente, ao homem amadurecido resolver este problema. Não ao homem que repete, que retrocede dez mil anos para exumar futilidades, porém ao homem inteligente que vê claramente a situação mundial, ao homem sensível que deseja uma solução, que sente o mais ardoroso interesse em resolver o terrível problema da pobreza. Só esse homem poderá resolvê-lo; ele não teme e é capaz de enfrentar a situação.

Há o desejo de segurança. Esse desejo de segurança se nos torna compreensível quando nos defrontamos com um animal selvagem ou uma serpente, ou quando olhamos para ambos os lados antes de atravessar a rua. Mas, não existe outra forma de segurança. Prestando atenção a isso, veremos que não existe, com efeito, outra forma de segurança. Gostaríeis de estar bem seguro, em companhia de vossa esposa e filhos, em vossas relações com o próximo — se as tivésseis, pois não as tendes. Podeis ter pai e mãe, mas não estais em relação com eles; estais completamente isolado. Não há segurança — segurança psicológica — em tempo algum, em nenhum nível, nem com ninguém; esta é uma das coisas mais difíceis de perceber. Não há segurança psicológica nas relações com outrem, porque esse outrem é um ente humano igual a vós. Entretanto, queremos essa segurança em nossas relações, por meio do matrimônio, de votos de fidelidade e de tantos outros artifícios com que iludimos a nós mesmos e ao próximo. Este é um fato óbvio e, assim, não requer análise.

Nunca nos pomos em contato com essa insegurança. Tememos nos vermos totalmente inseguros. Requer-se muita inteligência para compreender a insegurança, porque, tão logo nos sentimos inseguros, tratamos de fugir. Ou, não encontrando a segurança em parte alguma, em coisa alguma, torna-se o indivíduo desequilibrado, com tendências ao suicídio — um candidato ao hospício; ou, ainda, torna-se extremamente religioso e devoto — o que redunda na mesma coisa, pois tudo isso são formas de desequilíbrio. O perceber — não intelectual ou verbalmente, não por determinação da vontade — o fato de que nenhuma segurança existe, requer estejamos vivendo com a maior simplicidade, clareza e harmonia.

Também, a impossibilidade de encontrar a segurança causa sofrimento. O homem vive em companhia do sofrimento, há muito, muito tempo. Sabeis o que é sofrimento: a perda de um ente amado; a perda de nosso prestígio, nossa posição; a não consecução de uma boa situação na vida, como outros a alcançaram; a falta de beleza, nas feições, nos gestos, nas palavras; nunca vermos a beleza do poente, de uma nuvem; nunca sentirmos a aragem noturna a acariciar-nos o rosto. Não somos sensíveis, e por isso vivemos desta maneira, a cultivar o sofrimento; sem nunca entrarmos em contato com ele. Temos idéias a seu respeito, chamamo-lo *karma*, coisa ligada ao passado, conseqüência disto ou daquilo. Falar em *karma* é o cúmulo da ignorância, pois toda causa pode ser alterada imediatamente; toda causa e seu efeito podem ser despedaçados. Estar sempre a dizer: "Sou infeliz porque fiz algo no passado" — é uma enorme infantilidade! Porque causa e efeito estão intimamente ligados entre si; o que foi causa se torna efeito e este, por sua vez, se torna causa. Essa cadeia pode quebrar-se! E, para quebrá-la, precisamos entrar em contato com ela, em vez de ficarmos a viver só de palavras...

A terminação do sofrimento é possível. Não pergunteis: "Vós terminastes o sofrimento?" Isso não tem importância nenhuma. Não importa se alguém o fez ou não fez. O relevante é isto: que estais em sofrimento. Não importa por que razão, por que causa, o fato é que viveis em conflito, desditoso, ansioso, desesperado — *vós.* Averiguar se podeis pôr fim a esse estado é mais importante do que saber se alguém o conseguiu. Se digo "Sim, terminei meu sofrimento", isso é sem importância; se digo "Não", isso também nada importa. O que tem importância é a vossa vida — como a viveis. Há também o sofrimento profundo, que não é meramente da raça ou da família, porém do homem, que já viveu dois milhões de anos de infinita aflição, agonia e desespero.

E há o sofrimento da solidão. Não sei se alguma vez sentistes a solidão: o perceber-se subitamente que não se está em relação com ninguém — percebimento não intelectual, porém real, de uma coisa tão concreta como este microfone — e que faz o indivíduo sentir-se isolado de tudo. O pensamento e as emoções como que bloqueados; vemo-nos fechados por todos os

lados e sem a possibilidade de apelar para ninguém; os deuses, os anjos, sumiram-se atrás das nuvens — e, quando estas se dissipam, vemos que eles também se dissolveram; vedes-vos em completa solidão — não estou dizendo que "estais só".

"Estar só" tem significação inteiramente diferente; tem beleza. "Estar só" significa coisa muito diferente. Vós precisais "estar só". Quando o homem se liberta da estrutura social — de avidez, inveja, ambição, arrogância, sucesso, posição — quando de tudo isso se liberta, está então completamente só. Isso é coisa muito diferente. Há então uma grande beleza, o sentimento de uma grande energia.

A solidão não é isso; é o sentimento de estar completamente isolado de tudo. Não sei se já a conhecestes. Quanto mais desperto vos achais, quanto mais indagais, procurais, exigis, tanto mais a sentis: nas profundezas da consciência, em todos os níveis, vos vedes completamente isolado. E esta é uma das coisas mais tristes: nos vermos todo enredados nesse tremendo sentimento de solidão, com sua potente energia, e não sermos capazes de transcendê-lo. Esse sentimento tem vitalidade, força, pertinácia, fealdade; e dele fugimos de todas as maneiras possíveis. Se somos indivíduos muito talentosos, escrevemos volumes a respeito dessa solidão e deixamo-la de lado; ou tratamos de divertir-nos, para não termos contato com ela. E, assim, ela continua existente, emboscada, como um câncer, a aguardar a oportunidade de declarar-se. É necessário entrarmos em contato com a solidão, não verbalmente, porém realmente.

Essa solidão é também uma forma de morte. Como dissemos, morre-se não só quando a vida chega a seu fim, mas também quando não encontramos a solução, a saída que procuramos. Esta é também uma forma de morte: ver-se perpetuamente trancado na prisão do próprio egocentrismo. Quando vos vedes acorrentado a vossos pensamentos, vossa agonia, vossas superstições, à mortal rotina do hábito e da indolência, isso é também morte — e não apenas o finar-se do corpo.

Precisamos averiguar como terminar todo esse sofrer — mas não por meio da reencarnação. Que importa, meu amigo, se ides viver uma próxima vida? Não sabeis o que é a vida, esta vida? Aflição, desespero, ansiedade, breves alegrias, um pouco de afeição, apetites sexuais, confusão, batalha infinita,

conflito — eis a vossa vida diária. Direis: "Levarei esta vida para minha próxima existência" — e ficais à espera da morte. Credes em tudo isso; por conseguinte, inventais a evolução psicológica da alma: lenta, contínua e gradualmente, esperais ficar livre do sofrimento, da dor, da agonia, da ansiedade. Inventais o tempo para vos livrardes do sofrimento, ou ides render devoção ao sofrimento numa igreja! — Torna-se, pois, necessário encontrar-nos com a morte, ter contato com ela, assim como temos contato com aquela árvore, com o pôr do sol, a beleza de um rosto, com a sordidez, a pretensão e vulgaridade da mente humana. Tendes de entrar em contato com a morte — não como destruição do corpo, desta máquina que se gasta e pára. Isso é compreensível. A duração do organismo poderá prolongar-se; os cientistas estão investigando a possibilidade de prolongá-la por mais uns cinqüenta anos. Mais cinqüenta anos de atividades egocêntricas, brutais; de ambição, de competição, de luta para alcançar posição, prestígio, poder; de avidez, de inveja! E sem nunca termos contato com a morte!

Sabeis o que significa "entrar em contato com a morte", morrer sem discussão? Porque a morte, quando chega, não "discute". Encontrar-se com ela significa morrer todos os dias para as agonias, a solidão, as relações a que estamos apegados! Tendes de morrer para o vosso pensamento, para os vossos hábitos, para vossa mulher, a fim de que possais vê-la de maneira nova; morrer para vossa sociedade, para serdes um ente humano novo, vigoroso, juvenil e poderdes então compreendê-la. Mas não podemos encontrar-nos com a morte, senão morremos psicologicamente todos os dias. Só quando morremos, existe amor. A mente que se vê amedrontada não tem amor; terá hábitos, compaixão, poderá forçar-se a ser bondosa e a mostrar superficial consideração para com os outros. Mas o medo gera sofrimento, e o sofrimento é tempo, na forma de pensamento.

Assim, terminar o sofrimento é entrar em contato com a morte enquanto sois vivo; é morrer para vosso nome, vossa casa, vossas posses, vossos motivos, de modo que sejais sempre vigoroso, jovem, lúcido e possais ver as coisas como são, sem nenhuma desfiguração. Eis o que sucederá ao morrerdes. Mas nós limitamos a morte ao fenômeno físico. Bem sabemos — lógica e sãmente — que o organismo terá fim. Por isso, inventamos

esta vida que vivemos, de diária agonia, diária insensibilidade, diária acumulação de problemas e de estupidez; esta vida pretendemos levá-la conosco, isto é, isso que chamamos "alma" — coisa que consideramos sacratíssima, parte da divindade, mas que é apenas parte de vosso pensamento e nenhuma relação tem com a divindade. É vossa vida!

Temos de viver cada dia, a morrer — porque é por meio da morte que entramos em contato com a vida. Tendes de estar em contato com vossa vida cotidiana — e não com uma certa vida sublime, que nada significa; estar em contato com cada movimento de vosso pensamento, cada palavra, cada sentimento, com a agonia, o desespero, a solidão, os temores e pesares de todos os dias — para que vossa mente seja bem sensível. E não pode ela ser sensível se está transportanto a carga do passado.

Só quando a mente sabe morrer para si própria, existe o amor. E o amor é muito simples. Só ele traz harmonia à vida, pois nenhum argumento intelectual, nenhuma filosofia, nenhum livro sagrado ou profano pode trazê-la. A mente que compreendeu tudo aquilo, que por tudo aquilo passou, e tudo enfrenta a cada minuto do dia — só essa mente pode conhecer o amor. E, quando há amor, tudo o que se faz é virtude, bondade, beleza.

30 de dezembro de 1964.

MADRASTA — VI

A Virtude do Silêncio

Nesta tarde, pretendo considerar uma coisa a respeito da qual já deveis ter ouvido falar, ou talvez, mesmo, já a tenhais praticado e nela penetrado profundamente. Trata-se da questão da meditação.

Desejo explorar o mais possível esse vasto domínio, investigar o pleno significado daquela palavra extraordinária. Mas, antes disso, temos de compreender não só a palavra "beleza", mas também esse termo genérico que se chama "amor". Na vida da maioria de nós, há tão pouca beleza e tão pouco amor! Vemos coisas, como árvores, e sordidez, e pobreza, e fome; vemos a fealdade, a estreiteza, a vulgaridade de nossa própria vida, a batalha que se trava num limitado setor de nossa mente. E desconhecemos inteiramente a profundeza e a vastidão do amor. Conhecemos a comiseração; às vezes nos tornamos cônscios de uma grande e desinteressada afeição por outra pessoa; conhecemos também a generosidade, a bondade, a cortesia; mas essas palavras não abrangem todo o significado da palavra "amor". As práticas que iremos considerar, as virtudes que incessantemente procuramos cultivar e praticar, e as reformas sociais e as opiniões e características dos indivíduos considerados "santos" — todas essas coisas e pessoas carecem dessa virtude essencial que se chama "amor". Sem ele, a vida nenhuma significação tem, é quase sem importância.

Nesta tarde, pois, iremos examinar a questão do amor e da meditação. Não vamos satisfazer-nos com meras palavras. As

palavras são úteis apenas para a comunicação. Têm elas um certo e preciso significado, quando fazemos uso de palavras que tanto vós como eu entendemos, não digo em seu total significado lógico, dialético — palavras cuja significação entendemos mais ou menos. E desejo também sugerir que, ao mesmo tempo que estivermos examinando juntos (e isso significa "compartilhar") esta matéria, este importante problema do amor e da meditação, aprendamos a arte de escutar. Ouvimos diversos barulhos, como o daqueles corvos, ouvimos o que diz o orador, as palavras por ele proferidas. Mas, ouvir não é escutar. O escutar requer não só a comunicação verbal, mas também que não haja concordar ou discordar; só se requer o ato de escutar, sem cada um traduzir em seu vocabulário particular o que está ouvindo, sem o comparar com alguma tradição ou com o que disse outra pessoa. Isso impede o ato de escutar.

O ato de escutar está sempre no presente. E se traduzis o que escutais segundo vosso próprio entender, vossa própria tradição, vossa própria cultura — se a tendes — com isso impedis o escutar.

No escutar inicia-se um movimento extraordinário; escuta-se, não só o orador, mas também todas as coisas: os corvos, o ônibus, a aragem entre as folhas. É um ato total e não um ato fragmentário. E, se fôssemos capazes de assim escutar, no decorrer de toda a vida e não apenas de alguns minutos, escutar cada som — e não apenas o de uma voz familiar — "escutar" cada movimento do pensamento, a vida se tornaria um ato infinito de aprender.

Como vamos examinar juntamente, participar nesta questão do amor e da meditação, não devemos escutar só as palavras, porém muito mais do que palavras; escutar não só na superfície, porém abaixo da superfície. O amor, por sua própria natureza, é cooperação. Só conhecemos uma espécie de cooperação: a cooperação por interesse na recompensa ou medo de punição — quer dizer, cooperação por necessidade. Só esta espécie de cooperação conhecemos. A cooperação consistente em trabalhar em conjunto visando a um certo resultado, essa só se efetua pelo desejo de ganho ou medo de perda, em obediência à autoridade — autoridade representada por um ideal, pela tirania de uma pessoa, por um certo modelo etc. Tal é a cooperação que conhe-

cemos. Se vos observardes, vereis que, quer no escritório, quer em qualquer parte onde vários indivíduos têm de trabalhar juntos, há sempre essa cooperação determinada pela idéia de recompensa e punição, ou pela necessidade. Tal cooperação é, em verdade, muito primitiva; não é cooperação, absolutamente.

Devemos cooperar, pois, de contrário, não podemos existir. Não há sociedade, não há estado de relação, sem cooperação. É isto o que está acontecendo neste país: não existe cooperação; cada grupo, cada parte da nação só pensa em si. E essa fragmentação com que estamos bem familiarizados, ou seja o "tribalismo" ou nacionalismo, é decerto um estado de não-cooperação e, por conseguinte, de desintegração, destruição, deterioração. Só se pode viver quando há cooperação, trabalho em conjunto.

É possível trabalharmos juntos, sem medo de punição, sem esperança de recompensa, sob nenhuma compulsão? Parece-me que, pela própria natureza e significado da palavra, a verdadeira cooperação só existe quando há afeição, quando há amor. Ela cessa, no momento em que há interesses para proteger, em que há "atividades tribais" por parte de uma mente vulgar, condicionada por determinada língua, determinado país, determinada facção. E, assim, a maioria de nós, que tanto falamos de cooperação, somos gente muito primitiva, porquanto nossa cooperação baseia-se no medo, na necessidade, no desejo de ganho, na dor. E, parece-me, a verdadeira cooperação, o trabalho em conjunto, exige grande soma de afeição, uma boa porção dessa palavra genérica que temos tanto medo de empregar: "amor".

Vamos, pois, investigar, descobrir por nós mesmos o estado da mente que conhece o significado e a natureza daquela palavra. Porque só esse conhecimento pode libertar o homem, só ele pode operar a completa mutação. Esse sentimento de afeição, esse amor, essa capacidade não é cultivável, não pode ser produzida; deve ser tão natural como o respirar, tão plena de alegria e de deleite como o pôr do sol.

E, para essa exploração, será necessário investigar a questão do espaço e do objeto contido no espaço. Quando empregamos a palavra "espaço", entendemos um estado contínuo — com objeto ou sem ele. Estender-me-ei mais um pouco sobre esta questão do espaço, pois, como vamos ver o que é a verdadeira

meditação, temos de compreender aqueloutra questão. Só conhecemos o espaço por causa do objeto que nele existe. Só conhecemos o espaço por causa das quatro paredes de uma sala. Há espaço, por causa do objeto que chamamos "árvore"; a árvore cria o espaço que a circunda. Há espaço, um intervalo, uma distância entre vós e o orador. Há espaço como intervalo de tempo; espaço entre dois pontos: o observador e a coisa observada, que cria espaço. Esse espaço todos conhecemos.

Espaço é também o intervalo entre dois pensamentos. É também o estado da mente em que existem "o pensador" e "o pensamento". Como vimos, só conhecemos o espaço por causa do objeto nele contido. Há espaço por causa do orador, considerado como objeto, o espaço que o cerca. Só esse espaço conhecemos. Sempre o objeto, sempre o observador; e por causa do objeto e do observador, existe espaço. Dentro desse espaço se verificam todas as comunicações e todos os movimentos do desejo. Enquanto só existir espaço criado pelo objeto, a mente humana será sempre escrava; nunca será livre, porque, sendo só o objeto que cria o espaço, ela tem de viver dentro desse espaço criado pelo objeto ou pelo pensador e, portanto, nunca será livre.

Só quando existe espaço sem objeto, sem o pensador, há liberdade. Isso requer profundo exame e compreensão. Necessitamos de espaço — espaço na mente, e espaço no coração. Do contrário, ficamos fechados, sem liberdade. Mas, se o espaço existente no coração e na mente só é criado pelo pensador ou pelo objeto, então a mente permanece vulgar, estreita, por mais erudita e sutil e lógica que seja.

Não sei se já observastes uma cadeira, numa sala. É a cadeira que cria o espaço, também criado pelas quatro paredes da sala. Dentro desse espaço vivemos. E no espaço criado pelo pensamento ou pelo objeto, vivemos numa luta incessante; mudamos os móveis de um lugar para outro; ampliamos a sala; por meio de drogas, etc., ampliamos e elevamos a nossa sensibilidade. Mas continuamos a viver no espaço criado pelo pensamento. E, vivendo a maioria de nós dessa maneira, todo movimento é sempre de um objeto para outro, dentro do espaço criado por ambos os objetos. Por conseguinte, nunca temos liberdade; e sem liberdade não há amor.

Esta nossa investigação — que é meditação — visa a descobrir, a encontrar aquele espaço não criado pelo pensamento, nem pelo pensador, nem pelo objeto. Espero esteja mais ou menos claro o que estou dizendo. Para esse descobrimento necessita-se de amor. Empregando esta palavra, eu gostaria de saber se ela desperta em vós a consciência de uma vastidão, em que não há observador a olhar esse espaço. Quer dizer, só pode haver espaço quando há silêncio. E só há silêncio quando há amor.

Temos, pois, de examinar esse "processo" do silêncio. Em primeiro lugar, o homem que deliberadamente se senta para meditar, assume uma certa postura e se põe a meditar, nunca terá a liberdade necessária para encontrar essa coisa extraordinária que é o silêncio. Já vos digo por que. Só tendes consciência da respiração quando vossos pulmões estão opressos — por motivo de um forte resfriado, por exemplo; de contrário, nenhuma consciência tendes do respirar. Sentar-se deliberadamente para meditar é forçar a mente a funcionar segundo um padrão estabelecido pelo próprio indivíduo ou por outro, a fim de alcançar um estado de silêncio, obter um pouco de "paz de espírito". O ato deliberado de meditação é um "ato de barulho" — sendo esse barulho controlado conforme a característica, a idiossincrasia ou tendência criada pelo "processo" hipnótico dessa meditação.

Por conseguinte, a observância de um dado método de meditação é uma coisa mortal, destrutiva — não importa se vós mesmo o inventastes ou se os antigos o inventaram e aprimoraram para, com seu emprego, meditardes, alcançardes um certo estado chamado "silêncio", afinal não é silêncio, porém o resultado de um ato deliberado de silenciar a mente e fazê-la ingressar num certo espaço chamado "silêncio". Isso só pode tornar a mente cada vez mais estreita.

Se observardes o "processo" dessa chamada "meditação", vereis que ela é uma forma de fuga da realidade. E a realidade é o viver de cada dia, e não a fuga para um certo estado de misticismo que esperais alcançar pelo forçar, pelo controlar, pela repetição de palavras, pela concentração num quadro, numa imagem ou símbolo. Afinal de contas, um método só serve para exercitar a mente para funcionar numa certa direção. Tal prá-

tica gera a auto-hipnose: o indivíduo tem visões, sensações de toda ordem — por conseguinte, gradualmente, ela o habilita a fugir da vida. Assim, existe uma distância entre o viver e a busca da meditação. O viver é real. Lutas, ciúmes, ânsias, desesperos, monstruosa competição, brutalidade, etc. — tudo isso é real. A outra coisa é uma fuga fantástica através da auto-hipnose, da "verbalização", para um estado absolutamente irreal. E quanto mais observa o padrão, tanto mais pensa o indivíduo estar alcançando os seus alvos. O que de fato está alcançando é o desequilíbrio, a contradição entre o viver — a realidade — e a ficção.

Torna-se, pois, necessário compreender esse "processo" e abandonar completamente tal prática da meditação. Sei que isso é completamente contrário a vossas tendências, porquanto foi assim que aprendestes a "meditar". Vede o que isso implica. Quando praticais a meditação, tentais concentrar-vos num objeto, numa idéia, visão ou imagem, e, por conseguinte, tratais de repelir toda intrusão. Nesse esforço se consome toda a energia de que necessitais para achardes essa coisa extraordinária chamada "silêncio"; vossa mente tende a fugir, e passais anos e anos forçando a mente a concentrar-se numa coisa em que não tem nenhum interesse. Observai isso, senhores.

A concentração, pois, como habitualmente praticada, torna a mente mais e mais embotada, mais e mais insensível. Porque cria conflito interminável, e a mente em conflito é insensível. E necessitamos de sensibilidade do mais alto grau, ou seja de inteligência, para descobrir, para encontrar essa coisa chamada "silêncio".

Também, para a maioria das pessoas, meditação é absorção. Não sei se já observastes uma criança, um menino entretido com seu brinquedo. A criança se absorve inteiramente no brinquedo, fica completamente concentrada, dele possuída. Esquece-se de suas traquinadas. Não faz travessuras; não há insubordinações; fica sentada, muito quieta, horas e horas, a entreter-se com o brinquedo, até quebrá-lo; depois, quer um brinquedo novo. Em geral, somos assim; queremos absorver-nos em alguma coisa, absorver-nos na imagem que criamos — imagem fornecida por nossa tradição, por nossa excentricidade, nossa tendência, nossa devoção. E em tudo isso nos absorvemos, e chamamo-lo "medi-

tação"! Isso, decerto, não é meditação; é pura projeção da mente, e essa projeção vos absorve o pensar. Não quereis saber se essa imagem, esse símbolo, essa visão é por vós mesmo projetada; vós a credes real.

Meditação, pois, nem é concentração, nem absorção pela imagem ou símbolo, nem é oração. Sabeis o que é a oração: repetição interminável de palavra — quanto mais rapidamente pronunciadas, melhor! Ou sentado à frente de um quadro ou imagem — imagem esculpida pela mente ou pela mão — ficais a repetir, interminavelmente, palavras, palavras, palavras; tal repetição interminável de palavras — quanto mais rapidamente tem o fim de embotá-la, hipnotizá-la com palavras, significativas ou não; não tem realidade nenhuma; se ficardes a repetir durante algum tempo a palavra Coca-Cola, isso terá o mesmo efeito que os vossos hinos ou versos sagrados ou as litanias latinas. E prosseguimos fazendo isso — a rezar, a absorver-nos numa imagem que nós mesmos criamos, numa visão, na concentração. Isso em geral se chama "meditação"! Há várias escolas que recomendam: "Fixai a atenção no dedão do pé, observai seus movimentos e segui as distrações; e voltai ao dedão!" Há vários métodos, sistemas e idéias, sobre o meditar — como meditar!

E, como dissemos, o homem que deliberadamente se senta imóvel ou pratica a meditação está tão distante da realidade como aquele que nenhuma idéia tem sobre o viver. O que nos interessa é o viver: nossa atividade diária, nossa vida de cada dia, nossos desesperos, nossas agonias, a brutalidade da vida, sua crueldade. Se isso não mudar, o que quer que façais, nunca descobrireis o que é real. Aí, portanto, é que se deve começar; aí se deve encontrar a beleza, a extraordinária delicadeza da existência. E a chamada meditação redunda em distração — fuga da realidade.

Efetuar uma mutação total, uma total revolução na vida diária — eis a função da meditação. Não consiste ela em sentar-nos a meditar, para depois agirmos, porém em viver, em compreender, em estar o indivíduo cônscio de todos os seus atos e palavras e gestos, de sua maneira de falar, enfim, de toda a sua existência de cada dia. Isso é que é a meditação. É observar a aranha, a teia que constrói, a perfeição, a cor, a beleza,

a delicadeza de seu trabalho; observar, simplesmente. E, quando estais a observá-la, vossa mente se põe a divagar; acompanhai suas divagações, não as rejeiteis, não as chameis distrações, forçando-vos a observar a aranha. Ide no encalço da distração. Vereis, assim, que não existe distração de espécie alguma, porém, tão-só, um estado de contínuo percebimento de tudo.

Vereis, então, nesse percebimento, que há sempre o observador, a entidade que percebe, a entidade que diz: "Devo praticar o percebimento; deve observar; quero aprender, tornar-me mais sensível". Isto é, nesse percebimento há escolha. Quer dizer, é como resultado de escolha que me ponho a observar a aranha, que digo "Isto é bom, isto é mau; isto é correto, isto é errado".

Por conseguinte, para a maioria de nós, o percebimento resulta de escolha. Se investigardes isso muito profundamente, vereis que podeis olhar, podeis observar, perceber, sem nenhuma escolha. Podeis observar aquela árvore, observar o pôr do sol, de maneira completa, sem nenhuma palavra, sem nenhum pensamento; mas isso não significa estar dormindo. Estais plenamente desperto, a observar; aliás, não há *vós*, como observador, porém um estado integral de observação do poente. Como já dissemos, uma pessoa só se torna cônscia de sua respiração quando algo a está impedindo; só percebeis que estais respirando com dificuldade quando tendes um resfriado; de contrário, não tendes consciência de vossa respiração. Neste momento em que aí vos achais sentado, não estais cônscio de que vós, como uma certa entidade, estais respirando. É um "processo" natural. Assim também é a meditação: um processo natural, e não um ato deliberado. Quando se torna ato deliberado, há então a "entidade que escolhe", o censor; essa entidade permanece. Mas, no observar desse censor, daquela árvore, daquele rosto, no observar de vosso pensamento — é só quando quereis negar, reprimir ou alterar tal pensamento, é só então que se torna existente o observador. Mas, se ficais simplesmente a observar, sem nenhuma interferência, não há observador. E tendes assim, imediatamente, espaço.

Espero me estejais seguindo, não verbalmente porém de maneira real, pois, neste momento, estamos participando, todos

juntos, num ato de meditação — compreendendo o que é meditação e acompanhando o seu movimento. Enquanto houver um censor, uma entidade a traduzir o que vê, por meio de seu condicionamento — que é o passado — enquanto houver interpretação do que observais, do que vedes, do que escutais, haverá necessariamente o centro, o objeto que cria espaço em torno de si e, portanto uma dualidade. E uma vez estabelecida a dualidade, está declarado o conflito. Mas, se ficardes a observar simplesmente, vereis que existe espaço sem o objeto. É tão simples isso ! Mas, como não gostamos da simplicidade, preferimos tornar a coisa complicada. Só uma mente muito simples pode ver com clareza, pode escutar integralmente, pode perceber sem escolha.

Simplicidade não é a mera ostentação exterior. O ajustamento a um padrão de simplicidade é exibicionismo; confere respeitabilidade ao homem que se cobre com uma tanga. Ser *sanyasi* é uma forma burguesa de respeitabilidade. Mas, o santo nunca conhecerá a simplicidade, porque não é simples; vive numa batalha perpétua consigo mesmo. E encontrar, descobrir a verdade, é compreender a natureza da observação, é observar sem pensamento, sem interferência do pensamento, sem o tempo.

E temos de compreender esse "espaço do silêncio", de compreender toda a questão da experiência. Todos desejamos experiências; quanto mais experiências, melhor. Porque estamos fartos da experiência diária da vida. Com ela já nos acostumamos e, por isso, dizemos "Queremos mais experiência; ir à Lua, viver no fundo do mar; mais e mais experiência!" — Mas, na mente que busca experiência ou está saturada de experiência, não existe espaço e, por conseguinte, não há silêncio.

Por "experiência", entendemos a "resposta" ou reação a um desafio. Vejo o poente — isso é uma experiência. Estou passeando pela estrada e piso numa imundície — isso é uma experiência. Entro num ônibus, e o condutor mostra-se descortês — isso é uma experiência. Falo com minha mulher — isso é uma experiência. A vida é um movimento infinito, de "desafio" e "reação". Acontece que a maioria de nós se acostuma com esse "processo" de desafio e reação. Ir para o emprego durante quarenta anos seguidos — pensai nisso! Encher-vos de tédio em

cada dia da vida, ou de alvoroço porque estais passando à frente de vosso colega, ganhando um pouco mais do que ele, e podeis beber um pouco mais do que, ou possuir um carro melhor ou uma casa melhor. Tudo isso faz parte da experiência da vida. E quando, afinal, vós — vosso cérebro, vosso coração, vossa mente — vos vedes inteiramente consumido pela rotina, desejais então um pouco mais; buscais a Deus — o que quer que seja essa coisa que chamais "Deus".

Quereis, pois, mais, mais, sempre mais! Esse *mais* pode se obter por meio de drogas que vos põem num estado de extraordinária sensibilidade. Nesse estado tendes uma experiência inédita, conforme vosso temperamento, vossas idiossincrasias, vosso condicionamento. Se sois sacerdote, podeis ter uma estupenda experiência; e essa breve experiência poderá alterar todo o curso de vossa vida. Contudo, continuareis a viver em busca de experiências. É o que está fazendo a maioria de nós. Quando deliberadamente vos sentais para meditar, é isso o que quereis. E a mente que está a lutar, em busca de mais experiência, mais excitações, mais sensações — essa mente não está em silêncio; por conseguinte, só tem experiência dentro do estreito âmbito de seu condicionamento e de seu conhecimento.

É necessário, pois, compreender integralmente o "processo" da experiência; só então a mente não mais buscará experiências — não porque se tenha tornado estúpida, ou porque não haja mais experiências, ou porque se sinta satisfeita com determinada e sublime experiência, a ponto de dizer: "Basta!" — A busca de experiência é uma outra forma de avidez. E a sabedoria não se alcança mediante experiência. Só há sabedoria quando há a reação emanada do silêncio.

Como dissemos, para a maioria de nós só existe espaço por causa do objeto — do Ego, do Eu, do "observador", do "experimentador". Mas esse experimentador, essa mente limitada, por mais experiências que tenha, por mais capaz que seja de controlar o pensamento, por mais que pratique a meditação — continuará sempre limitado.

A mente — por "mente" entendo não só o cérebro, mas também a totalidade do organismo, nosso ser total — só tem espaço quando deixa de existir a coisa chamada "objeto" A

este não podemos pôr fim por meio de nenhum artifício. Ele só termina quando o observamos infinitamente, cada um de seus movimentos, cada pensamento, cada sentimento; quando o observamos simplesmente, sem o interpretar. Dessa observação vem o percebimento sem escolha, mas não gradualmente; ele ocorre naturalmente. O rio que corre por baixo da ponte, atravessando a cidade suja, está sempre a purificar-se, a fluir, a fluir, infinitamente; ele não segue gradualmente o seu curso; é um movimento. Desse percebimento sem escolha vem a atenção; não é "atenção a alguma coisa", porém atenção pura e simples, um estado de total atenção, sem desejo de experiência. Nessa atenção, não há desejo de mudança. E, quando há essa atenção total, vê-se que já não há objeto; por conseguinte, existe espaço e, em virtude desse espaço, silêncio completo.

Silêncio, não só do pensamento, mas também do cérebro. Não vou estender-me a este respeito, pois não há mais tempo para fazê-lo. O cérebro, isto é, os nervos, as células, tudo está em silêncio, porém extraordinariamente vigilante, atento. Por causa desse silêncio, há espaços; e, porque há espaço, há amor. Isso não se consegue pela prática, pelo dizer: "Tentarei primeiro perceber; depois, perceber sem escolha; depois, estar atento; depois, estar em silêncio". Como é vulgar a nossa mente! Queremos como que um plano traçado em papel, para só termos de segui-lo. Mas, desse modo nada se consegue. Ou vê-se a coisa em sua inteireza, a beleza toda do ocaso, da árvore, a beleza da meditação — ou vê-se tudo isso de maneira global e imediata, ou nada se vê, absolutamente.

Vereis, então, que o amor altera imediatamente todas as ações da vida. É ele o único "catalisador", só ele e nada mais promoverá a mutação total da mente. Nós necessitamos dessa mutação, porque o homem já vive há tanto tempo com sua aflição, a diária tortura da existência, a incerteza, a confusão, o conflito e a suposta insignificância da vida. Mas, o viver tem extraordinária significação. É o viver altamente significativo quando sabemos observá-lo, quando com ele sabemos relacionar-nos. Pôr-nos em contato com o viver, conhecê-lo, ver toda a sua beleza — isso só é possível quando há silêncio, quando há espaço e amor. E isso é a Verdade, a única coisa que importa na vida. Revelam-se-nos

então todos os céus e todos os infernos. Não é mais necessário procurar Deus. Nem tampouco ir a nenhum templo ou igreja; já não é preciso ser escravo de nenhum sacerdote, de nenhum livro, de nenhuma autoridade. Só há, então, Luz — e essa Luz é Amor e Silêncio.

3 de janeiro de 1965.

MADRASTA — VII

A Mente Religiosa

Sendo esta a última palestra — deste ano, pelo menos — desejo falar sobre a natureza da mente religiosa. Pretendo entrar nesta questão um tanto profundamente, investigar, junto convosco, essa busca em que se vê empenhado o homem, no desejo de encontrar alguma coisa além de seus estreitos limites, fora de suas próprias dimensões. E, para podermos participar neste exame, investigar juntos, é necessária uma compreensão muito clara da palavra "religião", tanto por parte do orador, como por parte dos ouvintes.

Pelas descobertas dos antropólogos, vê-se que há dois milhões de anos, ou mais, anda o homem em busca de alguma deidade ou divindade, de alguma coisa diferente deste mundo transitório; e sempre criou ele, com sua imaginação, nessa busca de algo de permanente, sempre criou ele alguma coisa que não pode ser facilmente destruída. Criou imagens e símbolos, modelados segundo sua própria imaginação, sua poesia da vida, suas limitações, seus temores, esperanças, enfim, todas as agonias da vida. E, depois de criar essa imagem esculpida pela mão ou pela mente, começou a adorá-la, a fazer-lhe oblata de flores, dia após dia, a visitá-la assiduamente, a recorrer a ela, a fim de obter proteção contra as intempéries, contra a morte, a doença e as diferentes calamidades a que está sujeito o homem.

Sempre houve essa constante busca de um Salvador, de um Deus não concebido pela imaginação, pelo pensamento; sempre andou o homem a buscá-lo, por meio de rituais, de diárias visitas

ao templo, por meio de certos métodos, padrões, fórmulas — e a embeber-se numa certa forma de misticismo, que lhe proporciona visões, um grau exaltado de percebimento.

É realmente necessário empenhar-nos numa profunda investigação, em vez de cuidarmos meramente de resturar o passado morto de uma civilização. Porque, então, o que se restaura são coisas idas, mortas, enterradas, coisas murchas; o venerar tais coisas e tentar restaurá-las no mundo moderno tem muito pouca significação, ou talvez nenhuma. Entretanto, é isso o que fazemos. Quando não encontramos solução para as agonias da vida, queremos retroceder a algo já muito longínquo, tentando restaurá-lo, apoderar-nos dele por meio da memória, de lembranças profundamente sepultadas, de ilusões de todo gênero, do hábito.

Mas, essa restauração do passado, essa aderência a coisas de outrora, que subsistiram durante séculos, essa afluência aos templos — com seus rituais, suas crenças organizadas, seus dogmas — suas propriedades, suas fabulosas riquezas — me parece de todo em todo fantástica, sem significação nenhuma. Se examinardes isso com profundeza, se o observardes por vós mesmo, vereis que nada significa em nossa vida, em nossa existência ativa de cada dia, toda de aflição, desespero, pobreza e medo.

Cabe-nos, por conseguinte, averiguar, por nós mesmos, se existe algo que se possa chamar "mente religiosa" — não "religião". Para o descobrirmos, temos de abandonar todas as futilidades que os sacerdotes inventaram, conjuntamente com seus Salvadores, seus rituais, sua interminável repetição de palavras; cumpre abandonar tudo isso, completamente, para recomeçarmos como que renovados. Só dessa maneira se pode investigar, descobrir; isto é, como se nunca houvessem existido crenças organizadas, rituais, e os chamados "livros sagrados" — como se nunca os tivésseis lido. Não têm eles, com efeito, nenhuma significação na vida diária. O importante é nosso viver de cada dia, cheio de luta, de aflição, de dor, e nossa incapacidade de transcender as limitadas atividades de nosso corpo, nosso coração, nossa mente.

Nossa vida é extremamente limitada, vulgar, circunscrita por um sem-número de coisas, circunstâncias, temores. Tem o homem possibilidade de ultrapassar essa condição? Esta é que

é a questão verdadeiramente fundamental — não, se há Deus, se não há Deus, se credes, se não credes. Nenhuma diferença faz se credes ou descredes. Vossa crença é resultado de vosso condicionamento. Se nascestes muçulmano, cristão, hinduísta, vossa sociedade vos molda o pensar, a crença, os pensamentos. E no mundo comunista não se crê em nada disso; considerarão puerilidade tudo o que a esse respeito disserdes.

Assim, para termos a possibilidade de descobrir, precisamos sacudir, extrair cirurgicamente de nós mesmos todos esses contra-sensos, abandonar os absurdos das chamadas religiões e seus ritos, e suas murmurações de palavras, quer latinas, quer sânscritas; teremos assim a possibilidade de pôr-nos em contato com a realidade — *o que é.*

Temos, pois, de empreender juntos esta viagem — não abstrata ou teoricamente, não pelo ouvir uma palestra, seguir-lhe as palavras e pensar, depois, ter com ela lucrado alguma coisa. Nada disso tem significação. O que tem significação é investigar e, com o próprio ato de investigar, operar uma mudança radical no cotidiano viver. Porque é esta a base, a fundação sobre a qual se pode construir: o viver de cada dia, com suas agonias, seu tédio, sua solidão, seus temores, seu imprevisível futuro. É o viver de cada dia que nos cabe investigar, explorar.

E, para explorar, necessita-se de paixão; necessita-se de tremenda vitalidade, energia. E poucos possuem tal energia, ou melhor, a paixão necessária para investigar — porque somos tão fáceis de satisfazer! Quase todos nós, neste mundo moderno, nos vemos descontentes com quase tudo — a família, o emprego, a rotina da vida, a solidão. Se estamos completamente descontentes, buscamos a ação por meio de alguma organização, por meio de reformas sociais, reformas políticas, reformas religiosas — reformas, e sempre reformas. Ou, se não nos lançamos a atividades desse gênero, recolhemo-nos em nós mesmos, como, segundo se supõe, fazem os monges. Mas, os monges não "entram em si mesmos" de modo nenhum. Só ostentam a aparência de uma vida simples! A vida simples só tem início quando repudiamos o dogma, a crença, a autoridade; podemos então "entrar em nós mesmos". Mas, esse "entrar em si mesmo" é dificílimo, pois requer energia. E, como dissemos, são pouquíssimos os dotados dessa qualidade de energia.

Há a energia que se cria pelo atrito, pela resistência, pela batalha interior que o indivíduo trava consigo mesmo; isso gera uma certa forma de energia, é bem de ver. Desejais alguma coisa, e saís no seu encalço. Sentis-vos desditoso, infeliz, porque não podeis viver bem com vossa esposa ou marido; lutais, e dessa resistência, dessa batalha nasce uma forma de energia que é, com efeito, ódio, inveja, avidez. Mas, é muito fácil satisfazer o descontentamento. Se encontrais algum meio de preencher-vos, preencher vossas esperanças, subtrair-vos ao medo, logo vos satisfazeis. Mas, para mantermos o descontentamento em seu auge, conservá-lo ardente, chamejante, sem jamais procurarmos meios de preenchimento, temos de "entrar em nós mesmos" e descobrir aquela energia que é sem motivo.

É o que vamos fazer, se possível, nesta tarde. Vamos descobrir, por nós mesmos, se há uma paixão, uma energia, uma maneira de viver muito simples, sem batalha, sem conflito, sem se visar a um fim. Para tanto, temos de "entrar em nós mesmos". Mas não podemos "entrar em nós mesmos", a não ser pela atividade exterior e, daí, passando para o interior. Antes de compreenderdes o mundo, a sociedade; antes de compreenderdes vossa relação, como ente humano, com esse mundo, essa sociedade; antes de compreenderdes vossa ocupação, vossa mulher, vossos filhos, vossas palavras, vossos gestos, exteriormente, não podeis passar ao interior. E isso é dificílimo. Nada na vida é fácil — nada! Mas, em geral, queremos soluções rápidas, uma maneira rápida de nos livrarmos de todo esse trabalho, para galgarmos uma nova etapa, alcançarmos um extraordinário estado místico, de todo em todo ilusório.

Temos, por conseguinte, de começar por descobrir o significado e valor de nossas atividades externas, porque são elas a única "pedra de toque" que possuímos. Aí, ninguém pode enganar a si próprio. Se odiais, se sentis tédio, se estais enganando a outros ou a vós mesmos, se sentis medo, se sois feliz, se estais semeando no mundo os produtos de vossas atividades egocêntricas — e não tendes aquela "pedra de toque", trazida do exterior, como podeis "entrar em vós mesmo" e desvelar aquela entidade sumamente complexa e todos os seus embustes, motivos, ânsias?

Assim, para entrardes profundamente em vós mesmo, deveis primeiramente dar atenção ao exterior e compreendê-lo. Isto é, assim como a maré "sai" e as mesmas águas tornam a "entrar", assim devemos atuar: navegar nas águas que saem, que são as nossas relações com o mundo e, depois de compreender essas relações, tornar a entrar, nas mesmas águas, em nosso interior.

Deveis, pois, prestar atenção a vossas relações com o mundo. Essas relações começam com a família — a esposa, o marido, os filhos: é este o mundo em que viveis. Deveis compreender essas relações, investigar as bases em que se assentam; não continueis a enganar a vós mesmo. Em que se baseiam elas, realmente? No hábito, numa certa tradição, no apertado círculo em que vivemos. O lar se compõe de marido, mulher e filhos; e, aí, dominamos ou somos dominados, sexual, emocionalmente; aí, somos dependentes.

Observai-vos, por favor! Não estais aqui apenas para ouvir uma longa série de palavras. Pode-se construir sobre um monte de palavras. Mas isso não vos levará muito longe. Contudo, as palavras revelam o estado de vossa relações, vossa vida real de relação: não como gostaríeis que fossem vossas relações com a esposa, os filhos, porém o fato real. Daí, então, podeis partir.

A família está oposta à sociedade; a família está oposta às relações humanas como um todo. É como viver uma pessoa numa parte de um grande edifício, num pequeno quarto, e dar exagerada importância a esse exíguo aposento — o lar. A família só tem importância em relação com o edifício todo. Assim como aquele pequeno quarto relaciona-se com o edifício inteiro, assim está a família em relação com a humanidade em geral. Mas, nós a separamos e a ela nos mantemos apegados. Fazemos muito escarcéu em torno da família — meus parentes, vossos parentes — e vivemos empenhados em perpétua batalha. Mas a família é como a pequena alcova em relação com todo o edifício. Quando esquecemos o edifício, em seu todo, o pequeno aposento se torna sumamente importante; assim também se torna a família sobremodo importante, quando esquecemos o todo da existência humana. Só tem importância a família, em relação com a totalidade da existência humana; de contrário, converte-se numa coisa terrível, monstruosa.

Temos, pois, de compreender, por nós mesmos, o fato representado por nossas relações reais e, baseados nessas relações, compreender a relação com os semelhantes, o mundo, com aqueles entes estranhos que se mostram turbulentos, nocivos, cruéis, brutais, tirânicos. E, para compreenderdes tudo isso, tendes de começar com o que está mais perto.

Há também o problema do sexo, que, para a maioria das pessoas, se tornou de desmedida importância, uma coisa sumamente complexa. Como há dias estivemos dizendo, quando não encontramos outros meios de libertação (de nossas energias), voltamo-nos para essa única coisa, o sexo, para convertê-lo num monstruoso problema. E quando dizemos que amamos a família — não a amamos realmente; não amamos nossos filhos; com efeito, não os amamos! Quando dizeis que amais os vossos filhos, estais dizendo realmente que eles se vos tornaram um hábito, se tornaram brinquedos, com que vos entretendes, de vez em quando... Mas, se amásseis, se amásseis vossos filhos, teríeis então zelo para com eles.

Sabeis o que é ter zelo? Se sois zeloso e plantais uma árvore, cuidais dela com carinho, dais-lhe nutrição, procurais para ela o solo adequado, o fertilizante adequado, e a protegeis e vigiais infinitamente. Não sei se alguma vez já plantastes uma árvore, uma muda, e a observastes diariamente. É preciso cavar bem a terra antes de plantá-la, ver se o solo é adequado, em seguida plantá-la, depois, protegê-la, observá-la todos os dias, zelá-la como se fosse uma parte de vosso ser. Mas, não amais dessa maneira os vossos filhos. Se os amásseis, dar-lhes-íeis uma educação completamente diferente. Não haveria guerras, não haveria nacionalidades. Mas, porque não amamos, toda essa uma entidade meramente técnica. Não haveria competição, não havedia nacionalidades. Mas, porque não amamos, toda essa erva daninha cresceu livremente.

Por conseguinte, temos de começar com o que está mais perto de nós e, daí partindo, descobrir o estado real de nossa mente, de nosso ser. E isso é sobremodo difícil, porque, dentro em nós, encontramos muitas coisas feias, tanto conscientes como inconscientes. E, como não temos coragem de encará-las, fugimos para um templo, uma igreja, ou outro qualquer divertimento organizado; pois o templo ou a igreja são também diver-

timentos organizados. Encarar uma coisa, realmente, exige energia. Essa energia, não a tendes se estais incessantemente a batalhar por causa de nada. É isso o que está fazendo a maioria de nós!

Por conseguinte, para que se possa gerar aquela paixão, aquela energia de que tanto necessitamos para penetrar qualquer coisa profundamente, infinitamente, cada dia e cada minuto, há certas coisas muito óbvias que têm de ser feitas. Temos de comer o que nos faz bem e não o que o nosso paladar exige. Podeis estudar esta questão e descobrir a alimentação conveniente; não precisamos agora estender-nos a esse respeito. Temos também de compreender o que nos impele a obedecer. Em geral, obedecemos muito facilmente. O homem que obedece, fácil ou dificilmente, está em busca de poder. Acompanhai-me! Por que devemos obedecer a quem quer que seja? Obedeceis ao patrão, na fábrica, no escritório, para não perderdes o emprego. Se vos mostrais um pouco mais inteligente do que o chefe, este poderá despedir-vos — e há tanta gente para preencher vossa vaga! Assim se formou esse medo e, por causa dele, obedeceis. Nossa inteligência permanece num nível inferior por causa dessa geral busca de poder, posição, prestígio, importância. Observai bem e vereis que isso estais fazendo em vossa vida, todos os dias.

Não vos interessa tão-só a função; dela quereis servir-vos como um meio de vos tornardes importante. E, por conseguinte, a posição se torna muito mais importante do que a função. Por isso, batalhamos para a conquista de posição; não nos esforçamos para melhorar a eficiência da função, porém o que nos interessa são as vantagens que dela auferimos: poder, prestígio, posição. Daí o competirmos por uma posição importante, e não por desempenharmos eficientemente as nossas funções. Por esta razão, todos obedecemos, isto é, porque desejamos poder, posição, uma situação importante; e, gradualmente, poderemos galgar essa posição importante por meio da obediência e, por conseguinte, cultivamos a ineficiência, cultivamos a obediência e o medo que lhe é inerente.

Para descobrirdes o que é a mente religiosa, não só deveis compreender vossas relações com a família, com a sociedade e tudo o mais, mas também todo esse "processo" de busca de

poder — que significa dominar, seja na família, seja na sociedade, ou ser a autoridade suprema numa organização, religiosa ou de outra natureza.

Deve, pois, a mente investigar todo esse "processo" relativo à autoridade, que inclui a Lei. É preciso obedecer à Lei: manter-se do lado esquerdo da estrada (aqui), comprar um selo postal. Mas, qualquer outra forma de autoridade — autoridade psicológica — deve ser inteiramente compreendida, para que a mente jamais busque qualquer autoridade.

Começamos, pois a descobrir, por nós mesmos, a natureza da mente religiosa. Podemos ter família, mas nossa família está em relação com o todo e não separada dele. E por não estar separada do todo, cumpre-nos olhar por ela, cuidar dela. Por essa razão, torna-se necessária uma educação completamente diferente. E nossa investigação, que começa com o que está mais perto, mostra-nos esse desejo de poder, de domínio, esse impulso a obedecer que se manifesta de múltiplas maneiras: desrespeito a muitos e respeito a poucos. Se não tendes desrespeito a ninguém, não precisais ter respeito a ninguém.

Assim, podemos começar a "entrar em nós mesmos", isto é, partindo do exterior, percebendo as coisas exteriores — as árvores, a pobreza, suas causas, toda a estrutura social e econômica existente — e compreendendo-as.

Ao empregarmos a palavra "compreender", não temos em mente a mera compreensão analítica, intelectual, verbal, porém compreensão com o nosso sangue, nosso coração, nossa mente — tudo. E tendes de compreender vossa relação com vossa família; compreender vossa relação com o poder, a autoridade, a posição.

Podeis, então, "entrar em vós mesmo". Mas, antes de fazê-lo, deveis compreender esta coisa principal: que sejais rigorosamente honesto em relação a vós mesmo, de modo que não se crie ilusão de espécie alguma. É tão fácil nos iludirmos! Fecharmos os olhos para não ver, falarmos de coisas transcendentais: Deus, teoria, *Atman*, isto e aquilo.

Quando entrais numa sala para ouvir falar sobre a realidade, vindes tão interessado nesta matéria — se há *isto*, se há *aquilo* — que nunca notais a mobília, a cor do tapete, as flores,

a forma da janela. Nada notais, pois "a outra coisa" vos monopoliza a atenção. Mas é preciso notar, observar tudo: o ocaso, a árvore desenhada contra ele, a escuridão, a casuarina e sua delicada folhagem, a luz que por ela se filtra, as folhas, o tronco. Se não observais essas coisas, não podereis notar aquela "outra coisa". Se não souberdes "olhar para fora", não sabereis "olhar para dentro". Mas, temos tentado "olhar para dentro", negando as coisas exteriores, negando a beleza exterior da vida. Todos os santos e toda a vossa literatura sagrada silenciam sempre a respeito da beleza da vida; só vos ensinam como fugir a vossas misérias.

Há uma incomparável beleza no viver. Esta beleza se mostra na natureza — ao observarmos uma árvore, ao estarmos em comunhão com ela. E, se não sabeis "olhar para fora", olhar por onde estais andando, observar o que estais dizendo, externamente, os gestos que fazeis, vossa maneira de mostrar respeito e desrespeito — se nada disso observais, como podereis "olhar para dentro"? Deveis, pois, começar de novo, ou seja do exterior; então, podereis "entrar em vós mesmo".

E no observar, nunca deve haver ilusão. Que força é essa que cria, que gera a ilusão? Entendeis? Por que enganamos a nós mesmos? Por que pomos disfarces? Sabeis o que quero dizer? Quando um ente humano se mostra apto e eficiente em tecnologia — isso é um disfarce; nesse disfarce ele vive; não procura saber o que atrás dele se esconde. Se se trata de engenheiro consumado, funcionário de primeira classe — isso também são disfarces. Esses disfarces constituem a respeitabilidade que o mundo confere aos entes humanos "excepcionais". Mas, tire-se o disfarce, a máscara, e o cientista, o astrônomo é tal qual uma criatura qualquer.

Cumpre-nos, pois, descobrir, por nós mesmos, a força, a energia criadora de ilusões. Sabeis o que entendo por "ilusão"? Nunca vermos realmente o que somos — realmente, e não teoricamente. Não sermos capazes de ver clara e distintamente o que somos. Porque o que somos nos assusta; porque desejamos transformá-lo em algo nobre ou o que quer que seja; queremos torná-lo supremo; tudo queremos ser.

Assim, pois, o *motivo* (móvel) da ilusão começa quando desejamos mudar *o que é*, quando nos vemos descontentes com

o que é. Consideraremos este ponto, mas desejamos primeiramente mostrar quanto é necessário afastar toda ilusão e todos os fatores de ilusão, a fim de que a mente possa ver com clareza.

A maioria de nós vive na ilusão, o que equivale a viver na superfície. Divertindo-nos, se temos dinheiro, ou mourejando num escritório, dia após dia — vivendo apenas das coisas superficiais e jamais cuidando de compreendê-las; essa é também uma forma de ilusão. Porque "nem só de pão vive o homem", pois vivemos também noutros níveis, há uma existência mais profunda. Mas, se tudo isso negamos, estamos também a iludir-nos. Cumpre-nos, por conseguinte, tornar-nos bem cônscios dessa força que nos impele a iludir-nos. E esse poder de nos iludirmos termina, e terminam todas as ilusões, quando não temos tenhum alvo, nenhum desejo de alcançar um alvo, e nos estamos movendo de fato para fato.

Só podemos olhar a nós mesmos quando não há interferência de nenhuma ilusão. Temos de olhar sem a palavra, sem o desejo de traduzir o que vemos em conformidade com nossa memória. Esta é uma das coisas mais difíceis e árduas: *olhar* — olhar a árvore, a mulher, o homem; olhar a sordidez; observar, simplesmente.

Se fordes capaz de observar sem interpretação, sem tradução, então dessa observação vos virá uma tremenda energia. Porque essa energia está agora sendo desperdiçada com a interpretação, com o traduzirdes o que vedes em termos de "gostar" ou de "não gostar", ou com o tentardes alterá-lo em conformidade com vosso padrão social, econômico, religioso ou moral.

Como se vê, esse desejo de alterar *o que é* constitui uma dissipação de energia. Já se olhardes *o que é*, o que há realmente — vossa cólera, vosso ciúme, vossa lascívia, vossa violência — sem nenhuma interpretação, tereis então energia.

A mente religiosa é, pois, aquela que não tem ilusão de espécie alguma, que não procura posição, que não sente nenhum impulso ou desejo de adquirir poder de qualquer espécie que seja. Também, a mente religiosa compreende sua relação com a família e com o homem em geral. A mente é então capaz de profunda penetração. Dispomos unicamente do instrumento intelectual — é pelo menos o que se costuma dizer. Mas, há

também o instrumento da observação: observar cada movimento do pensamento, cada movimento do sentimento e, dessa maneira, descobrir os temores ocultos, os desejos secretos, que nunca foram olhados, nunca explorados. O explorar, como dissemos, requer uma extraordinária energia. Essa energia se liberta quando vos moveis juntamente com o que ides descobrindo, quando não estais traduzindo o que vedes por meio do passado.

Não vos admira a extraordinária energia de que dão mostra os cientistas? Se já entrastes num laboratório de pesquisas, de primeira ordem, deveis ter visto o cientista em plena atividade, transbordante de energia. Porque está lidando com coisas exteriores, não há resistência (psicológica); está a mover-se de fato para fato; não se entretém com teorias, hipóteses, especulações; não é um teórico. É um técnico puro, clarividente, que tudo observa com seu microscópio. No laboratório, pois, revela uma extraordinária energia. Entretanto, fora do laboratório é um homem como os outros: ansioso, a lutar por posição, a competir, nacionalista, escravo de crenças religiosas ou de uma crença por ele próprio inventada. Nisso se desperdiça energia.

Também, para olhar, deve a mente estar em absoluto silêncio. Quando o cientista está a observar com o microscópio ou a fazer o que quer que seja, acha-se num estado de silêncio, e não num estado de conhecimento. O que vê, traduz então em conhecimento; por conseguinte, há ação. Mas é "de dentro do silêncio" que ele observa — silêncio que pode durar uma fração de segundo ou uma hora inteira. É essa a única maneira de observar.

Cultivar uma mente silenciosa é, por conseguinte, um ato estúpido. Não é pela prática que se alcança uma mente silenciosa. Mas, para olhar, para observar, necessita-se de silêncio. Olhai aquele pôr do sol! Não podeis vê-lo, se vossa mente está a tagarelar. Só o podeis ver a pleno se a mente está em silêncio, intensa. Isso, afinal de contas, é beleza. Isto é, o percebimento da beleza ou da não-beleza só é possível quando há paixão, quando observais o poente com toda a intensidade. E não podeis estar intenso se não estais em silêncio. A mente se torna sobremodo silenciosa quando observamos alguma coisa. Não há então necessidade de disciplina-la para se pôr em silêncio — pois, nesse caso, o que se tem é uma mente morta. Mas, a mente

que está a observar "de dentro do silêncio", cria sua própria disciplina; não necessita de disciplina, porque está observando.

Essa observação emanada do silêncio é paixão, energia. Podeis então observar vossos temores. A maioria das pessoas tem medo — medo da morte e medo desta vida vazia e inútil. Porém, é necessário encarar esse medo, observá-lo sem se fazer nenhum movimento — tentar transcendê-lo, opor-lhe resistência, livrar-se dele. Transcender o temor, dominá-lo, reprimi-lo, é desperdício de energia. Mas, se observais claramente o movimento do medo, então, essa observação "de dentro do silêncio" dá energia; e deixa de existir o problema do medo.

Vem então à baila a questão do tempo com tudo o que ele implica, sobre o que já tivemos ocasião de falar.

É necessária, pois, a observação dos fatos diários. Empregando o termo "observação", entendemos "observação isenta de crítica", observação que não resulta de descontentamento, ajustamento ou repressão, porém do silêncio; observação pura e simples do fato, e não tradução do fato, ou opinião a respeito do fato. Nenhum esforço se faz para atuar, resistir, dominar, ou negar; todo esforço desaparece. Pode então a pessoa viver sua vida de cada dia — trabalhar no escritório, cozinhar em casa, fazer o que quer que seja — sem esforço algum.

A mente religiosa é aquela que compreende a família e sua posição em relação com o todo; aquela que não busca poder e posição; que não está presa a nenhum ritual, igreja organizada, ou templo; que já não tem a propriedade de criar ilusões. É também aquela que olha os fatos e, por conseguinte, nenhum esforço faz em qualquer trabalho que executa.

Daí, podemos ir mais longe. Isto é, mediante a observação das coisas exteriores, alcançamos o interior. "Interior" e "exterior" não são dois estados diferentes; são o mesmo estado de observação "de dentro do silêncio".

Silêncio é espaço. Vivemos num espaço muito limitado, no espaço criado pela mente com suas idéias. E a mente é o resultado de seu próprio condicionamento, numa dada sociedade ou cultura; vive num estreito espaço; e todas as batalhas, todas as relações, todas as ansiedades estão contidas nesse exíguo espaço. No instante em que a mente, por meio da observação,

e de modo natural, fácil e sem esforço, se torna silenciosa, desfaz-se esse reduzido espaço. Estando a mente de todo tranqüila, deixa de haver limites ao espaço. Vê-se então que o objeto já não cria o espaço — que há espaço infinito.

Quando isso se verifica, há então a verdadeira mente religiosa; dessa mente decorre toda atividade. Sois então um super-cidadão, e não um homem que foge para um mosteiro, que se torna *sanyasi* ou um técnico perfeito, um ente humano mecanizado. Pois, daquela observação silenciosa e sem esforço, nasce a ação; essa é a única ação que não gera ódios, inimizade, competição. E então, graças à observação e ao silêncio, e porque existe então espaço, há amor.

Amor é: morrer cada dia. Amor não é memória, amor não é pensamento. Não é uma coisa que tem continuidade, duração no tempo. E, mediante a observação, devemos morrer para toda espécie de continuidade. Porque, então, há amor; e com o amor vem a criação.

A criação é uma das coisas mais difíceis de compreender. O homem que escreve um poema — que pode ser muito belo, julga-se criador. O homem e a mulher que geram filhos pensam também ser criadores. Mas, criação é muito mais do que isso. Não é criador o homem que meramente escreve um livro ou se preenche numa certa ambição sem importância. *Criação* não é nenhuma estrutura construída pelo homem, nenhuma tecnologia nem resultado de conhecimentos tecnológicos — pois isso é só invenção. Criação é algo de atemporal: sem amanhã, nem ontem; é — vida eterna. E ela se alcança muito naturalmente, quando se compreende o problema da existência.

A mente religiosa, pois, é tudo isso; e, também, conhece, melhor, vive num estado de criação, de momento em momento. É uma mente sempre ativa, graças àquele extraordinário estado de vazio.

Como sabeis, um tambor está sempre vazio, e quando o percutimos, ele dá o som adequado. Entretanto, está vazio. Nossa mente nunca está vazia, porém sempre repleta. Nossa ação, por conseguinte, emana sempre daquele terrível barulho gerado pelo pensamento, a memória, o desespero; por conseguinte, ela é sempre contraditória, e conducente a enorme aflição.

Mas, a mente de todo vazia — vazia, porque se acha num estado de observação, de silêncio, por conseguinte, de amor, e compreensão da morte — a mente totalmente vazia é criadora. A mente criadora está sempre vazia; desse vazio provém a sua ação, as palavras que pronuncia. Por conseguinte, essa mente é sempre verdadeira e, portanto, jamais criará ilusões dentro de si mesma. Só essa mente religiosa pode resolver os problemas e aflições deste mundo.

6 de janeiro de 1965.

BOMBAIM — I

Onde está a Bem-Aventurança

Os homens, em geral, andam em busca de uma certa coisa misteriosa, oculta, além da vida, da existência; mas, para mim, encontram-se grandiosos mistérios, uma extraordinária beleza nos caminhos da vida, na maneira como vivemos a nossa vida. Para a maioria de nós, viver — i.e., a existência diária: o escritório e sua insípida rotina, e as insignificantes disputas de cada dia, e as ambições, e as infindas tribulações da vida — é uma degradação; coisa fastidiosa e exaustiva. Sendo assim, tentamos — em vão, segundo me parece — ultrapassar a própria natureza de nossa existência, para encontrarmos algo que nos proporcione perfeita satisfação e conforto. E, dessa maneira, nunca aprendemos a viver, nunca chegamos a compreender a plena profundeza e beleza e dignidade do viver.

Nestas palestras, pretende o orador não só investigar, se possível, verbal, racional, sãmente, mas também penetrar, através das palavras, em algo existente além da palavra.

Para descobrir o pleno significado do viver, devemos compreender as diárias torturas de nossa complexa existência; delas não temos possibilidade de fugir. A sociedade em que vivemos precisa ser compreendida por cada um de nós — não por um certo filósofo, instrutor ou *guru*; e nossa maneira de viver tem de ser transformada, mudada completamente. Esta me parece ser a coisa mais importante que devemos fazer, e nada mais. No movimento da transformação, no movimento de operar, sem visar a vantagens, uma transformação em nossa vida, há beleza;

e, nessa transformação, descobriremos, por nós mesmos, o inefável mistério que anda a buscar a mente de cada um de nós. Por conseguinte, o que nos deve interessar não é o que existe além da vida, ou o que é a vida e qual a sua finalidade, mas, sim, a compreensão de nossa complexa e cotidiana existência, porque esta é que constitui a base sobre a qual temos de edificar. Pois, se não a compreendermos e transformarmos radicalmente, nossa sociedade estará sempre num estado de corrupção e, por conseguinte, nos veremos num perene estado de deterioração.

Nós somos a sociedade; dela não somos independentes. Somos o resultado do ambiente — de nossa religião, nossa educação, do clima, dos alimentos que tomamos, das reações, das inumeráveis e sempre repetidas atividades a que nos entregamos todos os dias. Tal é nossa vida. E a sociedade em que vivemos é parte integrante dessa vida. Sociedade são as relações entre os homens. Sociedade é cooperação. A sociedade, tal como ora existe, é o resultado da avidez, do ódio, da competição, da brutalidade e crueldade do homem; esse o padrão conforme o qual vivemos. E, para compreendê-lo — não intelectualmente, de maneira puramente teórica, porém realmente — temos de pôr-nos diretamente em contato com o fato, ou seja: todo ente humano — vós — é o resultado desse ambiente social, de sua pressão econômica, de seu sistema religioso, educativo, etc. Entrar em direto contato com uma coisa não é verbalizá-la, porém olhá-la.

E essa parece ser uma das coisas mais difíceis — entrar diretamente em contato com o fato. Há o fato que é aquela árvore — *o fato*, e não o que pensais a respeito da árvore. O que a seu respeito pensais não é o fato — a árvore. Peço-vos atenção! Para a maioria de nós o fato é inexistente. Vivemos com idéias; vivemos com nossas lembranças, nossas experiências; e à sombra dessas experiências e lembranças queremos observar o fato e transformá-lo — isto é, esperamos transformá-lo, mudá-lo. Mas se, ao contrário, considerarmos o fato em si, essa ação nos dará a energia necessária para o transformar. Aprofundemos este ponto.

Nós nunca olhamos para as coisas. Nunca olhamos para o céu. Nunca olhamos para a forma de um edifício ou para o nosso semelhante: jamais observamos suas aparência, o que ele

pensa, o que sente. Andamos ocupados demais com as nossas próprias aflições e tribulações; e tão fechados vivemos em nós mesmos, tão fechados em nossos próprios problemas, que nada mais vemos. Ora, observar significa aprender. Só com o aprender se pode operar uma transformação radical. O próprio ato de aprender é ato de transformar. Assim, olhar, observar, é a principal necessidade do homem religioso; nada importa o que um homem pensa, o que sente, ou quais sejam as suas reações. Consideraremos mais tarde essas reações, essas crenças, essas influências ambientes que condicionam a mente e desfiguram o que se observa.

Não sei se já observastes o poente, ou a serena dignidade de uma árvore, ou os contornos de uma ave a voar. O observar exige quietude; exige da mente a capacidade de estar em silêncio, de não ficar incessantemente a tagarelar entre si. Para observar, necessita-se de um certo silêncio. E não se pode ter silêncio, se a mente, no ato de observar, está a "projetar" suas próprias idéias, suas próprias exigências, esperanças, temores. Assim, para podermos observar a estrutura social em que vivemos, e promover uma radical transformação nessa sociedade, devemos primeiramente observar *o que é*, e não o que desejamos que a sociedade seja.

Porque a sociedade em que vivemos, nós mesmos a criamos e por ela somos responsáveis — cada um de nós. Ela não se tornou existente pela ação de forças fictícias, espirituais. Nasceu de nossa avidez, de nossa ambição, de nossos gostos, aversões, e inimizades pessoais, de nossas frustrações, de nossa busca de prazer e de satisfação. Nós criamos as religiões, as crenças, os dogmas, premidos pelo medo. É nessa sociedade que estamos vivendo. E o indivíduo, ou foge dessa sociedade (de que ele faz parte) porque é incapaz de compreendê-la ou de transformá-la; ou se deixa absorver de tal maneira em suas próprias tribulações, que perde todo o interesse nessa exigência fundamental da mente humana de que ela (a sociedade) se transforme.

A existência, pois, são relações; a existência é um movimento de relações; e essa existência significa sociedade. E nenhuma possibilidade teremos de ultrapassar os limites de nossa mente, de nosso coração, se não compreendermos a estrutura de nosso próprio ser, ou seja a sociedade. A sociedade não difere

de vós; vós sois a sociedade. A estrutura da sociedade é vossa própria estrutura. Assim, ao começardes a compreender-vos, estareis começando a compreender a sociedade em que viveis. Não estais em oposição à sociedade. Dessarte, ao homem religioso interessa o descobrimento de um novo caminho da vida, uma nova maneira de viver neste mundo, a fim de promover uma transformação na sociedade em que vive, porque, pela transformação de si próprio, transformará a sociedade. A compreensão disso é muito importante.

Em geral, temos muito interesse em descobrir uma maneira de viver harmônicamente, sem demasia de conflitos, sem a esterilidade da moderna existência. Mas, se não compreendermos a existência, nossa vida, não encontraremos nenhuma saída de nossa confusão, de nossas angústias, das tribulações que afligem o homem. É esta a primeira coisa que temos de considerar. Este o fato. Temos de encarar o fato objetivamente, assim como olhamos o fato que é aquela palmeira; temos de olhá-lo. Ora, olhar uma árvore é fácil, porque a árvore nenhuma interferência tem em nossa vida. Podemos olhar uma nuvem formosa, cheia de vida, de esplendor, de extraordinária vitalidade, porque ela nenhuma significação tem em nossa vida diária. Podemos observar a luz refletida na água e apreciar-lhe a beleza, a animação; isso também nada significa em nosso cotidiano viver. Podemos ler todos os livros sagrados de nosso povo, e citá-los interminavelmente; e também isso nada exprime em nossa existência.

E, para compreender a árvore, a nuvem, os reflexos luminosos na água, devemos olhar. E, para olharmos, precisamos ter a mente vazia. Não sei se já olhastes uma flor — não indiferentemente, de passagem — se alguma vez observastes uma flor. Observar uma flor é tão importante como observardes a vós mesmo. Porque, quando observamos uma flor, começamos a aprender a observar. Ao observar uma flor, a maioria das pessoas inclui na observação o "dar nome". Dizem que é uma rosa, uma violeta, uma primavera; dessa maneira, já não estão observando. A "verbalização" do fato é uma distração, que nos afasta do fato.

Mas, o observar exige uma mente capaz de estar quieta, de não verbalizar, de observar sem opinião nem julgamento. E esta

é uma das coisas mais difíceis: observar "não verbalmente" uma coisa objetiva. Experimentai, daí, de vosso lugar, olhar para aquela palmeira ou escutar o que está dizendo o orador, objetivamente, pondo à margem vossas opiniões, vossas idéias, a reputação do orador, etc. — sem "verbalizar". Vereis, se o experimentardes, que precisais estar com a mente um tanto quieta; do contrário, não podeis ver. Se olho para aquela palmeira pensando noutras coisas, não posso apreciar a beleza, a serenidade, as características, a totalidade da árvore.

E para a observação total de qualquer coisa, a mente deve estar de todo vazia. É difícil a observação exterior; porém mais difícil ainda é observar a estrutura social, as influências ambientes, vossa própria mentalidade, como parte da sociedade. Observar requer uma enorme atenção; é o que vamos aprender durante estas palestras — aprender, e não adquirir conhecimentos.

Há enorme diferença entre aprender e adquirir conhecimento. A aquisição de conhecimento é um ato mecânico. Os computadores, os cérebros eletrônicos estão cheios de ciência. Essas máquinas são alimentadas de ciência, como nós, desde a infância, fomos alimentados de conhecimentos. Conhecimento é não só o que se aprende dos livros, mas é também experiência, memória. Uma coisa é adquirir conhecimento. Em certas circunstâncias, é ele necessário. Coisa porém, bem diversa é o aprender; porque, no momento em que a pessoa diz que aprendeu algo, isso já se tornou conhecimento. Mas, a mente que está a aprender infinitamente, só essa tem a possibilidade de efetuar a necessária transformação de si própria.

Vamos, pois, aprender — o orador e vós — aprender a respeito de nós mesmos. Não viemos munidos de conhecimentos, para adquirir mais conhecimentos sobre nós; isto é relativamente fácil. Mas, aprender acerca de si próprio é coisa muito diferente. Porque conhecimento é coisa que se adquire, se acrescenta, por meio da experiência, das reações, de influências, dores, sofrimentos de toda ordem. Quando observais a vós mesmo ou à sociedade com esse conhecimento adquirido, há desfiguração; não há liberdade para observar e, por conseguinte, aprender.

Acho que mais do que tudo importa compreender, nesta primeira palestra, o que significa "olhar aprendendo". "Olhar"

não significa apenas fazer uso dos olhos, mas também dos ouvidos — quer dizer, escutar com os ouvidos. Provavelmente, a maioria das pessoas nunca *escuta*. Também, o escutar exige atenção — não concentração — simples atenção, para escutar o crocitar dos corvos, o cicio da aragem, os rumores da grande cidade, o distante bramir do mar, e escutar o que o orador está dizendo; escutá-lo, sem interpretar, sem traduzir, sem dizer: "Já o ouvi dizer isto o ano passado, quando esteve aqui". Porque, quando se está aprendendo no escutar, podem-se receber todas as mensagens provenientes de nossa própria mente, todas as sugestões relativas à nossa própria existência; sem escutar não há aprender. Temos de aprender acerca de nós mesmos, e aprender, de maneira nova, a respeito da sociedade.

Como indivíduo, tendes o dever de promover uma enorme transformação no mundo. Dever, porque sois parte integrante dessa sociedade, porque participais no imenso sofrer do homem, seus esforços, lutas, dores e ansiedades. Tendes essa obrigação. E se não a compreenderdes, se com ela não entrardes diretamente em contato, auscultardes sua estrutura e mecanismo, tudo o que fizerdes — podeis percorrer todos os templos, recorrer a todos os *gurus*, todos os Mestres e todos os livros sagrados do mundo — será sem significação, porque tudo isso são meras fugas à realidade.

Temos, pois, de compreender esta existência, esta vida, nossas relações com a sociedade. Não só temos de compreender nossas mútuas relações, nossas relações sociais, mas ainda de transformá-las radicalmente. É nossa obrigação. Mas, não parecemos perceber quanto isso é urgente. Ficamos esperando que os políticos, ou alguma filosofia ou algo de misterioso venha operar uma transformação em nós mesmos. Não há outra solução senão essa, de que vos torneis conscientes dessa imensa responsabilidade que vos cabe, como ente humano, de modo que possais aprender tudo o que a ela se refere, sem recorrerdes a prévios conhecimentos. E o aprender requer liberdade, pois, do contrário, ficaremos repetindo a mesma coisa, indefinidamente. Não se pode aprender *ahimsa*.

Deveis saber que há enorme confusão, aflição e sofrimento no mundo, e que o homem — o homem de nossos dias — não soube dar a isso a devida solução. Assim sendo, apela-se para

o passado. Considera-se necessário retroceder cinco ou sete mil anos, para ressuscitar aquele passado e restaurar o sentimento religioso. E por esse caminho, igualmente, nada se resolve. Não há solução mediante o tempo. O tempo poderá tornar a vida mais aprazível, mais confortável, mas conforto e prazer não são soluções positivas para a vida. Tampouco se encontra a solução por meio de reformas. Não há solução no freqüentar o templo, no ler qualquer livro sagrado. É necessário que o indivíduo compreenda quanto é sério tudo isso; que sejam abandonadas todas aquelas futilidades e nos coloquemos frente a frente com os fatos — nossa vida cotidiana, nossa existência brutal, ansiosa, insegura, cruel, com seus prazeres e entretenimentos — para vermos se, como entes humanos que vivemos há dois milhões de anos, poderemos operar uma radical transformação em nós mesmos e, por conseguinte, na estrutura da sociedade.

O tomar conhecimento dessa responsabilidade, dessa obrigação, é muito difícil. Temos de trabalhar não só em nosso interior, mas também em nossas relações com outrem. Com a palavra "trabalho" não me refiro ao pôr em prática alguma fórmula estulta, alguma teoria absurda, as asserções fantásticas de algum filósofo, *guru* ou instrutor. Todas essas coisas são infantilidades, impróprias de um indivíduo amadurecido. Quando dizemos "trabalho", isso significa que o indivíduo, cônscio de sua responsabilidade como ente humano vivente neste mundo, deve trabalhar pela transformação de si próprio. Pois, se ele operar essa mutação em si próprio, poderá transformar a sociedade. A sociedade não pode ser transformada por nenhuma revolução, quer econômica, quer social. Disso já tivemos provas com a Revolução Francesa e a Revolução Russa. A eterna esperança do homem de que, mediante alteração das coisas exteriores, o ente humano pode ser transformado, nunca se realizou e nunca se realizará. A reforma exterior, a reforma econômica que forçosamente terá de operar-se neste país tão pobre — não irá modificar a atitude do homem, suas maneiras de vida, sua aflição e confusão.

Assim, para que se opere uma total transformação do ente humano, é necessário que o homem se torne cônscio de si próprio, aprenda de uma nova maneira a respeito de si próprio. O homem, segundo as recentes descobertas da antropologia, vive

há dois milhões de anos; e até hoje não descobriu uma solução para suas aflições. Tem sabido fugir delas, por meio de fantasias e ilusões. Mas não encontrou a necessária solução, não edificou uma sociedade livre de ajustamentos.

Pode-se observar que há sociedades que cooperam por necessidade. Sob a pressão da necessidade, da compulsão, de uma revolução industrial, são forçados os indivíduos a viver juntos; têm de cooperar, de ajustar-se, de seguir um padrão. E, numa tal sociedade, como se pode observar, sempre há conflitos: cada um está contra todos, porque há ambição, competição, embora todos falem em amor ao próximo. Cada um é forçado a cooperar, mas, não obstante a cooperação e a asserção de amar ao próximo, todos são competidores, cruéis, ambiciosos. Por conseguinte, uma sociedade dessa espécie promove sua própria destruição.

E há, também, outra forma de sociedade sem nenhuma consciência cívica; cada um só trata de seus próprios interesses. Como se observa neste país, cada homem cuida apenas de sua família, de seu grupo, sua classe, sua região natal, suas diferenças idiomáticas. Vive inteiramente alheio ao que está acontecendo a seu próximo; isso pouco lhe importa; é total sua indiferença aos acontecimentos. Entretanto, seus livros religiosos ensinam que ele terá uma vida futura e, portanto, deve comportar-se decentemente; que existe *karma*: tudo o que ele agora faz é levado em conta — como fala, como diz as coisas, não importa a quem seja; que deve proceder virtuosamente, pois, do contrário, pagará por seus atos na próxima vida. É isso, em linhas gerais, o que eles preceituam. Nesta base, há séculos, os indivíduos estão sendo educados. No entanto, tais crenças e idéias nada importam em vossa vida, porque não credes. Continuais a comportar-vos como se esta fosse a única vida realmente importante. Porque continuais a competir, a ser ambicioso, a destruir o vosso semelhante; socialmente, sois destituído de espírito cívico.

Há, pois, duas formas de sociedade. Numa delas, o indivíduo é obrigado a ajustar-se, forçado pela necessidade a cooperar. Aí, o ente humano adquire uma mentalidade cívica: não jogo lixo na rua, porque se o fizesse seria punido. Nessa sociedade há ordem. Mas, dentro dessa ordem, dessa organização,

cada um está contra todos. Na outra forma de sociedade, a existente neste país, não há uma estrutura social. Não há a menor consciência cívica, porque ninguém crê no que lhe é dito ou ensinado.

Há essas duas formas de sociedade; e cada uma delas traz em si o germe de sua própria destruição. Assim sendo, ao homem religioso importa criar uma nova sociedade inteiramente diferente daquelas, ou seja, uma sociedade em que cada indivíduo proceda virtuosamente em cada minuto, por compreender suas responsabilidades como ente humano; por compreender que só ele responde por sua conduta e suas atividades; só ele será responsável, se for ambicioso, cruel, destruidor, rancoroso, ciumento, competidor, atormentado por temores. — Só tais indivíduos podem criar uma nova sociedade.

Necessitamos de uma nova sociedade; e ninguém mais a pode criar senão vós mesmo. Mas, não parecemos sentir nossa imensa responsabilidade a esse respeito. E é isso o que mais importa, antes de tudo o mais. Porque essa é que é a base adequada, ou seja, o comportamento virtuoso, a conduta justa — que não é conduta ditada por um padrão, porém conduta que decorre do aprender. Se o indivíduo está aprendendo a todas as horas, esse próprio ato de aprender cria a ação virtuosa. Por iso, só a mente religiosa pode criar a nova sociedade.

E, como disse, cada um deve aprender a conhecer-se, por si próprio e não mediante ensino ministrado por outros ou por seus livros sagrados; pois tudo isso é inteiramente alheio ao vosso próprio ser e, portanto, sem nenhuma significação. Tendes de aprender de maneira nova a conhecer-vos. Por conseguinte, deveis aprender a observar-vos. Do mesmo modo que observais aquela árvore, deveis observar a vós mesmo. Assim como observais aquela árvore sem desfigurá-la, deveis observar-vos sem desfigurar o que vedes; e aí é que se apresenta a maior dificuldade. Pois não gostamos de olhar os fatos, preferindo tomar conhecimento do que nos dá prazer e, portanto, evitar os fatos.

Se desejo conhecer-me, aprender os fatos em mim existentes, tenho de observar cada movimento de minha mente, cada sentimento que tenho — e nunca dizer que tal sentimento tem ou não tem razão de ser; nada negar e nada modificar, porém obser-

var, simplesmente, o que sou. Isso requer uma certa disciplina. Porque a observação do fato é, em si, uma disciplina. Observai, por favor! Olhai a flor, e vereis quanto é difícil observá-la sem lhe dar nome, sem reação de espécie alguma, sem dizerdes que dela gostais ou não gostais: observá-la, simplesmente. Vereis então quanto é difícil observar objetivamente qualquer coisa existente inteiramente fora de nós mesmos. E, se vos voltais para o interior, torna-se muito mais difícil a observação, porque tendes opiniões a respeito de vós mesmo: o que deveríeis ser, o que não deveríeis ser; o que sois; a opinião de que sois o Super-Ego, o *Atman*, Deus — tudo o que pensais ser — pois, a respeito de vós mesmo, tendes tantas idéias fantásticas! E são essas lembranças, essas fantasias, essas ilusões, essas experiências — todo esse conhecimento adquirido — que vos impedem de observar-nos. E manter-vos cônscio de tudo isso — do conhecimento sob várias formas — e não o deixar interferir na observação de vós mesmo, esse próprio ato traz consigo a necessária disciplina.

Para irmos muito longe, temos de começar com o que está muito perto. Devemos começar aqui e não do outro lado da existência. Deveis começar com a Terra, conosco, com os entes humanos, com vós mesmo, e nunca tentar descobrir a "beleza transcendental" da vida. Para se achar a beleza transcendental da vida, é preciso conhecer primeiramente a própria vida. Só através de nossa existência diária e pela compreensão da beleza dessa vida, só por essa porta se pode descobrir o imensurável.

Nossa mente busca sempre algo não transitório, algo chamado "Deus", algo chamado "Verdade". E vemo-nos tão desesperados, tão ansiosos, tão assediados pelo medo, que todos os esforços fazemos por achar isso que chamamos "Deus" ou "Verdade". Mas, para achá-lo, precisamos lançar a base correta, e a base correta é a ação correta, na conduta. Não devemos, pois, lançar as bases sobre areia, porém aceitando a responsabilidade de nossa vida diária e diligenciando promover nessa vida uma extraordinária revolução.

Para a maioria de nós, toda mudança consiste numa espécie de transação mercantil. Desejo mudar e começo a "especular" sobre se isso será "lucrativo", se "valerá" a pena, etc. Portanto, para nós, mudança significa "transação". Refleti sobre isso, e

vereis de que maneira extraordinária a vossa mente funciona em relação a qualquer mudança. Mudamos, quando o consideramos proveitoso, aprazível; ou mudamos, se é doloroso o nosso atual estado. Mas toda mudança especulativa não é mudança, de modo nenhum. Por conseguinte, se nossa mente deseja encontrar a Realidade, deve começar por si própria.

E existe algo não mensurável pela mente ou pelos instrumentos inventados pelo homem. Existe a Verdade, a Bem-Aventurança. Mas, não é por meio de orações nem de esperanças que a alcançaremos, porém pelo nos tornarmos totalmente responsáveis por cada uma de nossas ações, em cada dia, em cada minuto do dia. E, então, dessa responsabilidade desponta a flor da compreensão, que é o verdadeiro caminho da vida. Esse caminho tem de ser descoberto por cada um de nós, pois só por ele se alcançará a realidade, a iluminação, as profundezas do espírito.

10 de fevereiro de 1965.

BOMBAIM — II

Uma Diferente Maneira de Viver

É bem difícil transmitir algo verbalmente. Sobretudo quando não estamos empregando termos técnicos ou palavras com formas especiais ou significados convencionais, porém palavras triviais, como vamos fazer, porque, então, mais difícil ainda é transmitir a outros a exata significação do que queremos dizer. A maioria de nós, infelizmente, pensa em conformidade com fórmulas. Temos certos conceitos acerca da liberdade, da sociedade, da bondade, da virtude, etc. Com base nesses padrões, pensamos. E, se empregamos palavras de significado comum, não adstritas a determinadas fórmulas, dificulta-se a comunicação, porque tendes certos conceitos e idéias, e o orador tem de romper essa barreira de conceitos e fórmulas, a fim de transmitir o seu pensamento.

Isso é inevitável na comunicação entre pessoas: vós tendes certas idéias, e quem vos fala tem, por assim dizer, de abrir passagem através das conclusões a que chegastes. Assim, sabendo-se que vós tendes vossas fórmulas especiais e que eu vou fazer uso de palavras comuns, de significados comuns, registrados nos dicionários, podemos agora começar.

Nestas palestras vamos tratar de problemas altamente complexos, problemas que requerem profunda investigação e penetração, e uma mente disposta a libertar-se de suas próprias opiniões, conclusões e experiências. Porque, é óbvio, a mente necessita de liberdade e da energia que dela nasce, para explorar e descobrir. Só em liberdade se pode descobrir alguma coisa,

seja no campo científico, seja no domínio psicológico. E como estas palestras versarão sobre matéria psicológica, necessitamos de muito mais penetração, de muito mais liberdade e energia.

Já vimos que as palavras têm certos e determinados significados. E devemos ter sempre em mente que a palavra não é a coisa. A palavra "mar" não é o mar, o oceano, aquela enorme expansão de água, assim como a palavra "árvore" não é a árvore. Disso devemos estar sempre lembrados, já que vamos investigar matéria sumamente complexa, que exige toda a atenção. Se vos limitardes a ouvir uma ou duas destas palestras, não descobrireis a inteira estrutura de vosso pensar e de vosso sentir; tendes de escutar toda a série, judiciosa, sã, e equilibradamente.

Como disse na reunião anterior, cumpre encontrar ordem na sociedade e na liberdade. A sociedade são relações organizadas entre homens. Nessa organização, nessa sociedade, temos de encontrar liberdade, e nessa liberdade — ordem; do contrário, não é liberdade, porém mera reação contra a sociedade. Quer dizer, muitos de nós, vendo-nos cativos do ambiente, reagimos, revoltamo-nos; e essa revolta, segundo cremos, é liberdade. Mas, é bem evidente que nenhuma revolta originada de reação traz a liberdade; só traz desordem. A liberdade é um estado de espírito que não resulta de nenhuma reação — tal o comunismo, que é uma reação ao capitalismo. E essa reação, na vida diária ou numa sociedade organizada, só pode gerar mais desordem.

Na sociedade existe ordem, tecnologicamente, como se vê, no mundo inteiro. A ordem é necessária para os indivíduos poderem viver e trabalhar juntos; toda copoeração exige ordem. Mas, essa ordem é produto da necessidade tecnológica, da necessidade criada pela conveniência, pelo medo, etc. Nessa ordem tecnológica há desordem, porque o homem não é livre. Só quando se compreendem as relações psicológicas entre os homens, e nessas relações se estabelece a ordem, só então há liberdade. Isso deve ficar claramente entendido entre o orador e vós.

Ao falarmos de liberdade, não estamos falando de reação; estamo-nos referindo à ordem que nasce da integral compreensão da psique humana, da essência total do homem, da inteira estrutura sociológica e psicológica do homem. Da compreensão

dessa estrutura nasce a liberdade que traz a ordem. Só dentro dessa ordem poderão os homens conviver pacificamente. Tal é o alvo que temos em mira nestas palestras, isto é, promover uma transformação na mente humana, mediante a compreensão das relações sociológicas e psicológicas do homem; pois dessa compreensão nascerá a liberdade, e dessa liberdade a ordem. O que nos interessa, por conseguinte, é descobrir uma maneira de viver em que não sejamos escravos da sociedade e possamos, ao mesmo tempo, estabelecer, num mundo novo, um estado de ordem e não de desordem nas relações humanas.

Na sociedade hoje existente, as relações entre os homens são organizadas; nela há desordem, porque vivemos em conflito, não só com nós mesmos, mas também uns com os outros. Exteriormente, estamos divididos em comunidades, separadas umas das outras por diferenças idiomáticas, nacionais e religiosas; divididos em famílias, em oposição à comunidade, e a comunidade em oposição à nação, etc. Interiormente, observa-se uma extraordinária ânsia de sucesso, um forte impulso à competição, ao ajustamento; a compulsão da ambição, do desespero, do tédio da existência de cada dia; o desespero do ente humano que se vê num estado de total e irremediável solidão. Tudo isso, consciente ou inconscientemente, constitui o campo de batalha das relações. A menos que se estabeleça a ordem nessas relações, qualquer que seja o resultado da revolução econômica, social ou científica, é inevitável a desintegração, porquanto não foi compreendida, resolvida e libertada a estrutura da mente humana.

Nosso problema, pois, se refere à obrigação que temos de promover uma completa revolução psicológica; porque cada um de nós, cada ente humano, é parte integrante da sociedade, dela não está separado. Não existe isso que se chama "um indivíduo". Pode um ente humano ter um nome, uma família separada, etc.; mas, psicologicamente, não é um indivíduo, porque está condicionado pela sua sociedade; por suas crenças, seus temores, seus dogmas; por todas as influências exercidas pela sociedade; pelas circunstâncias em que vive. Isso é bem óbvio. O indivíduo é condicionado pela sociedade em que vive, e esta foi por ele criada. Por essa sociedade ele é responsável; e somente a ele, como ente humano, cabe promover-lhe a transformação.

Eis a mais importante obrigação de todo ente humano. Não tem ele de aderir a certas reformas sociais, pois isso seria inteiramente inadequado e absurdo. Como entes humanos, cabe--nos a obrigação de promover uma revolução psicológica que estabeleça a ordem nas relações humanas. Essa ordem só poderá nascer da revolução psicológica, e esta só se realizará quando cada um de nós compenetrar-se de sua enorme responsabilidade.

Em geral, cremos que alguém, um outro qualquer, promoverá essa revolução; que, por obra das circunstâncias, de Deus, de crenças, políticos, rezas, pela leitura de certos livros chamados "livros sagrados", etc., nossa mente será transformada. Quer dizer, passamos adiante a nossa obrigação, a algum líder ou guia, a um certo padrão social, uma certa influência. Tal maneira de pensar denota total irresponsabilidade e profunda indolência.

Aí tendes, pois, o vosso problema. Eu não vo-lo estou impondo. Podeis não estar cônscios dele, e o orador apenas vos pede que lhe presteis atenção. Se uma pessoa não sente fome, ninguém pode convencê-la de que está com fome; um corpo sadio, para ter fome, necessita de bastante exercício e não de persuasão. Deveis tornar-vos bem cônscios deste problema: que não há solução na revolução econômica, política ou científica; que nenhum líder político, por mais tirânico ou benfazejo que seja, nenhuma autoridade poderá promover a ordem psicológica; que ninguém, senão vós mesmo, como ente humano, pode promovê-la — não num mundo celestial, se tal mundo existe, porém *neste mundo*, e *já*!

Portanto, o problema é vosso. Podeis não desejá-lo, e dizer: "Preciso que alguém me mostre o caminho; estou disposto a seguir". Pois estamos muito acostumados a seguir pessoas: no passado, temos os instrutores religiosos; no presente, Marx ou um certo *guru* ou santo, com suas peculiaridades e idiossincrasias. Estamos sempre na sujeição da autoridade. A mente, escravizada há séculos pela autoridade, pela tradição, pelas convenções, pelo hábito, está sempre disposta a seguir e, em conseqüência, a transferir a outrem suas responsabilidades; nessas circunstâncias, não é possível estabelecer-se a ordem psicológica. Essa ordem psicológica é indispensável, porque nela é que temos de basear a nossa vida diária — a única coisa realmente impor-

tante. Daí, dessas bases sólidas, temos possibilidade de ir muito longe. Mas, se nos faltam essas bases ou se as assentamos na crença, no dogma, na autoridade, na confiança em outrem, estamos então totalmente extraviados.

Cabe-nos, pois, promover uma transformação psicológica em nossas relações com a sociedade em que vivemos. Por conseguinte, não há motivo de retirar-nos para o Himalaia, tornar-nos monges ou freiras ou prestar serviços sociais, e demais puerilidades. Nós temos de viver neste mundo, de realizar uma transformação radical em nossas mútuas relações, não num futuro distante, porém agora; é essa a nossa maior obrigação. Porque, se não modificar-se a psique, a estrutura interna da mente e do coração, ver-nos-emos em eterna confusão, angústia e desespero.

Se, portanto, estais vigilantes e cônscios de tudo o que está sucedendo no mundo, vereis, inevitavelmente, que se trata de um problema que vos compete resolver, e não de um problema que vos estou inculcando. Podeis esquivar-vos dele e, por conseguinte, tornar-vos irresponsáveis. Mas, se o reconheceis — como deve reconhecê-lo todo ente humano refletido, inteligente e sensível — então o vosso problema é este: como realizar a radical transformação da psique, da estrutura psicológica da mente humana?

Eu, como ente humano, vivo em determinada sociedade; essa sociedade não difere de mim. Dela sou parte integrante, e por ela sou condicionado. Essa sociedade estimula-me a avidez, a inveja, o ciúme, a ambição, a brutalidade; e a ela dou minha contribuição de brutalidade e de ambição. Eu e ela estamos associados nisso. Dela sou parte integrante, parte de sua estrutura psicológica, que sou eu mesmo. Ora, como realizar uma tremenda revolução dentro em mim mesmo?

Percebo que toda revolução — econômica, social, científica — só atinge a periferia, as orlas de minha mente. No íntimo, continuo o mesmo. Posso cobrir-me de diferentes roupagens, adquirir diferentes conhecimentos técnicos, trabalhar apenas umas poucas horas por semana, etc. Interiormente, porém, continuo em conflito; continuo ambicioso e frustrado, sob terrível opressão. Portanto, se não houver uma radical transformação interior, não posso ter ordem no meu viver: não posso ter liber-

dade, nem felicidade nem possibilidade de livrar-me do sofrimento.

Assim, como poderá um ente humano operar tal transformação? Em geral, pensamos que o meio de operá-la é a vontade; isto é, o exercício da vontade, como meio de alcançar um resultado. E a vontade se expressa de diferentes maneiras: pela resistência, o controle, o ajustamento, a repressão, a sublimação, a negação. Temos considerado o exercício da vontade como o meio de promover a transformação psicológica. A prática interminável da autodisciplina ou da autonegação — isso é exercer a vontade a fim de produzir um resultado desejado. Ora, para este orador, a ação da vontade é destrutiva. Mas, por favor, não passeis à conclusão oposta, ou seja, que outro terá de fazer todo o trabalho e só vos caberá, sem necessidade de exercerdes vossa vontade, aceitar o que vos é oferecido, seguir, devotada ou sentimentalmente, "o caminho do Senhor", etc.

Estamos, a maioria de nós, acostumados a servir-nos da vontade. Mas, que é a vontade? Prestai atenção! Pois vamos mostrar-vos que o exercício da vontade é a atividade mais deletéria da mente. Mostrá-lo-emos lógica e sãmente, e não irracionalmente; e vós deveis acompanhar-me, isto é, vamos investigar juntos esta questão da vontade. Não ides aceitas o que vou dizer; vamos penetrar juntos a questão, descobrir a inteira estrutura dessa coisa extraordinária que se chama "vontade" e que de tantas maneiras exercemos.

Vontade é esforço. E, a meu ver, o esforço, em toda e qualquer circunstância, perverte a mente. Vou examinar este ponto e espero consigamos estabelecer entre nós a necessária comunicação. Estais acostumados a exercer a vontade. Assim, enquanto falo sobre esta matéria, não traduzais o que ouvis em termos do que já aprendestes ou lestes, não lhe resistais. Temos de investigar juntos a natureza e o significado da vontade, porque pensamos que pelo exercício da vontade promoveremos uma mudança ou transformação psicológica em nós mesmos. E eu vou mostrar-vos que não é por esse caminho que o conseguiremos.

Que é, pois, a vontade? Quer a exerçamos debilmente, quer muito fortemente, ela é sempre o mesmo "processo"; quer exercida em sentido negativo, quer em sentido positivo, ela é

sempre *vontade*. Quando dizeis "Não devo..." e começais a disciplinar-vos a propósito da coisa mais absurda — como, por exemplo, "Quero deixar de fumar" — estais exercendo a vontade; estais fazendo esforço. Porque, no desejo, há sempre uma contradição — fumar e não fumar; tal contradição implica esforço, e esforço significa "vontade de conseguir *isto ou aquilo*, negativa ou positivamente".

Vejamos, pois, o que se entende por "vontade". A vontade, afinal de contas, é o prolongamento do desejo; isso é bastante claro. Desejo uma coisa e trato de obtê-la. Se é coisa agradável, trato de consegui-la muito mais vigorosamente, empurrando para o lado todo obstáculo que me barra o caminho. Ou, se é dolorosa, opondo-lhe resistência. Tanto a resistência como o esforço de obtenção, tanto a busca do prazer como a fuga à dor, tanto o desejo de alcançar uma coisa como o de repeli-la, implicam a ação da vontade.

Que é vontade, então? Ora, provavelmente tendes opiniões ou idéias a respeito da vontade, tiradas de vossos livros. Ou nenhuma idéia tendes sobre o que seja a vontade. Deixemos, por ora, tudo isso de parte, porque desejo transmitir-vos algo. Já que vos sujeitastes ao incômodo de vir aqui, tende a bondade de escutar.

Como sabeis, uma das coisas mais difíceis é escutar. Nós nunca escutamos. Ora, escutar sem resistência é extremamente difícil — por exemplo, escutar o barulho daqueles corvos e ao mesmo tempo o orador. Notai isto; escutar os corvos e simultaneamente o orador requer atenção. Desejais escutar o orador, mas os corvos interferem. Por conseguinte, resistis ao barulho dos corvos, dizendo: "Não quero ouvir os corvos, pois preciso prestar atenção ao que o orador está dizendo." Que significa isso? Que estais exercendo a vontade, para resistir ao barulho dos corvos e concentrar-vos em escutar o orador; portanto, não estais escutando. Estais fazendo um esforço a fim de escutar, esforço que está todo aplicado no resistir e no concentrar-vos; logo, não estais escutando, absolutamente. Observai esse "processo" em vós mesmo. Já se escutais sem resistência aos corvos e sem intensa concentração no orador, vossa atenção não está dividida; escutais, então, tanto os corvos como o orador. Nisso não há concentração, porque sois sensível a ambas as coisas.

É dificílimo discorrer sobre estes assuntos, quando há incidentes causadores de distração — isso que se costuma chamar "distração". Ali está uma senhora a levantar-se para sair, os corvos estão a grasnar (estão dando as "boas-noites" uns aos outros, antes de dormir) e vós quereis escutar o que o orador está dizendo. Escutar tudo isso ao mesmo tempo, sem distração de espécie alguma, é a maneira por excelência de escutar; é a suprema maneira de escutar, pois denota o mais alto grau de sensibilidade.

Vamos, pois, *escutar*, para conhecer, em seu todo, a estrutura da vontade. Como dissemos, a vontade é o prolongamento do desejo; torna-o mais forte. Isso é bem óbvio. Desejo uma coisa e trato de obtê-la. Ora, que é desejo? Tende a bondade de escutar! Não estamos dizendo que deveis viver sem desejo, ou que deveis reprimir. O desejo como recomendam os vossos livros religiosos e todos os vossos *gurus*. Ao contrário, vamos investigar juntos esta questão do desejo. Se reprimis o desejo, isso significa que estais destruindo a vós mesmos, vos estais paralisando, tornando insensível, embotado, estúpido — como sempre fizeram os indivíduos religiosos: reprimindo o desejo, destruíram a sensibilidade. Mas, logo que começardes a compreender a sutileza, a natureza do desejo, nunca mais tentareis reprimi-lo, nunca mais reprimireis coisa alguma. Voltarei a este ponto.

Que é o desejo? Surge o desejo no momento em que vedes uma bela mulher, um belo carro, um homem bem trajado, uma bonita casa. Há a percepção, a sensação por meio do contato, e por fim o desejo. Vejo que estais usando um lindo casaco. Há a percepção, o ver; a atração — o talhe do casaco — e a sensação; e o desejo de possuir um casaco igual. Isso é muito simples.

Ora, que é que dá continuidade ao desejo? Entendeis? Sei como o desejo surge; isso é bastante simples. Que dá continuidade ao desejo? É essa continuidade do desejo que o fortalece, que se torna *vontade*, é claro. Exato? Cumpre-me, portanto, descobrir o que é que dá continuidade ao desejo. Se puder descobri-lo, saberei então o que fazer acerca do desejo; nunca o reprimirei.

Pois bem; que dá continuidade ao desejo? Vejo algo belo, atraente; despertou-se um desejo. E preciso agora descobrir o que lhe dá vitalidade, o que dá continuidade à sua força. Algo que me agrada me parece desejável, e a esse desejo dou continuidade pensando nele. Penso no sexo, e com isso lhe dou continuidade. Ou penso num desgosto ontem provado e também lhe dou continuidade. Vemos, pois, que o despertar do desejo é natural, inevitável; nós temos de ter desejo, de reagir, pois, do contrário, somos entidades mortas. Mas o importante é verdes, descobrirdes por vós mesmo quando se deve e quando não se deve dar continuidade ao desejo.

Por conseguinte, temos de compreender a estrutura do pensamento, que influencia, controla, molda e dá continuidade ao desejo. Exato? Isso é bem claro. O pensamento funciona de acordo com a memória, etc. — assunto de que não vamos tratar agora. Estamos apenas mostrando como, pelo pensar constantemente no desejo, ele se fortalece e se lhe dá continuidade — a qual se torna *vontade*. Como essa vontade é que operamos. E essa vontade baseia-se no prazer e na dor. Se há prazer, desejo mais desse prazer; se há dor, resisto.

Assim, tanto a resistência à dor como a busca do prazer dão continuidade ao desejo. E, uma vez compreendido isso, não cuido mais de reprimir o desejo, porque, quando o reprimimos, ele inevitavelmente causa outros conflitos — como acontece quando se reprime uma doença. Não se pode reprimir uma doença; temos de deixá-la declarar-se, dar atenção a ela, fazer tudo o que seja necessário. Se a reprimimos, ela aumentará em potência, tornar-se-á mais forte, e mais tarde nos atacará. Identicamente, quando se compreende a natureza do desejo e o que lhe dá continuidade, nunca mais e em circunstância alguma o reprimiremos. Mas isso não significa que devamos entregar-nos ao desejo. Porque, se cedemos ao desejo, ele traz a dor ou o prazer que lhe são próprios, e de novo nos vemos em seu círculo vicioso.

Os entes humanos, em maioria, já se afizeram a este modo de proceder: quando desejam mudar, abandonar um hábito, exercem a vontade. E essa vontade, gerada que é pela contradição, promove uma perene batalha em nosso interior. Existe outra maneira de efetuar dentro em nós uma transformação radi-

cal e entrarmos numa nova dimensão, totalmente diferente da velha dimensão?

E, para entrarmos nessa nova dimensão, temos de compreender a natureza da velha dimensão, tudo o que ela encerra, todas as suas estruturas, e dores, e variações, e sutilezas. Uma das coisas pertencentes à velha dimensão é a vontade. Portanto, temos de compreendê-la e dela nos libertarmos. Isto é, devemos libertar-nos da idéia do esforço. Essa é uma das coisas mais difíceis, porque, em toda a nossa vida, da infância à morte, fazemos esforços para ser bons, alcançar êxitos, tornar-nos grandes ou pequenos, ir para o céu ou achar Deus; dizemos que devemos fazer *isto* e não devemos fazer *aquilo*. Estamos a forcejar continuamente. Ora, é de modo natural que a bondade floresce. Se nos esforçamos para sermos bons, já não somos bons. O florescer em bondade é a verdadeira natureza da mente religiosa. Por conseguinte, a mente considerada "religiosa", porque faz esforço para ser boa, é irreligiosa.

Para descobrirmos, por nós mesmos (e não aceitarmos ou rejeitarmos), uma maneira de viver sem nenhum esforço, em qualquer atividade que seja, no escritório, em casa, ou andando, ou pensando, cumpre haver muita investigação, muita compreensão, profunda penetração de nós mesmos. Quando fazeis esforços, que significa isso? Em primeiro lugar, tensão física — uma tensão contínua não motivada pela necessidade de ganhar o sustento, porém causada por nossa ambição, nossa avidez, nossa desordem interior, nossa competição, nossa brutalidade, nossa insensibilidade. Essa tensão contínua ataca o coração.

Por que fomos educados para fazer esforços? Não sei se a vós mesmos já perguntastes: Por que fazeis esforços? Para vos tornardes melhor? Para serdes promovido no emprego? Para vos controlardes? Para alterardes a psique, os pensamentos e sentimentos psicológicos, etc.? Já conseguistes mudar mediante esforço — mudar radicalmente e não superficialmente? Ou haverá, a esse respeito, um modo de atuar totalmente diferente? Porque todo esforço destrói a espontaneidade. Se não sois espontâneo, sois um ente mecânico, tornar-vos-eis embotado, insensível. Se sois insensível àquela lua, se não podeis ver sua beleza, espontaneamente, naturalmente, com vitalidade, com

vigor, vossa mente está morta, é uma mente inepta, desordenada, irreligiosa.

Nunca olhamos para a lua, nunca vemos a sua beleza. Se ocasionalmente alguém nos chama a atenção para ela, olhamos para o alto; mas nossos pensamentos, nossas preocupações ocupam muito mais espaço (em nossa mente) e, portanto, não olhamos a lua verdadeiramente. Nunca olhais a beleza do mar, ou do rio, ou de uma árvore. Nunca olhais a beleza do semblante de uma criança, de uma mulher, de um homem. Porque, para vós, a beleza está sempre associada ao sexo; e todos os vossos livros religiosos preceituam: "Evitai a mulher, se quereis achar Deus!" E, assim, negando a beleza, negastes a vida; e negando-se a vida, não se pode encontrar a vida eterna. A vida está *aqui*, e não no além.

É, portanto, indispensável que descubrais, por vós mesmo, porque fazeis esforço. Eu vo-lo posso explicar; mas explicações, palavras, não são fatos — assim como a palavra "árvore" não é a árvore. A explicação não é o fato por vós mesmo descoberto. Quando o descobris por vós mesmo, ele assume extraordinária vitalidade e vos transmite a vitalidade necessária para o enfrentardes. Olhai! Se vos digo que olheis para a lua, olhais; mas em verdade não olhais, porque foi outro que vos mandou olhar. Mas, se estais escutando o orador e ao mesmo tempo olhando a lua, vereis então a extraordinária unidade de vossa atenção, que olha a lua e ouve as palavras do orador; não há dois processos diferentes, duas diferentes atividades. É a mesma energia que olha e escuta. Mas, se a dividis como ato de escutar e ato de olhar, está então criada uma contradição. E nessa contradição há esforço. Excluís então a lua para ouvir o orador. Quando excluís a lua para escutar o orador, *não escutais* o orador.

A beleza do escutar reside em sermos altamente sensíveis a tudo o que nos cerca, à fealdade, à imundície, ao esqualor, à miséria, e também à sordidez, à desordem, à pobreza de nossa própria existência. Quando estamos cônscios de ambas as coisas (o orador e a lua), não há então esforço. Isto é, quando há percebimento sem nenhuma escolha, não há esforço. Se dizeis: "Quero prestar atenção à lua" — isso é escolha: preferis prestar atenção à lua, a prestar atenção ao orador e ao que está

dizendo. Há, portanto, uma divisão: excluís uma coisa para prestardes atenção a outra. Nessa exclusão e nessa divisão há contradição. Essa contradição é que gera conflito e, por conseguinte, esforço. Mas, se escutais e se observais sem nenhuma escolha, nenhuma exclusão, nenhuma contradição, não há então esforço de espécie alguma.

Examinaremos esta questão do esforço talvez na próxima reunião. Mas, importa compreender isto: a vontade, quer positiva, quer negativa, cria contradição, inevitavelmente; e quando a mente se acha em contradição, exterior ou interiormente, tem de haver esforço; e, havendo esforço, não há atenção, não há percebimento. Essa é a origem de todos os nossos problemas.

Assim, a mente que escuta e ao mesmo tempo olha a lua, sem nela haver nenhuma contradição — essa mente é sensível a tudo; ela aprende, indefinidamente, e jamais acumula o que aprendeu como conhecimento. Porque a mente que está apenas a acumular e a armazenar conhecimentos é uma mente embotada, insensível. Mas a mente que está *aprendendo* é altamente sensível.

E só podeis aprender quando observais, quando vedes, quando ouvis, quando sentis — quando há esse percebimento completo de tudo, essa elevada sensibilidade. Só então a mente não tem conflito nenhum; não é uma mente torturada, uma mente maculada, desfigurada. Só essa mente pode ver a Verdade; só ela pode viver fora do tempo.

14 de fevereiro de 1965.

BOMBAIM — III

Do Ato de Observar

Parece-me que não tentastes compreender o significado da palavra "participar". No participar não há autoridade, pois não há nem *vós* nem *eu*. Não há consciência de dar ou de receber; só há o ato de participar, que não confere importância nem a quem dá nem a quem recebe. E, *participar* implica muitas coisas: que ambas as partes — o orador e vós — se acham num estado de espírito no qual só há aquela tendência, ou sentimento, ou afeição, ou amor que, impremeditadamente e sem identificação com nenhuma personalidade, estabelece a participação (comunhão). Nesse participar não há instrução. Não há instrutor nem discípulo, não há quem dá nem quem recebe, porém, tão-só, um ato de completa comunhão. Não sei se já alguma vez conhecestes esse sentimento de completa união, de completa comunhão existente no ato de participar, que é com efeito um ato de grande afeição e compaixão.

Vamos considerar um assunto que não exige uma mera explicação verbal ou dialética, ou troca de opiniões, ou oposição de uma idéia a outra idéia, pois, quando tais coisas existem, o ato de participar se torna muito fraco. Queremos falar, nesta tarde, sobre a questão da ação. Mas, para compreendê-la, não apenas verbalmente, não apenas intelectualmente, porém com a totalidade de nosso ser, temos de ultrapassar as palavras. Só então pode haver comunhão, participação, só então podemos tomar parte juntos em algo de suma importância. E esta questão da ação requer, não só uma explicação verbal, mas também,

e muito mais, que marchemos juntos, explorando cuidadosamente o nosso caminho para a compreensão desta questão da ação.

Assim, para comungarmos deve, por certo, haver não só a compreensão verbal, mas também, ao mesmo tempo e no mesmo nível, intensidade; do contrário, não é possível nenhuma comunhão, nenhuma participação. Essa intensidade deve existir ao mesmo tempo, na mesma profundidade, no mesmo nível — e isso, afinal de contas, é amor; é compaixão. E, para a compreensão desse problema da ação, requer-se não só uma mente objetiva, um exame objetivo, mas também muita sutileza e sensibilidade — não mera aceitação ou rejeição de uma certa definição de "agir", porém, antes, o descobrimento, por cada um de nós, dessa coisa extraordinária que se chama "vida" — que é *ação*. A existência é ação. Há dois estados — eu pelo menos os distingo — na existência. Há aquele estado estático que é "existir". E há aquele movimento dinâmico que é "existência".

A vida é existência — movimento; e esse movimento é ação. A vida (a totalidade da vida, e não partes dela: o total estado de existência) é ação. Mas, quando meramente existimos, como o faz a maioria de nós, a ação se torna então um problema complexo. A existência não tem divisões; não é um estado fragmentário da mente ou do ser; nela, é possível a ação total. Mas, quando dividimos a existência em diferentes segmentos, fragmentos, a ação se torna então contraditória.

Dividimos a vida em vida profissional, religiosa, mundana, psicológica, artística, literária, etc. Está a vida fracionada em vários fragmentos: a divisão "tribal", exaltada no nacionalismo; os líderes "tribais"; as religiões "tribais"; os vários fragmentos de nossa vida — nossas diferentes maneiras de atuar, pensar e sentir, no escritório, no lar, no ônibus, em nossos passeios, nossos serviços sociais, nossas devoções ou práticas religiosas. Os diferentes fragmentos de nossa vida, uma vez que dissociados, estão — e têm de estar forçosamente — em conflito uns com os outros; nossas ações, por conseguinte, contradizem inevitavelmente umas às outras. Tal a nossa vida de cada dia. Vosso comportamento em casa difere do vosso comportamento no escritório ou em vosso clube ou num encontro com amigos; e dife-

rentes são também os atos que praticais quando estais a sós em vosso quarto.

Nossa vida, pois, como se pode observar, é fragmentária, fracionária. E procuramos integrar todas essas partes diferentes. Mas isso nunca será possível. Integrar é juntar. Quando se integram partes heterogêneas, essas partes de novo se soltam. Assim, o que desejamos descobrir não é como integrar as partes, porém, sim, o que é ação total — no escritório, na igreja ou no templo, em casa, quando estais a sós, quando contemplais o mar ou vos achais em comunhão com a natureza: *ação total.* Queremos descobrir se existe essa ação e, por conseguinte, se podemos viver num estado de ação constante — isto é, de existência, movimento, vida — num estado não fragmentário. É o problema que vamos considerar nesta tarde.

A maioria de nós deseja viver uma vida razoavelmente pacífica, inteligente, harmônica, num certo estado de integridade (inteireza), não sujeitos ao controle do ambiente, livres desta perene batalha com outros ou com nós mesmos. Desejamos viver uma vida mais ou menos "integrada", inteligente. E essa vida não é possível porque todas as nossas atividades se acham num estado de contradição, não só consciente, mas também inconscientemente. Quando uma pessoa se observa (e é isso que estamos fazendo nestas reuniões), pode ver que não está meramente escutando o orador, porém, principalmente se servindo de suas palavras como de um espelho em que se refletem os movimentos de sua própria mente, e nele descobrindo o que é verdadeiro e o que é falso (por si mesmo e não por indicação de outrem) e, por conseguinte, percebendo, por si próprio, a natureza contraditória de suas atividades.

Ora, por que é tão contraditória a vida? Por que existe tanta contradição em nós mesmos, nossas perspectivas, nossos sentimentos, nosso comportamento, nossas idéias? E, por que essa fragmentação da vida — vida profissional, vida doméstica, vida religiosa e não religiosa, vida mundana, etc. — cada atividade em contradição com as outras?

Estivemos considerando outro dia *o desejo.* O desejo existe quando há um sentimento de algo que nos está faltando, necessidade de alguma coisa. Isto é, quando desejais alguma

coisa, isso é um indício de que algo vos está faltando. Mas o desejo, em si, não é contraditório. Há contradição quando os objetos do desejo são contraditórios, ou diferentes, ou opostos. O desejo é constante, mas os seus objetos mudam, variam, ou se opõem; e, por conseguinte, todas as atividades do desejo geram contradição. Isto é, todo ato de desejo é um estado de falta, de necessidade, em relação ao objeto; percebe-se, assim, que o desejo é contraditório. Desejo paz; no entanto, ao mesmo tempo, estou todo possuído do espírito de competição. Desejo ser bom, e ao mesmo tempo tenho um forte sentimento de antagonismo. As idéias, os objetos do desejo, são contraditórios, não o próprio desejo. Releva compreender isso. A maioria das pessoas crê que o próprio desejo é contraditório; por essa razão tentam reprimi-lo, sublimá-lo, controlá-lo — fazer tudo o que podem em relação ao desejo.

O sentimento de falta, de insuficiência, faz-nos comparar; e dessa comparação nasce a ânsia, o desejo, o anelo da coisa que irá preencher aquele vazio, aquela falta. É muito simples isso. Não estou querendo complicá-lo. Como se trata de uma questão sobremodo complicada, temos de considerá-la de maneira bem simples.

Dissemos, naquela outra tarde, que o desejo resulta da percepção — percepção, sensação, contato e, por fim, o desejo. É isso o que sucede: Aparece um belo carro; vejo-o; toco-o; nasce a sensação, e o desejo. E esse desejo é fortalecido e perpetuado pelo pensamento; daí se origina o conflito para alcançar o que desejo — possuir o carro. O carro me dá preenchimento, preenche aquele vazio, aquele sentimento de falta; se eu tivesse aquele carro, faria *isto* e *aquilo*; teria mais poder, mais dinheiro. O sentimento de falta é o estado de desejo. E por isso há conflito. Isto é, interiormente, quase todos nós somos insuficientes — pelo menos pensamos sê-lo — e procuramos preencher essa insuficiência (e isso é uma forma de desejo); essa insuficiência gera a contradição e, por conseguinte, atividades contraditórias.

Vede, por favor, como já disse, não estais meramente a escutar as palavras do orador. Estais "escutando" vossa própria mente, observando vosso próprio "estado de ser". Dessa

maneira podeis ver, por vós mesmo, como surge a contradição. Penso que o carro me dará felicidade, poder, posição, importância. E também, muito fundo em mim mesmo, existe o sentimento de afeição, de simpatia, de benevolência; também o sentimento de que devo realizar algo na vida, torna-me *alguém*, o que é um estado contraditório. Essa contradição, pois, nasce daquele terrível sentimento de insuficiência, de vazio, de solidão. Por isso, vivemos a fazer esforços; e esforço é luta, competição. Tal é nossa vida: uma luta perene para "vir a ser", realizar coisas, ser bons, preencher-nos, conquistar prestígio, posição, poder, domínio, tornar-nos inteligentes. Assim é a nossa vida: luta constante, luta infinda, até à morte; e, para fugirmos dela, inventamos deuses, templos, uma maneira de vida que nos afaste dessa luta. Enquanto não se compreender a luta, não importa o que se faça, nunca se terá paz. Pode-se ter uma paz superficial — assim como, superficialmente, podemos tranqüilizar-nos com um comprimido — mas isso não resolverá o nosso problema. O problema é muito mais profundo.

Assim, para compreender o que é a ação — não a "ação correta" ou a "ação incorreta" — temos de compreender esse vasto processo do desejo; e temos também de compreender a larga separação existente entre a idéia e a ação. E, ainda, temos de compreender a natureza do pensador e do pensamento, ou do observador e da coisa observada.

Examinaremos primeiramente a natureza contraditória da idéia e da ação. Isto é, temos uma fórmula de "ação correta" — o ideal, o padrão, a imagem, o símbolo, *o que deveria ser*, o que queremos que seja; e à nossa frente temos o fato: *o que é*. Está claro, não? Temos o ideal, o herói, o exemplo, o que *deveria ser* — e *o que é*. O *que é* — é inteiramente diferente do que *deveria ser*. E estamos sempre a comparar *o que é* com o que *deveria ser*. Somos violentos; isto é um fato. Isto é, na realidade somos violentos; o ideal é a não-violência; e, por conseguinte, estamos sempre a comparar *o que é* com o que *deveria ser*, resultando daí uma contradição.

Por essa razão, o idealista está sempre em conflito, sempre a batalhar com o "não devo" e o "devo" — reprimindo, esforçando-se, lutando, para transformar *o que é* em *o que deveria ser*.

Toda a nossa vida, como a vida da maioria, se constitui desta batalha. Eu fui, eu sou e o que eu deveria ser — e "o que eu deveria ser" é o ideal, o padrão, a fórmula; o "eu sou" resulta de "o que eu fui"; e, assim, existe esta constante batalha. Por favor, observai-vos. Usamos o ideal como um meio de mudar *o que é*, como um incentivo. Atentai nisto, porque vamos investigar algo que exige a vossa atenção. Nós usamos o ideal como um estímulo para transformar, mudar ou modificar *o que é*; daí o conflito, a luta. Por isso, nunca observamos *o que é*. Nunca nos pomos em contato direto com *o que é*; só nos pomos em contato com *o que* é através do que *deveria ser* ou *não deveria ser*. Por conseguinte, não há uma comunhão completa com *o que é*, e daí o conflito. Porque estamos procurando transformar *o que é* em algo que imaginamos nos proporcionará mais prazer ou nos resguardará da dor, declara-se a batalha, o conflito, a luta, a perene brutalidade resultante do querermos fazer algo com um ideal.

Temos, assim, a divisão, a separação: o fato, *o que é* — e o padrão, fórmula ou ideal do que *deveria ser*. Entretanto, *o que é* deve mudar. Temo-nos servido do ideal, do exemplo, como um meio ou um incentivo a alterarmos o fato — *o que é*; por essa razão, vivemos em conflito. E a mente que vive em conflito está morta, insensibilizada, embrutecida. A mente que exerceu qualquer repressão sofre infinitamente. E a mente torturada nenhuma possibilidade tem de ver o que é verdadeiro, de descobrir algo fora do tempo — se tal coisa existe. Assim, só a mente nova, inocente, juvenil, vigorosa, pode enfrentar o fato, pode ver o que é verdadeiro — e não a mente torturada. Todos os santos, todos os *Mahatmas* e *gurus* são homens de mente torturada; eis por que nunca vêem o que é verdadeiro.

A mente foi criada para ser sempre nova, jovem, inocente — e não para ser torturada, intimidada, "torcida". Entretanto, *o que é* tem de ser alterado; isso, decerto, é muito importante. Suponhamos um indivíduo ávido; o ideal é não ser ávido. Ou consideremos outro problema muito mais religioso e familiar a todos nós: para achar Deus, devo ser um santo. Há, pois, o ideal e o fato; e, depois, a batalha, consiste em reprimir, em controlar, em lutar perenemente contra essa coisa chamada "sexo"; por conseguinte, a fuga ao fato. Um indivíduo adere

às mais absurdas reformas sociais, retira-se para o Himalaia, enclausura-se, violenta todas as coisas, para fugir ao fato. Entretanto, o fato precisa ser compreendido e transformado em conflito. Está claro isto? O fato, ou seja *o que é* — violência, luxúria, avidez, etc. — deve ser transformado *sem esforço*; ao começardes a fazer esforço, a batalhar ou lutar, começastes a torcer a vossa mente, a embotá-la, a insensibilizá-la.

Para viver, temos de ser sobremodo sensíveis — sensíveis à beleza, sensíveis à fealdade, ao esqualor, à brutalidade, à sordidez, à imundície das ruas desta cidade, às nuvens que vemos numa certa tarde, resplendentes da luz solar, ao reflexo sobre as águas, a um bonito rosto, um belo sorriso. Ser sensível a tudo é a própria natureza, a própria essência da vida. Mas, quando a mente é violentada por meio de esforços, de batalha constante, de repressão, sublimação ou fuga — torna-se embotada, cansada, estúpida, completamente insensível. Assim, o problema consiste em como promover a mutação do fato, do *que é*, sem nenhum esforço. É possível olharmos esse fato — *o que é* — sem o desejo de transformá-lo, de mudá-lo, sem com ele nos identificarmos?

Disseram-me que um eletrônio se comporta de uma certa maneira, registrada no diagrama. Mas, quando esse mesmo eletrônio é observado pelo olho humano, sob o microscópio, essa própria observação pela mente humana altera o seu comportamento. Isto é, a observação do eletrônio pelo homem origina no próprio eletrônio um comportamento diferente daquele que tem quando a mente humana não o está observando.

Temos falado, nestes muitos anos, acerca do ver, do observar, do olhar. É possível olharmos uma flor, uma árvore, um rosto, sem lhe darmos nome, sem nos identificarmos com o que vemos, sem condenação, justificação, explicação? Isto é, pode-se olhar sem pensamento? Isso não significa ficar com a mente "em branco"; significa *olhar*. E só é possível olhar, quando não existe nenhum EU a interferir nesse *olhar*. Compreendeis? Isto é, há o fato de que sou violento. E afastei de mim a estulta idéia de ser não-violento. E vejo, também, que o lutar para dele me livrar, para modificá-lo, requer esforço e que esse próprio esforço faz parte da violência. Entretanto, reconheço

que a violência precisa ser alterada completamente, ser transformada; nela tem de operar-se uma mutação.

Ora, como conseguir isso? Se puserdes de parte a questão, por a considerardes extremamente difícil, perdereis a possibilidade de entrar num estado extraordinário, ou seja na existência sem esforço e, por conseguinte, numa vida altamente sensível, altamente inteligente. Só essa inteligência elevada ao sumo grau pode descobrir os limites e as medidas do tempo, e ultrapassá-los. Percebeis a questão, o problema? Até agora, temo-nos servido do ideal como o meio ou incentivo para libertar-nos do que *é*; e ele gera contradição, hipocrisia, crueldade, brutalidade. Mas, se lançamos à margem esse ideal, ficamos com o fato. Vemos então que o fato precisa ser alterado nem nenhuma espécie de atrito. Todo atrito, toda luta, todo espaço destrói a sensibilidade da mente e do coração.

Que podemos então fazer? O que se pode fazer é observar o fato — observá-lo, sem tradução, interpretação, identificação, condenação, avaliação — observá-lo, simplesmente. É relativamente fácil observar uma flor sem lhe dar nome, sem dizer "gosto" ou "não gosto". Observar simplesmente — isso é fácil quando se trata de coisas externas que não influem psicologicamente, emocionalmente. Mas é difícil observar dessa maneira a violência; isto é, não dar nome ao sentimento da violência, não o condenar, não o julgar, não o identificar, porém, apenas observá-lo. Quando se olha o fato simplesmente, pode-se observar um comportamento diferente, tal como o que se observa no elétrônio. Se considerarmos o fato sem nenhuma pressão, o fato sofrerá então uma transformação completa, uma completa mutação, *sem esforço algum*.

Nós dissipamos energia com negar o fato, "suprimi-lo"(1), procurando fugir dele ou dominá-lo, controlá-lo, reprimi-lo. Com isso estamos dissipando nossa energia. E, se detemos essa atividade, naturalmente, sem esforço algum, teremos então toda essa energia para observar; e a própria energia da observação,

---

(1) Suprimir (*suppress*); excluir uma idéia ou desejo da atividade consciente (Dic. WEBSTER). (N. do T.)

adicionada ao fato — que é também energia — torna-se uma energia total, de modo que não há contradição alguma.

E há também este fato: o pensador e o pensamento. Observai a vós mesmo, como experimentador e coisa experimentada. Aqui, mais uma vez, encontramos a divisão, a contradição, a dualidade e, por conseguinte, o conflito. O que estamos tentando agora é co-participar (*share together*) — o que, em verdade, é um estado de verdadeira afeição, de grande amor, em que nunca existe conflito algum, em que nenhum esforço se faz, seja em casa, com a mulher, o marido, os filhos, seja em qualquer gênero de atividade. Isso só é possível ao observarmos e compreendermos toda contradição.

Uma das principais contradições de nossa vida é esta: a divisão entre o pensador e o pensamento. O pensador, para a maioria das pessoas ditas religiosas, é o *Atman*, etc. — algo existente primeiro, e depois o pensamento. Mas, se observardes, vereis que não há *primeiro*, que só há pensar; o pensamento inventa o pensador, e este assume então uma permanência no tempo, como Ente Supremo, Eu Superior, *Atman*; mas, o pensador é inventado pelo pensamento. Sem pensamento, não há pensador; portanto, temos esta contradição, não só no nível consciente, mas também no nível inconsciente. Há esta divisão: *meu* e *não-meu*; ter experiência e querer mais experiência; querer o pensador alterar o pensamento. Temos esta dualidade, esta batalha que, consciente ou inconscientemente, se está travando a todas as horas. E enquanto mantivermos o pensador como centro, como observador, tem de haver conflito; e a ação, por conseguinte, produzirá mais conflito ainda. Cabe-nos, pois, observar o pensamento sem o pensador — quer dizer, não condenar o pensamento; não alterá-lo; não reprimi-lo; não dizer que tal pensamento é bom, que tal pensamento é correto, que tal pensamento é nobre, que tal pensamento é ignóbil: observar, simplesmente, o pensamento.

Perguntareis, então: "*Quem* é o observador que observa o pensamento?" — O observador, o pensador, só existe quando há a idéia de transformar o pensamento, de reprimi-lo, alterá-lo, dominá-lo, controlá-lo. Só quando existe alguma atividade a respeito do pensamento, existe pensador. Mas, quando essa

atividade se detém inteiramente, só há então pensamento e não há nenhum observador a pensar. E quando se observa dessa maneira, pode-se ver que, na observação, o pensamento passa por uma revolução fundamental; e, por conseguinte, a vida, a existência se torna tal, que não há mais contradição na ação. Isso não é um ideal, uma coisa que vos cumpre alcançar. Deixai de pensar assim. É um processo natural, como vereis, se compreenderdes esse extraordinário fenômeno da observação — da observação de si mesmo, sem nenhum desejo de mudar, de alterar, de reprimir: observação pura e simples.

Costumamos observar, ver, olhar, ouvir, no nível dimensional, ou seja no tempo. Tudo observamos através do tempo — não só do tempo cronológico, senão também do tempo que a mente inventou — o *amanhã*. Na realidade, não existe amanhã. Nós o inventamos, psicologicamente. Só há amanhã no sentido cronológico. Nós olhamos o pensamento, a avidez, a inveja, a ambição, nossa estupidez, nossa brutalidade, a violência, o prazer, através dessa dimensão — do tempo — e nos servimos do tempo como meio de transformar a coisa que observamos. Daí se origina a contradição entre o fato, que é uma coisa viva, e o tempo, que é estático.

Devemos, pois, olhar realmente a vida, esse imenso campo da vida — não a vida "tribal" do indiano, do cristão, do budista, do alemão, do russo, do comunista etc., e seus pajés. Devemos olhar essa vida que é imensa, palpitante, cheia de força, ilimitada, com olhos que estejam somente a observar, e, por conseguinte, agir totalmente, com todo o nosso ser, a cada minuto. Não há então nenhuma contradição, porque foi compreendida inteiramente a natureza da dualidade ou contradição.

Explicamos que o sentimento de insuficiência, de vazio, de falta, é desejo — desejo a que o pensamento dá continuidade — e a fuga ao desejo, como uma forma de ação; ou o preenchimento desse vazio, como outra forma de ação. Explicamos também a contradição entre o pensador e o pensamento, a contradição entre o fato — *o que é* — e o ideal. Uma vez tenhais compreendido todo esse processo, por meio da *observação* — não pelo intelectualizar, pelo exercitar das emoções, porém pelo simples observar — vereis que a vida é ação; não diferentes ações

em diferentes níveis, em contradição uns com os outros, porém uma atividade total, como existência, como movimento; podereis então exercer vossa profissão, tudo fazer de maneira total, sem contradição alguma.

Só a mente que observou todas as suas atividades, seu próprio comportamento — só essa mente pode viver sem fazer esforço. Assim, sua ação não é contraditória; e, por conseguinte, ela não está na sujeição do tempo.

17 de fevereiro de 1965.

BOMBAIM — IV

Prazer, Sexo, Amor

Desejava falar a respeito de algo que pode ser considerado assaz complexo, porém na realidade é muito simples. Gostamos de tornar as coisas complexas — de complicá-las. Pensamos que é "intelectual" ser complicado, lidar com as coisas de maneira intelectual ou tradicional, dando assim ao problema ou questão uma feição complicada. Mas, para se compreender qualquer coisa com certa profundidade, a ela temos de aplicar-nos de maneira simples — isto é, não verbalmente, nem emocionalmente apenas, porém com uma mente nova. A maioria de nós tem a mente velha, porque tivemos numerosas experiências, estamos deteriorados, recebemos muitos choques, tivemos muitos problemas; perde-se, assim, a elasticidade, a presteza na ação. A mente nova é, decerto, aquela que atua no momento de ver e de observar. Isto é, a mente nova é aquela para a qual ver é atuar.

Eu gostaria de saber de que maneira escutais um som. Os sons têm importante papel em nossa vida. O canto de uma ave, o ribombo do trovão, o rumor das sempre inquietas ondas do mar, o burburinho de uma grande cidade, o ciclo das folhas, o riso, o pranto, a palavra — são variações do som. Como devemos escutar os sons que nos cercam — os sons dos corvos, da música distante? Escutamo-los com os "barulhos" que temos em nós mesmos, ou sem eles?

Em geral, escutamos com os peculiares barulhos produzidos por nossa tagarelice, nossas opiniões, juízos, avaliações, o dar

nome, e nunca *escutamos* os fatos. Escutamos nossa própria tagarelice. Assim, para escutar, escutar realmente, deve a mente estar sobremodo quieta e silenciosa. Se, escutando o orador, prosseguis em vossa conversação particular com vós mesmo, a puxar vossas opiniões, ou idéias, ou conclusões, ou avaliações, não estais com efeito escutando o orador, absolutamente. Mas, para se escutar tanto o orador, como também as aves, o rumorejo da vida de cada dia, torna-se necessária uma certa quietude, um certo silêncio.

Em geral, não guardamos silêncio. Não só mantemos uma contínua conversação com nós mesmos, mas também estamos sempre a falar, a falar interminavelmente. Ora, para escutar, precisamos de um certo espaço, e não há espaço se estamos a tagarelar conosco. O escutar exige um certo silêncio; e o escutar em silêncio exige uma certa disciplina. Disciplina, para a maioria de nós, significa repressão de nosso próprio barulho, nosso próprio julgamento, nossas próprias avaliações. Para deter a "tagarelice", pelo menos momentaneamente, forcejamos por reprimi-la, a fim de escutar o orador ou o pássaro. A disciplina, para a maioria de nós, é uma forma de repressão; uma forma de ajustamento a um certo padrão. Para escutar o som, é claro que toda espécie de controle, de repressão, tem de cessar. Se procurásseis escutar, veríeis como é difícil deter vosso próprio barulho, vossa própria tagarelice, e escutar em silêncio.

Estou empregando a palavra "disciplina" em seu sentido exato, sua exata significação que é — *aprender*. A disciplina, no sentido original da palavra, não implica ajustamento, repressão, imitação, porém, antes, um "processo" de aprender. E o aprender não é mera acumulação de conhecimento — coisa de que qualquer máquina é capaz. Máquina nenhuma é capaz de aprender; mesmo o computador ou cérebro eletrônico é incapaz de aprender. Os computadores e os cérebros eletrônicos só podem acumular conhecimentos, informações, e vo-los fornecer. O ato de aprender, pois, é ato de disciplina; muito importa compreender isso.

Vamos nesta tarde considerar uma questão que exige o ato de aprender a cada minuto; não ajustamento, não repressão, porém, antes, aprender. E não há possibilidade de aprender, se

vos limitais a comparar o que ouvis com o que já sabeis ou o que lestes — por mais ampla ou inteligentemente que o façais. A comparação extingue o aprender. Só pode haver aprender quando a mente está mais ou menos silenciosa e a escutar "de dentro" desse silêncio; de outra maneira, não é possível aprender. Se desejais aprender uma nova língua, uma nova técnica, qualquer coisa nova que não sabeis, vossa mente precisa estar relativamente quieta; se não, não pode aprender. Aprender é disciplinar. As relações são uma forma de disciplina, constituem elas um movimento. Não há relações estáticas, e todas as relações exigem constante aprender. Ainda que estejais casado há quarenta anos e tenhais estabelecido relações agradáveis, firmes, respeitáveis, com vossa esposa ou esposo, se tais relações se estabeleceram na forma de um padrão, não estais aprendendo. As relações são um movimento; não são estáticas. Demandam um constante aprender, porquanto as relações estão sempre em constante mutação, em contínuo movimento; do contrário, não há verdadeiras relações. Podeis pensar que vos achais em relação; mas, na realidade, estais em relação com a imagem que tendes da outra pessoa ou das experiências que com ela tivestes em comum. A imagem, o símbolo, a idéia, é com isso que entrais em contato com outra pessoa e, por conseguinte, tornais as relações uma coisa morta, estática, sem vida, sem vigor, sem paixão. Só a mente que está aprendendo é apaixonada.

Não emprego a palavra "paixão" no sentido de "prazer exaltado", porém antes em referência àquele estado da mente que está sempre a aprender e, por conseguinte, sempre ardorosa, viva, em movimento, nova, e portanto apaixonada. Bem poucos de nós se apaixonam. Temos prazeres sensuais, luxúria, diversões; mas o sentimento de paixão, esse a maioria de nós não tem. Sem paixão, no elevado sentido ou significado da palavra, como se pode aprender, como se podem descobrir coisas novas, como se pode investigar, como podemos mover-nos com a celeridade que a investigação requer?

E a mente apaixonada está sempre em perigo; mas nós nunca somos apaixonados. Somos respeitáveis, ajustamo-nos, aceitamos, obedecemos. Há "respeitabilidade", "deveres", e outras palavras de que nos servimos para sufocar o ato de aprender.

O ato de aprender, dissemos, é disciplina. Nessa disciplina não há ajustamento de espécie alguma e, por conseguinte, nunca há repressão; porque, quando estais aprendendo a respeito de vossos sentimentos, a respeito de vossa cólera, de vossos apetites sexuais e outras coisas mais, nunca há necessidade de refrear nem de ceder. E essa é uma das coisas mais difíceis, porque todas as nossas tradições, todo o passado, todo o conjunto de lembranças e de hábitos, fixaram-nos a mente numa rotina, que estamos muito dispostos a seguir e de modo nenhum desejamos ser perturbados e atraídos para fora dela. A disciplina, por conseguinte, é para a maioria de nós mero ajustamento, repressão, imitação, que, mais cedo ou mais tarde, nos levam a uma vida muito respeitável — se isso se pode chamar "vida". O homem que ficou cativo na estrutura da respeitabilidade, da repressão, da imitação, do ajustamento — esse homem não está vivendo, absolutamente; tudo o que aprendeu, tudo o que adquiriu é mero ajustamento a algum padrão; e a disciplina que ele seguiu o destruiu.

Mas, estamo-nos referindo ao ato de aprender que só se verifica quando há intensidade, paixão; estamos falando da disciplina que é ato de aprender. O ato de aprender se verifica a cada minuto; não significa que aprendeis e aplicais o que aprendestes ao próximo incidente — pois, assim, deixastes de aprender. Essa espécie de disciplina a que nos referimos é necessária, porque, como dissemos, toda relação constitui um movimento que requer disciplina e, portanto, aprender. E essa disciplina que é o ato de aprender em cada minuto, é essencial para se investigar qualquer coisa que exija muita penetração e compreensão.

O prazer, para a maioria de nós, é de suma importância, e, todos os nossos valores, e ânsias, e buscas, visam a mais prazer. E, prazer não é amor. A compreensão do prazer — não o rejeitá-lo, porém o aprender a respeito dele — requer que o consideremos com uma mente nova. Prazer é gozo, deleite; também fruição sexual. Quando numa certa tarde vedes uma nuvem resplandecente, isso vos proporciona grande deleite. Se alguma vez olhais para o céu — se não estais todo enredado em vossas diárias preocupações, diversões e mágoas — encontrais deleite no olhar aquela nuvem, aquele céu, aquela luz refletida

na água; há deleite em ver um belo rosto todo iluminado de sorrisos e de inocência. E há também o prazer sensual, o gozo sensual — fazer um bom repasto, ouvir boa música — as sensações do paladar, do sexo, das idéias, etc. — Em tudo isso há prazer intelectual, prazer emocional, prazer físico. Mas, o amor é coisa muito diferente. Talvez possamos considerá-lo nesta tarde.

Em primeiro lugar, para compreender o prazer, dele nos devemos abeirar para aprender, e não para reprimi-lo e tampouco para satisfazê-lo. Esse aprender é uma disciplina que não nos manda ceder, nem rejeitar. Começa o aprender no momento em que se compreende que todo esforço de repressão, rejeição, controle, impede o aprender. Por conseguinte, para compreender por inteiro o problema do prazer, a ele deveis chegar-vos com uma mente nova. Porque, para nós, o prazer é sumamente importante. Fazemos coisas por causa do prazer que nos proporcionam. Fugimos de tudo quanto é doloroso, e tudo avaliamos pelo estalão do prazer. O prazer, pois, desempenha importantíssimo papel em nossa vida, e o próprio ideal do homem que renuncia à chamada "vida mundana", para ingressar numa vida diferente, está ainda baseado no prazer. Ou, quando um homem diz "Preciso ajudar os necessitados" e se entrega a trabalhos de reforma social, isso é ainda um ato de prazer; podemos procurar disfarçá-lo com palavras tais, como "serviços", "caridade", etc. — mas trata-se do mesmo movimento da mente que está a buscar o prazer ou a fugir de tudo que possa causar uma perturbação a que chama "dor". Se vos observardes, vereis ser isso o que estais fazendo todos os dias, a todo momento. Gostais de alguém porque essa pessoa vos lisonjeia, e de outra não gostais porque diz certas verdades que vos desagradam e despertam antagonismo. Viveis, assim, em perene batalha.

Muito importa, pois, compreender essa coisa denominada "prazer". Por "compreender o prazer" entendo aprender sobre ele. Há muito que aprender, porquanto todas as nossas reações sensoriais, todos os valores que temos criado, tudo o que de nós se exige — o chamado auto-sacrifício, a rejeição, a aceitação — se baseiam nesta coisa extraordinária: o prazer, em forma requintada ou grosseira. Os vários movimentos a que nos ligamos — comunistas, socialistas, etc. — têm esta mesma base. Porque

pensamos que, identificando-nos com determinada atividade, determinada idéia, determinado padrão de vida, daí nos advirá mais prazer, mais vantagens; e esses valores, essas vantagens se baseiam em nossa identificação com uma certa forma de atividade que dá prazer.

Não estais meramente ouvindo as palavras que pronuncio; estais escutando com o fim de descobrir a verdade ou a falsidade do que se está dizendo. Trata-se de vossa própria vida, de vossa vida de cada dia. A maioria de nós desperdiça essa coisa maravilhosa que se chama "vida". Já vivemos quarenta, ou sessenta anos, exercendo uma profissão, devotando-nos a obras sociais, fugindo de várias maneiras; e, no fim, o que nos resta é uma vida vazia, monótona, estúpida — uma vida perdida! Por isso é que tanto importa — se desejamos começar uma vida nova — compreender a questão do prazer. Porque a repressão ou rejeição do prazer não resolve este problema. Os indivíduos chamados "religiosos" refreiam toda forma de prazer — pelo menos o tentam — e o resultado é se tornarem entes humanos embotados e inanes. A mente deles é árida, entorpecida, insensível, totalmente incapaz de compreender o real.

Releva, pois, compreender as atividades do prazer. Olhar uma bela árvore, é muito agradável, é um grande deleite; que mal há nisso? Mas, olhar com prazer para uma mulher ou um homem — isso é taxado de imoral, porque para vós o prazer está sempre associado ou relacionado com uma coisa só: o homem ou a mulher; ou é, também, fuga às relações dolorosas, e, portanto, buscais em qualquer parte o prazer, numa idéia, numa fuga, numa certa atividade.

Ora, o prazer criou o atual padrão social. Encontramos prazer na ambição, na competição, na comparação, na aquisição de saber, na conquista de poder, posição, prestígio. E essa busca de prazer por meio da ambição, da competição, da avidez, da inveja, da posição, do domínio, do poder, é considerada respeitável. É feita respeitável por uma sociedade que só tem um único conceito: que vivamos uma vida moral, quer dizer, respeitável. Podeis ser ambicioso, ávido, violento, competidor, ser um ente humano cruel; e a sociedade aprova isso, porque, no fim de vossas atividades ambiciosas, ou sois o que se chama

"um homem de sucesso", cheio de dinheiro, ou sois um "fracassado", um ente humano frustrado. A moralidade social, portanto, é imoralidade.

Continuai, por favor, a escutar sem concordar nem discordar — vendo o fato. E, para verdes, isto é, compreenderdes o fato, não formeis idéias ou opiniões a seu respeito. Estais aprendendo. E, para aprender, a vossa mente deve estar disposta a investigar, ser apaixonada, ardorosa, por conseguinte, nova. A moralidade, que é convenção, que é hábito, é considerada respeitável, e o indivíduo é "moral" enquanto se mantém dentro do padrão, enquanto o respeita. Indivíduos há que se revoltam contra o padrão; isso está sempre acontecendo. Toda revolta é reação contra o padrão. Esta reação assume várias formas — os *beatniks*, os *beatles*, os *teddy-boys*, etc. — mas permanece dentro do padrão. Ser verdadeiramente moral é coisa muito diferente. E esta é a razão por que precisamos compreender a natureza da virtude e a natureza do prazer. Nossas convenções, nossos hábitos, tradições e relações sociais, estão todos baseados no prazer. Não emprego a palavra "prazer" num sentido restrito, limitado, porém em seu mais amplo sentido. Nossa sociedade baseia-se no prazer, e nele estão também baseadas todas as nossas relações: sois meu amigo, enquanto satisfaço os vossos gostos, enquanto vos ajudo a obter melhores negócios; mas, no momento em que vos critico ou censuro, deixais de ser meu amigo. Isso é um fato evidente e estúpido!

Sem a compreensão do prazer, nunca tereis a possibilidade de compreender o amor. Amor não é prazer, porém coisa inteiramente diversa. E, como disse, para compreenderdes o prazer, deveis aprender a seu respeito. Ora, para a maioria de nós, para todo ente humano, o sexo é um problema. Por quê? Escutai! Vendo-se incapaz de resolver este problema, o indivíduo foge dele. O *sanyasi* foge por meio do voto de celibato, pela negação. Vede o que então acontece à mente. Com a negação de uma parte de nossa estrutura — glândulas, etc.([1]) — com essa repressão, o indivíduo faz de si mesmo um ente árido, e em seu interior trava-se incessante batalha.

---

(1) Trata-se do voto de celibato (mais acima referido), ou seja, refreamento sexual. (N. do T.)

Como já dissemos, parecemos pensar que só há duas maneiras de resolver um problema: reprimi-lo, ou fugir. Reprimir o problema é, com efeito, a mesma coisa que fugir dele. E temos uma verdadeira rede de vias de fuga — das atividades mais complicadas, mais intelectuais, mais emocionais, às atividades comuns de cada dia. Há várias formas de fuga, sobre as quais não desejamos estender-nos agora. Mas este problema existe. O *sanyasi* foge de uma certa maneira, mas não o resolveu; reprimiu-o por meio de um voto, e o problema está todo inteiro, a ferver, em seu interior. Poderá o *sanyasi* exibir simplicidade, mas o problema é tão sério para ele como o é para o homem que vive uma vida comum.

Como resolver esse problema? Vós tendes de resolvê-lo. É um ato de prazer. Tendes de compreendê-lo. Como resolvê-lo? Se não o resolverdes, ficareis escravizado a um hábito, a uma rotina; vossa mente se tornará embotada, estúpida, lerda; e é só ela que possuís. Tendes, pois, de resolver o problema. Em primeiro lugar, não o condeneis, pois ides aprender sobre ele. É por esta razão que estamos falando acerca do *aprender*. Quando, intelectualmente, emocionalmente, estais asfixiado, vossa mente só é capaz de repetir. Só sabeis copiar e imitar o que outros disseram ou fizeram, citar interminavelmente o *Gita* ou o *Upanishads* ou um certo livro sagrado; intelectualmente, sois indigente, vazio, embotado. No emprego, copiais e imitais, intelectualmente, dia após dia, fazendo sempre a mesma coisa; e o que quer que façais em casa é, sempre e só, a mesma repetição. Dessa maneira, o intelecto, que deveria ser vigoroso, claro, racional, sadio, livre, está asfixiado; nele, não há possibilidade de expressão, de ação criadora. E emocionalmente — esteticamente — é total a vossa indigência; porque negais a emoção e, com ela, a sensibilidade — sensibilidade à beleza, sensibilidade aos encantos de uma tarde; sensibilidade para olhar uma árvore e estar em íntima comunhão com a natureza. Que vos resta, pois? Tendes uma única coisa *de vosso*, na vida, e essa coisa se torna um problema imenso.

Assim, a mente que deseja compreender este problema deve atacá-lo imediatamente, porque qualquer problema que continua existente dias após dia embrutece o espírito, embrutece a mente. Já não vistes o que acontece quando a mente tem um problema

e é incapaz de resolvê-lo? Que acontece a essa mente? Ou ela foge e vai cair noutro problema, ou o reprime e se torna neurótica — "neurose lúcida", como se diz, mas sempre neurose. Assim sendo, todo problema, não importa de que natureza — emocional, intelectual, físico — tem de ser resolvido imediatamente, e não ser transferido para "amanhã" — porque "amanhã" tereis outros problemas para enfrentar.

Por conseguinte, tendes de aprender. Mas, não podeis aprender, se não resolvestes os problemas de hoje e simplesmente os transferistes para amanhã. Assim, cada problema, por mais complicado e difícil e trabalhoso que seja, deve ser resolvido no mesmo dia e no mesmo instante em que surge. Vede quanto isso é importante. A mente que deixa um problema criar raízes, por não poder resolvê-lo, por não possuir a capacidade, a intensidade, o ardor, necessários ao aprender — essa mente, como se pode ver neste mundo, se torna insensível, medrosa, feia, interessada só em si mesma, egocêntrica, brutal.

Por conseguinte, cumpre resolver o chamado "problema do sexo". E para resolvê-lo inteligentemente — sem dele fugir, sem reprimi-lo, sem fazer um certo voto idiota e, também, sem ceder — é necessário compreender o problema do prazer. E importa, ainda, compreender outro problema, ou seja, que os entes humanos, em maioria, não são originais. Muitos são capazes de recitar o *Gita* às avessas, mas são entes humanos "de segunda mão", sem nada de original, nada de espontâneo, de real — nem intelectual, nem estética, nem moralmente. Só uma coisa lhes resta: o apetite, não só do estômago, mas também do sexo. Não há moderação nem no comer nem no sexo. Tendes visto pessoas a comer, a ingurgitar-se — e a mesma coisa se observa no domínio sexual.

Assim, para compreenderdes este problema, que é tão complexo, pois abrange a beleza, a afeição, o amor, tendes de compreender o prazer, espedaçar esse condicionamento de vossa mente, que só repete o que outros disseram há séculos ou há dez anos. É uma esplêndida maneira de fugir, essa, de citar Marx, Stáline, Lenine; e outra esplêndida maneira de fugir é citar o *Gita* — como se o tivésseis compreendido. . . Vós tendes de viver, e para viver, não deveis ter problemas.

Por conseguinte, para compreenderdes este problema do sexo, deveis libertar a mente, o intelecto, a fim de poderdes olhar, compreender, estar sempre em movimento; e também, emocionalmente, esteticamente, olhar as árvores, as montanhas e os rios, e a sordidez de uma rua imunda; e deveis prestar atenção a vossos filhos — como estão sendo educados, como se vestem, como lhes falais. Tendes de ver a beleza de uma linha, de um edifício, de uma montanha, da curva de um rio; ver a beleza de um rosto. Tudo isso é libertar energia, não mediante a repressão, não mediante a identificação com uma certa idéia: é o libertar de energia em todas as direções, de modo que, estética e intelectualmente, vossa mente se mantém ativa, racional, lúcida, e percebe as coisas como são. A beleza de uma árvore, de uma ave que voa, da luz refletida na água, e de tantas outras coisas da vida — quando de nada disso estais cônscio, o que tendes é só o problema sexual.

A sociedade vos diz que deveis ser moral; e essa moralidade é a família. A família se torna uma influência mortal quando oposta à coletividade, à sociedade; é aí que se inicia o processo destrutivo. A virtude, pois, nada tem que ver com a respeitabilidade. A virtude é como uma flor que se abre; não é um estado alcançável mediante esforço. Conheceis a bondade; não se alcança a bondade, nem a humildade, mediante esforço. Só o homem vão luta para se tornar humilde. Uma pessoa ou é boa, ou não é. *Ser* não é *vir a ser*. Ninguém pode *vir a ser bom*, ninguém pode *vir a ser humilde*. Assim é a virtude. A estrutura moral de uma sociedade baseada na imitação, no medo, em feios interesses e ambições pessoais, na avidez, na inveja — não é virtude. Virtude é a ação espontânea do amor — espontânea. Não é uma coisa calculada e cultivada, chamada "virtude". Ela deve ser espontânea; do contrário, não é virtude. Como pode ser virtude, se é coisa calculada, exercitada, mecânica?

Tendes, pois, de compreender o prazer; e também de compreender a natureza e significado do prazer e do sofrimento; talvez tratemos destas questões noutra ocasião. E cumpre igualmente compreender a virtude e o amor.

Ora, o amor é algo que não se pode cultivar. Não se pode dizer "aprenderei, praticarei o amor". A maioria dos idea-

listas, a maioria dos que fogem de si mesmos por meio de atividades intelectuais, emocionais, não tem amor. Poderão ser maravilhosos reformadores sociais, excelentes políticos — se pode existir "político excelente" — mas não tem amor nenhum. O amor é coisa inteiramente diferente do prazer. Não podemos encontrar-nos com o amor sem o profundo discernimento da paixão. Não podemos encontrar-nos com ele, se o negamos, dele fugimos, porém só se o compreendemos. Há um grande deleite na beleza do prazer.

O amor, pois, não pode ser cultivado. O amor não pode ser dividido em amor divino e amor físico; só há Amor — não, amor por muitos ou por um só. Por isso, é absurda a pergunta: "E vós, amais a todos?" — Uma flor perfumosa não tem preocupações sobre quem a cheira ou quem a despreza. Assim é o amor. O amor não é uma lembrança. Não é coisa da mente ou do intelecto. Ele nasce naturalmente, como a compaixão, quando o problema da existência — o medo, a avidez, a inveja, o desespero, a esperança — foi compreendido e resolvido. O homem ambicioso é incapaz de amar. O homem apegado à família não tem amor. E tampouco o ciúme está ligado ao amor. Quando dizeis "Amo minha mulher", não estais dizendo a verdade, porque no próximo momento tendes ciúme dela.

O amor implica a mais ampla liberdade — mas não para cada um fazer o que bem entender. Mas o amor só vem quando a mente está muito silenciosa, desinteressada, não concentrada em si própria. Não estou tratando de ideais. Se não tendes amor, não importa o que fizerdes — sair em busca de todos os deuses possíveis e imagináveis, entregar-vos a toda espécie de atividade social, tentar melhorar as condições de vida do pobre, reformar a política, escrever livros, escrever poemas — sois um ente humano morto. E, sem o amor, os vossos problemas crescerão e se multiplicarão, infinitamente. Com o amor, podeis fazer o que quiserdes, sem receio de perigo, de conflito. Porque o amor é a essência da virtude. E a mente que não se acha no "estado de amor" não é religiosa, absolutamente. Só a mente religiosa está livre de todos os problemas e conhece a beleza do Amor e da Verdade.

21 de fevereiro de 1965.

BOMBAIM — V

Tempo, Sofrimento, Morte

Há uma trepadeira que, se bem me lembra, se chama "Glória Matutina" (*Morning Glory*), cuja flor é daquele extraordinário azul-pálido que só nas flores se encontra, ou de um roxo-escuro com leves toques de lilás, ou de um branco peculiar. Só as flores vivas têm essas cores. Elas desabrocham ao amanhecer, essas flores em forma de trombeta, e, passadas poucas horas, morrem. Deveis conhecê-las. Na morte, são quase tão belas como em vida. Vicejam umas breves horas e deixam de existir; e, na morte, não perdem sua natureza de flor. E nós, vivemos trinta, quarenta, sessenta, oitenta anos, no maior conflito e angústia, e morremos infelizes, sem deleite no coração. E somos tão feios na morte, como o fomos em vida.

Nesta tarde, pretendo falar sobre o Tempo, o Sofrimento e a Morte. Deve ficar claramente entendido que não vamos falar sobre idéias, porém unicamente de fatos. Aquela flor viçosa e bela e delicada, de suave fragrância — é um fato. E sua morte, poucas horas após, quando sopra o vento e o Sol se eleva, e sua beleza, mesmo na morte, isso também é um fato. Vamos, pois, ocupar-nos com fatos e não com idéias.

Podeis, se tendes imaginação, imaginar a cor daquelas flores. Podeis formar, "invocar" uma imagem daquela trepadeira, com suas cores delicadas, sua extraordinária beleza. Mas vossa imagem, vossa idéia da flor, embora seja um fato, não é real. Não estais em real contato com a flor, por meio da idéia. Tende sempre presente, em toda a duração desta palestra, esta coisa:

que nos estamos ocupando com fatos, e não com idéias, e que não é possível entrar-se em contato íntimo, direto, concreto, com um fato através de uma idéia. A morte não pode ser "experimentada". Não podemos pôr-nos em contato com ela por meio de uma idéia. A maioria de nós vive com idéias, com fórmulas, com conceitos, com a memória; e, por isso, nunca entramos em contato com coisa alguma. Estamos quase só em contato com idéias e não com fatos.

Vou examinar, melhor, vou falar a respeito do tempo, do sofrimento e desse estranho problema que se chama "a morte". Podemos interpretar essas coisas como idéias, conclusões, ou podemos entrar em direto contato com o problema que elas encerram. Isto é, ou entramos diretamente em contato com o tempo, o sofrimento, o amor e a morte, ou os tratamos como uma série de conclusões — a inevitabilidade da morte ou explicações várias. As explicações, as conclusões, as opiniões, as crenças, os conceitos, os símbolos nada absolutamente têm em comum com a realidade — a realidade do tempo, a realidade do sofrimento, a realidade da morte e do amor. E, se pretendeis meramente viver, ou observar, ou entrar ou esperar entrar em contato com o tempo, o sofrimento ou a morte, através de vossa idéia, de vossa opinião, então o que vamos dizer terá muito pouca significação. Em verdade, não estareis escutando verdadeiramente, porém apenas ouvindo palavras; e estar em contato com vossas próprias idéias e conclusões e opiniões não é estar em contato direto com os fatos.

Por "contato" entendo isto: Toco esta mesa; estou diretamente em contato com ela. Mas, não estou em contato com a mesa, se tenho idéias sobre como tocar a mesa. A idéia, portanto, impede-me de entrar direta, íntima, concretamente em contato com uma coisa. E se, durante esta hora, não estiverdes diretamente em contato com o que se vai dizer, continuareis a desperdiçar a vossa vida. Temos de viver *esta* vida. Não nos interessa a vida futura (consideraremos isso mais adiante). Temos de viver esta vida. Temo-la vivido dissipadamente, despojando-a de toda significação. Vivemos atormentados, angustiados, em conflito, etc., e nunca estivemos em contato com a própria vida. E seria mil vezes lamentável — eu pelo menos

penso assim — se continuásseis a viver meramente em contato com idéias e não com fatos.

Falaremos, em primeiro lugar, sobre o tempo. Não sei se já refletistes sobre essa coisa chamada "tempo" — não abstratamente, como idéia ou definição — se já entrastes realmente em contato com o tempo. Quando sentis fome, estais em direto contato com a fome. Mas, o que deveis comer, quanto deveis comer, o prazer que desejais fruir do comer, etc. — isso são idéias. O fato é uma coisa, e outra coisa é a idéia. Assim, para compreenderdes esta extraordinária questão do tempo, deveis estar em íntimo contato com ele — não através de idéias, nem de conclusões; deveis estar em profundo e direto contato, em extraordinária intimidade com o tempo. Pode-se, então, penetrar fundo na questão e ver se a mente tem possibilidade de libertar-se do tempo.

Existe, é óbvio, o tempo marcado pelo relógio, ou seja o tempo cronológico. Este tempo, naturalmente, é necessário. Nele se contém a questão relativa à memória, a nossos planos e intenções, etc. Não é deste tempo que vamos tratar, do tempo cronológico de cada dia. Vamos falar a respeito do tempo que não se mede pelo relógio. Não vivemos apenas no tempo cronológico; vivemos, muito mais ainda, num tempo não medido pelo relógio. Para nós, o tempo não cronológico é muito mais importante do que o tempo do relógio. Isto é, embora seja importante o tempo cronológico, o que para a maioria das pessoas tem mais importância, mais significação, mais validade, é o tempo psicológico — o tempo como continuidade; tempo como ontem, milhares de "ontens", e tradições; e tempo, não só como presente, mas também como futuro.

Temos, pois, o tempo, como passado — sendo o passado a memória, o conhecimento, a tradição, as experiências, as coisas lembradas; e como presente, que é a passagem do ontem para o amanhã — o amanhã, que é moldado, controlado pelo passado, através do presente. Para nós é de tremenda significação aquele tempo, e não o tempo cronológico; e nessa dimensão do tempo, vivemos. Vivemos com o passado, em conflito com o presente, que cria o amanhã. Este é um fato óbvio. Não tem ele nada de complexo. Há, pois, tempo como continuidade, e há tempo

como futuro e passado; e o passado nos molda o pensar, as atividades, as perspectivas, e dessa maneira condiciona o futuro.

Servimo-nos do tempo como meio de evoluir, de realizar coisas, de mudança gradual. Servimo-nos do tempo porque somos indolentes. Porque não encontramos o meio de nos transformarmos imediatamente; ou porque temos medo da mudança imediata e de suas conseqüências, dizemos: "Mudarei gradualmente". Por conseguinte, servimo-nos do tempo como meio de adiamento, como meio de gradual realização, como meio de mudança. Precisamos do tempo cronológico para aprender uma técnica; para aprender uma língua necessitamos de tempo, de alguns meses. Mas, fazemos uso do tempo — do tempo psicológico, não do tempo cronométrico — como meio de nos transformarmos e, assim, introduzimos o "processo gradual": "Gradualmente alcançarei a meta; *virei a ser*; sou *isto* e me tornarei *aquilo*, por meio do tempo".

E o tempo é produto do pensamento. Se não pensásseis no amanhã ou voltásseis em pensamento ao passado, estaríeis vivendo *agora*; não haveria futuro nem passado; estaríeis vivendo completamente para cada dia, dando a cada dia vossa atenção, vivendo com plenitude e riqueza. Como não sabemos viver o dia de hoje de maneira tão completa, total, plena, ardorosa, promovendo uma completa transformação hoje mesmo, inventamos a idéia do amanhã: "Amanhã mudarei; farei isto amanhã; amanhã me ajustarei, etc." — O pensamento, pois, cria o tempo psicológico, e o pensamento também é acompanhado do medo.

Prestai atenção a tudo isto. Se não compreenderdes essas coisas de que estou falando, se não as compreenderdes *agora*, não as compreendereis no fim. Serão meras palavras e nada vos restará senão cinzas.

Quase todos nós temos temores: medo do médico, medo da doença, medo de não conseguirmos o que ambicionamos, medo de ficarmos sós, medo da velhice, medo da pobreza; estes são temores superficiais. E há também mil-e-um temores interiores: o medo da opinião pública, da morte, de nos vermos em completa solidão e tendo de enfrentar a vida sem um companheiro; o medo do isolamento, de não alcançarmos o que chamamos Deus. O homem, pois, tem incontáveis temores. E cheio

de medo, que está, busca a fuga de múltiplas maneiras, sutis ou grosseiras; ou racionaliza os seus temores; ou torna-se neurótico, porque não pode compreendê-los, não pode resolvê-los; ou foge de seu medo, de seus vários temores, por meio da identificação ou de atividades sociais, de reformas, de adesão a um partido político, etc.

Notai, por favor, que não estou falando a respeito de idéias, porém sobre o que realmente está ocorrendo em cada um de vós. Portanto, não estais apenas a ouvir minhas palavras, porém, através delas, vos estais observando. Observando a vós mesmo, não através de idéias, porém pelo pôr-vos diretamente em contato com o *fato* de terdes medo — e isso é inteiramente diferente da *idéia* de ter medo.

Assim, a menos que compreendais a natureza do medo e dele vos liberteis totalmente, vossos deuses, vossas fugas, vossas variadas atividades sociais nada significam, porque sois, então, um ser humano destrutivo, um explorador, e não podeis dissolver o medo. Uma mente neurótica, com seus inúmeros temores, em tudo o que faz — por mais apta que seja — está sempre introduzindo em sua ação o germe da destruição, o germe da deterioração, porque sua ação é fuga ao fato.

Quase todos nós sentimos medo, temos secretos temores; e por isso fugimos. A fuga ao fato implica que os objetos para os quais fugimos se tornam muito mais importantes do que o fato. Compreendeis? Sinto muito medo; desse medo tenho fugido por meio da bebida, da busca do templo, de Deus, etc.; portanto, o deus, o templo, o botequim se tornam muito mais importantes do que a solução do problema do medo. Protejo o deus, o templo, o botequim com muito mais vigor porque se tornaram para mim sumamente importantes; são os símbolos que me proporcionam uma garantia de fuga ao temor. O templo, o deus, o nacionalismo, o devotamento a um partido político, as fórmulas que temos, se tornam mais importantes do que a dissolução do medo. Assim, a menos que resolvais completamente este problema, não tereis possibilidade de compreender o que é o medo, o que é o amor, o que é o sofrimento.

A mente verdadeiramente religiosa, verdadeiramente social, a mente criadora, tem de afastar de vez, ou compreender, ou resolver o problema do temor. Se viveis com medo, do que

quer que seja, estais desperdiçando vossa vida, porque o medo traz a escuridão. Não sei se já notastes o que sucede convosco quando temeis alguma coisa. Vossos nervos, vosso coração, todo o corpo se enrijece, invadido pelo medo. Já não observastes isso? Não há só o medo físico, mas também o medo psicológico, que é muito pior. O medo físico, que constitui uma reação física de autoproteção, é natural. Ao verdes uma serpente, dais um salto; esse é um medo natural, autoprotetório. Não é realmente medo, porém uma reação vital; sabemos que a serpente é venenosa e pomo-nos fora de seu alcance. Não nos interessa apenas o medo físico, porém, muito mais, o medo que o pensamento criou.

Examinaremos a questão do temor, e, a menos que acompanheis, passo a passo, este exame, não tereis possibilidade de resolvê-la. Vamos entrar em contato direto com o medo — e não com aquilo que temeis, medo. O de que tendes medo é uma idéia; mas o medo não é idéia. Suponhamos que uma pessoa teme — como quase todos nós, jovens e velhos — a opinião pública, a morte. Não importa o que tememos; tomai para exemplo vosso próprio caso. Eu considerarei a morte. Tenho medo da morte. O medo só existe em relação com alguma coisa. Não existe isoladamente. Temo a opinião pública; temo a morte; temo o escuro; temo perder meu emprego. Por conseguinte, o medo se manifesta sempre em relação com alguma coisa.

Digamos que tenho medo da morte. Já tenho visto a morte, a cremação de defuntos. Já vi uma folha morta cair ao chão. Já vi tantas coisas mortas. E tenho medo de morrer, de acabar. Ora, existe medo em relação com a morte, a solidão, uma dúzia de coisas. Como observar, como pôr-me em contato com o medo, assim como me ponho em contato com esta mesa? Estou-me fazendo claro? Para entrarmos diretamente em contato com o temor — e espero o estejais fazendo neste momento, e não meramente ouvindo minhas palavras — para entrarmos diretamente em contato com essa emoção, esse sentimento chamado "medo", não deve a palavra, o pensamento, a idéia ter nenhuma interferência. Exato? Isto é, para me pôr em contato com uma pessoa, tenho de tocar-lhe, segurar-lhe a mão. Mas não estou em contato com essa pessoa, ainda que lhe esteja segurando a

mão, se a seu respeito tenho idéias, preconceitos, se "gosto" ou "não gosto". Assim, apesar de lhe estar segurando a mão, a imagem, a idéia, o pensamento me impede de entrar diretamente em contato com a pessoa. Assim, da mesma maneira, para entrardes em direto contato com o medo — com vosso medo particular, consciente ou inconsciente — não deveis fazê-lo através da idéia que dele formastes.

Por conseguinte, temos de perceber, em primeiro lugar, como a idéia interfere e impede o contato. Ao perceberdes que a idéia impede o contato, deixais de lutar com a idéia. Ao compreenderdes a idéia — sendo idéia a opinião, a fórmula, etc. — estais então diretamente em contato com vosso medo, e não há mais fuga, nem verbal, nem através de nenhuma conclusão ou opinião, através de nenhuma via. Entrando assim em contato com o medo, dessa maneira, vereis que ele desaparece de todo. E a mente deve ficar livre de todos os temores, tanto dos temores secretos, como dos manifestos — aqueles de que estais consciente. Só então se pode olhar essa coisa que se chama "sofrimento".

O homem vive há milênios, há milhares e milhões de anos, com o sofrimento. Com ele tendes vivido, e não o resolvestes. Rendeis culto ao sofrimento, como meio de iluminação, ou dele fugis. Colocamos o sofrimento num pedestal, simbolicamente identificado com uma pessoa, ou o racionalizamos, ou dele fugimos. Mas o sofrimento continua existente.

Por sofrimento entendo a perda de alguém; o sofrimento do malogro; o sofrimento que vos assalta quando reconheceis que sois inepto, incapaz; o sofrimento que encontrais ao verificardes que não tendes amor no coração, que viveis inteiramente na dependência de vossa mente pequenina e feia; o penar causado pela perda de alguém que julgais amar. Com esse sofrimento vivemos dia e noite, sem jamais transcendê-lo, sem jamais pôr-lhe fim. Ora, a mente oprimida pela dor, se torna insensível, se torna fechada; não tem afeição, não tem compaixão; poderá ostentar palavras compassivas, mas, nela própria, em sua essência, não há compaixão, nem afeição, nem amor. E o sofrimento gera a autocompaixão. A maioria de nós leva esse fardo através da vida, aparentemente incapaz de alijá-lo. E há o sofrimento decorrente do tempo. Compreendeis? Transportamos essa amar-

gura até o fim de nossa vida, sem podermos dissolvê-la. E há um sofrimento muito maior: o vivermos com algo que não compreendemos, algo que nos devora o coração e a mente, nos ensombra a vida. Há também a dor causada pela solidão, o ver-nos completamente sós, insulados, sem companheiros, isolados de todos os contatos — sofrimento que, afinal, nos leva a um estado neurótico, às doenças mentais e psicossomáticas.

Há, pois, enorme sofrimento, não só o do ente humano, mas também o de toda a humanidade. Como dissolver o sofrimento? Vós tendes de dissolvê-lo, assim como tendes de dissolver o medo. Não há futuro. Podeis inventar um futuro. Não há futuro para o homem que está vivendo com inteligência, o homem sensível, vigilante, jovem, novo, inocente. Por conseguinte, tendes de dissolver o medo, tendes de pôr fim ao sofrimento.

Ora, pôr fim ao sofrimento é entrar em contato com esse extraordinário sentimento, sem autocompaixão, sem opiniões, sem fórmulas, sem explicações: entrar diretamente em contato com ele, assim como nos pomos em contato com uma mesa. E esta é uma das coisas mais difíceis, para a maioria das pessoas: afastar as idéias e entrar diretamente em contato com um fato.

Consideremos agora o problema da morte e, com ele, o problema da velhice. Todos sabeis que a morte é inevitável — inevitável, por ação da senilidade, da velhice, de doença, de acidente. Embora os cientistas estejam tentando prolongar a vida humana por mais cinqüenta anos ou além, a morte é inevitável. Porque querem prolongar esta existência de agonias, só Deus sabe! Mas é o que queremos. E, para compreendermos a morte, temos de entrar em contato com ela; isso requer uma mente que não tenha medo, que não esteja pensando em termos de tempo, vivendo na dimensão do tempo — que já expliquei. *Viver com a morte* — vou considerar este ponto.

Pusemos a morte no fim da vida; ela está em alguma parte, ao longe. Queremos afastá-la de nós o mais possível, pô-la o mais longe possível. Sabemos que há a morte. Por isso, inventamos a vida futura. Dizemos: "Vivi, formei meu caráter, fiz coisas. Tudo isso irá acabar-se com a morte? Tem de haver uma vida futura". O futuro, a próxima vida, a reencarnação

— tudo são fugas ao fato de hoje, fugas ao contato com a morte.

Pensai em vossa vida; que é ela? Olhai essa vida, que tanto desejais prolongar! Que é vossa vida? Batalha incessante, constante confusão, fugazes lampejos de alegria, tédio, medo, agonia, desespero, ciúme, inveja, ambição — eis a vossa vida real, com seus males e sua insignificância. E desejais prolongar essa vida, após a morte!

E, se credes na reencarnação — como de vós se espera, já que vossas Escrituras falam sobre ela — se acreditais na reencarnação, então o que tem verdadeira importância é o que sois *agora*. Porque o que agora sois irá condicionar o vosso futuro. Assim, o que sois, o que fazeis, o que pensais, o que sentis, como viveis — tudo isso é de infinita relevância. Se não credes na reencarnação, então só há esta vida — e, portanto, é sobremodo importante o que fazeis, o que pensais, o que sentis, se explorais os outros ou não, se amais, se tendes sentimentos, se sois sensível, se há beleza. Mas, para viverdes dessa maneira, deveis compreender a morte, em vez de relegá-la para o fim de vossa vida — que é uma vida de sofrimento, de medo, de desespero, uma vida de incerteza. Conseqüentemente, tendes de trazer a morte para bem perto de vós; isto é; *tendes de morrer*.

Sabeis o que significa "morrer"? Já tendes visto o bastante da morte. Já vistes um homem morto ser levado para o crematório, para ser destruído. Tendes visto a morte. A maioria das pessoas a teme. A morte é assim como o perecer daquela flor, daquela trepadeira, com toda a sua glória[1]. Com sua beleza, sua delicadeza, ela morre sem pesares, sem "discussão"; chega a seu fim. Mas, nós fugimos da morte por meio do tempo — quer dizer, colocamo-la "lá longe". Digo: "Tenho poucos anos de vida, e renascerei para outra vida"; ou: "Esta é a única vida e, portanto, quero tirar dela o melhor proveito, gozá-la o mais possível, fazer dela um "espetáculo". Destarte, nunca entramos em contato com essa coisa extraordinária chamada "a morte". A morte é: morrer para todas as coisas do passado, morrer para vossos prazeres.

---

(1) Alusão ao nome da flor "Morning Glory" (Glória Matutina). (N. do T.)

Já alguma vez experimentastes morrer para um prazer — sem "discussão", sem persuasão, sem compulsão, sem pressão? Vós tendes de morrer, inevitavelmente. Mas, já experimentastes morrer *hoje*, de maneira fácil e feliz, para vossos prazeres, vossas lembranças, vossos rancores, vossa ânsia de juntar dinheiro? Tudo o que quereis da vida é dinheiro, posição, poder, e ser invejado por outros. Podeis morrer para essas coisas, podeis morrer para as coisas que conheceis, de maneira fácil, sem "discussão", sem explicações? Tende em mente, por favor, que não estais ouvindo umas poucas palavras e idéias, porém realmente entrando em contato com o prazer — vosso prazer sexual, por exemplo — e para ele morrendo. Isso de qualquer maneira terá de acontecer, pois tendes de morrer, para tudo que sabeis, para vosso corpo, vossa mente, tudo o que edificastes. Mas, direis: "É só isso que ofereceis? Toda a minha vida tem de terminar na morte?" — Tudo aquilo que fizestes, os serviços que prestastes, os livros que lestes, o conhecimento e as experiências que adquiristes, os prazeres, a afeição, a família — tudo termina na morte, que tendes à vossa frente. Ou morreis para tudo isso agora, ou inevitavelmente morrereis quando chegar a hora. Só um homem inteligente que compreende todo esse "processo", só ele é um homem religioso.

O homem que põe as vestes de *sanyasi*, cria barbas, vai para o templo e foge da vida — não é um homem religioso. O homem religioso é aquele que morre todos os dias e renasce todos os dias. Sua mente é sempre nova, inocente, vigorosa. Morrer para vossos sofrimentos, morrer para vossos prazeres, morrer para as coisas que abrigais secretamente no coração — fazei-o! Dessa maneira, vereis que não estareis desperdiçando a vossa vida! Descobrireis algo de incrível, algo que nenhum homem jamais viu! Isso não é uma recompensa. Não há recompensa. Ou morreis voluntariamente, ou morreis inevitavelmente. Tendes de morrer todos os dias, naturalmente, assim como morre a flor para sua beleza e seu esplendor; morrer todos os dias, para vosso amor, vossa experiência e saber, para diariamente renascerdes com uma mente nova.

Necessitais de uma mente nova; do contrário, não conhecereis o amor. Se não morreis, vosso amor é simples memória; e está todo embebido de inveja e ciúme. Tendes de morrer,

todos os dias, para tudo o que sabeis e conheceis, para vossos ódios, vossos insultos, vossas lisonjas. Morrei para tudo isso! Vereis então que o tempo nada significa: não há mais amanhã, porém somente *agora*, acima do ontem, do hoje e do amanhã. Só *agora* existe amor.

O ente humano que não conhece o amor não pode conhecer a Verdade. Se não há amor, podeis fazer o que quiserdes — praticar todos os sacrifícios, e votos de celibato, e trabalhos sociais, e explorações — nada tem valor algum. — E não podeis amar, se não morreis todos os dias para vossa memória. Porque o amor não pertence à memória: é uma coisa viva. Uma coisa viva é um movimento; e esse movimento não pode ser engaiolado em palavras, nem em pensamentos, nem numa mente que só busca seus próprios interesses. Só a mente que compreendeu o tempo, que pôs fim ao sofrimento, que não conhece o medo — só essa mente sabe o que é a morte; por conseguinte, essa mente conhece a VIDA.

24 de fevereiro de 1965.

BOMBAIM — VI

Meditação

Nesta tarde desejo conversar convosco a respeito de um problema bastante complexo. O estado de comunicação não só requer que escutemos com os nossos ouvidos, mas também vejamos com os nossos olhos; e, na verdadeira comunicação, não só temos de ver com os olhos e ouvir com os ouvidos, porém ver e sentir com a mente e o coração. Porque com a mente vê-se muito mais, e mais rapidamente, do que com os olhos; e a mente ouve com mais presteza e precisão do que o ouvido. E, para sentir, temos de ver e ouvir não só com a mente, mas também com o coração; necessitamos de muita sensibilidade. Desafortunadamente, a maioria de nós perdeu a sensibilidade, por obra da educação, da vida moderna, das agitações de todos os dias, da brutalidade e desespero da vida, da rotina, do tédio, da falta de significação de nossa existência.

E o escutar e ver exige da mente extraordinária precisão e agudeza; exige alta sensibilidade, não só à palavra, mas também ao sentimento, à beleza de algo de verdadeiro que ouvimos; e exige, ainda, que a mente seja igualmente sensível ao ouvir-se algo que é falso ou fora do comum. Como, pela maior parte, somos tão indiferentes e não temos tempo nem paciência para refletir profundamente, investigar profundamente, preferimos a maneira mais fácil de comunicação, ou seja ouvir palavras, opiniões, terminologias, e contestá-las ou com elas concordar; rejeitar ou aceitar o que ouvimos. É o que em geral fazemos. Mas, quando se trata de algo que não só exige que o ouvido preste

atenção, mas também que a mente e o coração estejam atentos, torna-se necessária a sensibilidade, a fim de podermos estar em comunhão sobre uma coisa que nos exige toda a atenção.

Não vamos falar "a respeito de" uma certa coisa. A locução "a respeito de" sempre encerra uma idéia. Falo "a respeito de" política, de religião, de um dado problema. Mas, esse "a respeito de" implica formulação de idéias — sobre política, sobre um dado problema ou questão. Mas, quando estamos em comunicação, em comunhão, não há "a respeito de", não há idéias. Achamo-nos, aqui, em comunhão direta — no falar, no ver e no sentir; e nossa mente a escutar muito mais, sem argumentar, sem aceitar nem rejeitar. Quando se aceita ou rejeita, não há comunhão. Nós temos de estabelecer essa comunhão. E, para estabelecê-la, não vamos falar "a respeito de alguma coisa", porque "a respeito de" representa sempre a coisa não essencial: a palavra, a opinião, a crença, o dogma. Mas, se entre o orador e os ouvintes se estabelecer a comunhão, poderemos então ultrapassar as palavras, os termos especiais, as opiniões e idéias, e alcançar algo da mais alta significação para ambas as partes. Desejo falar-vos — comungar convosco — sobre a natureza e significado da meditação.

Em primeiro lugar, a palavra "meditação" evoca naturalmente certas imagens, certas reações agradáveis ou desagradáveis. E, como vamos comungar, i.e., como ides, junto comigo, investigar essa coisa extraordinária que se chama meditação, deveis estar dispostos a pôr à margem, natural e facilmente, vossas opiniões, vossas práticas, vossas disciplinas, para compreenderdes o que desejo comunicar-vos. Uma das coisas mais difíceis é descobrirmos, por nós mesmos, o que é meditação.

Ora, antes de mais nada, para podermos examinar este imenso problema, precisamos de ser muito sensíveis. Não podemos chegar-nos a ele com convicções, opiniões e juízos; temos de ser sensíveis. Raramente somos sensíveis à beleza, já que esta, para a maioria de nós, nada significa. A beleza não é reação a um certo estímulo. Uma pessoa ouve música, e vêm-lhe lágrimas aos olhos; e chama "belo" a esse sentimento. Dá-lhe o nome de "experiência". Isto é, sois estimulado por um incidente externo, uma ocorrência externa; vedes, por exemplo, uma escultura, um pôr do sol, uma bela mulher ou o sorriso inocente

e sadio de uma criança, e sentis que isso é belo. Sois estimulado pelo que vedes. A reação a um tal estímulo tanto pode ser agradável como desagradável. Se agradável, chamamo-la "bela".

Mas, há uma beleza não resultante de reação a estímulo. Ora, essa beleza não é a simples percepção de cor, de proporções, estrutura, qualidade, porém algo muito superior, muito mais profundo e sem nenhuma relação com um passageiro estímulo. É difícil transmitir esse sentimento, essa percepção da beleza, em que a mente, o coração, os nervos e todo o organismo sensorial funcionam em perfeita coordenação. Esse sentimento não é provocado ou produzido por estímulo, porém existe em todo o correr do dia, quando somos sensíveis a tudo — a nossas palavras, nossos gestos, nosso andar, à lama da estrada, à sujidade e desordem de uma casa, à insipidez do escritório, às brutais agonias do homem. O indivíduo encontra-se num estado de atenção e sensibilidade. Essa alta sensibilidade põe em atividade todas as esferas de seu ser, todos os recessos de sua consciência, sua total essência. Só então há a percepção da beleza não estimulada pelo lago, pela montanha, pela poesia ou pelo movimento de uma ave a voar.

Ora, para comungarmos nesse sentimento — se vós e eu sentimos realmente aquela beleza despida de adornos e que não é estímulo nem conceito intelectual, porém um estado real — para comungarmos nesse sentimento, temos de encontrar-nos no mesmo nível, com a mesma intensidade, e no mesmo momento. De outro modo, não pode haver comunhão. E essa comunhão é necessária à compreensão do que vamos investigar.

Raramente nos achamos em comunhão. Podeis segurar a mão de vossa esposa, de vosso amigo, de vosso filho, e não estar em comunhão com eles, porém apenas em contato físico. A comunhão implica a não-existência de separação. Não me refiro à separação física, porém, muito mais do que isso, à separação mental ou emocional existente em cada um de nós. Pois cada um está a esforçar-se por impor-se a outros, preencher-se, ser importante, tornar-se famoso; nesse estado de ambição e competição não há comunhão. Poderá haver comunicação, no nível físico. Mas a comunhão é coisa muito mais profunda, muito mais intensa; nela, tanto o que fala como o ouvinte se acham em contato com algo que é real, e não coisa imaginada, dialética ou

racionalmente deduzida; ambas as partes vêem a mesma coisa no mesmo momento e com a mesma intensidade. Estabelece-se então um extraordinário estado de relação entre o ouvinte e aquele que fala. Isso acontece muito raramente, na vida da maioria de nós. O estado de comunhão faz parte do assunto de que vamos tratar.

A maioria de nós se acha sob o peso da tradição; não, "tradição boa" ou "tradição má", porém *tradição* pura e simples. A palavra "tradição" significa transmissão de geração a geração; é a transmissão, desde tempos imemoriais, de pai a filho, sucessivamente, de certas convenções, idéias e conceitos. Essa tradição condiciona a mente.

Nesta tarde, tratai apenas de escutar, sem argumentar e sem discutir comigo([1]). Importa escutar — escutardes realmente, com vossos ouvidos, em vez de vos limitardes a "escutar" vossas próprias opiniões, experiências e idéias. Deveis escutar a este que vos fala, pois foi para isso que viestes aqui, é óbvio. E o que estamos dizendo não é nada de irracional, de insano ou insensato, pois estamos apenas expondo fatos. Se escutais um fato, se o escutais realmente, com vossos ouvidos, vereis que esse fato produz um impacto na mente condicionada. Esse impacto é necessário. Produz o necessário efeito, se o deixardes atuar. Mas, se começardes a argumentar, dizendo: "Devemos conservar certas tradições? Não são elas necessárias? Do contrário, seríamos *isto* e *aquilo*" — esse argumentar com vós mesmos e com o orador vos impede o escutar e, por conseguinte, o encontro com o fato. Vosso encontro com o fato terá um efeito extrardinário, se escutardes realmente.

Sabemos o que é tradição: o costume, o hábito, que nos moldaram a mente. Isso é um fato. Essa tradição estabeleceu certos métodos, certos processos especiais, e manda-nos meditar de acordo com eles. Esses sistemas ou métodos foram estabelecidos ou estão sendo estabelecidos por pessoas que pensam saber meditar e pretendem ensiná-lo a outros. São métodos baseados na tradição ou na própria experiência dessas pessoas, ou tirados de uns e de outros e coordenados. E querem que

(1) I.e., mentalmente. (N. do T.)

os indivíduos os pratiquem, a fim de alcançarem algo a que chamam "paz", "Deus", "Verdade", "Bem-Aventurança", etc.

Assim, por meio da tradição, pessoas religiosas estabeleceram, em toda parte, métodos de alcançar aquele estado a que chamam "paz", "Deus" ou "uma certa experiência extraordinária". Isso é um fato: o método, o sistema, a prática. Agora, prestai atenção: Que implicam a prática e o método? Há o método; depois, a execução ou prática desse método. Estamos examinando as duas coisas: o método e a prática. Que é método? Um sistema de idéias: Se uma pessoa fizer *isto* e mais *isto* e mais *isto*, chegará "lá". É um procedimento organizado, especial, que levará o indivíduo a um certo alvo. O método começa a ser praticado, dia a dia, lenta e deliberadamente — e isso exige muito esforço. Há, pois, o método e a prática do método. Ora, pela prática de um método ou métodos só se alcançará um estado necessariamente estático. Se tendes um método, ele vos levará a um certo ponto; esse "certo ponto" tem de ser, necessariamente, estático; não pode estar em movimento; não pode ser uma coisa viva, dinâmica, um movimento: é estático.

Dizem-vos que, se fizerdes certas coisas especiais, organizadas, tereis paz. Essa paz é uma idéia que se torna estática. Ora, a paz nunca é estática; é uma coisa viva; só vem quando se compreende toda a luta do homem; não uma dada luta, em particular, porém a totalidade da existência do homem: seu trabalho, seus sentimentos, suas ambições, seus apetites sexuais, seu espírito de competição, seus desesperos e preenchimentos; e todo o seu vasto e complexo sistema de fugas. Se tudo isso compreenderdes, dessa compreensão nascerá a paz. Mas, se seguirdes um método, um sistema que vos promete ou garante a paz, essa paz será então uma mera idéia, um conceito estático, sem nenhuma realidade. É isso que estais fazendo. Desejais paz de espírito — o que quer que isso signifique — e praticais, dia a dia, o método que adotastes. Mas, continuareis a ser colérico, a ser ambicioso, ávido, a tratar rudemente o vosso criado — se o tendes — e a competir. Por conseguinte, dividis a vida: praticais um certo método que chamais "meditação", a fim de terdes paz; e vosso modo de viver destrói justamente isso que

estais buscando (a paz). Eis o que implica a prática de um método.

E, também, todo método ou sistema supõe a autoridade: "Vós sabeis e eu não sei. Vós vos realizastes (o que quer que isso signifique) e ides mostrar-me o que devo fazer, para alcançar o mesmo estado". Foi assim que se formou e firmou a entidade chamada *guru*: a autoridade, o iluminado, o homem que *se realizou*, o homem que *sabe*; e a entidade que *não sabe* — vós; e desejais "aquilo" (o que quer que signifique "aquilo"). O *guru* vos parece um homem perfeitamente feliz, tranqüilo, distinto dos demais. E tanto fala ele acerca de auto-realização, que sois levado a dizer: "Como deve ser bom esse estado!" Quereis então alcançá-lo, começais a praticar o método do *guru*, e este se torna vossa autoridade. Por conseguinte, o método, a prática, supõe a autoridade.

Aqui também estamos tratando de fatos. Não estou tentando descrever-vos uma coisa que não existe. Por conseguinte, escutai o que estou dizendo, a fim de receberdes um impacto, e não uma reação de concordância ou de discordância. Ora, que acontece no seguir uma autoridade? Ainda não vos compreendestes, ainda não compreendestes vossa vida, vosso comportamento; não sabeis se tendes afeição, amor, compaixão; não explorastes ainda a vossa extraordinária natureza. Tudo isso rejeitais, para seguir a outrem. E, seguindo-o, adquiris uma nova forma de medo; o medo de errar, de não observar corretamente os preceitos e princípios de tais pessoas.

Vê-se, pois, que a prática de um método supõe a autoridade. Supõe, também, um processo mecânico. Não estais então a examinar, a observar, a explorar uma coisa viva, porém a funcionar como uma mera máquina. Um homem vai para o escritório todos os dias e lá executa certos trabalhos; isso se torna um hábito, e esse hábito se consolida. O mesmo acontece quando praticamos um sistema, por meio do qual esperamos alcançar a paz: estamos meramente formando e consolidando um hábito; por conseguinte, a mente se torna embotada e insensível, mecânica. É isso o que implica a prática de um método: a autoridade, o cultivo mecânico de um hábito, com o qual vos recalcais, fugis de vós mesmo. Vede este fato. Quando o

perceberdes, ao receberdes o seu impacto, vossa mente já não terá interesse em praticar métodos, em adquirir hábitos, em seguir qualquer autoridade que seja — autoridade espiritual. O que então vos interessará será a pesquisa, a investigação, a compreensão. Já se não dará importância à obtenção de um certo resultado, porém, tão-só, à totalidade da existência — e não a uma parte dela.

Para a maioria de nós, meditação significa "oração"; a repetição interminável de certas palavras, ou o assumir uma certa postura, o respirar de uma certa maneira. Compreendeis o que estais então fazendo? Estais dando importância a um ato externo: sentar-se bem erecto. Isso é bastante fácil. Por que sentar-se erecto? Porque o sangue aflui com mais facilidade ao cérebro; só isso. E, quando respirais profundamente, o sangue recebe mais oxigênio. Isso nada tem de misterioso. Com esses atos externos inicia-se a meditação — sentar-se sossegadamente num aposento e praticar todos os mais gestos externos que bem conheceis. Mas, nisso não há, absolutamente, compreensão interior. É tudo de origem exterior.

A meditação, portanto, não é uma prática, não é seguir um sistema. Todo sistema implica autoridade. A meditação, por conseguinte, não se origina de nenhuma autoridade. Tampouco é ela oração, coletiva ou individual, pois oração implica súplica, rogo. Porque vos sentis desditosos, pedis socorro a uma certa entidade. Reduzistes vossa vida a um caos terrível e aflitivo. Edificastes essa estrutura social, esse ambiente que está destruindo os entes humanos. Sois responsável por vossa avidez, por vossas atividades, vossa ambição; esses fatores criaram a sociedade em que se vêem todo enredados os entes humanos. Sois responsável e, por conseguinte, é inútil pedir socorro a quem quer que seja. Esse pedido de socorro é uma fuga.

Fazem-se preces pela paz, na Europa, na América, neste país — em toda parte, menos na Rússia comunista, pois lá não se reza. Para terdes paz, deveis viver pacificamente, quer dizer, sem ambição, sem competição, sem nacionalismo, sem divisões de classe, nem as desprezíveis divisões de raça, de país, de língua. Para viverdes pacificamente, deveis estar em paz convosco. E, se não podeis estar em paz com vós mesmo, é inútil rezar pela paz, pois tudo o que fazeis gera desordem, conflito.

A meditação, pois, não é oração, não é repetição de palavras. Uma coisa das mais extraordinárias são as idéias fantásticas que a palavra *mantra* sugere às pessoas. Pronunciais uma palavra — não importa qual seja — ou uma série de palavras, dando-lhes um especial significado, e ficais a repeti-las. Que sucede ao repetirdes vezes sobre vezes uma série de palavras, em inglês, em sânscrito, em latim ou noutra língua qualquer? Vossa mente se torna gradualmente quieta, gradualmente embotada; e pensais então ter posto, afinal, a vossa mente em silêncio.

A meditação, pois, não é oração, não é repetição de palavras, não é a prática de um determinado método ou sistema, sob a égide de uma certa autoridade. Se prestardes atenção a esse fato, nunca mais recorrereis a essas coisas, pois vos tornareis então completamente responsável perante vós mesmo. Por conseguinte, não tereis *guru*, não dependereis de ninguém — nem deste orador. Respondereis então por tudo o que fizerdes. Eis por que deveis ter abundante autoconhecimento, enriquecer-vos do conhecimento de vós mesmo, pois esta é a única base de onde podeis partir. E para a maioria de nós é tão difícil esse autoconhecimento, que preferimos tomar uma pílula([1]), esperando que tudo correrá bem e que obteremos algo em troca de nada. E assim é que praticais e executais tantas coisas sem nenhuma significação; porque não sabeis observar-vos.

Tendes, pois, de conhecer-vos — não o "eu superior", o "*atman*", Deus; tudo isso são teorias e absurdos inventados por certas pessoas; não são fatos; repetis, pura e simplesmente, por mera tradição. Por conseguinte, para achardes Deus, deveis livrar-vos da autoridade da tradição. Conhecer a si mesmo é estar vigilante. Não deis nenhum sentido místico às palavras "estar vigilante"; é, simplesmente, estar cônscio daqueles corvos, do barulho que estão fazendo. Escutai, por favor: Estai cônscio da luz que clareia o céu; cônscio do tronco escuro da mangueira; cônscio da palmeira; cônscio de vosso vizinho de cadeira, de sua cor, de seus trajos; cônscio simplesmente — sem condenar, sem comparar, sem dizer "aquilo é bom", "aquilo é mau" — sem explicar, sem justificar — simplesmente cônscio.

---

(1) Refere-se às drogas que proporcionam experiências extraordinárias, êxtases, etc. (N. do T.)

A maioria das pessoas não percebe sequer as coisas exteriores. Decerto passais todos os dias, de ônibus ou em vosso carro, por casas, árvores, ruas. Entretanto, nunca observastes aquelas árvores, nunca vos tornastes cônscio delas, dos contornos das casas, do número de andares de um edifício de apartamentos; nunca estais cônscio da árvore, da flor, da criança que passa. Mantende-vos vigilantes, exteriormente, sem comparar, sem julgar, sem avaliar; e passai então, com esse percebimento, ao interior.

Escutai, por favor! Fazei o que estou dizendo. Não penseis em fazê-lo, fazei-o realmente, agora. Isto é, estai cônscio das árvores, da palmeira, do céu; escutai o crocitar dos corvos; vede a luz que banha a folha, a cor do *sari*, do rosto, e passai ao vosso interior. Qualquer um pode observar, estar cônscio, sem escolha, das coisas exteriores. É muito fácil. Mas, passar ao interior e estar cônscio sem condenação, sem justificação nem comparação, é mais difícil. Ficai cônscio do que se passa dentro em vós — de vossas crenças, vossos temores, vossos dogmas, vossas esperanças, vossas frustrações, vossas ambições, etc. etc. Começa então a ser-vos revelado o consciente e o inconsciente. Nada se precisa fazer.

É só *estar cônscio*; só isso tendes de fazer, sem condenar, sem forçar, sem tentar alterar o que percebeis. Vereis então que isso é como a maré que "entra". Não podeis impedir a maré de entrar; podeis opor-lhe um muro, fazer o que quiserdes, ela virá com tremenda energia. Identicamente, se estais cônscio, sem escolha, todo o campo da consciência começa a revelar-se, E tendes de seguir o que se vai revelando; isso se vos tornará difícil em extremo, isto é, seguir o movimento de cada pensamento, de cada sentimento, de cada desejo secreto. Difícil, porque resistis, porque dizeis: "aquilo é feio", "isto é bom", "aquilo é mau", "conservarei isto", "não conservarei aquilo".

Começai, pois, com o exterior, e passai ao interior. Vereis então, ao passardes ao interior, que o interior e o exterior não são duas coisas diferentes, que o percebimento exterior não difere do percebimento interior, que ambos são a mesma coisa. Percebereis também que estais vivendo no passado, que não há um único momento em que estais vivendo *realmente* — o momento real, o momento presente. Viveis no passado: as coisas

que sentistes, o que fostes — talentoso, bom, mau. Lembranças. Memória. Tendes, pois, de compreender a memória, e não rejeitá-la, recalcá-la, evitá-la. — Um homem que fez voto de celibato, procura conservar a lembrança desse voto; mas, se algum dia dele se esquece, sente-se "pecador"; esse sentimento de pecado, de culpa, sufoca-lhe a vida.

Se começardes, pois, a observar tudo o que vos cerca, vos tornareis altamente sensível. Por conseguinte, se "escutardes" e perceberdes não só o mundo externo, os sinais externos, mas também a "mente interior" (*inward mind*) que olha e sente, vereis que, nesse percebimento sem escolha, não há esforço algum. Muito importa compreender isso.

Em geral, fazemos esforço, na meditação, porque desejamos experiências. Esse é um fato muito simples. "Escutai" o fato — não meu juízo acerca do fato, nem vossa opinião relativa ao fato. O fato é que quase todos nós desejamos uma experiência espiritual desta ou daquela ordem, e a continuidade dessa experiência. De modo que tereis de examinar todo o conteúdo da experiência, e da mente que deseja a experiência.

Que é experiência? A palavra "experiência" significa "passar por um certo estado". Nós desejamos experiência, isso que chamamos "experiência espiritual", ou seja uma visão, um mais alto grau de percepção, de compreensão. Desejamos uma experiência que seja ampla e profunda e opere uma completa reviravolta em nossa maneira de viver. Mas, por "experiência" entende-se "desafio e reação", não é isso? Pergunto-vos uma coisa e vós respondeis; ou vedes uma coisa, e há uma reação. A vida é uma série ininterrupta de experiências, tanto conscientes como inconscientes, tanto agradáveis como desagradáveis. Isso é um fato. Quer reconheçais essas experiências, quer não as reconheçais, elas se estão verificando a todas as horas: quando viajais num ônibus, quando estais sossegadamente em casa, ou trabalhando no escritório, ou conversando com vossa esposa ou esposo, ou dando um passeio a sós, estais continuamente passando por experiências.

Mas, como em geral não estamos conscientes desse extraordinário intercâmbio de reações que é a vida, aborrecemo-nos das poucas experiências que temos — experiências sexuais, o fre-

qüentar o templo, experiências triviais — e, assim, queremos mais, muito mais. E damo-nos à meditação. E quando queremos emoções e experiências mais fortes, mais intensas, recorremos às drogas. Há várias drogas novas, na América e na Europa, as quais, quando as tomamos, nos dão, temporariamente, uma percepção mais intensa. Se a pessoa é artista e toma a droga chamada L.S.D., ela lhe proporcionará uma extraordinária percepção das cores; quando toma essa droga, vê as cores como nunca as viu na vida; as cores se tornam cheias de vida e movimento, vibrantes, imensuráveis. Vê a árvore como jamais a viu antes: não há separação entre sua pessoa e a árvore. Se quem toma a droga é sacerdote, tem experiências religiosas que tornam mais forte a sua convicção de estar fazendo o que é certo. Tais experiências podem também alterar a vida de uma pessoa, dentro do âmbito de seu condicionamento. Como vemos, um homem que se sente entediado da vida, de suas experiências comuns, deseja uma experiência mais significativa. Trata, pois, de meditar ou de tomar drogas, ou de fazer uma infinidade de coisas, a fim de obter *mais*.

Quando a pessoa está a buscar mais, isso indica que não compreendeu a estrutura de seu próprio ser. Se não vos compreendeis, se não lançais a base correta, a única base válida — que é a compreensão de vós mesmo — podeis fazer o que quiserdes — sentar-vos em qualquer postura que seja, pôr-vos de pernas para o ar apoiado na cabeça, repetir palavras, seguir um instrutor, fazer o que quer que seja, jamais encontrareis a paz, jamais alcançareis o que é verdadeiro.

Sem a compreensão de vós mesmo, não há conduta virtuosa. Sem autoconhecimento, não há ação que não cause mais conflito, mais aflição, mais confusão. Sem vos compreenderdes, não importa o que façais, não há sabedoria. Só quando compreendeis a vós mesmo, podeis receber a mensagem da vida.

Pois bem; o que até agora fizemos, nesta palestra, foi afastar todas as coisas que não são verdadeiras — afastá-las negativamente. A negação tem a força de um fato. A negação não é minha; é simplesmente a negação de algo que não é verdadeiro, não importa quem o tenha dito: Sankara, Buda, vosso *guru*, ou outro qualquer. Assim, negativamente, afastamos tudo o que

não é verdadeiro. Tratemos agora de descobrir o que significa meditar.

Para começar, precisamos ter lançado as bases do autoconhecimento. Se o não fizestes, não podeis realizar esta investigação, e o que se irá dizer ficará sendo apenas uma teoria. E se viveis na base de uma teoria, sois um ente humano morto; estais vivendo com idéias e não com fatos. Só a mente perspicaz, lúcida, o coração sensível, pode encontrar-se com os fatos, e só eles. A mente que toma disposições para meditar, não medita, porque o seu meditar é uma ação deliberada. A ação deliberada, visante a um certo resultado ou ganho, denuncia um desejo, uma ânsia de fugir ao fato da vida de cada dia.

Por conseguinte, a mente que deliberadamente pratica a meditação não alcança o estado de meditação, por mais que se esforce. Assim sendo, não deve haver nenhum ato deliberado de meditação. Se há ato deliberado de meditação, esse ato se torna esforço e, por conseguinte, uma pressão sobre a mente. A meditação, pois, não é um ato deliberado, não é uma continuidade. Porque, no momento em que tem continuidade, adquire um "valor temporal"; torna-se, portanto, um ato criado pela mente como meio de alcançar algo ou de conservar algo.

A meditação é um ato que termina a cada minuto, um ato sem continuidade. A mente sadia nunca se acha sob pressão — pressão de algum desejo ou ânsia. Tampouco é influenciada por qualquer movimento externo — político, revolucionário, econômico. Só a mente sadia não se deixa influenciar, não se sujeita à compulsão de nenhum desejo. E só pode ser sadia a mente quando há autoconhecimento, quando compreendeu suas próprias atividades. E, não se achando a mente submetida a pressão alguma, a nenhuma compulsão, deve também o cérebro tornar-se muito quieto, sem a isso ser forçado.

Escutai aquelas aves. Se as estais realmente escutando, não há reação alguma. Mas, se escutais com o cérebro, este reage. A função do cérebro é reagir. Estais agora escutando sem reação alguma; escutando realmente, porque vossa mente, vosso cérebro, estão quietos, receptivos, sensíveis, ativos. O cérebro, quando reage, segue sempre um certo padrão.

Deve, pois, o cérebro ser sensível, estar em silêncio, vigilante, não influenciado por nenhum gosto ou aversão; isso

depende da profundeza, da abundância e riqueza e plenitude do autoconhecimento. E também, naturalmente, o vosso corpo deve estar muito quieto. Mas, não comeceis com o corpo, forçando-o a quietar-se, em primeiro lugar; isso não tem significação nenhuma. Tudo isso vem naturalmente. Não há necessidade de forçar, de dizer: "Ficarei sentado e quieto; exercitarei o meu cérebro para ser vigilante, sem reação; ou, ficarei de guarda e não deixarei entrar nenhuma influência". Estais então num caminho completamente errado. Mas, se começardes pelo autoconhecimento, tudo o mais seguirá naturalmente, como o Sol torna a nascer, depois de se ter posto; tudo virá com a mesma suavidade e naturalidade.

E alcançareis então, também naturalmente, o estado de silêncio. Não podeis estar em silêncio, se não tendes espaço Na mente da maioria de nós nunca há espaço. Nossa mente, nosso cérebro, acham-se repletos, "superlotados". Numa cidade como esta, viveis num apartamento, num quarto; fora de vós não há espaço — estais completamente cercado de coisas. Em vosso interior, também não há espaço, porque vossa mente está repleta de idéias, de crenças, de conceitos, de fórmulas, de proibições e deveres. Nunca existe, nela, espaço em que possais mover-vos em completa liberdade, em que vossa mente possa estar aberta, em silêncio. O silêncio, pois, é inseparável do espaço; e o silêncio não é um fim, um resultado de determinada prática ou desejo, ou da exigência de um dado desejo. Ele vem naturalmente e, por conseguinte, sem esforço algum. Não "pratiqueis" o silêncio, porque naquele silêncio nada há que praticar.

Não vos estou oferecendo um método, não vos estou dizendo o que deveis fazer. Aqui estamos comungando. Por conseguinte, podeis alcançar aquele silêncio naturalmente. Sereis então vossa própria luz, um ente humano livre. Não tereis medo; não haverá *guru*; não haverá tradição. Sereis um ente humano *vivo*. Tudo isso sucede tão naturalmente como o dia sucede à noite.

Naquele silêncio há um movimento não constituído pela energia do conflito. Toda a nossa vida é conflito, e desse conflito derivamos energia. Mas, quando a mente compreendeu a total natureza do conflito existente no mundo e dentro em nós mesmos, dessa compreensão nasce o silêncio. E nesse silêncio,

por conseguinte, há uma energia poderosa. Não é o silêncio do sono, da estagnação, porém um silêncio constituído de tremenda energia.

Não sei se já observastes uma máquina ou um dínamo, qualquer coisa que se move com espantosa velocidade, toda carregada de energia. De igual modo, a mente que se acha em completo silêncio está completamente carregada de energia. E essa energia, porque não tem nome, é também sem nacionalidade e sem conflito. É anônima — nem vossa nem minha. Por conseguinte, se lhe soltamos as rédeas, pode levar-nos muito longe, ultrapassar os limites do tempo.

Todo esse processo de que vos estivemos falando constitui o ato de meditação. Esse ato é bem-aventurança. Esse ato é amor. Só então pode a mente trazer a ordem ao mundo. Só então se pode viver em paz. Essa mente não criará com sua atividade nenhuma confusão. Só ela pode descobrir o que é verdadeiro.

28 de fevereiro de 1965.

BOMBAIM — VII

Vida Criadora

Esta é a última palestra deste ano, pelo menos em Bombaim. Em todos os passados séculos, o homem sempre procurou a paz, a liberdade, um estado de bem-aventurança a que chama "Deus". Tem-no buscado, sob diversos nomes, em diferentes períodos da história; parece, entretanto, que só pouquíssimos têm encontrado aquele estado interior de suprema paz e liberdade, o estado que o homem denominou "Deus". Isso se tornou nos tempos modernos bem pouco importante; empregamos a palavra "Deus" com muito pouca significação. Andamos sempre a buscar um estado bem-aventurado, um estado de paz e liberdade, fora deste mundo; de várias maneiras estamos a fugir do mundo, em busca de algo que seja permanente, que nos dê asilo e salvação; que nos dê profunda paz interior. A crença ou não-crença em Deus depende de influências mentais, tradicionais, climáticas. Para encontrar aquele estado de bem-aventurança, de liberdade, de paz infinita, viva, precisamos compreender porque não somos capazes de enfrentar um fato, transformá-lo e, por conseguinte, ultrapassá-lo.

Nesta tarde, desejo falar, ou, melhor, investigar, em comunhão convosco, por que razão damos sempre tanta importância à idéia, e não à ação. Embora já tenhamos falado sobre este assunto de várias maneiras e em diferentes ocasiões, também aqui em Bombaim, no decurso destas palestras, desejo considerá-lo de uma nova maneira. Porque, a meu ver, somos completa e totalmente responsáveis pela sociedade em que vivemos. Por

toda a angústia, e confusão, e brutalidade da moderna existência somos inteiramente responsáveis, cada um de nós. E como não podemos de modo nenhum furtar-nos a essa responsabilidade, cabe-nos transformar nossa existência. A transformação do ente humano, como parte integrante da sociedade e ao mesmo tempo seu criador — é uma obrigação que cada um tem de assumir. E só poderá o ente humano operar, em si mesmo, uma mutação, uma transformação, sem fugir à sociedade, quando se libertar das idéias.

Deus é uma idéia, dependente do clima, do ambiente, da tradição em que foi criado o indivíduo. No mundo comunista, não se crê em Deus — o que é também um resultado das circunstâncias. Aqui, dependeis das vossas circunstâncias, da vida que viveis, da tradição que seguis e, por conseguinte, formastes aquela idéia (Deus). Cumpre ao indivíduo libertar-se dessas circunstâncias, da sociedade; porque só então, em liberdade, tem o ente humano a possibilidade de descobrir o que é verdadeiro. Mas, a mera fuga para uma idéia chamada "Deus" não resolve de modo nenhum o problema.

Deus — ou qualquer outro nome — é uma engenhosa invenção do homem, a qual mascaramos com incenso, rituais, várias formas de crenças e dogmas que estão a separar os homens em católicos, hindus, muçulmanos, parses, budistas. Essa, a engenhosa estrutura erguida pelo homem. E o próprio homem, seu inventor, nela se acha aprisionado. Sem compreender o mundo atual, o mundo em que vive, esse mundo de agonias, de confusão, de sofrimentos, de ansiedades, desespero, aflição, solidão total e o sentimento da absoluta inutilidade da vida — se não compreender tudo isso, a mera aquisição de idéias e mais idéias, por mais satisfatórias que sejam, nenhum valor terá.

Muito importa compreender porque criamos ou formulamos uma idéia. Por que é que a mente formula uma idéia? Por "formulação" entendo toda estrutura de idéias filosóficas ou racionalistas, humanistas ou materialistas. Idéia é pensamento organizado; e na base desse pensamento organizado, dessa crença, dessa idéia, vive o homem. É isso o que todos fazemos, religiosos ou não-religiosos. Considero importante averiguar por que razão os seres humanos, através das idades, têm dado tão

exagerada importância às idéias. Por que é que formulamos idéias? Por que não nos é possível agir sem a idéia — agir sempre? Se nos observamos, podemos verificar que formamos idéias quando não há atenção. Quando estamos ativos, totalmente — e isso requer completa atenção — não há idéia nenhuma; estamos simplesmente em atividade.

Deixai-me sugerir-vos que, nesta tarde, vos limiteis a escutar. Nada aceiteis nem rejeiteis; não levanteis barreiras ao escutar, com vossos pensamentos, crenças, contradições, etc. Escutai, simplesmente. Não pretendemos convencer-nos de coisa alguma. Não queremos de modo nenhum forçar-vos a aceitar uma dada idéia, padrão ou maneira de agir. Estamos apenas expondo fatos, sem levar em conta se deles gostais ou não gostais; o importante é que se aprenda a respeito do fato. *Aprender* significa escutar totalmente, observar completamente. Se escutais o barulho dos corvos, não o escuteis de mistura com vossos próprios barulhos, vossos temores, pensamentos, vossas idéias, vossas opiniões. Vereis então que não haverá idéia nenhuma, que estareis escutando realmente.

Desse mesmo modo deveis escutar-me nesta tarde. Escutai, simplesmente, tanto consciente como inconscientemente (o que talvez seja muito mais importante). Quase todos nós estamos sujeitos a influências. Podemos rejeitar as influências conscientes, porém muito mais difícil é rejeitar as influências inconscientes. Quando se escuta da maneira a que nos referimos, esse escutar já não é consciente nem inconsciente. Está-se então completamente atento. E a atenção não é coisa minha nem vossa; não é nacionalista; não é religiosa; não é divisível. Por conseguinte, quando estais escutando completamente, não há idéia: há só o estado de escutar. Em geral é o que fazemos quando estamos escutando (ou olhando) algo que tem certa beleza: boa música, o espetáculo de uma montanha, da luz crepuscular, seus reflexos na água ou numa nuvem; não há então, nesse estado de atenção, nesse estado de escutar, de ver, idéia nenhuma.

Se puderdes escutar dessa maneira, com essa facilidade, essa atenção sem esforço, talvez percebais quanto é importante a questão da idéia e da ação. Como já disse, de ordinário formulamos idéias quando há desatenção. Criamos, ou concebemos idéias,

quando essas idéias nos dão segurança, um sentimento de certeza. Esse desejo de certeza, esse desejo de segurança gera idéias; nessas idéias buscamos refúgio e, por isso, não há ação. E, ainda, criamos e formulamos idéias quando não compreendemos completamente *o que é* (o fato). As idéias, por conseguinte, se nos tornam muito mais importantes do que o fato.

Para se descobrir realmente o fato — se há Deus, se não há Deus — as idéias nada significam. Não importa se credes ou não credes, se sois teísta ou ateísta. Isso nada exprime. Para o descobrimento, necessitais de toda a vossa energia — vossa energia completa, total; energia sem mácula, sem arranhadura; sem tendências nem corrupção. Assim, para se compreender, para se descobrir se existe essa Realidade que o homem anda buscando há milhões de anos, necessita-se de energia — energia integral e completa, incontaminada. E para criar essa energia, precisamos compreender o esforço.

A maioria de nós passa a vida a fazer esforços, a lutar; e o esforço, a luta, é uma dissipação, um desperdício de energia. O homem, em toda a sua existência histórica, sempre disse que, para encontrar a Realidade ou Deus — ou o nome que se lhe quiser dar — o indivíduo tem de ser celibatário — isto é, fazer um voto de castidade e passar o resto da vida a recalcar-se, a controlar-se, a batalhar consigo mesmo, para se manter fiel a esse voto. Quanto desperdício de energia! Também é desperdício de energia soltar as rédeas ao desejo. E isto é mais significativo quando reprimis o desejo. O esforço despendido no recalcar, no controlar, no repelir o desejo, deforma a mente e, em virtude dessa deformação, o indivíduo adquire uma certa austeridade que se torna rude. Escutai, por favor! Observai esse fato em vós mesmo e nas pessoas que vos cercam. Observai esse desperdício de energia, essa batalha. Não é o sexo, em seus diferentes aspectos, nem o próprio ato sexual, porém os ideais, as imagens, o prazer, e o constante pensar neles, que constituem o desperdício de energia. Assim, a maioria das pessoas desperdiça energia ou pela negação do desejo ou mediante o voto de castidade e o constante pensar nele.

E, como já dissemos, cada homem é responsável — vós e eu somos os responsáveis pelas condições da sociedade em que

vivemos. Nós, e não os políticos — pois fomos nós que os fizemos ser o que são: desonestos, vangloriosos, ambiciosos de posição e de prestígio; é precisamente o que somos em nossa vida diária. Somos os responsáveis pela sociedade. A estrutura psicológica da sociedade é muito mais importante do que o seu aspecto orgânico; está ela baseada na avidez, na inveja, na ânsia de aquisição, na competição, na ambição, no medo, na incessante exigência de segurança de todo ente humano — segurança em todas as suas relações: com a propriedade, as pessoas, as idéias. É essa a estrutura social que criamos. E a sociedade, psicologicamente, impõe essa estrutura a cada um de nós. Ora, a avidez, a inveja, a ambição, a competição, constituem desperdício de energia, porquanto encerram sempre conflito; conflito interminável — como, por exemplo, o de uma pessoa que é ciumenta.

O ciúme é uma idéia. A idéia e o fato são duas coisas diferentes. Tende a bondade de escutar! Se procuramos observar o sentimento chamado "ciúme" através da idéia respectiva, não podemos entrar diretamente em contato com o sentimento; estamos a observá-lo através da memória de uma certa palavra que fixamos em nossa mente com o significado de "ciúme". O ciúme se torna uma idéia e essa idéia nos impede de entrar diretamente em contato com o sentimento que se chama "ciúme". Isso é também um fato. Assim, a fórmula, a idéia nos veda o contato direto com o sentimento; portanto, a idéia faz-nos dissipar energia.

Visto que somos nós os responsáveis pela aflição, pela pobreza, pelas guerras, pela absoluta falta de paz que se observa no mundo — visto isso, o homem religioso não busca Deus, porém o que o interessa é a transformação da sociedade, ou seja de si próprio. O homem religioso não é o que pratica rituais diversos, que segue tradições, que vive numa cultura passada e morta, a interpretar incessantemente o Gita ou a Bíblia, a entoar intermináveis litanias, o que vive como *sanyasi*; esse não é um homem religioso, porque está a fugir dos fatos. Religioso é o homem que tem o máximo interesse em compreender a sociedade, ou seja a si próprio, pois não é uma entidade separada da sociedade. O operar em si próprio uma mutação completa, total, significa a total cessação da inveja, da avidez, da ambição. Aquele homem, por conseguinte, não depende das circunstâncias, embora

seja resultado das circunstâncias — dos alimentos que toma, dos livros que lê, dos cinemas que freqüenta, dos dogmas, crenças, ritos religiosos, etc. etc. O homem religioso é um ente responsável e, portanto, deve compreender a si mesmo, como produto da sociedade que ele próprio criou. Por conseguinte, para encontrar a Realidade deve ele começar *aqui*, e não num templo, nem numa imagem — não importa se esculpida pela mão ou pela mente. Do contrário, como poderá descobrir algo totalmente novo, um novo estado?

A paz não é simplesmente o predomínio da Lei ou da soberania. É coisa bem diversa: um estado interior que de modo nenhum pode ser estabelecido pela alteração das circunstâncias externas, conquanto seja necessária a mudança das circunstâncias externas. Mas, a paz deve nascer em nosso interior, para que se possa criar um mundo diferente. E a criação de um mundo diferente exige uma tremenda soma de energia, energia que ora está sendo dissipada num conflito constante. Por conseguinte, temos de compreender esse conflito.

A causa primária do conflito é a fuga — fuga através da idéia. Observai a vós mesmos; vede como, em vez de fazer frente, digamos, ao ciúme, à inveja, em vez de entrar diretamente em contato com tal sentimento, dizeis: "Como livrar-me disso?" Que devo fazer? Que métodos devo seguir para não ser ciumento?" — Tudo isso são meras idéias e, por conseguinte, uma fuga ao fato de serdes ciumento, um afastamento desse fato. A fuga aos fatos através das idéias não só dissipa a energia, mas também impede o contato direto com o fato. Ora, deveis dar toda a atenção ao fato, em vez de procurardes observá-lo através de uma idéia, pois, como já dissemos, a idéia impede a atenção. Se observardes, se vos tornardes cônscio do sentimento chamado "ciúme", e lhe derdes toda a atenção, sem a interferência de idéias, não só estareis diretamente em contato com o sentimento, mas também, em virtude da atenção que lhe dispensastes, ele deixará de existir; haverá então maior energia para enfrentardes o próximo incidente, a próxima emoção ou sentimento.

Para descobrir, para realizar uma mutação completa, necessitais de energia — não a energia criada pelo recalcamento, porém aquela que vos vem quando não estais a fugir através

de idéias ou pela repressão. Com efeito, se a esse respeito refletimos, percebemos que só conhecemos duas maneiras de enfrentar a vida: ou dela fugindo completamente (o que leva à insanidade ou neurose), ou recalcando tudo o que não compreendemos. Só essas duas maneiras conhecemos.

Recalcar não é apenas abafar um sentimento ou sensação; toda explicação intelectual ou racionalização é também uma espécie de recalcamento. Observai-vos e vereis como o que se está dizendo é real. É necessário, pois, que não fujais. Esta é uma das coisas mais importantes que cumpre compreender: que não devemos fugir. É-nos dificílimo compreendê-la, porque estamos acostumados a fugir através das palavras. Fugimos ao fato, não só indo ao templo etc., mas também através de palavras, de argumentos, opiniões, juízos, avaliações... de uma infinidade de maneiras. Consideremos, por exemplo, um indivíduo insensível. Ser insensível é um fato. Se ele se torna cônscio de ser insensível, a maneira de fugir ao fato é procurar tornar-se sensível. Mas uma pessoa só pode tornar-se sensível se aplicar toda a atenção ao estado mental de insensibilidade.

Assim, necessitamos de energia — energia não resultante de contradição ou tensão, porém gerada sem esforço algum. Compreendei, por favor, este fato muito simples e real: que desperdiçamos nossa energia no esforço, e esse desperdício nos impede o direto contato com o fato. Quando faço um esforço enorme para escutar, toda a minha energia se consome nesse esforço, de modo que não posso escutar realmente. Quando me encolerizo ou impaciento, minha energia se consome toda no esforço que faço para reprimir a cólera. Mas, se presto toda a atenção à colera, ou outro estado mental, em vez de fugir através de palavras, da condenação, do julgamento — então, nesse estado de atenção, liberto-me da coisa chamada "cólera". Por conseguinte, aquela atenção que é a reunião de toda a energia, aquela atenção não é esforço. Religiosa é apenas a mente que está livre do esforço e, por conseguinte, só ela pode descobrir se há ou se não há Deus.

Outro fator: somos entes humanos imitadores. Nada temos de original. Somos o resultado do tempo, de muitos milhares de dias passados. Desde a infância, fomos educados para imitar,

copiar, obedecer, repetir a tradição, seguir as Escrituras, obedecer à autoridade. Não nos referimos à autoridade da lei, que deve ser obedecida, porém à autoridade das Escrituras, à autoridade espiritual, ao padrão, à fórmula, espirituais. Obedecemos e imitamos.

Quando imitais — ou seja, ao vos ajustardes interiormente a um padrão imposto pela sociedade ou por vós mesmo, baseado em vossa própria experiência — esse ajustamento, essa imitação, essa obediência, não têm a claridade da energia. Vós imitais, vos ajustais, obedeceis à autoridade, porque tendes medo. O homem que compreende, que vê claramente, que está muito atento, não teme; por conseguinte, não tem razão nenhuma para imitar. Ele é "ele próprio" (o que quer que "ele próprio" seja) em todos os momentos.

Assim, a imitação, o ajustamento a um padrão religioso ou, em vez de um padrão religioso, à própria experiência, é sempre conseqüência do medo. E o homem que tem medo — seja de Deus, seja da sociedade, seja de si próprio — não é um ente religioso. Só é livre o homem que não teme. Portanto, temos de entrar em contato com o medo, diretamente e não através da idéia relativa ao medo.

E, ainda, a reunião daquela energia imaculada, impoluta, vital, só é possível pelo *rejeitar*. Não sei se já notastes que, quando rejeitamos uma coisa, não em reação a essa coisa, essa própria rejeição cria energia. Quando rejeitais, por exemplo, a ambição, não por desejardes tornar-vos espiritual, por desejardes viver em paz, por desejardes Deus, por desejardes o que quer que seja, porém por causa dela própria (da ambição) — quando percebeis a natureza perniciosa do conflito que a ambição engendra, e a rejeitais, esse próprio ato de rejeição é energia. Não sei se já rejeitastes alguma coisa. Ao renunciardes a um certo prazer — por exemplo, ao prazer de fumar, não por vos ter dito o médico que fumar é nocivo aos pulmões, ou por não terdes dinheiro para poderdes fumar uma infinidade de cigarros por dia, ou por desejardes libertar-vos de um hábito que vos escraviza, porém porque *percebeis* quanto ele é absurdo — quando rejeitais esse hábito, sem ser em reação a ele, esse próprio rejeitar traz consigo energia. De modo idêntico, quando rejeitais

a sociedade, mas não fugindo dela, como o *sanyasi*, o monge, os indivíduos chamados "religiosos" — quando rejeitais totalmente a estrutura psicológica da sociedade, dessa rejeição vos vem uma formidável energia. O próprio ato de rejeitar é energia.

Bem; já vistes ou compreendestes por vós mesmo, ou ouvistes falar nesta tarde sobre a natureza do conflito, do esforço, que dissipam energia; e compreendestes ou percebestes, não verbal porém realmente, o significado dessa energia que não resulta de conflito, porém nasce quando a mente compreendeu todas as suas fugas — recalcamento, conflito, imitação, medo. Daí podeis então partir, começar a descobrir por vós mesmo o que é real, não como um meio de fuga, como meio de evitar vossas responsabilidades neste mundo. Não tereis possibilidade de compreender o que é real, o que é bom — se existe "bom" — por meio de crença, porém, tão-só, se vos transformardes em vossas relações com a propriedade, as pessoas, as idéias e dessa maneira vos tornardes livre da sociedade. Só então, e não pela fuga ou recalcamento, tereis a energia necessária ao descobrimento.

Se chegastes até este ponto, deveis agora tratar de descobrir a natureza da disciplina, da austeridade segundo a tradição e da austeridade criada pela compreensão, Há um "processo" natural de austeridade, um "processo" natural de disciplina, sem rigores, sem ajustamento, sem mera imitação de um dado hábito agradável. Desse processo resulta uma inteligência sumamente sensível. Sem essa sensibilidade, não conhecereis a beleza.

Deve o indivíduo de mentalidade religiosa tornar-se cônscio desse extraordinário estado de sensibilidade e beleza. O indivíduo religioso a que nos referimos difere inteiramente dos religioso ortodoxo. Porque, para este último, a beleza não existe: é um homem totalmente alheio ao mundo em que vive: à beleza do mundo, à beleza da terra, à beleza da colina, à beleza de uma árvore, à beleza de um rosto sorridente. Para ele, a beleza é tentação; é a mulher, que ele tem de evitar a todo custo, a fim de encontrar Deus. Não é um indivíduo religioso, esse homem, porque insensível ao mundo — a sua beleza e fealdade. Não se pode ser sensível só à beleza; deve-se ser sensível também ao esqualor, à sordidez, à desorganizada mente humana.

Sensibilidade significa "sensibilidade em todos os sentidos", e não num único sentido. A mente que não está cônscia da beleza em si própria manifestada, não pode alcançar mais longe. Essa sensibilidade é de todo em todo necessária.

E essa mente — que é então a verdadeira mente religiosa — pode compreender a natureza da morte. Pois, sem a compreensão da morte, não há compreensão do amor. A morte não é o fim da vida. Não é uma conseqüência de doença, senilidade ou acidente. A morte é uma coisa com que temos de viver todos os dias, morrendo para tudo o que conhecemos. Se não conhecerdes a morte, jamais conhecereis o amor.

O amor não é memória; também não é símbolo, imagem, idéia; não é o amor um ato social; o amor não é uma virtude. Havendo amor, há virtude; não se precisa lutar para se tornar virtuoso. Se não conheceis o amor, é porque ainda não compreendestes o que é morrer — morrer para vossa experiência, morrer para vossos prazeres, morrer para qualquer memória oculta, inconsciente. E, quando tudo touxerdes à luz e morrerdes a cada minuto — para vossa casa, vossas lembranças, vossos prazeres — morrerdes voluntária e facilmente, sem esforço, sabereis então o que é o amor.

E, também, sem a beleza, sem a compreensão da morte, sem o amor, jamais encontrareis a Realidade; podeis fazer o que quiserdes — ir aos templos, seguir todos os *gurus* criados pelos homens ininteligentes — por esse caminho jamais encontrareis a Realidade. Essa Realidade é criação.

Criação não significa gerar filhos, pintar quadros, escrever versos ou preparar pratos apetitosos: nada disso é criação, porém apenas produto de um certo talento ou dom, ou de uma técnica aprendida. Invenção não é criação. Só se torna possível a criação quando estamos mortos para o tempo, isto é, quando não há mais amanhã. Só pode haver criação quando há uma completa concentração de energia, sem movimento algum, interno ou externo.

Prestai atenção a isto, por favor. Se o compreenderdes ou não — não importa. Nossa vida é tão banal, tão aflitiva; há tanto desespero, tanto sofrimento! Há dois milhões de anos que vivemos, e nada existe de novo. Só conhecemos repetição,

tédio e a total futilidade de cada ato que praticamos. Para ser criada uma mente nova, um estado de inocência, de juvenilidade, necessita-se daquela sensibilidade, daquela morte e amor, e daquela criação. Aquela criação só pode verificar-se quando há a energia completa, sem movimento e sem direção.

Vede, sempre que tem de enfrentar um problema, a mente procura uma saída; esforça-se para o resolver, superar, contornar, ultrapassar ou transcender; fica a fazer alguma coisa com o problema, a mover-se, exterior ou interiormente. Se não se movesse em direção alguma; se nenhum movimento houvesse, nem interno nem externo, porém apenas o problema — ocorreria então uma "explosão" no problema. Experimentai-o, uma vez, e vereis a realidade do que se está dizendo — realidade que não requer crença, nem explicação, nem aceitação sem discussão. Aqui, não há autoridade alguma.

Assim, quando há aquela concentração de energia, não resultante de esforço, e essa energia não está em movimento em direção alguma, nesse momento há criação. E essa criação é a Verdade, Deus — o nome que quiserdes (o nome nada significa). E aquela "explosão", aquela criação, é *paz*; não é necessário procurar a paz. Aquela criação é beleza. Aquela criação é amor.

Só a mente religiosa pode promover a ordem neste mundo cheio de confusão e sofrimento. E vossa obrigação — vossa e de ninguém mais — é promover, enquanto estais vivendo neste mundo, aquela vida criadora. Só essa é a mente religiosa, a mente bem-aventurada.

3 de março de 1965.

NOVA DELHI — I

Urge Transformar-nos

Se me for permitido, pretendo, durante as quatro palestras que aqui vamos realizar, falar acerca da ordem, da violência e da paz.

Não vamos meramente expor teorias ou dar explicações. O que desejamos é compreender, em sua inteireza, o movimento da vida, esse imenso panorama de conflito, observável não só neste país, mas também em todo o mundo — onde o homem se vê em conflito com o homem; onde já viveu tantos milênios de história escrita, já travou mais de catorze mil e seiscentas[1] guerras e até hoje não conseguiu viver em paz com seu semelhante; onde o nacionalismo, tão destrutivo e turbulento, predomina em toda a parte; onde, é evidente, a despeito dos incessantes esforços despendidos pelo homem para instaurar a paz em seu interior e também no exterior, até hoje lhe tem sido quase impossível viver em paz.

Só na paz pode o ser humano florescer em bondade; não na guerra, na violência, porém, tão-só, quando existe uma paz profunda e inabalável. E, para compreendermos, em seu todo, esse fenômeno de ódio, destruição e desordem, temos de investigar não apenas intelectualmente (pois essa é uma maneira de investigar muito fútil e sem valor), porém investigar realmente o que significa a ordem, a violência, a paz. Nenhuma significação

(1) No original lê-se "*quarenta* mil e seiscentas" (*forty*, em vez de *fourteen*). (N. do T.)

tem investigar intelectual ou verbalmente, pois em geral temos lido e entretido teorias a respeito da paz, da maneira de nos livrarmos da violência e de estabelecermos a ordem; sobre tudo isso já se escreveram alentados volumes.

Na primeira guerra registrada pela História, travada há cinco mil anos, talvez o homem tivesse pensado fosse aquela a última guerra. Entretanto, continuamos a guerrear. Por conseguinte, algo de radicalmente falso e destrutivo deve existir nos entes humanos, que os está dividindo em nacionalidades, a fragmentar-lhes o espírito em seitas religiosas, com dogmas e crenças, em partidos políticos — divisões de toda espécie. E desse modo esperam criar a paz e a ordem! E, assim, como é evidente, após tantos milhares de anos, ainda não encontramos a paz. Como dissemos, já tivemos catorze mil e seiscentas guerras — quase três guerras por ano! — e continuamos a viver da mesma maneira estúpida e destrutiva, a odiar-nos e a insultar-nos mutuamente, a denominar-nos hinduístas, muçulmanos, russos, comunistas etc.

Temos, pois, de observar tudo isso sem paixão, objetivamente, e não emocionalmente ou através de nossos preconceitos; observar os fatos, e não interpretá-los de acordo com nossos gostos e antipatias pessoais, aprovando a guerra que chamamos "justa" e condenando aquela que chamamos "injusta". Devemos considerá-la como um fenômeno, uma manifestação de nosso fundo animal, como um problema que todo ente humano tem de resolver. Porque a guerra, a violência, a desordem, é um caminho que nunca nos levará à paz, por mais que nos esforcemos por alcançá-la; porquanto a paz que por esse caminho se alcança é sempre um intervalo entre duas calamidades, entres duas guerras, entre duas destruições.

Temos, pois, de achar uma nova maneira de viver — *não* teoricamente, em intermináveis conferências, porém na vida real de cada dia. Isso implica uma total revolução em nossos modos de pensar, de viver, de sentir. E a menos que a realizemos, nós mesmos, como entes humanos, nunca teremos a ordem, a paz, um estado mental em que possa florescer a bondade. Não estamos, pois, a entreter-nos com palavras, com teorias, porém, ao contrário, estamos investigando *o que é*, porque só frente a frente

com os fatos, pode-se fazer alguma coisa em relação a eles. Se nos furtamos a enfrentar os fatos, ver-nos-emos completamente perdidos numa floresta de opiniões. E as opiniões, por mais engenhosas, eruditas ou racionais que sejam, pouco significam, quando nos vemos em presença do ódio, da desordem, da violência. É isso o que estamos vendo, atualmente, em todo o mundo. A guerra que se está travando no Vietnam é *vossa* guerra e *minha* guerra; também o foi a guerra que houve neste país, na fronteira.

O homem tem sofrido indefinida e infinitamente. E, vós e eu, que vivemos há tantos milênios — como entes humanos, e não como hinduístas, cristãos, comunistas, maometanos, etc. — temos de achar a ordem, porque ela é necessária, não só interior como exteriormente. E essa ordem é uma das coisas mais difíceis de encontrar. A palavra "ordem" é de profunda significação, quando a consideramos bem, quando somos capazes de elucidá-la, de penetrá-la profundamente. A ordem não é o meu conceito de "ordem", o conceito do político, desta ou daquela pessoa. A palavra, em si, é de extraordinária e profunda significação, quando a penetramos e compreendemos. É o que, juntos, vamos tentar.

Não estamos fazendo nenhuma espécie de propaganda. Pessoalmente, tenho horror à propaganda. Não desejo converter-vos a nenhuma crença, nenhum dogma, nenhuma maneira de vida (isso seria muito estúpido de minha parte). O que desejamos é indicar certas coisas que devemos investigar juntos, como entes humanos em presença de um enorme e complexo problema. E, se não formos capazes de considerar desapaixonadamente este problema, então, como entes humanos, iremos viver mais cinco mil anos a batalhar, a torturar-nos mutuamente, a entrematar-nos. Um fato muito estranho é que, em todos os tempos, os instrutores preceituaram que não devemos odiar-nos, que devemos ser bons, generosos, clementes; tudo isso foi posto por terra, em todo o mundo. E, neste país, considerado tão antigo e tão cheio de sabedoria (coisa que atualmente não existe aqui), aquela tradição — não a tradição observada pelos políticos ou pelos "santos" semipolíticos — aquela tradição, aquela verdade de que não devemos ferir-nos, porém amar-nos uns aos outros, foi lançada às urtigas. E vós e eu, como entes humanos,

devemos encontrar, por nós mesmos, uma nova maneira de viver, uma nova ordem, o término da violência, e promover assim, dentro em nós e também no exterior, a paz.

Assim, vamos primeiramente conversar sobre a questão da ordem. Nossa vida é toda de desordem, tanto exterior como interiormente. Vemo-nos em conflito, em contradição, exterior e interiormente. E a ordem não é possível quando há conflito, quando interiormente está sempre a travar-se uma batalha — ódio, inveja, avidez, competição, idéias brutais a respeito dos "outros". Havendo esse preconceito de nacionalidade, esse veneno, como pode haver ordem? E nós necessitamos de ordem, numa escala infinita. E para termos a ordem, necessitamos de um espaço imenso, tanto interior como exteriormente. Não podemos isolar-nos como um pequeno país, ficar a "cultivar o nosso quintal", para nesse pequeno espaço e em nosso interior, como indivíduos, promovermos a ordem. Porque o indivíduo é um ser muito limitado, de mente muito limitada; e se ele se põe em ordem, interiormente, isso nada significa. O que tem significação e importância é que o indivíduo se torne um ente humano não pertencente a nenhuma religião, nenhuma nacionalidade, nenhuma classe, nenhum partido político — um ente humano, com seus problemas, seus sofrimentos, suas dores e agonias, sua avidez e inveja, sua busca de poder e posição. Nós somos esses entes humanos, e, por conseguinte, temos de promover a ordem.

Só se pode criar a ordem negativamente. Isto é, a ordem não pode ser criada pela imitação ou o ajustamento. Escutai isso, não porque eu o estou dizendo, porém porque deveis investigar a sua verdade; trata-se de vossa vida, de vosso sofrer, de vosso desespero. Vivendo, como estais, à beira do abismo, tendes de achar a solução correta. Portanto, escutai com desapaixonado interesse, a fim de descobrirdes a maneira de viver uma vida diferente.

Como dissemos, a ordem só pode ser criada negativamente. Se, deliberadamente, tratais de estabelecer a ordem em vós mesmo, tentais fazê-lo por meio de recalcamento, controle, ajustamento. Compreendeis? Desejamos a ordem; percebemos a sua importância, tanto externa como internamente; mas não

existe nenhum padrão ideal da ordem. Não podemos dizer "Isto é ordem e aquilo não é ordem. Seguirei *este* método, que criará a ordem dentro em mim mesmo". — A ordem deve começar dentro em nós mesmos, para depois manifestar-se exteriormente. Não se pode promover a ordem exteriormente, como o fazem os políticos e os reformadores do mundo inteiro. Só pode haver ordem quando interiormente impera a ordem. Então, toda ação, todo movimento da vida é conforme à ordem, são, racional. Assim, para encontrarmos a ordem, devemos proceder negativamente. Explicaremos o que queremos dizer. Poderá parecer um tanto complexo, mas, na realidade, não o é, se condescenderdes em escutar atentamente.

Uma das coisas mais difíceis é o escutar. Raramente escutamos. "Escutamos" nossa própria opinião, nossos próprios conhecimentos, as coisas que experimentamos; "escutamos" o que outras pessoas disseram ou escreveram. Escutamos o que nos ditam os nossos preconceitos, mas nunca "escutamos" nossa própria vida. Estamos tratando de assunto que exige penetrante atenção. Tereis de escutar o que se vai dizer, sem lhe opordes os vossos conhecimentos, as coisas que sabeis — isso poderá ficar para mais tarde. Se desejais escutar o que alguém diz, tendes de prestar-lhe atenção. E não podeis prestar atenção, se vossa mente, vosso corpo, vossos nervos, vossos olhos, vossos ouvidos, não estão totalmente aplicados em escutar. É dessa maneira que se deve *escutar* a vida. A vida exige essa atenção, e não atitudes ou opiniões indiferentes, irresponsáveis, desordenadas. Exige a vida que atenteis em todos os seus movimentos. A vida sois vós mesmo, vossos pensamentos, vossos sentimentos, vossas atividades, vossa maneira de viver. Vossa maneira de reagir é o movimento da vida. Tendes de "escutar" esse movimento, com paixão, de maneira completa, total, com todo o vosso ser. Só então se pode compreender a realidade, o movimento da vida, pelo qual a mente e o coração se devem deixar levar.

Assim, escutai o que se está dizendo, sem aceitá-lo nem rejeitá-lo — pois isso seria falta de madureza, infantilidade. Escutai para compreender. Para se compreender uma coisa, é preciso escutar com liberdade. Só a mente livre é capaz de compreender. Dissemos que a ordem só se produz negativamente — isto é, quando compreendemos aquilo que *não* a

produz. A ordem não pode ser produzida mediante ajustamento, porque todo ajustamento nega a liberdade. Ajustamento implica medo. No ajustar-se há subordinação, obediência à autoridade. A mente subordinada à autoridade, sujeita à compulsão, não pode absolutamente ter a ordem. Vede, pois, que o ajustamento a um padrão, por melhor e mais nobre e mais completo que seja, não produz a ordem. Por conseguinte, temos de investigar, dentro em nós mesmos, todo esse "processo" de submissão a um padrão de vida, pois é isso, de fato, o que está acontecendo. Estais na sujeição de uma idéia, como nacional de um certo país, como hinduísta, muçulmano e sabe Deus o que mais. Estais submisso a uma idéia e, portanto, ajustado a uma tradição sem nenhum valor..

Assim, ao ser compreendido, em seu todo, o ajustamento, que implica autoridade, medo e a aceitação de uma dada norma de vida, dessa compreensão resulta a ordem. Isto é, quando percebo que uma coisa é falsa, não porque alguém me diz, não por conveniência própria, não por influência das circunstâncias ou porque a propaganda me force a pensar de uma certa maneira — quando percebo realmente que uma coisa é falsa, irreal, sem nenhuma validade, na vida, então esse próprio percebimento do falso produz a ordem. A ordem, por conseguinte, só se realiza por meio da negação, e não pela ação positiva da vontade. Espero me esteja fazendo claro. Se não, como voltaremos a este assunto nas três ou quatro reuniões vindouras, espero cheguemos a estabelecer um estado de comunhão entre nós.

A comunhão é uma das coisas mais difíceis. Desejo comunicar-vos algo. Tenho o mais apaixonado interesse em vo-lo comunicar, porque se trata de uma maneira diferente de viver, a única maneira correta, a meu ver. E, para haver essa comunhão entre nós, deveis também sentir apaixonado interesse — não depois de voltardes a casa ou ao vosso escritório, porém agora mesmo. Assim, só pode verificar-se a comunhão quando vós e eu nos achamos num estado de intensidade, ao mesmo tempo e no mesmo nível; de outro modo, não pode haver comunhão entre nós. Aquela intensidade, aquela atenção apaixonada é, afinal de contas, isso que chamamos amor. Quando amais intensamente alguém, e essa pessoa também ama com a mesma intensidade, no mesmo nível, há então comunhão; têm então as

palavras um perfume diferente, diferente significado e valor. É o que estamos fazendo aqui.

Se não quiserdes escutar de maneira tão completa, com tão intensa paixão, não compreendereis absolutamente o que se está dizendo. Porque é tão curta a nossa vida, devemos viver completamente hoje e não amanhã. Temos, pois, de compreender esse movimento da vida, com suas tradições, sua brutalidade, suas agonias, sua violência e desordem; e, ao compreender-se esse movimento de confusão e conflito, daí, dessa compreensão, nasce a ordem. A ordem, pois, só é possível, quando não desejais alcançá-la, pois ela vem naturalmente. Se desejásseis alcançá-la, isso seria um ato de vontade, que, por sua própria natureza, criaria conflito. Isto é, desejo ordem; e que significa isto? Que, sem compreender a desordem, estou meramente a opor-lhe resistência. Dessa maneira não se compreende nem a desordem nem a ordem. Tenho um mero conceito sobre o que "deve ser" ordem, e estou a ajustar-me a esse conceito ou padrão. Por conseguinte, esse próprio conceito relativo à ordem causa desordem. Assim, tanto a vontade como o ideal, ou seja o padrão pelo qual se criará a ordem, só podem ser fatores de desordem.

Tendes de compreender isso inteiramente. Essa compreensão não se alcança verbalmente, porém, tão-só, pela real observação do que se está passando dentro em vós; Vereis, então, que dessa compreensão do fato real, tal como é, nasce a ordem.

Como podeis ter ordem, se estais divididos, se vos separastes em nacionalidades e seitas? Como podemos ter ordem, se vós vos intitulais hinduísta e eu muçulmano? Como podemos ter ordem, se sois comunista e eu imperialista, se estou aferrado a minhas opiniões, e vós aos vossos valores? Desse modo, estamo-nos destruindo mutuamente; isso, com efeito, está sucedendo no mundo. Houve guerras religiosas, que foram chamadas "guerras justas". Como pode uma guerra ser "justa"? Matar o semelhante — como pode ser justo isso? E nossa vida diária, de ódio, de competição, antagonismo, ambição, busca de poder, de posição, de prestígio, é um fator de guerra. E a guerra, que é violência, é a vera essência da desordem.

Como sabeis, há muito do animal em nós. Os biologistas no-lo dizem, mas não precisamos ouvir os biologistas se obser-

vamos a nós mesmos e aos animais. Em nós há muita animalidade. Somos autoritários, brutais, violentos, sem consideração para com os outros, agressivos — e assim são os animais. Há sempre um animal que galga o posto mais alto — o animal dominante. A maioria das características do ente humano se encontra no animal. Se, como seres humanos, não nos transformarmos individualmente, para melhor, se não nos libertarmos das condições animais, viveremos eternamente em conflito.

A ordem, por conseguinte, só será possível ao compreendermos os fatores da desordem. O nacionalismo, obviamente, é um fator de desordem. Conheço os sentimentos da maioria de vós. Quando há guerra, o espírito nacionalista se mostra muito firme. O ódio comum pode unir-nos, mas essa união não dura muito. O que produz a união é a compreensão da desunião. O nacionalismo, as organizações, crenças e dogmas religiosos, as atitudes intelectualistas perante a vida — tudo isso é fator de desunião. Tanto vós como eu notamos isso; todo homem inteligente que lê a História, que observa os fatos diários, sabe disso; entretanto, repetimos continuamente o mesmo padrão. Portanto, não aprendemos do sofrimento, não aprendemos da experiência, não aprendemos da História. Aparentemente, só desejamos viver nossa vida, sofrer e morrer; não desejamos criar um mundo novo, uma nova compreensão do viver.

A ordem, por conseguinte, só se torna possível quando se compreendem as causas da desordem, quando deixamos de ser hinduístas, muçulmanos, comunistas, socialistas, de pertencer a este ou àquele partido, a este ou àquele grupo — coisas tão infantis! Ao perceberdes como o mundo está dividido pelas religiões, pelas seitas, pelos políticos, pelo ódio, ao perceberdes isso realmente, e não verbal ou teoricamente; ao sentirdes isso em vosso sangue, com todo o ser, então algo se fará. Porque desse percebimento nasce a ordem. A ordem, por conseguinte, só pode ser alcançada negativamente, e não positivamente.

A questão do "positivo" e do "negativo" é sobremodo importante em nossa vida. Positivo, como sabemos, é o ajustamento, é o fazermos alguma coisa porque alguém nos disse que é necessário fazê-la, ou porque nossa própria experiência nos diz que devemos fazê-la, ou porque temos medo e, por conse-

guinte, somos agressivos etc. Todo esse cultivo de padrões, como tradição, ajustamento à opinião pública etc., é o que chamamos ação positiva. Mas essa ação positiva é destrutiva, porque acarreta a desordem. Assim, só quando se começa a compreender o que é que gera a desordem, só ao se compreender isso, não intelectualmente (pois tal coisa não existe: compreensão intelectual; ou se compreende ou não se compreende absolutamente), só então, dessa claridade, nasce a ordem.

Uma das causas da desordem é também a violência. Por que somos violentos, nós, entes humanos? Compreendeis, senhor, a própria palavra? Por que sois violento? Não outro, como muçulmano, hinduísta, porém vós, como ente humano — por que sois violento (sendo "violência" cólera, ódio, medo, aceitação da autoridade, arrogância) — por quê? Porque quase todos nós desejamos segurança. Quando vedes ameaçada a vossa segurança, quando vedes ameaçada vossa pátria, vossas idéias, vosso conceito relativo a Deus, à Verdade, relativo ao que "deveria" ou "não deveria" ser, vos sentis então inseguro e vos tornais agressivo, violento. Isso significa que, enquanto vos sentis satisfeito, enquanto vos deixam sossegado em "vosso pequeno quintal", enquanto não vedes nenhuma ameaça, viveis em paz. Mas, ao surgir qualquer ameaça, qualquer incerteza — por exemplo, a incerteza nas relações com vossa esposa — logo vos tornais violento. Quando se torna incerta a vossa posição, quando não podeis preencher-vos, tornar-vos pessoa importante, conquistar posição e prestígio — ante tais ameaças, vos tornais violento.

Assim, o que verdadeiramente desejais não é o fim da violência; o que verdadeiramente desejais é completa segurança, interior e exteriormente. Desejais estar em segurança interiormente, com vossas idéias, estar em segurança em vossas relações, em vossos conceitos. Mas, infelizmente, nunca tereis essa segurança. Esta é uma das primeiras coisas que se precisa compreender: que a vida não é para os que estão em segurança (mas isso naturalmente não significa que devais viver na insegurança ou buscar a insegurança). Isto é, cada um de nós, como ente humano, deseja estar estabilizado dentro do padrão de segurança por si próprio criado, padrão esse que invariavelmente estará em contradição com o padrão de outrem; por isso, vivemos a batalhar uns contra os outros. E, se observardes, não idealistica-

mente, porém objetivamente, vereis que na vida jamais há segurança. Vossa mulher poderá abandonar-vos ou minha mulher poderá morrer; há doenças; há a morte; nada é estável.

Pensai, refleti nisso honestamente, e o compreendereis por vós mesmo. Somos entes humanos assustados, aterrados; aterrados, por causa de nossa insegurança, de nossas relações, de nosso emprego, da morte; por causa de nosso amor, de nossas afeições, de nossas atitudes. Desse medo resulta a violência. Dessa maneira vivemos há milhares de anos e continuamos incapazes de romper as trevas do medo. Por causa dele é que somos violentos. Podeis, como ente humano, compreender por vós mesmo — pela observação da vida, dos incidentes de cada dia — que não existe nenhuma segurança, que a vida é movimento, eterno movimento? O homem que é capaz de mover-se com a vida e transcender o seu movimento, encontrará a paz, a alegria, a eternidade.

Mas isso significa que temos de libertar-nos do medo — coisa das mais difíceis. Por conseguinte, cumpre investigar a total estrutura, a psicologia do medo. Para compreender o medo, cada um tem de observá-lo dentro em si; não deve rejeitá-lo, nem evitá-lo, nem recalcá-lo; deve, tão-só, observá-lo com olhos límpidos, "escutá-lo" completamente. Mas, não "escutais" o medo, não observais a sua estrutura. Se tentais desenvolver a coragem, isso é uma fuga ao fato, que é o próprio medo; espero estejais compreendendo. Assim, em primeiro lugar, cumpre não fugir ao medo. É necessário observá-lo total e completamente. Portanto, não se deve procurar nenhuma via de fuga. E vós tendes uma verdadeira rede de vias de fuga: vossos deuses, vossos *pujas*, vossos entretenimentos.

E o homem que deseja realmente compreender o medo não deve fugir. Isso é dificílimo, porque, como se pode observar, a própria palavra "medo" é, em si, a causa do medo. Por conseguinte, temos de libertar-nos da palavra e, portanto, também das explicações e análises do medo e de suas causas. Cabe-nos observar o medo total e completamente, e em silêncio. Não há então fuga e, por conseguinte, estamos frente a frente com o fato. Impende-nos encarar o fato do ódio, e não procurar justificá-lo com a alegação de que outro nos odeia; temos de

encarar o fato de que existe ódio no mundo. Esse ódio está a aumentar e não a diminuir. Cada guerra, cada conflito, cada luta interior é uma expressão do ódio. E a observação do ódio exige que o consideremos não verbalmente. Temos de entrar em direto contato com esse sentimento, mas isso não é possível quando a seu respeito temos conceitos verbais: que devemos odiar, ou que não devemos odiar.

Para poderdes compreender uma coisa, senhores, tendes de *olhá-la*. Para compreenderdes no seu todo o fenômeno da violência, deveis compreender a estrutura psicológica do homem, com seus imensos temores. Quer dizer, tendes de olhar vossos próprios temores, os quais nenhum deus, nenhum sistema, nada poderá dissolver, senão vós mesmos. Necessitais, portanto, de muita seriedade. A seriedade vos dará eficiência e clareza. Só o homem sério, ardoroso, *vive*; os demais se tornam simples "carne para canhão" ou entes humanos imprestáveis. É muito difícil ser-se um homem sério — pois "ser sério" não significa criar longas barbas, cingir uma tanga, vestir-se de *sanyasi* ou tornar-se monge, ou recolher-se a um *Asrama*; quem assim procede não é, absolutamente, um homem sério. O homem sério é aquele que vê os fatos do mundo tais quais são, que não está todo emaranhado em conceitos, fórmulas ou ideais, que vê as coisas como existem no mundo, e sabe enfrentá-las e resolvê-las. Eis o homem sério. E só os homens sérios terão a possibilidade de criar uma sociedade diferente.

Necessitamos de uma sociedade diferente, porque a sociedade, tal como existe, se acha sempre num estado de desordem. Isso, porque existem classes, ricos e pobres, o homem que sabe e o homem que não sabe, o líder e o seguidor, o *guru* e o discípulo. Refleti bem, e vereis como tudo isso é inteiramente contrário à ordem. E dessa sociedade em desordem quereis fazer uma sociedade ordeira, quereis reformá-la. É impossível. Só nascerá uma ordem nova ao compreendermos a nós mesmos e promovermos uma total transformação da mente humana.

A mente é dotada de extraordinária capacidade. Vede o que se está fazendo: atingindo-se a Lua, descendo-se ao fundo do mar e lá permanecendo; e considere-se o cérebro eletrônico, a automação, os extraordinários fatos e descobertas científicas.

A mente é capaz de tudo. Mas não a vossa mente limitada, insignificante, interesseira, com seus dogmas, seu temores, sua busca de prazer; tudo isso tem de terminar e sabereis, então, por vós mesmos, o que é a Verdade. Sabereis então se existe, ou não, um estado de infinita ventura. O que interessa não é a ventura de outro, a paz de outro, porém a vossa própria ventura é que interessa infinitamente, porque só vós, como ente humano em relação com outro ente humano, podeis realizar uma revolução — não revoluçãc econômica ou social, que é coisa exterior. A revolução deve começar em nosso interior. Tereis então a paz, um estado livre da violência e da desordem. Sem essas coisas, não somos seres humanos. Somos violentos, destrutivos, refratários à ordem e, por conseguinte, sem amor.

Senhores, como disse no começo desta palestra, não estamos fazendo propaganda. Não estou tentando convencer-vos de nada. O que queremos é apenas assinalar que vós, como ente humano, podeis e deveis transformar-vos, não mediante compulsão ou influência, porém pela compreensão da necessidade dessa transformação. Só então haverá liberdade. Só o homem livre poderá criar um mundo novo, uma nova sociedade.

7 de novembro de 1965.

NOVA DELHI — II

Mutação Interior

Na reunião anterior estivemos falando sobre a necessidade de uma radical mutação da estrutura psicológica humana, porquanto, como sabemos, exteriormente estão se verificando enormes mudanças — econômicas etc. — e, no entanto, é óbvio que o espírito do homem, após tantos séculos, pouco se modificou. Continuamos a ser o que sempre fomos: violentos, ambiciosos, ávidos, sequiosos de poder, de prestígio etc. Somos capazes de modificar-nos exteriormente, de ajustar-nos às condições ambientes. E, talvez, sob pressão econômica etc., sejamos capazes de promover em nós mesmos ligeiras modificações, tornar-nos menos ávidos, mais livres, menos medrosos, menos ansiosos e menos oprimidos pelo sentimento de culpa. Talvez, também, possamos libertar-nos de algumas das tensões a que estamos sujeitos. Mas, é bem de ver que mudanças superficiais pouco adiantam. Necessitamos, interiormente, de uma tremenda revolução. E, para termos possibilidade de realizar essa grande revolução psicológica, mental, temos de ultrapassar os limites de nossa própria mente. E, nesta tarde, vamos investigar se isso é realmente possível.

Vivemos mediocremente, a executar repetidamente as mesmas coisas, a ocupar-nos com o sexo e a família, e a fazer perguntas superficiais, quando alguma coisa vem perturbar-nos. E as respostas às nossas perguntas são traduzidas conforme o estreito condicionamento de nossa mente. Nunca fazemos perguntas fundamentais e jamais enfrentamos os desafios que a vida apresenta

a todas as horas a cada um de nós. E, quando os enfrentamos, é com os nossos limitados conhecimentos e nossa limitada experiência. Entretanto, devemos enfrentar de maneira bem diversa todos esses desafios — por exemplo, o desafio da pobreza.

Que significa a transformação radical, a completa mutação da mente humana? Que significa ser livre? Que significa ser ávido? Que é mutação e que é a morte? Eis os desafios com que nos estamos defrontando todos os dias e aos quais "respondemos" distraída ou indiferentemente, ou deixamo-los sem "resposta". Tivestes, neste país, aquele grande desafio que foi a guerra em nossas fronteiras, e a ele "respondestes" como os demais países do mundo. Desde 1945, tivemos quarenta guerras. Quarenta guerras! E continuamos com a mesma mentalidade.

Assim, o homem, que vive há tantos milênios, ainda não conseguiu resolver seus problemas — o imenso problema, da pobreza, da guerra, da violência; o que significa ser livre, se há Deus, se não há Deus, o que significa religião. Essas coisas estão constantemente a exigir-nos atenção. E, parece, não temos tempo nem inclinação para a elas "responder" seriamente; dizemos vagamente que precisamos mudar, que a mente humana deve passar por uma inaudita transformação para poder enfrentar todos esses desafios. A "mudança", portanto, é meramente verbal, ou, quando "respondemos" àqueles desafios, fazemo-lo teoricamente ou de acordo com a tradição em que fomos criados — tradição do passado, do imenso passado, ou uma tradição nova, de poucos anos; "respondemos" de acordo com o padrão em que fomos criados, ou consoante um certo movimento — comunista, socialista, etc. — a que nos ligamos. Mas, essas "respostas" não são suficientes, porque nós somos o que somos: violentos, invejosos, ávidos, medrosos, e ocasionalmente afligidos pelo sentimento de culpa; e, quando necessário, encaramos a questão da morte e indagamos então, superficialmente, se existe Deus, ou simplesmente cremos em Deus.

Considerando-se tudo isso, não teoricamente, pois só nos interessam fatos e não teorias, crenças ou opiniões — considerando-se tudo isso, temos forçosamente de indagar como poderá a mente humana passar por aquela inaudita transformação. Essa

transformação é urgente; não admite o tempo. Devemos, pois, investigar o que essa questão implica, isto é, se percebemos — vós e eu — a premente necessidade de transformação, de efetuarmos, dentro em nós, uma mutação. E apresenta-se, aí, a questão relativa a como poderá a mente humana — a vossa e a minha mente — transformar-se.

Em primeiro lugar, que se entende por "mudança"? Para nós, em geral, significa "continuidade modificada"; o que *era* é modificado no presente, e alterado um pouquinho no futuro. E para essa mudança concorrem influências várias, pressões sociais, tensões econômicas, etc. etc. Verificam-se exteriormente tantas pressões e tensões, que nos forçam a modificar-nos ou ajustar-nos de acordo com elas. Ora, isso de modo nenhum é mutação. Quer dizer, pela propaganda, pelas influências ambientes, pelas condições econômicas, podeis ser forçado a modificar-vos um pouco. Em tal mudança há um motivo — medo, desejo de uma vida melhor, desejo de mais conforto. Todos esses incentivos, por mais necessários que nos pareçam, não produzem a transformação radical. Deve isso ser compreendido com toda a clareza. Que nos impele a mudar? O que é que nos leva a fazer uma certa coisa voluntariamente? Se a causa é o medo, não há mudança nenhuma; se a compulsão, também não há mudança. Portanto, temos de investigar como produzir a mutação da mente humana, sem nenhum motivo, nenhum desígnio, nenhum ideal como incentivo a efetuar a mudança — pois tudo isso admite o tempo.

Cumpre-nos, pois, investigar a questão do tempo. Não sei se isso de que estamos falando — matéria muito séria — interessa a todos, e se todos têm a profunda intenção de compreender esses problemas. Pois nossa vida é muito insignificante, muito superficial, vazia, uma série de repetições. Há muita aflição, não só a aflição individual, senão também a aflição do mundo; há dor; há sofrimento. Referimo-nos ao sofrimento psicológico, e não apenas ao mero sofrimento físico. Assim, para compreendermos a mutação que se deve operar na mente humana, temos de compreender a questão, a estrutura e significado do tempo, e sua importância em relação à ação transformadora.

Conhecemos o tempo como duração, isto é, o ontem — as experiências, a memória, os conhecimentos de ontem — a atuar através de hoje, para formar o amanhã. Isso é duração, uma modalidade do tempo. E há o tempo como vontade: Sou *isto*, devo ser *aquilo*, e para tornar-me *aquilo* necessito do tempo. Isto é, gradualmente, através do amanhã, do depois-de-amanhã, realizarei, "virei a ser" o que quero ser. E temos ainda o tempo como esforço. Quer dizer, para "vir a ser", para modificar-nos de acordo com um ideal, uma utopia, um padrão, fazemos um esforço, que requer tempo. E há o tempo como pensamento.

São essas as coisas que vamos examinar. Em primeiro lugar, a nossa mente, o mecanismo do pensamento. O pensamento, é óbvio, resulta do tempo. O cérebro, toda a estrutura cerebral é resultado do tempo, de muitos e muitos anos — uns dois milhões. Foi preciso todo esse tempo para nos tornarmos o que somos. E o pensamento — o processo integral do pensar — baseia-se no tempo, sendo o tempo: saber, experiência, a acumulação de conhecimentos que forma a memória. Assim, quando um desafio se apresenta, quando nos fazem uma pergunta, respondemos em conformidade com o nosso saber e conhecimentos, ou seja com a memória; esse processo envolve tempo.

Por favor, compreendei. Por essa palavra não entendo "compreender intelectualmente". Podemos ouvir as coisas intelectualmente, concordar ou discordar, ou acrescentar-lhes mais alguma coisa; mas esse compreender não é a compreensão total. Quando compreendeis alguma coisa com essa compreensão total, a ação é simultânea. Não há primeiro compreender e depois agir Quando compreendeis, essa própria compreensão é ação. Assim, não estamos a investigar intelectual ou verbalmente a questão do tempo; estamos investigando se é possível a um ente humano, como tal, a viver neste mundo, a funcionar neste mundo, se lhe é possível compreender e atuar totalmente — não por meio do passado, não como artista, cientista, economista, comunista, religioso, etc. etc., isto é, todo fragmentado.

Estamos, pois, investigando, a fim de descobrir, por nós mesmos, não teoricamente, porém real e objetivamente, como pode uma mente tão fortemente condicionada, como comunista,

socialista, católica, hinduísta, maometana etc. etc., transformar-se, libertar-se completamente do condicionamento. Porque só então, nessa liberdade, é possível descobrir-se o que é a Verdade. Só nessa liberdade pode haver paz e ordem, e não por meio da desordem ou da violência, por meio da fragmentação da mente humana em comunista, socialista, católica, hinduísta etc., nem por meio do nacionalismo. Este é o nosso mundo, e nele temos de viver como entes humanos, e não como americanos, russos, hinduístas ou muçulmanos. E, para vivermos em paz, necessitamos da ordem. Mas esta só é possível quando há liberdade. E essa liberdade, só a alcançaremos ao compreendermos a inteira estrutura psicológica da mente humana.

Assim, releva escutar o que se está dizendo, sem concordar nem rejeitar. Escutar, simplesmente. Uma das maiores dificuldades existentes nesse ato de escutar é a nossa incapacidade de prestar atenção a alguma coisa por um certo período, uma certa extensão de tempo. Vindes para aqui após terdes passado um longo dia num detestado escritório, a cumprir uma rotina desinteressante, pouco significativa, e, cansados como estais, procurais compreender o que se está dizendo. Para o compreenderdes, necessitais de uma mente fresca, uma mente ativa, clara, sadia, sem compromissos, e que não esteja a seguir nenhum padrão de ação — pois, neste último caso, o indivíduo é incapaz de examinar, de olhar, de observar, devido a seus preconceitos.

Assim estamos investigando, por nós mesmos, a natureza do tempo, pois estamos condicionados para pensar que tudo depende do tempo: que temos de atravessar certas fases, passar pelo nacionalismo antes de alcançarmos o internacionalismo e, posteriormente, outra coisa mais; isto é: tese, antítese e síntese. Isso exige tempo. E, se examinarmos a inteira estrutura do tempo, veremos que o tempo gera a desordem e não a ordem. Por conseguinte, para promovermos a ordem em nós mesmos e na sociedade, requer-se ação imediata, e não a ação dependente do tempo como duração.

Como dissemos, o pensamento é tempo. Todo o mecanismo do pensar resulta do tempo. Pensar é reação da memória. Memória é experiência, tradição, a rotina estabelecida, as condições em que fomos criados. Com esse *fundo* é que reagimos a

todo desafio. Conseqüentemente, as reações são sempre condicionadas, limitadas. Temos de libertar a nossa mente dessas reações limitadas, visto que os desafios são imensos; a eles temos de reagir totalmente, e não parcialmente. Pois é só quando reagimos parcialmente, inadequadamente, que há conflito, dor, sofrimento. Só quando a mente é capaz de reagir a um desafio totalmente, ou seja adequadamente — é só então que ela pode libertar-se do sofrimento e do conflito.

Nosso pensar, pois, nunca é livre. Está sempre condicionado pelo passado, por nossa experiência e saber — não importa se pensamos verbalmente ou não-verbalmente. Pensar é uma duração, no tempo. Quer dizer, toda resposta que damos a um desafio, se este nos é familiar, é imediata. Pergunto-vos acerca de algo que sabeis muito bem, e vossa resposta é imediata. "Como vos chamais?" "Onde morais?" — Respondeis prontamente, porque se trata de coisa com que estais bem familiarizado. Mas, se vos fazem uma pergunta muito mais complexa, a resposta levará tempo, há uma demora. Durante esse intervalo, o pensamento está a operar como memória, a procurar, a pedir, a exigir a resposta. Esse intervalo é de pensamento. E esse pensamento baseia-se em nosso saber, no passado, nos conhecimentos e experiência que possuímos.

Eis por que o pensar é sempre limitado. Não estou dizendo que não devais pensar. Mas, por favor, não salteis à conclusão oposta, i.e., que seja necessário pensar muito intensamente para se descobrirem as limitações do pensamento. Basta pensar racional, sã e logicamente. E ao compreenderdes, em sua inteireza, a estrutura do pensar, talvez alcanceis um estado mental só de percepção, sem ação. Isso é um fato, tal como a pobreza, a guerra, o ódio, a violência — que são fatos, e não opiniões. Os fatos não exigem opiniões, juízos, estimativas. Exigem apenas que os observemos. E no observá-los, as opiniões e experiências nenhum valor têm. O que tem valor é que os vejamos claramente.

Vede, senhores, existe a questão da pobreza, essa pobreza medonha, perniciosa, degradante, existente no mundo e que todos bem conhecemos. A esse fato atendemos com opiniões, partidos políticos, à maneira dos comunistas, dos socialistas, dos congressistas, etc. Não nos interessa verdadeiramente o pro-

blema da pobreza. Só nos interessa o método de resolvê-lo, agir em relação a ela segundo nossos preconceitos, inclinações, tendências políticas. Ora, o problema da pobreza só pode ser resolvido numa base mundial; não podemos resolvê-lo como hinduístas ou nacionalistas. Assim, para eliminarmos a pobreza, não podemos ser nacionalistas, nem pertencer a nenhum partido — porque, nesse caso, estamos apenas interessados num certo método de resolver o problema, método a que se oporão outros métodos, etc. etc.; e, enquanto isso, a pobreza continuará existente. O necessário, pois, é que se perceba o fato, não em conformidade com vossos preconceitos, vossa nacionalidade, vossa religião, ou a maneira como fostes educado. E, quando olhardes realmente um fato, vereis que, nesse percebimento, há amor, e não uma fórmula intelectual de como resolver o problema.

O tempo, pois, é um fato em nossa vida. Num certo nível, o tempo é necessário; do contrário, podemos perder o ônibus e faltar ao trabalho, etc. etc. Mas o tempo se torna destrutivo, criador de desordem, quando dele nos servimos como meio de efetuar a transformação de nós mesmos. Suponhamos, por exemplo, que sou ávido. Crio o ideal da não-avidez, como meio de transformar-me. Ora, o fato é que sou ávido, mas espero que, por meio do tempo, através de muito dias, de muitos meses, alcançarei aquela transformação. Pois bem; que sucede no intervalo entre *o que é* e o que *deverá ser?* Nesse intervalo entram em jogo muitos elementos, muitos fatores. E esses outros fatores e elementos geram desordem. Vede, neste país prega-se a não-violência há muitos anos, há muitas décadas. É um tremendo ideal, esse, uma coisa irracional. Nenhum ideal tem significação. O que tem significação são os fatos. O fato é que os entes humanos são violentos. Por que necessitamos de algum ideal? Servimo-nos do ideal como um meio, uma alavanca para desarraigar a violência. Servimo-nos de uma idéia, de um conceito, uma fórmula, para alterar o fato. Servimo-nos de um mito para apagar *o que é*; isso nunca será possível. Tendes falado sobre a não-violência, mas na realidade sois violento, e só tereis possibilidade de resolver o problema da violência, se vos libertardes dos ideais. Só o resolvereis realmente, de fato, se verificardes por que sois violento, se investigardes esse fato com todo o vosso ser. Os ideais são meras fugas aos fatos, ao *que é*, ao

que sois. Só quando vemos o que somos, podemos operar em nós mesmos uma radical transformação.

O pensamento, pois, nunca é livre. O pensamento está sempre a fazer esforços, segundo um certo padrão, norma, ideal, a fim de realizar alguma mudança. Para esse pensamento, portanto, o tempo é necessário como meio de operar a mudança. Espero esteja claro o que estou dizendo. Como dissemos no começo, não estamos aqui para concordar ou discordar, porém para investigar. Podemos entrar em mais particularidades sobre esta questão, porém a ocasião não é oportuna para a aprofundarmos muito.

Dessarte, o pensamento implica a vontade, a vontade de mudar; essa determinação implica esforço. Quer dizer, sou *isto* e me tornarei *aquilo*. E para tornar-me *aquilo* exige-se esforço, ou seja a vontade. Só isso sabemos. A vontade é resistência. E mediante a resistência, o ajustamento, a compulsão, esperamos operar uma transformação dentro em nós mesmos. Por essa razão vivemos a fazer esforços e mais esforços — no escritório, em casa, nas escolas; sempre e sempre a fazer esforços.

Mas, haverá uma diferente maneira de viver, que nenhum esforço exige? Esta é uma pergunta essencial, porque o esforço implica sempre a violência, pois o esforço só existe quando há alguma contradição. Não vos limiteis a escutar as palavras do orador; escutai-as de maneira que elas vos revelem a vossa mente e coração, de maneira que vejais o que há realmente dentro em vós. Porque a transformação psicológica é bem mais importante do que a mudança exterior. As mudanças exteriores, fundamentais, não serão possíveis se não houver uma transformação radical, uma verdadeira revolução na psique. As mudanças e reformas exteriores são necessárias, porém são sempre destruídas por nosso estado interior de confusão, de desordem, de violência.

Assim, se desejamos promover a ordem no mundo, externamente, temos de ter ordem em nosso interior. E não há possibilidade de criar-se essa ordem por meio da vontade ou do pensamento — sendo a vontade esforço, e o pensamento tempo. Que fazer, então? Compreendeis o problema?

Vou enunciá-lo de maneira diferente. Há o consciente e o inconsciente. Todos sabeis disso. O inconsciente é o resíduo

do passado — tradição, herança racial, as inumeráveis experiências do homem, profundamente ocultas e que, ocasionalmente, nos enviam mensagens através de sonhos, etc. E há a mente consciente, a mente que funciona todos os dias, do homem que tem de freqüentar seu emprego, de lutar, de ajustar-se, de adquirir novas técnicas e capacidades, etc. Entre o consciente e o inconsciente há sempre conflito. Como é óbvio, quanto maior a tensão entre ambos, tanto maior o conflito, a neurose. Nessa tensão, pode-se produzir boa literatura, escrever poesias, compor música; mas tudo isso é produto daquela tremenda contradição existente em cada um de nós.

Sabeis o que entendo por contradição, isto é, pensar uma coisa e fazer outra; ter maravilhosas idéias de vos tornardes *isto* e mais *aquilo*, e viverdes contrariamente a elas. Quanto mais o indivíduo é intelectual, eloqüente, teórico, político, tanto maior a contradição; pois está vivendo num mundo de teorias e não de fatos. A contradição, pois, gera conflito. Não é exato isso?

Examinai, senhor, escutai o que se está dizendo. Trata-se de vossa própria vida. Não vos interessa a *minha* vida. Interessa-nos a vida de cada um de nós, porquanto cada um tem de viver em relação, e as relações são *vida*. E quando nas relações há conflito, há então destruição e desordem. E nessa contradição, nesse conflito, não é possível o amor; só se produz mais medo, mais ansiedade, mais "sentimento de culpa". Assim, na vida de cada um de nós há contradições, em várias formas, umas patentes, outras sutis; e contradição, como dissemos, é pensar uma coisa e fazer outra. E o estado de conflito é indício de esforço, produtivo de esforço. O homem que não se acha em conflito consigo mesmo ou com a sociedade, é essencialmente pacífico. Porque o ente humano criou a sociedade em que vive; e a sociedade é o ente humano. Os dois não estão separados. E essa contradição em nossa vida gera desordem.

Estamos, pois, vendo tudo isso: esforço, contradição, imitação, ajustamento a padrão, e esse incessante pensar, pensar, de tão pouca significação; tal é nossa vida diária, nosso diário problema de ansiedade, medo, avidez, inveja. Sendo assim, como pode a mente humana, que é resultado do tempo, que é resultado da violência — como pode essa mente operar uma mutação

em si própria? Direis: Qual o valor dessa mutação num ente humano, em relação ao todo? Como poderá um ente humano produzir em si mesmo uma transformação tão radical, e como irá essa transformação influir na sociedade? Essa é uma pergunta inevitável. E é uma das perguntas mais estúpidas que se podem fazer. Porque, quando o indivíduo se transforma radicalmente, essa transformação não se faz por causa da sociedade, não se faz porque o indivíduo deseje prestar "bons serviços", ou aspire ao céu, a Deus, ou ao que mais seja. O indivíduo se transforma porque a transformação, em si mesma, é necessária. Quando amamos uma coisa em si, daí vem uma extraordinária clareza, e essa clareza é que trará a salvação ao homem — e não a prestação de "bons serviços" e as reformas.

Esse desafio, por conseguinte, exige vossa atenção completa. Que desafio? Este: Considerando-se tudo isso — essa complexa maneira de vida interior; exteriormente o indivíduo pode ser muito simples, ter poucas roupas ou tomar uma só refeição por dia, e interiormente estar em efervescência, como a maioria dos santos e das pessoas religiosas, que exteriormente ostentam simplicidade e interiormente se acham em extrema confusão — considerando-se esse extraordinário e complexo problema, como pode a mente humana promover a ordem; ou, melhor, como poderá a mente viver num estado de mutação? Compreendeis esta pergunta?

Em primeiro lugar, ao fazerdes a vós mesmo essa pergunta, verificai qual é a vossa reação. Pois a mutação é necessária; a revolução psicológica é indispensável, porquanto o mundo se acha num horrível estado de caos e de desordem. Existe ódio e violência, em tremenda escala, a gerarem desordem. Percebendo-se isso, torna-se inevitável tal pergunta; e vós tendes de dar a resposta. Não podeis dizer: "Isso não me toca; interessa os religiosos, os filósofos, os cientistas" — pois isso é uma fuga. Trata-se de vosso problema. Como o resolvereis? Como respondereis à pergunta? Como estais reagindo a ela?

Ora, o necessário é sabermos "responder" a um desafio completa e adequadamente. De outro modo, a resposta produzirá mais conflito. Ela deve ser adequada ao desafio. Entendeis? Sabeis o que é meditação? Não tenho em mente a estú-

pida repetição de umas poucas palavras, o ficar sentado de pernas cruzadas, a respirar, etc. etc. A meditação é coisa muito diferente. Meditação não é aquela auto-hipnose que tantos gostam de praticar, para terem visões, nem é provocar sensações de toda ordem por meio de drogas. Podeis, por exemplo, tomar uma certa droga que produz extraordinários efeitos, resultados muito maiores do que a meditação auto-hipnótica.

Ora, para respondermos àquela pergunta adequadamente, completamente, com todo o nosso ser — pois é esta a única maneira de responder a uma pergunta fundamental — temos de dispensar-lhe nossa atenção total, e não dar-lhe atenção parcial ou quando nos convém. Para responder completamente, deve a mente achar-se num estado de meditação, quer dizer, de todo ativa (atividade não estimulada por uma idéia ou um exame). Cumpre acentuar, a mente é capaz de tudo. E, ao ver-se frente a frente com esse problema, esse desafio, a mente só pode olhá-lo em silêncio. Um problema que nunca propusestes a vós mesmo, uma pergunta que nunca vos fizestes só pode ser respondida com a mente em silêncio. Podeis responder? Entendeis o que quero dizer? Vede, há, neste mundo inteiro, pessoas religiosas que desejam saber se há Deus. Não me refiro aos que crêem em Deus. Esses não são religiosos, absolutamente. Estão dominados por uma mera idéia, uma forma de condicionamento. Vão ao templo, à igreja, à mesquita. Poderão assistir a cerimônias inúmeras, girar os polegares, "ouvir missa", etc. etc. Nada disso é religião: é simples fuga aos fatos da vida.

Ora, para se descobrir se existe uma Realidade chamada Deus ou por outro nome, deve a vossa mente — que é tão insignificante, estreita, condicionada — ao defrontar-se com tão importante problema, silenciar completamente. Compreendeis o que estou dizendo, senhor? Vede, estou a propor-vos um problema imenso, um problema altamente complexo, a que não podemos responder com "sim" ou "não" num minuto. Para enfrentardes esse desafio, necessitais de completo silêncio na mente. Considerai, por exemplo, um problema matemático ou científico. Refletistes muito sobre ele, o investigastes, o decompusestes — indagando, procurando, perguntando, examinando, e não conseguistes achar uma solução. Que significa isso? Vossa

mente esteve em tremenda atividade, a olhar, a indagar, a procurar, a examinar, em busca da solução e não conseguiu achá-la. Então, ela silenciou. Deixou de ocupar-se com o problema. Entretanto, ele continuou existente. E, então, daquele silêncio despontou a solução.

Aquela pergunta, pois, só pode ser respondida pela mente que está em meditação, isto é, em completo silêncio, sem ter sido compelida nem disciplinada para alcançar esse silêncio. Quando a mente examina amplamente um problema tão complexo como este, esse próprio exame é um processo de disciplina. Só mediante esse exame, essa disciplina que não é ajustamento, que não é compulsão, que não é observância de nenhum padrão, que não é exercício mental para pensar de certa maneira — pode a mente responder àquela pergunta. Para que a mente possa examinar mui profundamente esta questão, perceber tudo o que ela implica — tempo, mudança, sensibilidade; perceber o que significa esforço; examinar tudo isso realmente e não de acordo com opiniões — necessita-se de atenção. E a mente atenta tem sua disciplina própria. Por conseguinte, a mente atenta está em silêncio.

Para expressá-lo de maneira muito simples: Quando olhais alguma coisa, este microfone ou aquela árvore, quando olhais vossa esposa, vossos filhos, vosso marido, podeis olhá-los através da memória — olhar a esposa ou o marido através da lembranças de mágoas sofridas, etc.; ou podeis olhá-los sem nenhuma interferência do passado. Olhar sem interferência do passado é olhar em silêncio, em completo silêncio. Desse silêncio provém uma mutação não concebida pelo pensamento, não planejada, não condicionada. Só essa mutação pode trazer a ordem ao mundo.

11 de novembro de 1965.

NOVA DELHI — III

Mente não Contraditória

Um dos nossos principais problemas parece ser a comunicação. As palavras de uma sentença são sons que nos conduzem a uma idéia. E, ao fazer-se uso de uma palavra, cada um de nós tem uma idéia diferente, associada a essa palavra. A palavra, afinal, é um som, e cada um desses sons está associado a alguma lembrança, preconceito, conceito. E, assim, quando empregamos palavras — as quais constituem, talvez, o único meio de comunicação entre pessoas — cada um de nós cria ou já tem uma imagem associada a essa palavra, a esse som. E, assim sendo, a comunicação se torna difícil em extremo, mormente se estamos tratando de problemas que requerem lúcida observação, raciocínio objetivo.

E quando se estão examinando problemas abstratos, a comunicação se torna mais difícil ainda, se não temos vontade de pensar clara, direta e simplesmente — pois somos entes humanos muito complicados. Temos numerosos conceitos, fórmulas, experiências, segundo os quais funcionamos, agimos. E como estas palavras não se destinam unicamente a transmitir idéias, porém, antes, visam à participação de todos naquilo que o orador deseja transmitir — mais difícil ainda se torna o problema. Pois temos de "caminhar juntos"; é dessa maneira que uma conversação pode ser proveitosa, sã, ou seja quando ambas as partes caminham lado a lado, participando em tudo o que se vai dizendo. Mas, a maioria dos que tomam parte numa reunião desta natureza não querem "andar juntos", preferindo

ouvir indolentemente, e aceitar ou rejeitar o que se diz, etc. Mas, quando, caminhando junto com o orador, vossa responsabilidade se torna tão grande quanto a dele, a comunicação se torna então muito mais intensa, muito mais vital e significativa.

A comunicação não é meramente verbal; se penetramos a palavra — e não unicamente o seu significado, a definição do dicionário — se formos mais além, penetrando, aprofundando o valor da palavra, a comunicação se torna sobremodo fácil e simples. Porque, afinal de contas, não estamos apenas procurando comunicar-nos, conversar a respeito dos vários problemas humanos, mas também procurando pôr-nos num estado de comunhão.

Para mim, há diferença entre a comunicação e a comunhão. Quando estamos em comunhão com uma coisa, estamos em intimidade com ela, nela participando, e não meramente a examiná-la intelectualmente; todo o nosso ser acha-se em movimento, junto com ela. Isto é, ao estardes em comunhão com vós mesmo (não sei se o fazeis, pois isso é uma verdadeira arte), melhor, quando estais em silêncio, a observar-vos, a observar os vossos pensamentos, vossos sentimentos, vossas atividades, tanto objetiva como subjetivamente, sem aceitar nem rejeitar coisa alguma — simplesmente a observar cada coisa, a seguir o seu movimento, com naturalidade, afeição, zelo, atenção, aí há comunhão, não apenas com vós mesmo, interiormente, mas também com as coisas exteriores, como, por exemplo, uma árvore.

Não sei se alguma vez já observastes uma árvore; talvez andeis muito ocupados ou preocupados com vossos problemas. Se alguma vez observastes uma árvore, foi botanicamente que o fizestes, dando-lhe um nome, classificando a sua espécie. Mas, se desejais comungar com a árvore, existir com ela, ver-lhe realmente a beleza, deleitar-vos com sua formosura, sua vitalidade e intensidade, tendes de pôr-vos em comunhão com ela, "fluir" com ela. E isso só é possível quando nenhuma barreira existe entre vós e a árvore; esse, com efeito, é um estado de grande afeição, compreensão, amor. Só nessa comunhão pode haver uma real penetração do problema, da palavra, uma compreensão, um sentimento vivo e profundo da coisa. Desse estado de comunhão provém ação — ação que nunca é contraditória. Eis o que vamos tentar nesta nossa conversação.

O orador pode usar de palavras, de sentenças, de idéias; mas essas idéias, essas sentenças, esses sons ou palavras pouco significarão, se nossa comunicação se restringir ao significado das palavras. Mas, se pudermos comungar, todos nós, sentir o problema, poderemos então perceber sua complexidade e tudo o que ele implica. Não se pode perceber o alcance, a beleza, a natureza, a intimidade de uma coisa, a menos que estejamos em comunhão com ela, que ela seja para nós um problema (não um problema para ser resolvido o mais depressa possível — pois isso é falta de madureza) — um problema que temos de investigar, com ele "fluir", deixá-lo abrir-se, como uma flor que desabrocha ao amanhecer, em toda a sua beleza e perfume.

Se, de modo idêntico, pudermos nesta tarde — *não* "pensar juntos", pois isso não se pode fazer, e por isso o pensamento é sem beleza — se pudermos *comungar* (o que só será possível se de vossa parte e de minha parte houver vital interesse, receptividade, um ardente desejo de sentir, de tocar, de cheirar, de provar, de penetrar profundamente o problema) terá então extraordinário valor esta comunicação entre nós. Será ela como estar cada um em comunhão consigo mesmo e, portanto, nessa comunicação, nessa comunhão, poderão ser percebidas as coisas ocultas, a beleza nunca dantes conhecida, a essência, a intensidade das coisas. Dessa comunhão provém a ação — ação em que não há contradição, porque não se baseia em idéia.

Assim, hoje, vamos conversar, comungar a respeito da questão da contradição. Tal comunhão só é possível para a mente amadurecida, na qual existe não só um estado sem contradição, mas um movimento total.

Ora, há contradição, não só exterior, mas também interiormente, contradição na forma de violência e paz, família e comunidade, o bem e o mal, o verdadeiro e o falso. Todos conhecemos essas várias formas de contradição: o indivíduo e a coletividade, a tirania e a liberdade, etc. etc. Tende em mente que eu disse que estamos aqui em comunhão. Quer dizer, tendes de observar-vos, em comunhão com vós mesmo, e não com o orador. Não interessa a pessoa do orador. Pois, se pudermos eliminar de todo, interiormente, e portanto também exteriormente, esse estado de contradição, a vida será então um movimento,

será algo digno de ser vivido, com alegria, com extraordinária atenção e vitalidade.

Temos de tomar conhecimento dessa contradição. A fragmentação de nossa vida, como funcionário, chefe de família, político, homem religioso, homem que renuncia ao mundo, homem mundano, homem de negócios, artista — é o fator responsável pela contradição. Vivemos em compartimentos separados, todos em contradição entre si. Nossa vida é, pois, uma série infinita de contradições e, por conseguinte, de conflitos, angústias e confusão. Nós a conhecemos.

Se uma pessoa percebe a estrutura total de sua própria mente, se compreende o significado dessa estrutura, não apenas verbalmente, mas também não-verbalmente, não só psicológica, porém objetivamente, essa pessoa deve então perguntar a si própria: Existe uma ação, ação total, que jamais seja contraditória? Mas, não basta fazer a pergunta: é também necessário achar a ação não contraditória, trabalhar diligentemente para descobri-la. Isso é muito mais árduo do que trabalhar nove horas por dia num escritório. Exige intensa investigação. Pois temos de achar uma ação que nunca seja contraditória, em todo o curso de nossa vida e não ocasionalmente, em certos momentos em que a ação parece fluir livremente, sem encontrar nenhuma resistência ou contradição; temos de achá-la, aquela ação fecunda, completa, aquele movimento livre de contradição, do começo ao fim. O descobri-la requer muito percebimento, muita atenção.

Emprego a palavra "percebimento" em seu sentido mais simples, ou seja como "ação de perceber": perceber aquele som, aquele martelar. Não podeis perceber aquele martelar, se resistis ao som porque desejais escutar o orador. Por conseguinte, há contradição. Desejais escutar o orador e, ao mesmo tempo, o martelar vos perturba. Há, portanto, resistência àquele barulho e essa resistência é uma contradição que vos impede de perceber o barulho, de perceber os movimentos da pessoa sentada a vosso lado e ao mesmo tempo escutar o que se está dizendo. Esse perceber, com efeito, é atenção: estar atento ao que se diz, sem resistência, e escutar os sons do martelo sem resistência. A atenção, pois, é um estado de não-contradição. Se sois capaz de escutar, de ver, sem resistência de espécie alguma, então,

desse escutar, dessa percepção e compreensão provém uma ação que não é contraditória.

Ora, há contradição, tanto externa como internamente. Toda a nossa vida é uma terrível e brutal contradição. Assim, perguntamos a nós mesmos: Existe uma fonte, uma coisa qualquer, um estado mental, do qual — uma vez atingido, percebido, sentido — deflui, inevitavelmente, a ação em que não há contradição nem resistência? É o que vamos averiguar nesta tarde.

Mas, para o averiguarmos, temos de investigar muito profundamente. Não só temos de investigar o que é o desejo e o prazer, mas também investigar o pensamento e o pensador — em que há também contradição; talvez, mesmo, aí se encontre a verdadeira essência da contradição. Porque, como sabeis, vivemos num mundo onde há divisões nacionais, idiomáticas, religiosas, onde há guerras contínuas, onde o homem mata o homem em nome da paz, em nome da pátria, em nome de Deus, em nome de... em dúzias de nomes! Há violência sobre toda a face da Terra. E, observando-se esse estado de coisas, sente-se que por esse caminho os entes humanos nunca encontrarão a paz; que jamais alcançarão um estado mental de amor, de virtude, a menos que resolvam este problema como seres humanos, e não como muçulmanos, hinduístas, paquistaneses, indianos ou russos; como entes humanos! E a menos que, por nós mesmos, resolvamos o problema, ver-nos-emos sempre em contradição e conflito e, por conseguinte, na aflição. O homem que deseje resolver o problema do sofrimento, e pôr fim ao sofrimento, tem de compreender essa contradição. O que estamos procurando fazer é juntar esses fragmentos de contradição, para com eles constituir uma totalidade, algo de inteiriço. Compreendeis? Vemos que nossa vida está dividida em fragmentos e, portanto, tratamos de integrar esses fragmentos, de juntá-los num todo! Ora, isso é impossível. Porque um fragmento será sempre um fragmento, ainda que lhe sejam acrescentados outros fragmentos. O estado de não contradição só é possível quando a mente funciona como um todo.

Vamos, pois, investigar, comungar a respeito da questão do prazer e do desejo. Porque a maioria de nós vive e atua em função do prazer. O prazer é, para a maioria de nós, de suma

importância: o prazer de pertencer a uma nação, a um dado grupo, o prazer de dominar, o prazer de ter um certo prestígio, o prazer de possuir capacidade, o prazer sexual, o prazer de ser dotado de talento, de ser um gênio, etc. Para nós, o prazer é a coisa de mais alto preço.

Por favor, não contesteis isso. Se o contestais, já não estamos em comunhão; mas tal não significa que o orador deseje persuadir-vos a pensar da mesma maneira que ele. Pertenço a determinado partido político; por quê? Essencialmente, porque me dá prazer; aderindo a esse partido espero alcançar vantagens de toda ordem. Freqüento o templo, a mesquita ou a igreja, porque isso me proporciona um extraordinário sentimento de prazer, de estímulo e sensação. Ligo-me a um certo movimento político, religioso ou social; juro lealdade a uma certa coisa, uma certa fórmula ou conceito, porque, muito profundamente, isso me dá gosto. O gosto, o prazer, não corresponde aos fatos, porém os fatos criam em mim uma imagem de prazer. Observai isso em vós mesmo. Se sois comunista, se sois socialista, se sois hinduísta, se sois isto ou aquilo, por que razão o sois? Porque existe, não só o medo de vos verdes só, mas também o prazer de *pertencer*. Cumpre-nos, portanto, não só perceber o significado do prazer, mas também descobrir o que é que dá continuidade ao prazer. Compreendeis? Olho o poente, um belo rosto, uma tarde tranqüila, e encontro nisso inefável deleite e alegria. Se não sinto tal alegria, tal intensidade, tal beleza, estou morto, meus sentidos estão paralisados. Eu devo ver a beleza de uma árvore. Se não a vejo, alguma coisa em mim não está certa. Mas, quando o percebimento daquela beleza se torna um prazer e esse prazer exige continuidade, duração, prolongamento, começam então os nossos problemas. Espero esteja claro o que estou dizendo.

Cabe-nos, pois, investigar a natureza do prazer, o que lhe dá continuidade, investigar toda a estrutura do desejo. Que é o desejo? Compreendeis? Não estamos condenando o desejo, dizendo que devemos reprimi-lo, matá-lo, que devemos viver livres do desejo. Estamos falando de coisa muito diferente, porquanto, se reprimirmos o desejo, como o fazem os chamados "indivíduos religiosos", ver-nos-emos numa batalha perpétua com nós mesmos, a ferver em desejos, interiormente, e todos

os esforços que fizermos para reprimi-los tornarão mais forte cada desejo. Temos, pois, de compreender o desejo, e nunca tratar de controlá-lo — peço-vos toda a atenção — nunca tratar de controlá-lo nem reprimi-lo, nem de acomodá-lo a um dado padrão de conduta correta, por nós mesmos estabelecido, torcê-lo, em conformidade com uma certa norma, um certo padrão.

Ora, isso requer a mais alta compreensão. E essa própria compreensão do desejo é, em si, uma disciplina, em que não há ajustamento nem repressão. Porque a mente que se submeteu à repressão, à disciplina, à deformação, à autotortura, essa mente perdeu todo o valor, toda a bondade, riqueza e equilíbrio. E nós necessitamos de uma mente equilibrada, sã, lúcida, uma mente de valor, para o descobrimento da Realidade.

Portanto, estamos aqui falando sobre a compreensão do desejo, e não sobre o recalcamento, o controle, a rejeição do desejo. Isso, decerto, exige investigação, atenção, o percebimento de todas as complexidades do desejo. Ora, que é desejo? A maioria de nós provavelmente nunca o investigou. Ou se vos fazem esta pergunta, respondeis que tal e tal filósofo ou instrutor disse *isto*, que tal psicólogo disse *aquilo* — e tudo isso repetis, como se o tivésseis compreendido! Mas, se tiverdes lançado fora tudo o que outros disseram a respeito do prazer, tereis de compreendê-lo por vós mesmo. É o que vamos fazer aqui, porque, para descobrirdes por vós mesmo uma coisa, deveis estar livre de toda autoridade, não só da autoridade do passado, da autoridade dos instrutores, mas também da autoridade da própria mente, isto é, da mente que se lembra de suas próprias experiências e de acordo com elas traduz os fatos presentes. Necessitais de uma mente muito penetrante, e não de uma mente embotada, torturada. Necessitais de uma mente altamente sensível.

O que vamos, pois, fazer nesta tarde é descobrir por nós mesmos a natureza do prazer, o que lhe dá continuidade e, por conseguinte, quando há prazer, há sempre a correspondente contradição ou não-prazer e, daí, sofrimento. E a essência mesma desse sofrimento é o sentimento de solidão, em que nenhum prazer existe. E para podermos descobrir o que é o desejo, devemos observar-nos em ação. O de que estamos falando é algo a cujo respeito não deve haver nem concordar nem discor-

dar. Como disse, estamos em comunhão com o problema. Por conseguinte, não é questão de concordar nem de discordar, porém de investigar. Pergunta-se: "Que é o desejo? Como se origina? Como se manifesta? E por que têm dito tantas pessoas — os chamados instrutores, etc. — por que têm dito que devemos destruir, reprimir, controlar ou sublimar o desejo?" — Por que fazeis vós essas coisas? Não importa o que eles disseram, que é de muito pouca significação. Por que as fazeis? Porque pensamos que o desejo gera perturbações, ansiedades, de toda ordem; que o desejo acarreta desperdício de energia, é algo que devemos afastar de nós. A compreensão do desejo, por conseguinte, requer clareza. É o que vamos agora considerar.

Que é o desejo? Como surge ele? Vejo, lá fora, um carro, um carro novo, reluzente, bonito, de linhas elegantes, de muitos cilindros que funcionam maravilhosamente. Vejo-o. Há o ato de ver e, em seguida, a sensação resultante desse ato. Em seguida, o contato com o objeto que vimos e, em seguida a esse contato, a sensação; essa sensação é o desejo. Muito simples. Não há necessidade de complicá-lo. Percepção, contato, sensação e desejo; isso está sucedendo a cada instante, em nossa vida. Vejo a bandeira — a bandeira inglesa, a vossa bandeira, a bandeira comunista, ou outra qualquer. Apresentam-se então as imagens associadas a essa bandeira: o prazer que ela me infunde, a lealdade que lhe devo, e todos os mais fenômenos associados ao prazer, à dor, ao desejo, etc. Vejo uma bela árvore no jardim de um outro homem, e desejo possuir árvore idêntica em meu jardim. Vejo um belo rosto e desejo ser igualmente belo. Vejo alguém muito talentoso, altamente colocado, prestigioso, e desejo ser também assim. Percepção — sensação — contato — desejo: Isso está a suceder constantemente, consciente ou inconscientemente. Ao vos tornardes consciente do fato e do desejo, se esse desejo vos proporciona prazer, desejais sua continuação. Sexo: o ato, depois o pensamento, e esse pensamento dá ao desejo continuidade.

Estamos, pois, investigando com o fim de descobrir o que é que dá duração, continuidade ao desejo, o que é que o faz continuar existente, dia após dia. Ora, decerto, é o pensamento. Há a percepção visual do carro, o desejo, o dizer: "Quem me dera possuí-lo" — o pensamento a dar continuidade ao desejo,

como prazer. Ora, por que reprimir o desejo, chamá-lo "certo" ou "errado", dizer "Devo tê-lo", "Não devo tê-lo"? O que nos prejudica, o que nos perturba, o que nos é nocivo é juntarmos ao desejo o pensamento de prazer. Entendeis? Está claro o que estou dizendo? Posso olhar para aquela árvore, ver-lhe a beleza, deleitar-me em sua sombra, apreciar-lhe a densidade (da sombra), perceber os matizes, as proporções, a simetria da árvore. Mas, no momento em que se apresenta o desejo e eu digo que devo ter continuamente esse prazer, começa a existir o problema da conservação desse prazer, o problema de prendê-lo, retê-lo, etc., ao qual se junta o esforço e a dor. Entretanto, pode-se observar a árvore sem nenhuma interferência do pensamento.

Esse próprio observar, estar cônscio da interferência do pensamento no desejo — como o pensamento influi no desejo, dando-lhe força, continuidade, dinamismo — esse perceber é, em si, uma disciplina, disciplina muito mais vital, porque cria energia, enquanto as outras formas de disciplina diminuem a energia de que se necessita para a ação.

E há também a contradição entre o pensador e o pensamento. Em todos nós existe essa dualidade. Importa compreendê-la. Podeis ser comunista, ou socialista. Se temos de criar um mundo novo, uma nova sociedade, um novo ente humano, essa sociedade só pode subsistir num estado de não-contradição; para o florescimento da bondade, tem de haver paz, e não guerra nem ódio. Compreendeis? Vivereis sempre numa atmosfera de ódio, de agonia, desespero, ansiedade, se vossa ação não for total.

Estamos, pois, investigando agora a questão da contradição entre o pensador e o pensamento: o pensador que quer controlar o pensamento — o pensador que é o censor — o pensador que é o experimentador, o observador: observador e coisa observada. Se se não compreender isso — essa estrutura em que existem ricos e pobres, meu desejo de ser mais importante, mais prestigioso, mais poderoso do que outro, etc. — se se não compreender toda essa estrutura, os seres humanos viverão sempre na dor, na aflição, na contradição e no conflito. E a contradição interior só pode produzir uma sociedade em que existirão contradições maiores e mais violentas ainda. Assim, a reforma da sociedade, por mais necessária e urgente que seja, só pode

começar dentro de cada um de nós, porque cada um de nós *é* a sociedade.

Sabeis o que é a beleza, a beleza de uma árvore, a beleza de um ocaso, o fluir de um rio, cintilando ao sol, um majestoso edifício, de belas proporções. A beleza está no objeto ou no observador? Se o observador vê beleza no objeto, então ele próprio tem o padrão, o molde dessa beleza. Talvez tratemos também desta questão — o que é a beleza — porque, sem a beleza, não pode viver o homem. Os santos, as religiões, repudiaram a beleza. O que nos livros sagrados se diz da beleza é que ela está associada ao desejo. E o desejo, para o homem religioso, é maldição, coisa que cumpre destruir. Dissemos que, a menos que vós e eu como entes humanos que vivemos numa sociedade tão contraditória, tão terrível em sua brutalidade e monstruosidade — a menos que compreendamos a natureza dessa contradição, viveremos sempre na aflição. E o homem que deseja pôr termo à aflição, deve pôr termo à contradição. Uma das raízes da contradição é a separação entre o pensador e o pensamento. Por que existe pensador? Não pergunteis se primeiro veio o pensador e depois o pensamento, ou primeiro o pensamento e depois o pensador. Essa é uma das nossas maneiras favoritas de raciocinar e, aliás, bastante infantil, se se me permite a observação.

Existe pensador, sem pensamento? Compreendeis? Existe espaço sem objeto? Compreendeis? Há este objeto, este microfone, à minha frente; ele cria espaço ao redor de si, e está no espaço. Vede, por favor, que não estou a sair do assunto. Pois tendes também de compreender isso, ou seja, essa extraordinária questão do espaço. Há o objeto que cria espaço ao redor de si, e esse objeto existe no espaço. Conhecemos espaço sem objeto? A menos que conheçais o espaço sem objeto, vossa mente permanecerá na limitação e, por conseguinte, jamais será livre. Do mesmo modo, cabe-vos descobrir (e para isso deveis estar em comunhão com vós mesmo) se existe um centro que é o pensador, o censor, sem pensamento. Ora, por certo, só existe pensamento, o qual cria o centro, e não o inverso disso. Se é o contrário, isto é, se há um centro, um censor, um pensador, este é então um objeto, que cria espaço em redor de si e, por conseguinte, nunca é livre.

Como estive dizendo na reunião anterior, a meditação (quando há meditação) é a coisa mais extraordinária. Não vos alvoroceis ao ouvir pronunciar esta palavra, pois não sabeis meditar. Meditar não é só compreender a questão relativa ao pensador e ao pensamento, ao prazer e à dor, mas é também transcender o pensamento, de modo que deixe completamente de existir qualquer centro — qualquer centro criador de espaço ao redor de si, espaço necessariamente limitado e, portanto, uma prisão a que ele chama "espaço". Só há pensamento. Por exemplo, faço-vos uma pergunta. Respondeis; respondeis de acordo com vosso preconceito, vossos conhecimentos e experiência, vosso *fundo*. Vosso *fundo*, vossa experiência, vossos conhecimentos, constituem o centro de onde respondeis. Esse centro é criado pelo pensamento, como memória, etc. etc. E o pensamento criou esse centro, porque ele encontra segurança, certeza — existo, sou bom, sou mau, quero alcançar isto ou aquilo a que aspiro.

Temos, pois, de compreender também essa estrutura do pensamento, e não rejeitá-la. Quando se rejeita ou se reprime uma coisa, cria-se contradição. Mas, quando se compreende uma coisa, não há contradição alguma. Assim, importa compreender a natureza do pensamento. A natureza do pensamento é o *fundo*, a tradição, a experiência, de onde vêm nossas reações; e tais reações baseiam-se no prazer ou na dor, ou em fatos proporcionadores de prazer. Conforme o prazer, reagimos, e a reação é pensamento. E o pensamento é o mesmo que o desejo cultivado.

Estamos, pois, percebendo a natureza do prazer e do desejo; vemos que o que lhe dá continuidade é o pensamento, o pensamento que estabeleceu um centro, que é o observador, o censor, o *fundo* de onde atuamos. A ação, por conseguinte, está sempre dividida: idéia e ação; fórmula ou conceito e ação. Se sois comunista, tendes um conceito, tendes idéias tiradas de Marx e Engels. Esse conceito quereis realizar, pôr em ação. Torna-se ele a utopia que proporciona ao indivíduo que opera dentro dessa estrutura o prazer de estabelecer no mundo essa utopia. Não importa o seu signifciado, o que se quer é que ela seja concretizada. E se estais ligado a um certo grupo — socialista, hinduísta, ou sabe Deus que outros rótulos usais — estais tam-

bém atuando da mesma maneira. Nossa ação, portanto, está baseada numa idéia, num conceito, numa fórmula, e segundo essa fórmula é que agimos, segundo essa idéia atuamos. Por isso, há contradição. Vejo que devo ser nobre; isso é uma idéia, ou seja pensamento racionalizado. Procuro viver de acordo com essa idéia. Meu viver, entretanto, está em contradição com *o que devo ser.* Mas nunca lanço fora aquela idéia, fórmula, conceito, conclusão; conservo-a e procuro atuar em conformidade com ela. Observai que estais sempre a fazer isso. Mas, se rejeitásseis completamente aquele conceito, estaríeis então atuando: no presente, *atuando* — e não, *atuei* ou *atuarei.* Vossa ação, por conseguinte, não é contraditória, porque estais então em contato com fatos e não com opiniões, conclusões, com o que Sankara, Buda, Marx ou outro qualquer ensinou.

Vereis, pois, se investigardes, que a ação sem idéia, sem conceito, só é possível quando estamos em contato com fatos e não com conclusões. E, quando vos ocupardes unicamente com o pensamento, e não com o que o pensamento deveria ser; quando compreenderdes a natureza do prazer e do desejo — vereis que "madureza" significa ação sem contradição. Não precisais dizer-me se estou ou não em contradição, nem ninguém mais precisa dizer-me. Após ter inquirido, penetrado profundamente em mim mesmo, descobri a maneira de viver sem contradição, neste mundo monstruoso e estúpido, mundo de violência e destruição. Para descobri-la, temos de investigar todos esses fatos; essa investigação, e não o ficar sentado a um canto, a respirar profundamente, apertando o nariz e repetindo palavras sem significação — essa investigação é meditação. A mente amadurecida não funciona fragmentariamente, como comunista, socialista, homem religioso, homem irreligioso, muçulmano, e demais invenções humanas, que estão dividindo e destruindo os homens.

Só essa mente amadurecida não funciona fragmentariamente. Só ela pode criar um mundo diferente. Só ela pode ter amor. O amor não é cultivável. Ele, como a humildade, ou existe, ou não existe. Mas, encontramo-lo no escuro, sem o sabermos, quando estamos em comunhão com nós mesmos, infinita e profundamente; daí provém a exultação do amor.

14 de novembro de 1965.

NOVA DELHI — IV

Medo, Morte, Criação

Uma das nossas maiores dificuldades me parece ser a nossa incapacidade de aprender. Não estamos empregando a palavra "aprender" no sentido de acumular conhecimentos ou mais experiência; damos-lhe um sentido bem diferente. Vemos que, ao redor de nós, não só neste país, mas no mundo inteiro, o homem sofre, não só externamente, em virtude de incidentes e acidentes exteriores, doença, infortúnio, mas também e muito mais, interiormente; física e psicologicamente. Há enorme pobreza, exterior e também interior. E guerras — entre grupos, comunidades, tribos. Tem havido guerras desde tempos imemoriais. Vemos tudo isso, sabemos de tudo isso e, entretanto, não parecemos capazes de aprender. Somos capazes de ajustar-nos ao infortúnio, às guerras, ao ódio, à pobreza, à tirania.

Ajustar-se não é aprender. A diferença entre o homem e o animal é que o homem é capaz de ajustar-se a qualquer clima, qualquer regime alimentar, quaisquer condições, qualquer influência ambiente, e os animais não são. Mas, esse constante ajustamento a nosso ambiente não é aprender. Aprender é coisa inteiramente diversa. No aprender não há acumulação. Não aprendemos para depois agir — como o faz a maioria de nós.

Há um aprender que deriva do próprio agir, operar: não se atua depois de ter aprendido, porém no próprio atuar está o aprender. Mas não parecemos capazes de aprender de nossas aflições, de nossas inumeráveis frustrações, do conflito existente interior e exteriormente, para realizarmos em nós mesmos uma

radical revolução. E parece-me de toda urgência esse aprender do próprio atuar, — aprender em que não há nenhum padrão e nenhuma autoridade para nos ensinar o que devemos fazer. Não sei se tendes lido a respeito das experiências que se estão fazendo na América, a fim de aumentar a produção das fábricas: quando um homem tem de manter-se constantemente ativo ou tem de fazer a mesma coisa repetidamente, o trabalho se lhe torna monótono e ele não pode produzir mais; se, entretanto, ao mesmo tempo que está produzindo, aprender, seu trabalho rende mais.

Há milênios que sofremos, interior e exteriormente, e, apesar disso, não parecemos capazes de aprender. Demonstra isso que não temos verdadeiro interesse no viver, no viver livre e totalmente, no viver sem conflito e sem penar. Não desejamos conhecer a estrutura do sofrimento, a natureza do medo. Aceitamo-la ou a ela nos ajustamos; sujeitamo-nos a qualquer coisa, salvo naturalmente se nos proporciona excessivo sofrimento físico — quando então procuramos o médico ou algum meio de aliviar-nos. Mas, aceitamos a dor psicológica.

E o medo me parece ser um dos nossos maiores problemas. Pois a mente que teme, que sente ansiedade, é incapaz de pensar com lucidez; essa mente vive no escuro, sujeita a neuroses e contradições em várias formas. E, quando percebemos que temos medo, a maioria de nós trata de fugir, de afastar-se dele o mais possível; ou, ainda, nos conformamos com ele, aceitamo-lo e ficamos vivendo na escuridão.

Não sabemos dar fim ao medo, porque com ele vivemos há milênios. E por desconhecermos a natureza do temor e a maneira de dissolvê-lo, apelamos para a religião, a bebida, a turbulência, a violência, etc. O medo, tanto consciente como inconsciente, pode ter diferentes aspectos. E para dele nos livrarmos, total e não parcialmente, precisamos, em vez de cultivar a coragem, investigá-lo e compreendê-lo; pois é muito mais importante compreender o medo do que criar resistência contra ele, na forma de coragem. Temos medo de perder o emprego, temos medo do escuro, da morte, da opinião pública, de tantas e tantas coisas — e, com esse medo, vamos vivendo. Ora bem; podeis ouvir o que se está dizendo. Mas as meras palavras, o

mero intelecto, de modo nenhum podem eliminar esse temor. O que temos de fazer é aplicar-nos à investigação do medo, entrar em direto contato com ele, e nunca fugir. Pois as religiões, em todo o mundo, oferecem ao homem uma fuga ao medo fundamental da morte. Dão-lhe uma esperança de vida futura, em diferentes formas. Têm as religiões tentado mudar o homem, civilizá-lo, torná-lo mais humano; porém não foram capazes de extinguir as guerras. Como há dias dissemos, já se travaram, no mundo, catorze mil e tantas guerras, — quase três guerras por ano! — e não aprendemos ainda a deter a guerra. As religiões ensinam: não matar, amar ao próximo, ser bondoso, gentil, pensar em outrem. E também nada disso estamos fazendo. As religiões se tornaram meros rituais, como que grandes corporações, sem nenhum significado na vida.

E é absolutamente necessário que os entes humanos tenham uma mente religiosa; não se trata das religiões de crenças, dogmas, igrejas, rituais, porém da mente religiosa e sem temor. A mente sem medo está sempre só; não isolada: *só*. Apenas a mente medrosa, ansiosa, que sente "culpa", que é ávida, invejosa, apenas ela precisa sempre de companhia, pois teme estar só. Só a mente religiosa é capaz de estar desacompanhada, porque apenas ela está livre do medo.

Nesta tarde vamos conversar sobre a questão da morte. Porque é a morte o que mais tememos, a maioria de nós; tratamos de evitá-la, não queremos pensar nela, consideramo-la um assunto desagradável, que devemos afastar de nós, pôr à margem. Porque a morte nos aterra, temos uma crença — crença na ressurreição, numa continuidade, na imortalidade, na reencarnação. Mas, essa crença não resolve o problema do medo. Estão dizendo os cientistas que o homem pode viver indefinidamente. Provavelmente encontrarão meios e modos de prolongar a vida humana. Mas, esse prolongamento não resolverá o problema do temor.

E a sociedade, o ente humano que não resolveu esse problema da morte, tem uma existência muito superficial. Porque se há morte, aniquilamento, destruição, o fim de tudo, o indivíduo atravessa então como pode sua existência de aflições e ansiedades, e a vida, por conseguinte, se torna inteiramente sem

significação; é isso que está sucedendo no mundo moderno. Muitas civilizações já tentaram resolver o problema da morte.

E por não sermos capazes de compreendê-la, tratamos de inventar teorias que nos pareçam satisfatórias e nos proporcionem conforto e consolação. Por isso, nesta tarde, desejo falar, conversar convosco a respeito deste assunto; isto é, vós e eu vamos pensar nele juntos, investigá-lo juntos — comungar nesta questão do medo, da morte, do amor, e de algo que é muito maior, muito mais sublime do que todas as religiões: a criação.

Como antes dissemos, a comunhão a respeito de um problema como este não significa estarmos de acordo, vós e eu, nem que deveis concordar com o orador, ou dele discordar. Este é um problema imenso, que não pode ser posto numa categoria, classificado. E a investigação de uma coisa desta natureza exige de vossa parte muita penetração, e não aceitação. Requer inteligência, e não raciocínios hábeis, sutis, dialéticos, em torno de opiniões; requer que vós e eu empreendamos juntos uma viagem de exploração desse formidável problema da vida e da morte.

Mas, não teremos possibilidade de viajar juntos, se não houver o vigor, a energia, a intensidade necessária para investigar e descobrir, cada um por si, a verdade acerca desta matéria. Essa energia, essa intensidade, essa vitalidade não resulta de nenhuma acumulação, porém se cria no próprio ato da investigação. Mas, em geral, pensamos que primeiro é necessário acumular energia, por meio de vários métodos. O que estamos dizendo é exatamente o contrário: a energia de que se necessita para investigar vem do próprio investigar, do inquirir, do interrogar, duvidar, e não da aceitação. Não estamos aceitando nenhuma fórmula política ou religiosa, a autoridade de ninguém, de livro nenhum. Dessa não aceitação, que é em verdade uma ação muito positiva, vem energia. Investigamos, indagamos, e nesse próprio indagar há energia. Assim, o que juntos vamos fazer é empreender uma viagem, e tereis de trabalhar tanto quanto o orador. Em geral, pensamos que numa palestra destas todo o trabalho compete ao orador, e que nela tomamos parte como meros ouvintes. Mas, devo dizer-vos que nesta tarde tereis de trabalhar tanto quanto o orador.

Nunca entramos diretamente em contato com o medo. Prestai atenção a isto. Estar em contato com uma coisa significa senti-la com todos os sentidos, e não ter barreiras psicológicas entre o fato e nós. Entrar diretamente em contato com uma coisa, com fatos, significa tocá-los, assim como estou tocando este microfone. Não posso entrar em contato com um fato, se há algum obstáculo, alguma barreira entre mim e ele. Essa barreira pode ser constituída de palavras, do desejo de fugir para não enfrentar os fatos, ou de racionalizar o medo ou de ignorar as barreiras, conscientes ou inconscientes. Tudo isso impede o direto contato com o fato. Mas, nesta tarde, queremos entrar em contato com o fato do medo, não intelectualmente, não para sabermos o que se deve ou não deve fazer a seu respeito, porém para conhecermos a natureza do medo. Porque o próprio contato com um fato constitui a compreensão desse fato. E, por conseguinte, quando se compreende o que é falso, esse falso deixa de existir.

Tememos muitas coisas. Naturalmente, não teremos tempo nem oportunidade para considerar os diferentes aspectos do medo, tanto consciente como inconsciente. Os temores inconscientes, principalmente, são muito mais difíceis de considerar. Quanto aos temores conscientes, algo pode se fazer sobre eles. Mas os temores inconscientes são muito mais fortes e profundos; esses temores tomam a forma de sonhos, quando dormimos, etc. Não vou entrar em toda esta matéria agora. Mas, para todo ente humano, não importa quanto tempo viva, existe sempre a questão da morte. A menos que ele a compreenda, que entre em direto contato com essa questão, esse problema, sua vida será e permanecerá sempre muito superficial. E a mente superficial procura dar significação ao viver por meio de seu condicionamento, de seu ambiente, da sociedade em que se desenvolveu. Por favor, continuai a escutar, a prestar atenção.

Há, pois, a questão do medo à morte. Ora, para compreendê-la, o indivíduo tem de estar livre de todas as crenças, de todas as idéias de reencarnação ou ressurreição ou imortalidade pessoal. Nada se sabe a esse respeito. Se alguma coisa sabeis, trata-se de uma tradição, de um condicionamento verbal. Nunca entrastes diretamente em contato com a morte ou o medo relativo a esse fato. E, como disse, urge que o ente humano que

vive neste mundo medonho, brutal, aterrador, com suas guerras e antagonismos, urge que ele compreenda esse fato. Do contrário, a vida não terá nenhum significado. Freqüentar um escritório diariamente, nos próximos vinte, trinta, quarenta anos, fazer repetidamente a mesma coisa desinteressante, gerar uns poucos filhos e viver perpetuamente em conflito consigo mesmo — isso nada significa. Quanto mais intelectual o indivíduo, quanto mais conhecedor do mundo, dos fatos que estão ocorrendo, tanto mais procura ele fugir da superficialidade mediante a bebida, divertimentos variados, o inventar uma filosofia, ou reverter à filosofia de um certo livro. É necessário, pois — se desejais tornar a vida uma coisa significativa, se desejais dar à vida significação, riqueza, plenitude, fazê-la completa — é necessário que compreendais esta questão do medo e da morte.

Ora, sabemos o que é esse medo: uma reação — reação a algo que desconhecemos, algo de que não temos experiência ou conhecimento direto. Temos visto a morte, ela passa por nós todos os dias, a guerra no-la trouxe para dentro de casa. Mas a mente vigorosa, sã, equilibrada, não neurótica, deve entrar em contato com a morte. Pois é só quando entramos em direto contato com alguma coisa, que percebemos o seu significado, que começamos a compreender o valor, a profundeza, a beleza dessa coisa.

Assim, para se compreender esta questão da morte, devemos libertar-nos do medo, que inventa as várias teorias sobre vida futura, imortalidade, reencarnação. Os que vivemos no Oriente dizemos que há reencarnação, que há renascimento, uma renovação constante, infinita, que existe o que se denomina "alma". Agora, escutai com atenção.

Existe essa coisa? Gostamos de pensar que existe, dá-nos prazer pensá-lo, pois trata-se de uma coisa que colocamos além do pensamento, além das palavras, além de tudo; uma coisa eterna, espiritual, imperecível; a ela, naturalmente, se apega o pensamento. Mas, existe essa coisa, essa alma, essa entidade, além do pensamento, entidade não inventada pelo homem, não formada por sua mente sutil? Porque a mente percebe que há enorme incerteza, confusão, e nada de permanente na vida, nada, absolutamente. Vossas relações, vossa esposa, vosso marido,

vosso emprego — nada de permanente! Assim sendo, ela precisou inventar uma certa coisa permanente, a que chamou "alma". Mas, visto que a mente pode conceber essa coisa, também pode fazê-lo o pensamento; e já que o pensamento pode concebê-la, ela se acha na esfera do tempo, naturalmente. Se posso conceber uma coisa, essa coisa faz parte de meu pensamento. E meu pensamento resulta do tempo, da experiência, do conhecimento. A alma, portanto, está na esfera do tempo. Correto? Vede, por favor, não estamos aqui aceitando nem rejeitando. Não estou fazendo propaganda de uma certa teoria, pois isso seria falta de madureza, infantilidade. Estamos fazendo uma viagem de exploração. E essa exploração, se seguirdes passo a passo e penetrardes muito profundamente, poderá pôr-vos em contato com algo que vos fará medo.

Assim, a idéia da continuidade de uma alma que renascerá vezes sobre vezes, infinitamente, não tem significação nenhuma, porque é invenção da mente que sente medo, da mente que deseja duração, permanência, que deseja certeza, esperança. Assim, o homem se apega àquela idéia e, portanto, irá ter muitas vidas e trabalhos sem fim. Mas isso significa, se credes na reencarnação, que é sumamente importante que vos comporteis bem nesta vida, porque na próxima tereis de responder pelo que nesta fizestes. — Mas a quase ninguém interessa o "comportar-se bem" — que significa "atuar virtuosamente". Se crêsseis realmente na reencarnação, vossos atos, vossa maneira de pensar, de viver, vossa dureza e indiferença para com todos, desapareceriam, porque teríeis de pagar por tudo isso na próxima vida, teríeis de sofrer. Mas, em nada disso acreditais. Com efeito, não credes. Trata-se de uma simples idéia, uma idéia que pensais ser muito espiritual, mas que é puro contra-senso. Entretanto, permanece o fato que é o medo da morte, o qual no Ocidente inventou uma diferente forma de ressurreição, de continuidade, numa diferente esfera de renovação.

Há, pois, a questão do medo de uma coisa que desconhecemos e chamada "morte". Portanto, separamos a vida, o viver, da morte. E, assim, não compreendemos nem a vida nem a morte. Porque compreender a vida significa entranhar-se na vida, entrar em contato com a vida, que é avidez, inveja, brutalidade, ódio, guerras, fugas, bestialidade, ânsia de poder e de

posição. É isso o que chamamos "vida". É essa a vida que viveis todos os dias, se sois *sanyasi*, se sois negociante, se sois artista. Há, internamente, uma certa coisa em efervescência. É essa a coisa que chamamos "vida". Ainda não a compreendemos, ainda não nos livramos dela; não estamos livres de nossas ansiedades, de nosso "sentimento de culpa", de nossas agonias, e tampouco compreendemos essa imensidade que se chama "a morte". Não compreendemos o viver, nem compreendemos a enorme significação do morrer.

Ora, tendes de compreender o viver — o viver que não é batalhar, que não é estar em conflito, que não é deixar-se torturar ou torturar a si próprio a fim de achar Deus. O ser humano que se tortura para encontrar Deus não é digno de achá-lo. Nunca achará Deus! Pela deformação, não se encontra a Verdade. Necessitamos de uma mente lúcida, sã, racional, vigorosa, e não uma mente torturada, deformada.

Deveis, pois, ser livre, livrar-vos do medo à própria vida, livrar-vos de vossas ansiedades, de vossos conflitos, de vossa avareza, avidez, inveja, quer por causa de dinheiro, quer por causa de Deus. De tudo isso deveis livrar-vos, para entrardes em contato direto com a vida; então, o viver estará relacionado com o morrer. Peço-vos seguir o que vou dizer. Sem dúvida, o homem que não tem amor vive sempre no desespero; anda em contínua busca de autoridade, de posição, de prestígio; é invejoso, duro; esse homem não está vivendo. Não sabe o que é a vida. Só conhece sua mente insignificante — de político, de *sanyasi*, de negociante, de artista — essa mente pequenina, trivial, e suas tribulações. Nada mais conhece. Só quando estiver livre de sua mesquinhez, de seus temores, saberá ele o que é viver. E quando souber o que é viver, saberá também o que é morrer. Pois nós separamos o viver do morrer, que, para nós, é chegar ao fim, psicológica e fisiologicamente. Pensamos estar vivendo. Nosso viver é penar. E se não findar nosso sofrimento, não haverá compreensão da morte.

Temos, pois, de investigar por nós mesmos, e não porque outro nos diz que o devemos fazer. Tendes sido nutrido e continuais a ser nutrido dos descobrimentos feitos por outros; estais escravizados pela tradição, pela autoridade, pelo medo; e não

descobristes ainda, como ente humano, vivente neste mundo de torturas e sofrimento, não descobristes ainda o meio de pôr fim ao sofrimento. Dele só sabemos fugir — por meio da bebida, dos divertimentos, do sexo, do templo, da leitura — temos dúzias de vias de fuga. Mas, cumpre entrar em contato com o sofrimento, e extingui-lo. Só a mente que põe termo ao sofrimento pode ter sabedoria. E só quem está livre do sofrimento pode saber o que significa amar.

Nossa questão, pois, é esta: É possível vivermos neste mundo — agora, hoje, e não num futuro distante — livres do sofrimento e em contato com essa coisa que desconhecemos e que chamamos "morte"? O que tememos não é o desconhecido, porém perder o conhecido. Não achais? Não tendes medo da morte, do fim, mas temeis perder o que possuís, o que conheceis, vossa experiência, vossa família, vossos pequenos prazeres, vosso saber, vossa tecnologia, enfim, as coisas conhecidas. Dizeis: "Ora, aprendi tantas coisas, sei tantas coisas, e vem a morte e arrebata-me tudo". — Disso é que tendes medo, e não da morte, de sua sublime natureza. E que é isso a que estais apegado? O conhecido. E que é o conhecido? Vossa família, vossa casa, as ruas sujas e sem beleza; esforços, rivalidades, ansiedades; a rotina do escritório e a inevitável presença do "chefe". É só isso que conheceis e tendes medo de perder! Ora, soltar das mãos tudo isso, alegre e facilmente, com graça e beleza, significa "morrer para o conhecido". Sabereis então o que é morrer, conhecereis então o desconhecido.

Agora, prestai atenção. Podeis acabar imediatamente — não através do tempo, gradualmente, mediante disciplina e autotortura; podeis dar fim imediato ao vosso medo? Esta é que é a verdadeira questão, e não "Que acontecerá após a morte?" Podeis acabar com vossos hábitos — hábitos sexuais, hábitos psicológicos, hábitos físicos — aboli-los todos de imediato? Aboli-los é ficar livre deles, é acabar com vossas tribulações e temores, vossa avidez, vosso desejo de ser poderoso, forte, o homem importante que imaginais ser. Porque, se não souberdes pôr termo a essas coisas insignificantes da vida, as coisas que conheceis e a que está apegada a vossa mente, continuareis a viver em extrema agitação e confusão. Apenas sofre a mente

confusa, e não aquela que pensa com lucidez, que entra em direto contato com os fatos.

Morrer, pois, é morrer para as coisas que conhecemos, não apenas as desagradáveis, mas também as agradáveis. Bem que gostaríeis de afastar de vós, de morrer para a lembrança das dores e mágoas que sofrestes; mas gostaríeis de conservar a lembrança das coisas agradáveis, proporcionadoras de satisfação. Mas, pôr termo, morrer tanto para o prazer como para a dor, isso só será possível se aplicardes toda a vossa atenção a cada pensamento, cada sentimento. Atenção, e não contradição; não é citar aquilo de que "gosto" e aquilo de que "não gosto" — porém, tão-só, prestar atenção.

Sabeis o que significa prestar atenção a uma coisa? Atenção não é concentração. Quando vos concentrais pela maneira como o faz a maioria das pessoas, que acontece? Estais a isolar-vos, a resistir, a repelir todo pensamento, exceto aquele pensamento, aquele ato em que vos quereis concentrar. Vossa concentração, pois, gera resistência e, por conseguinte, não traz a liberdade. Observai isso, para verdes como é simples. Se estiverdes sempre atento a tudo o que se passa em redor de nós, atento ao lixo e à imundície das ruas, atento ao ônibus empoeirado, atento a vossas palavras, a vossos gestos, à maneira como falais a vosso patrão, à maneira como falais a vosso criado, a vosso superior, a vosso subordinado, o respeito ao que está "de cima" e a dureza com que tratais os que estão "de baixo", atento a vossas palavras, a vossas idéias — se a tudo estiverdes atento, sem desejardes corrigir nada, então, com essa atenção, conhecereis uma diferente espécie de concentração. Nessa concentração, a pessoa está consciente do ambiente, do barulho que fazem os outros (aqueles homens que estão falando, em cima daquele telhado — e vós a desejardes silenciá-los, a pedir-lhes que se calem, a virardes a cabeça)[1], está cônscia das cores, dos trajes; e ao mesmo tempo há concentração. Essa concentração não exclui nada; nela não há esforço. A concentração, como em geral se pratica, exige esforço. — Mas, se aplicardes totalmente a vossa atenção — vossos nervos, vossos olhos, vossos ouvidos,

---

(1) Talvez operários a trabalhar em alguma obra, nas vizinhanças, (N. do T.)

vossa mente, cérebro, tudo — a compreender o medo, vereis então que dele ficareis livre, imediata e completamente. Porque só a mente em que há claridade, a mente que não vive na escuridão do medo ou na confusão de muitos desejos — só essa mente clara, lúcida, pode transcender a morte. Porque então a mente compreendeu o viver. Viver não é uma batalha, uma tortura; não é uma coisa de que temos de fugir — para as montanhas, para um mosteiro. Se fugimos, é porque nosso viver é uma tortura, um horrível pesadelo. Se dispensardes total atenção a uma coisa, vereis, sabereis o que é o amor. O amor, para a maioria de nós, pouco significa. Está cercado pelo ciúme, o ódio. Como pode haver amor, se competis com vosso colega de escritório? Escutai, por favor! Naturalmente, sem o amor, sem esse sentimento da beleza, a vida se torna vazia. E, vendo-nos vazios, procuramos os deuses feitos pelo homem; porque estamos vazios, as crenças, os dogmas, os rituais se tornam muito importantes; queremos preencher nosso vazio com essas insignificâncias criadas pelo homem. Assim, se desejais saber o que é o amor, deveis estar livre do ciúme, do conflito, do desejo de dominar, do desejo de poder; quer dizer, deveis viver em paz, para saberdes o que é o amor — não fora da vida, porém na vida real de cada dia.

E há outra coisa muito importante em nossa vida: a criação. Não sabemos o que é criação, porque somos escravos da autoridade. A palavra "autoridade" significa o *autor*, o que dá origem a algo, a uma idéia, um conceito, uma visão, uma maneira de vida. Vemos que um homem desses vive de uma certa maneira, pensa e sente de determinado modo, e desejamos ser assim; portanto, o imitamos. Por conseguinte, a pessoa, ou a idéia, o conceito, o ideal se torna vossa autoridade — autoridade da tradição, autoridade de vossa religião favorita. E a mente que se sujeita, se escraviza à autoridade, nunca se achará no estado de criação. Porque, é bem de ver, a autoridade gera medo; o que nos interessa é apenas que nos mostrem o que (tecnicamente ou psicologicamente) devemos fazer, para então o fazermos. Por isso existem tantos *gurus* neste mundo, isto é, porque temos medo. Outros sabem e nós não sabemos. Outros nos indicam o que devemos fazer, como cientistas, como médicos; em tudo dependemos da autoridade.

Ora, a autoridade da lei e a autoridade do medo são duas coisas diferentes. Temos de obedecer à autoridade da lei, que nos manda "conservar a esquerda"(1) da estrada, quando estamos conduzindo um carro. Essa obediência é necessária. Temos de pagar os impostos, temos de comprar um selo postal para despachar uma carta, etc. etc. Mas, a autoridade estabelecida por uma padrão sócio-religioso, um conceito estabelecido pela tradição, a respeito de Deus, etc. etc.; a autoridade da religião, as sanções religiosas que cegamente aceitais ou pensais ter investigado (mas não o fizestes, por medo); a autoridade, em qualquer forma, é, psicologicamente, a coisa mais destrutiva que há. Porque ela vos manda seguir e vós seguis, sem investigar, sem compreender, sem buscar e descobrir por vós mesmo.

Mas a verdade, afinal de contas, é algo que não vos pode ser dado. Cabe a vós descobri-la. E, para a descobrirdes, deveis ser vossa própria lei, vosso próprio guia — e não o político que vai "salvar o mundo", nem o comunista, nem o líder, nem o sacerdote, nem o *sanyasi*, nem os livros. Tendes de viver, de ser vossa própria lei. Por conseguinte, não necessitais de autoridade alguma, e isso significa que deveis estar de todo só, não exteriormente, porém completamente só em vosso interior. Assim, não haverá medo.

E se a mente compreendeu a natureza do medo, a natureza da morte, e essa coisa extraordinária chamada "amor", se de fato compreendeu, o que não é verbalizar nem pensar a seu respeito, mas tê-las vivido, então, dessa compreensão, surge uma mente nova, uma mente ativa e ao mesmo tempo inteiramente silenciosa. Esse "processo" da compreensão da vida, da libertação de todas as nossas lutas, não futuramente, porém imediatamente, essa aplicação total da atenção — eis o que é meditação. Meditação não é ficar sentado a um canto, pegando no nariz e repetindo palavras estúpidas; isso não é meditação, absolutamente; é auto-hipnotismo. Mas a compreensão da vida, a libertação do sofrimento — de fato, e não verbal ou teoricamente: *realmente* — a libertação do medo e da morte exige silêncio total da mente. Isso é meditação.

---

(1) Na Índia. (N. do T.)

Só a mente que está em silêncio, e não a que foi disciplinada, compreende e se liberta. Só essa mente silenciosa pode compreender a criação. Porque a palavra "Deus" se corrompeu, e nada mais significa. Hitler acreditava em Deus, vossos políticos crêem em Deus, e estão a destruir-se, a matar-se, a torturar-se mutuamente. Outros torturam a si próprios, para achar Deus. Portanto a palavra "Deus" já nada significa, é um mero som. Mas, para descobrirdes o que existe fora do tempo, deveis estar com a mente muito silenciosa. Essa mente silenciosa não é uma mente morta, porém sobremodo ativa; o que está ativo e a mover-se com suma velocidade, está sempre em silêncio. Só a mente embotada se agita, se aflige, teme. Esta nunca estará em silêncio. E só a mente silenciosa é religiosa. Só esta, a mente religiosa, pode descobrir o estado de criação, ou achar-se no estado de criação. Só ela pode estabelecer a paz no mundo. E estabelecer essa paz é vossa obrigação, é a obrigação de cada um de nós, e não do político, do soldado, do advogado, do negociante, do comunista, do socialista, de ninguém. Sois responsável por vossa maneira de viver, pela maneira como viveis a vossa vida diária. Se desejais a paz no mundo, tendes de viver pacificamente, sem odiar-vos uns aos outros, sem ser invejosos, sem buscar o poder, sem cultivar a competição. Porque da libertação dessas coisas é que vem o amor. Só a mente capaz de amar saberá o que é viver em paz.

18 de novembro de 1965.

VARANASI — I

O Único Problema

Se me permitirdes, eu gostaria de falar durante cerca de meia hora, e depois me fareis perguntas, para melhor esclarecimento dos pontos tratados.

Um dos nossos maiores problemas parece ser o relativo à ordem e à desordem, à liberdade e ao ajustamento. Enquanto, dentro em nós mesmos, não resolvermos esta questão — não como grupo, ou comunidade, ou organização sujeita a uma certa fórmula — enquanto como entes humanos, como indivíduos, não resolvermos este problema, toda revolta ou tentativa de libertação, de nossa parte, só nos levará a maior confusão e conflito. Ajustamo-nos, como é bem evidente, em todo o mundo, na esperança de que esse ajustamento promoverá a ordem. Nós necessitamos de ordem. Nenhuma sociedade, nenhum indivíduo pode subsistir na desordem; há necessidade de ordem, tanto externa como internamente. Mas a ordem não é possível quando nos limitamos a dizer o que é ordem, condicionando-a a um dado padrão.

A ordem, conforme me parece, só pode realizar-se ao descobrirmos por nós mesmos o que gera desordem; da compreensão do verdadeiro fator da desordem, nascerá naturalmente a ordem. Isto é muito simples. Quando sei o que é que produz a desordem numa família, em mim mesmo, ou na sociedade e, como ente humano, desejo promover a ordem, devo em primeiro lugar lançar luz na desordem, eliminá-la. Assim, a ordem a que nos referimos não é um ato positivo, porém só se realiza pela com-

preensão e negação da desordem. Se compreendo o que é a desordem e nego-a, ponho-a de lado, esclareço-a, investigo tudo o que ela implica, compreendo todos os elementos que a constituem, isso superficialmente parecerá negação. Mas, da compreensão da desordem resulta uma ordem natural, e não quando nos ajustamos ao que é considerado como *ordem*; esse ajustamento só pode gerar mais desordem. Somos seres humanos que vivemos em conflito, com medo, ansiosos, cheios de problemas, atinentes à obediência, à aceitação, à ansiedade, à busca de poder, etc. Assim sendo, se nos limitamos a buscar a ordem ou o padrão de ordem, para a esse padrão nos ajustarmos, isso, em essência, gera desordem.

Por favor, isto não é para ser compreendido verbalmente. Pois, uma das coisas mais lamentáveis é que estamos sempre a pregar, a escrever livros, a expor teorias, fórmulas e conceitos, e nunca absolutamente, há ação. Somos verdadeiros mestres, principalmente neste desgraçado país, no "verbalizar", no formular teorias e conceitos, e no explorar dialeticamente tais conceitos, esperando que, pelo investigar a Verdade através de teorias, chegaremos à ação; e o que há, afinal, é inação, pois nada se faz.

Devemos, pois, logo de início, compreender que a ordem, em quaisquer circunstâncias que sejam, não pode realizar-se mediante ajustamento a um padrão — padrão comunista, padrão religioso, padrão pessoal, individual. A ordem a que me refiro é sumamente positiva, e só será realizável mediante a profunda compreensão do problema. Com certeza ireis discordar de muitas das coisas que vamos dizer; espero pelo menos que não as aceiteis nem rejeiteis; pois dessa maneira não se chega a parte alguma.

Cumpre-nos averiguar o que é que gera a desordem tanto no mundo exterior como no interior. A compreensão da desordem exterior traz a compreensão da desordem interior. Mas essa desordem que dividimos em "exterior" e "interior" é essencialmente uma só e mesma coisa; não são duas desordens separadas, porquanto cada um de nós, como ente humano, é ao mesmo tempo sociedade e indivíduo. O indivíduo não está separado da sociedade; ele criou a estrutura psicológica da sociedade, e

nela se acha todo enredado. Se trata de libertar-se dessa estrutura psicológica, isso é mera revolta e, por conseguinte, não resolve problema algum.

Cumpre-nos investigar o que é que cria a desordem, porque da desordem nada pode medrar e funcionar. Necessita-se de uma ordem extraordinária, para a compreensão da Verdade — ou o nome que se preferir. Necessita-se dessa ordem extraordinária que não é realizável mediante revolta, ajustamento ou adoção de uma fórmula — socialista, capitalista, religiosa, ou outra.

Pois bem; que é que produz a desordem? Compreendeis? Necessita-se de ordem no mundo. Atualmente, não existe ordem no mundo. A guerra é a essência da desordem — quer esteja no Vietnam, quer aqui ou na Europa; a guerra, em qualquer nível e por qualquer causa[1] que seja, é desordem. E por que existe essa desordem no mundo — neste mundo em que temos de viver e de atuar como entes humanos? Vamos examinar isso; mas não o faremos verbal ou teoricamente, ou estatisticamente, porém realmente, considerando os fatos objetivos. Quando compreendemos um fato, desejamos então seguir ou deixar de seguir um dado caminho.

Mas, que é que produz a desordem no mundo, psicologicamente, interiormente? É bem de ver que uma das razões da enorme e destrutiva desordem que se vê no mundo é a divisão das religiões: vós sois hinduísta, eu sou muçulmano; somos cristãos católicos, protestantes, episcopais... há uma infinidade de divisões. A religião, evidentemente, foi organizada pelo homem com o fim de civilizar o próprio homem, e não para a busca de Deus — pois não se pode achar Deus por meio de crenças, dogmas, rituais, rezas, leituras do Gita ou da Bíblia, submissão a sacerdotes. Este mundo está separado pelas religiões — religiões organizadas, com seus dogmas, seus rituais, suas crenças e superstições. As religiões de modo nenhum unem os homens. Fala-se em união, diz-se "Quando vemos Deus, somos todos irmãos". Não somos irmãos! O que nos interessa são os fatos, e não esperanças e teorias.

---

(1) "Causa", no sentido de princípio, ideal, etc. (N. do T.)

As religiões, pois, separaram os homens e são, portanto, um dos fatores da grande desordem reinante. Não estais de acordo comigo, mas vede os fatos, vede como, no seio do cristianismo, há dois mil anos os homens estão a digladiar-se — católicos contra protestantes, católicos entre si — e quantas torturas já foram infligidas... — O mesmo se observa neste país: muçulmanos contra hinduístas, hinduístas contra muçulmanos; *guru* contra *guru*; um *guru* que tem menos discípulos, outro que tem mais e quer mais ainda!

Por favor, prestai total atenção, pois estamos chegando a um ponto extremamente crítico em nossa vida, não só individual, mas também comunal. E todo homem que deseje, não só estabelecer a ordem em si próprio, mas também fundar uma boa sociedade — não uma sociedade "formidável", porém uma boa sociedade — precisa resolver este problema. Pode-se ver, neste mundo, como um fato objetivo, que as religiões separaram os homens, que tem havido tremendas guerras religiosas tanto no Oriente como no Ocidente. Aí está, pois, uma das raízes da desordem. As crenças organizadas, com suas igrejas e rituais, se converteram em enormes corporações, empresas mercantis, sem nenhum ponto de contato com a verdadeira religião.

E o nacionalismo, um novo produto venenoso, é outra causa da desordem. Este país provavelmente nunca foi nacionalista. A Europa se separou em numerosos estados soberanos, a brigarem entre si, a tomarem terras uns dos outros, para maior expansão econômica, etc. etc. Em nossos tempos travaram-se as duas guerras mais tremendas que a história registra. O nacionalismo dividiu os homens: ingleses, franceses, indianos... E, agora, também vós, neste país, vos estais tornando nacionalistas. E espera-se, mediante o nacionalismo, unificar os seres humanos.

A guerra estabeleceu a desordem no mundo. A guerra é sempre destrutiva. Não pode haver "guerra justa". Na história humana, creio eu, já se travaram umas catorze mil e seiscentas guerras ou mais. Desde 1945, quarenta guerras! Na primeira guerra da História, deve-se ter dito: "Esperemos seja esta a última guerra!" — Mães, esposas, maridos, filhos, choraram. E continuam a verter lágrimas, após cinco mil e quinhentos anos! Os homens já aceitaram a guerra como norma da vida.

Aqui também, neste país, a estais aceitando como norma da vida — mais armamentos, mais generais, mais soldados. E enquanto tiverdes governos soberanos, governos nacionalistas, separados, com seus exércitos, tereis inevitavelmente guerras. Vosso filho poderá não ser morto, aqui, em Banaras, mas alguém — americano ou vietnamita — terá seu filho morto no Vietnam. Assim, enquanto houver governos soberanos, haverá guerras.

E que pode fazer um homem que diz: "Não matarei!"? Entendeis? Neste país, através de gerações consecutivas, uma certa classe de pessoas foi educada para não matar, para não magoar sequer um animal, uma mosca. Mas isso acabou-se. Poderão escrever-se volumes a respeito da herança espiritual da Índia, mas o fato verdadeiro é que destruímos essa herança; estamos apenas a repetir, verbalmente, algo que já não é real.

Há, pois, duas questões a considerar: Que pode fazer um ente humano, neste país, na Europa, na América, que declara que não matará? E uma coisa estranha é que, neste país, há uns trinta anos se prega a não-violência, a proclamam "do alto das casas". Isto foi exportado para o Ocidente: "não matar", "*Ahimsa*", etc. Estais agora unidos pela guerra! Disse-me ontem alguém, radiante de entusiasmo e de satisfação, que a guerra deu plena união à Índia! Isso já me tem sido dito, em vários lugares, por diferentes pessoas. Mas, não é de estranhar. O mesmo aconteceu na Inglaterra, onde a separação de classes é tão forte como aqui; lá, dormiam todos juntos, nos subterrâneos, terrivelmente unidos pelo ódio! E há argumentos espúrios, como este: "Que faríeis *vós*, se estivésseis no governo; não lutaríeis, se fôsseis atacado?". Se uma pessoa está no governo, como chefe de um estado soberano que mantém um exército e todo o equipamento próprio de uma existência não civilizada, essa pessoa, naturalmente, tem de matar ou de defender-se. Estais em guerra; não justifiqueis a guerra!

Prestai toda a atenção, senhores, pois trata-se de vossa vida. Nosso povo está a morrer. Neste país, apesar da não-violência, apesar de há milhares e milhares de anos se pregar o "não matar", ninguém, nenhum ente humano disse: "Não queremos matar!". Fazem-se "campanhas de murmúrios". Vós e eu, particularmente, em nosso quarto, dizemos um ao outro que

não mataremos. Mas, publicamente, não subimos a um palanque para proclamar "Não queremos matar!" — para depois irmos para a prisão ou sermos fuzilados, por o termos dito. Não aparece um único jovem, um só ente humano disposto a "nadar contra a corrente". Quando estava muito em voga pregar e não-violência, todos a apoiávamos. Agora que a guerra se tornou popular, lhe damos também o nosso apoio. Não é a tais indivíduos que me estou referindo.

Que pode fazer um ser humano que diz: "Não matarei!"? Que pode fazer? Nada, pois não? Poderá ir para a prisão, ser fuzilado, assassinado pelo governo, por rebeldia, deslealdade — e outras palavras que tais de que se servem os políticos e as entidades político-religiosas. Investigai entre vós mesmos: Por que não aparece, na Índia, um só ente humano que diga: "Isso é iníquo, matar é iníquo"? Não como chefes de governo, porém como entes humanos, por que não o dizeis? Precisais de ser desafiados? Nas várias organizações criadas em prol da não-violência, por que não se ergueram tais indivíduos? Há algo de radicalmente errado neste país, onde não se tem a convicção do que se crê. O nacionalismo, pois, é desordem e gera desordem. A guerra produz desordem. Obviamente, a religião também gera desordem. Por conseguinte, um homem civilizado, aquele que é realmente humano, não pode aceitar os governos soberanos. Entendeis? Dizeis: "Sou hindu" — que importa que sejais hindu ou chinês, ou como quer que vos chameis? O importante é o que sois, e não quais são os vossos rótulos.

Assim, a menos que, como seres humanos, estejais livres de todas essas etiquetas — socialista, comunista, capitalista, americano, inglês, indiano, muçulmano — enquanto de alguma maneira, secreta ou abertamente, vos intitulardes de alguma coisa, estareis fomentando a desordem no mundo. E estais igualmente fomentando a desordem, interna e externa, quando pertenceis a algum grupo religioso ou seguis algum *guru*. Porque a Verdade não pode ser encontrada quando seguimos alguém, quando é posta à nossa disposição, num padrão fácil de seguir: fazer *isto*, observar *isto*, meditar *assim*, disciplinar-se *desta maneira*. Por esse caminho, jamais a tereis. Para encontrardes a Verdade, deveis ser livre. Deveis *estar só*, "nadar contra a corrente", batalhar. Há dias me disseram que essa guerra que a

Índia teve se justifica, com base no Bhagavad Gita! Gracioso, não?

Que ides fazer, pois — não como indianos — em relação a este problema? Que ides fazer, como ente humano, colocado frente a frente com este problema? Neste país há pobreza, pobreza inenarrável; disso sabeis tão bem como eu. E esta pobreza vai aumentar por causa da guerra. Há falta de chuvas, incompetências, corrupção, e divisões nacionais. Aceitamos alimentos de um país, e não os aceitamos de outro — tudo política! Assim, como ente humano, que ides fazer? Ou aceitais a desordem e continuais a viver na desordem e, por conseguinte, com incompetência, guerras, pobreza, fome, ou, como ser humano, repudiareis a guerra — totalmente, e não apenas em parte. Não se pode rejeitar uma coisa parcialmente; não se rejeita um veneno só em parte, porém completamente. Isso significa que tendes de estar só. Mas então sereis desprezado pela sociedade. Sereis fuzilado. Neste país, talvez não, porquanto, por infelicidade, ainda não se tornou supereficiente. Na Europa, durante a última guerra, muitos foram executados. Sabemos de certa senhora cujo filho, rapazola de dezoito anos, se recusou a ir para a matança, e foi fuzilado! Esse rapaz não falava sobre não-violência, *ahimsa*, Gita, "não matar" — nada disso. Não queria matar, e foi morto.

Dada esta total desordem exterior e interior, se meramente nos tornamos pacifistas, isso não é nenhuma solução. A solução é bem mais profunda. Mas, para encontrarmos essa solução temos de rejeitar muitas coisas óbvias. Não podeis conservar essas coisas óbvias que vos estão envenenando e procurar, ao mesmo tempo, investigar mais profundamente. Não podeis dizer: "Conservarei meu *guru* favorito, para segui-lo, aceitar o que diz, meditar e achar uma solução muito mais profunda". — São duas coisas incompatíveis. Ou se rejeita tudo ou não se rejeita nada. Rejeitar, como seres humanos, e não como um corpo coletivo. Porque, se vos unis num corpo coletivo e rejeitais, estais então apenas a ajustar-vos, e podeis contar com o apoio de cem ou um milhão de pessoas; ora, isso é apenas uma maneira diferente de *seguir*. Mas, *estar completamente só* é dificílimo, porque a maioria das pessoas teme perder o seu meio de sustento. Bem sabeis disso.

Vendo-se, pois, esta enorme desordem, existente em nós mesmos e no mundo, como promover alguma ordem? Como disse, a ordem virá quando compreendermos a desordem, quando deixarmos de ser nacionalistas, quando estivermos realmente em busca da Verdade, da Liberdade — não através de uma certa organização, de uma certa crença, de um certo *guru*.

Ora, que é que nos fará mudar? Compreendeis? Esta é que é a verdadeira questão. Que é que vos fará mudar — a vós, que sois nacionalista ou sumamente devotado a vosso *guru*? Para mim, a palavra "*guru*" significa veneno. E há também algo de feio no seguir um outro ente humano. Como ireis abandonar tudo isso? Como ireis abandonar vosso hinduísmo, vossos gurus, vosso nacionalismo? Como ireis estar só, sem seguir o que dizem os outros? Que é que pode levar-nos, como entes humanos, a fazer isso? Eis o verdadeiro problema. Compreendeis, senhores? Que vos fará despojar-vos de tudo isso e dizer: "Estou livre!"? Provavelmente a maioria de vós nunca pensou em nada disso. Nunca dissestes para vós mesmo, em vosso íntimo; "Por que nunca me ergui com lágrimas nos olhos, para dizer: Não matarei"? — Por que não o fizestes? Não inventeis razões. Por que não o fizestes?

E, que vos fará mudar? Tal é o ponto importante. Dizeis: "Não desejo mudança, quero as coisas como estão; para mim, está bem assim; há desordem, pobreza e fome, e haverá guerras; isso é inevitável. Sempre houve guerras, nestes cinco mil e tantos anos, e continuaremos a ter guerras. Que importa? O mundo, afinal de contas, é *maya*(1) e, portanto, que importância tem isso?". Aceitais estas condições de vida, como o faz a maioria das pessoas. Porque nós, entes humanos, somos dotados de uma extraordinária capacidade de adaptação; acostumamo-nos a viver num exíguo aposento, pelo amor de Deus, curvados, tomando uma só refeição ao dia, e com a mente torturada; ou habituamo-nos com as terríveis e bestiais condições da guerra, não nós, aqui ou em Banaras, porém americanos e vietnamitas, nas frentes de batalha do Vietnam. Os entes humanos são capazes de ajustar-se a qualquer coisa, à sordidez das ruas, aos esgotos

---

(1) *Maya*: Ilusão, aparência (oposta à realidade absoluta) (Cf. Dic. Ciências Filos. e Culturais). (N. do T.)

descobertos, às municipalidades corruptas; são capazes de tudo suportar. Afinal de contas, a adaptabilidade é a diferença entre os animais e os seres humanos; os animais não podem adaptar-se, mas o homem pode.

Dessarte, se aceitamos as coisas como estão, continuaremos a viver lamentavelmente, a torturar-nos, a fazer-nos infelizes, a matar e a ser mortos, a buscar o preenchimento e a encontrar a frustração, a desejar ser líderes, sempre agitados e desditosos. É assim que está vivendo a maioria de nós. Se aceitais estas condições, então não há mais nada para dizer. Entendeis? Direis: "Esta é minha vida, é a vida que viveu o meu pai, o meu avô, a vida que viverão os meus filhos. E gerações virão, para viver do mesmo modo". — Se aceitais isso, está bem. Se, entretanto, como homem afetuoso e altamente sensível a essa monstruosidade, não o aceitais, que ireis fazer? Como pode transformar-se o ente humano? Como produzir em si próprio a mutação? Essa mutação talvez não atinja a sociedade — ou talvez a atinja, mas isso é secundário. A sociedade quer esse estado de desordem — exceto as guerras; quer continuar com sua avidez, sua inveja, sua competição, sua busca de poder e de posição. A sociedade é isso. E, ao perceberdes esse estado de coisas, como ireis transformar-vos?

Posso agora mostrar-vos o que é que causará essa enorme mutação da mente humana? Posso fazê-lo? Um momento, senhores! Vou prosseguir, mas não vou fazer asserções verbais, a propósito das quais possais dizer "Concordo", "Discordo". Porque sabeis que há desordem, e estais agitado. Não dizeis: "Mostrai-me o caminho que devo seguir". Não estamos falando sobre coisas de que gostais e de que não gostais, que vos convêm e que não vos convêm, nem tampouco do ponto de vista do comunista, do socialista, do hinduísta, do budista, etc. Estamos falando não-verbalmente, objetivamente, sobre a necessidade de uma radical mutação do homem. Porque os cérebros eletrônicos, a automação e outras invenções tecnológicas irão produzir uma certa modificação no mundo. O homem vai ter mais ócios; isso ainda não se verifica neste país, mas irá verificar-se na Europa, e já se observa o seu começo na América. Assim, para podermos fazer face a todas estas coisas — automação, computadores, guerras, nacionalismo, divergências religiosas — para

podermos enfrentá-las e abrir caminho através delas, deverá operar-se dentro de cada um de nós — não como corpo coletivo, pertencente a alguma organização, porém como entes humanos — uma extraordinária mutação. Como ireis mudar? Que coisa, que elemento, que energia se tornará necessária para desfazer este caos tremendo e destrutivo em que estamos vivendo?

Que é que fará o indivíduo mudar, por pouco que seja? Digamos, por exemplo, que tenhais o hábito de fumar. Que vos fará abandoná-lo? Dizem os médicos que o fumo ataca os pulmões; essa é uma das maneiras de fazer-vos abandonar o hábito de fumar, ou seja fazendo-vos medo. Punição e recompensa são as únicas coisas capazes de forçar-vos a mudar. Punição e recompensa; céu e inferno; a próxima vida e, portanto, a necessidade de ser virtuoso na presente; "a cenoura e o chicote",[1], quer dizer, punição e recompensa. É só o que conhecemos. Se uma coisa me promete mais vantagens, mais satisfações, mais energia, mais divertimento, mais sensações, mais aventuras, eu a farei. Ora, qualquer mudança movida pela idéia de punição e recompensa, é uma verdadeira mudança? Por favor, senhores, vós tendes de responder a esta pergunta, e não eu. Portanto, não vos deixeis adormecer! É radical essa mudança, ou apenas superficial? Mudanças superficiais, há séculos que as fazemos e nenhuma mutação se operou nos entes humanos, nenhuma revolução na mente humana. Esta pergunta é de caráter fundamental.

Se não há punição nem recompensa, que vos fará mudar? — Pois, com efeito, não há punição nem recompensa. Quem irá punir-vos, quem irá recompensar-vos? Isso entra pelos olhos. Deus não irá recompensar-vos o comportamento virtuoso. Vosso comportamento, bom ou mau, nenhuma importância tem para Deus. A Igreja já se tornou sem nenhuma significação. O homem poderá ir "confessar-se" etc., na parte católica da Europa, Mas tudo isso está a desaparecer, está sendo "lançado ao mar", salvo nos países mais atrasados. Talvez na Índia tenhais de mostrar-vos um pouco mais cauteloso, já que aqui é necessário medir as palavras. Mas o fato é que não há ninguém para punir-

---

(1) Maneira de estimular certos animais a trabalhar; acenando com a cenoura (recompensa) ou ameaçando com o chicote (punição). (N. do T.)

-vos ou recompensar-vos. Pois, com efeito, a sociedade manda: "Vamos, sê ávido, sê invejoso, sê competidor, luta, disputa; mata o muçulmano, senão ele te mata". A sociedade gosta disso — e os políticos também! Portanto, ninguém irá dar-vos nenhuma recompensa ou punição — ninguém! Nem vosso *guru* — e, no fundo, não credes nos *gurus* — nem vossos deuses e deusas, vos recompensarão ou punirão. Provavelmente, só vossa esposa ou marido pode punir-vos. Quando tendes família, vossa esposa poderá dizer-vos "Não me deitarei com você esta noite" ou "Não farei *isto* ou *aquilo*"; só isso, e nada mais!

Assim, visto que não há recompensa nem punição (de fato não há, como podereis verificar) como ireis promover aquela mutação? Compreendeis este problema, que se está tornando cada vez mais complexo para cada um de nós? Existe para vós este problema? Deve existir, se sois um indivíduo refletido, sério, se estais observando os acontecimentos mundiais. Considerando-se o que está sucedendo neste país; sabendo-se que as religiões já nada significam (e talvez nunca tenham significado nada); percebendo-se a futilidade dos livros sagrados, o absurdo de seguir qualquer *guru*, por mais que isso seja vantajoso e agradável; percebendo-se que ninguém pode dar-vos liberdade, ninguém pode dar-vos uma mente sã, vigorosa e profundamente silenciosa; vendo-se que nenhuma sociedade, que ninguém irá punir-vos ou recompensar-vos — percebendo-se tudo isso e compreendendo-se a necessidade de se transformarem os entes humanos, radical, fundamental, intimamente, de que maneira irá operar-se essa transformação?

Vamos parar aqui? Continuaremos no dia 25, pela manhã. Agora, se o desejardes (não vos estou pedindo ou persuadindo a fazê-lo), podeis dirigir-me perguntas ou podemos debater sobre os assuntos de que estivemos tratando.

INTERROGANTE: *Vejo tudo o que dissestes nesta manhã; porém não ocorre mudança nenhuma.*

KRISHNAMURTI: Consideremos isso com vagar e clareza, sem nenhuma espécie de sentimentalismo.

INTERROGANTE: *Não sou sentimentalista. Vejo claramente...*

KRISHNAMURTI: Quero tornar clara para mim a vossa pergunta. Há duas maneiras de olhar as coisas. Ou a pessoa "vê" intelectualmente, verbalmente, o que se esteve dizendo — e "verbalmente" significa "superficialmente" — e nesse caso não lhe ocorrerá a pergunta "Como poderei mudar?", porém se limitará a dizer: "Sempre foi assim, e assim continuará a ser"; ou, a pessoa diz: "Estou-o vendo, cheirando, provando; isso está em efervescência, a chamejar dentro em mim e, entretanto, nenhuma ação resulta daí". — Outra pessoa, porém, *vê*, e esse próprio *ver* é ação.

INTERROGANTE: *Senhor, isso ainda não aconteceu, no mínimo que fosse e, entretanto, há quarenta anos que falais a esse respeito.*

KRISHNAMURTI: Sabemos tão bem como vós que há quarenta anos vimos falando sobre tudo isso, e muitos dos que aqui se acham presentes me vêm ouvindo durante este longo tempo. E ides seguindo o vosso caminho, e nós o nosso. Não desanimamos, nem vós nem eu! Basicamente, não desanimais porque quereis aquele caminho, e por ele continuais.

E diz aquele senhor: "Falais há quarenta anos; quanto desperdício de tempo!" — Não penso assim, absolutamente.

INTERROGANTE: *Vós vos isolastes completamente do mundo, e por isso sois feliz.*

KRISHNAMURTI: Por que não fazeis o mesmo?

INTERROGANTE: *Somos entes humanos comuns.*

KRISHNAMURTI: Não podemos continuar a ser "entes humanos comuns". Noutros tempos, estava certo. Mas hoje ninguém mais está em condições de ser um ente humano comum, medíocre, embotado, estúpido. O desafio é imenso. Cumpre fazer alguma coisa. Portanto, vejamos isso com vagar. Se o vedes intelectualmente, então não há nenhum problema para vós. Se tudo isso estais vendo, confortavelmente recostado em vossa poltrona, pois com certeza tendes haveres ou uma boa colocação ou...

INTERROGANTE: *Ponhamos os pontos nos ii, senhor.*

KRISHNAMURTI: Muito folgo de sermos conhecidos e podermos discutir a esse respeito. Ora, se pertenceis a alguma

organização socialista, comunista, etc., desejais decerto que o mundo seja modificado de acordo com esse padrão, porque desempenhais um papel importante em tal organização, sois um de seus líderes, etc., e isso vos confere uma certa importância; todos gostamos dessas coisas. E há outra classe de entes humanos: os intelectuais, que falam, que pregam, que escrevem livros, que nunca faltam a um comício e só querem falar, falar. E há, ainda, outros que percebem a desordem, a confusão, as aflições e agonias que vão pelo mundo, e não sabem o que cumpre fazer. São incapazes de libertar-se de seu nacionalismo, de sua religião, de seus *gurus*, etc. etc.

E há, ainda, uns poucos, pouquíssimos, que dizem: "Estou vendo este caos, que é bem real" — e esse próprio *ver* é ação; eles não vêem, para mais tarde agir. É como ver uma coisa venenosa e simultaneamente largá-la. Há muito poucas pessoas assim, porque isso requer uma extraordinária energia, investigação, aplicação, atenção, requer nos despojemos de todas as nossas vaidades, de toda a nossa estupidez, de tudo.

O intelectual, por certo, desejará ter uma poltrona nova, a seu gosto; jogará fora a poltrona atual, mas inventará outra. Se se dissolve sua atual organização, ele se tornará um supercomunista ou outra coisa. Resta, pois, apenas, o "homem comum", que diz: "Estou-o vendo, mas não sei o que fazer; dizei-me o que é preciso fazer, o primeiro passo que se precisa dar; mostrai-me o caminho, passo por passo, e eu o seguirei". E aí é que está a dificuldade. Ele está à procura de alguém que lhe diga o que deve fazer. Deixais de seguir os velhos barbudos e as respeitáveis senhoras que têm sido vossos *gurus* e vindes a mim, dizendo: "Vós sois o meu *guru*; que devo fazer?" Mas, eu me recuso a fazer esse papel.

INTERROGANTE: *Mas a questão continua de pé: Por que razão, apesar de virdes falando há quarenta anos, nem um só ente humano se tornou diferente?*

KRISHNAMURTI: Pergunta esse senhor por que razão, apesar de há quarenta anos eu andar dizendo mais ou menos as mesmas coisas, com palavras e expressões diferentes, não se encontra um único ser humano que se tenha tornado diferente. Por que isso? Podeis responder, senhor? Ou o que dizemos é

falso, e não tem aplicação neste mundo; falso, sem nenhum valor e, por conseguinte, não lhe dais atenção; vossa própria razão, vossa própria inteligência, vosso próprio bom senso diz: "Que inanidades ele está dizendo!" — Ou ouvis o que se diz, porém nada significa para vós, porque há outra coisa muito mais importante.

INTERROGANTE: *Por que é tão impotente a Verdade?*

KRISHNAMURTI: Porque a Verdade é sem ação. A Verdade é frágil. Não é utilitária, não pode ser organizada. É como o vento: não podeis pegá-la, não podeis prendê-la na mão e dizer "Peguei-a!" Por conseguinte, ela é extremamente vulnerável, tão impotente como a folha de capim, à beira da estrada — podeis pisá-la, matá-la. Entretanto, queremos utilizá-la para a construção de uma melhor estrutura social. Mas sinto dizer-vos que não podeis utilizá-la, não, senhores; ela é como o amor, sem potência. Está ao alcance de vossa mão; podeis levá-la ou deixá-la ficar.

Assim, senhores, o problema não é que ando falando há quarenta anos. O problema é este: Como pode um ente humano que há quarenta anos ouve essas coisas com o coração e os olhos secos, que tudo isso vê e nada faz, cujo coração está fragmentado, cuja mente está cheia de palavras e teorias e "de si mesma" — como pode esse ente humano fazer renascer em seu coração o amor? Eis a verdadeira questão.

22 de novembro de 1965.

VARANASI — II

Das Relações Humanas

Nesta manhã vamos conversar sobre a questão da mudança: sobre o que move um ente humano a mudar.

Não nos referimos à mudança no nível periférico, quer dizer, no nível externo, no nível da fronteira, da orla de nossa mente, porém, antes, à mudança no centro mesmo da mente e do coração humano. Vamos, nesta manhã, considerar a mudança na vida de relação, porque as relações constituem o verdadeiro centro de toda a existência humana; estar em relação, estar em contato; não só as relações entre os homens e o Estado, mas também as relações dos seres humanos entre si.

Atualmente, vemo-nos defrontados — principalmente neste país, onde se fala, se prega, se expõem teorias a respeito da não-violência e da questão da guerra — vemo-nos defrontados com a questão das relações entre o Estado soberano — o chamado "Governo" — e o ente humano. Quais as relações do ente humano com o Estado, com a sociedade? Enquanto esta questão não for compreendida muito profunda e seriamente, nenhuma significação tem, para um espírito sério, ficar-se meramente a formular teorias sobre o Estado e a reforma do Estado ou da sociedade, e a especular a respeito do ente humano. Este imenso problema existe não só aqui na Índia, mas no mundo inteiro — a questão da violência, não só a violência individual do ente humano, mas também a violência organizada — que inevitavelmente conduz à guerra — do Estado, de um Governo soberano.

Qual a vossa relação, como ente humano, com o Estado, a sociedade? Não podeis mais esquivar-vos, esconder-vos atrás de teorias; não podeis fazê-lo, porque esse desafio vos atinge diretamente. Direis, porventura: "Isso não me atinge, porque já passei dos quarenta anos e não serei chamado para servir à Pátria; por conseguinte, prego, falo, vivo da maneira que sempre vivi". Mas trata-se de um problema tremendo, vital, urgente, que concerne a cada um de nós. Não nos é permitido evitá-lo, dizendo: "Nada tenho que ver com o Estado, sou um homem religioso e vou me retirar para as montanhas, para um mosteiro, etc. etc.", ou esconder-nos atrás de palavras, de teorias, de especulações, de frivolidades intelectuais, sem nenhuma significação. Se há algo de sério em vós, tendes de enfrentar o problema.

Qual a vossa relação com vosso vizinho, vossa esposa, vosso marido, outro ente humano? E, também, qual a vossa relação, como ente humano, com o Estado, com um governo soberano disposto a ir à guerra? Tendes de responder a esta pergunta, isto é, responder qual a vossa relação com vosso próximo, com vossa família, com a coletividade social, com um governo ou Estado soberano. E, por favor, não venhais com teorias e especulações; esta é uma das mais terríveis maneiras de fugir, dos chamados "intelectuais" deste país: estão sempre a manufaturar teorias e mais teorias, acerca da não-violência, da violência, do Estado e das relações do indivíduo com ele, etc. etc., e nunca agem. Nós temos de agir.

Vamos, pois, considerar a questão da mudança nas relações, não a maneira de alterar o governo ou o Estado soberano, ou a estrutura social de que faz parte cada um de nós, a estrutura social que cada ente humano contribuiu para formar. A sociedade sois vós mesmos, e vós sois a sociedade. Se o indivíduo nasce na Rússia comunista, crerá que não há separação entre si e o Estado, etc. Estamos, assim, considerando agora qual será a natureza da coisa que fará um homem transformar-se em suas relações.

Por que razão, neste país, em que tanto se fala, há séculos e séculos, a respeito de "não matar, ser bondoso"; em que se crê na chamada reencarnação, na unidade da vida — por que

razão não há neste país um único ente humano (dentre os que tanto falaram de violência e não-violência, e praticaram a não-violência, e andaram na prisão pela causa da independência, por isso e por mais aquilo) que se tenha erguido para dizer, de público: "Não matarei!"? Compreendeis, senhores? Esta é uma acusação muito séria. Não podeis dizer, indiferentemente: "Não tenho nada com isso".

Não houve um que dissesse: "Não matarei". Por quê? Por favor, senhores, fazei esta pergunta a vós mesmos, e não a outrem. É porque vos limitais a seguir a opinião pública? A opinião pública, há uns vinte anos, era a favor da não-violência e vos recomendava ser não-violento. Daqui a mais uma década ela se alterará e continuareis a segui-la do mesmo modo. Isso, por conseguinte, indica que não credes em nada ou não tendes nenhuma convicção firme a respeito de nada. Escutai, por favor! A vós pouco importa a violência ou a não-violência, contanto que estejais em segurança, ou que possais conservar a vossa popularidade. Se sois um líder, muito competente aqui, hipócrita ali, e discursais para este ou aquele grupo — estais sempre a repetir a opinião pública, simplesmente a boiar na corrente. E como ireis modificar vossa relação, não apenas com vós mesmo, mas também com o próximo? Trata-se de uma questão de relação.

Que vos fará mudar? Foi aí que ficamos outro dia. Que me fará ou vos fará mudar — não na periferia de nossas atividades, porém no justo centro? Todos os reformadores mostram-se interessados na mudança periférica, no mais superficial nível social. Mudamos um pouco, de vez em quando, acompanhando a moda. Vem um desses "santos" sem madureza, com uma meia dúzia de opiniões retrógradas, e se põe a advogar reformas externas, superficiais, e todos passam a repetir o que ele diz e a procurar modificar um pouco as coisas! Mas, de modo nenhum, estamos falando nesse nível. Estamos falando numa dimensão diferente, num diferente nível da consciência e do coração humanos, que são o centro de todas as relações. Se não houver transformação aí, não importa o que se faça, jamais se criará uma sociedade, um ente humano cheio de sabedoria, verdadeiramente civilizado e religioso.

Assim, que nos fará mudar? Se esta questão não vos interessa, não vos preocupeis, não façais dela mais um problema. Já tendes problemas que bastam, quer deles estejais cônscios, quer não. Mas, se sois uma pessoa verdadeiramente séria e refletida, neste mundo — que se tornou tão violento, tão brutal, tão cheio de competição, de nacionalismo, tão fragmentado em famílias, grupos, etc. — tendes de dar atenção a este problema, quer vos agrade, quer não. Se não tendes interesse, podeis dizer: "Nele não quero tocar, irei desenvolvendo minhas teorias e ficarei vivendo no casulo de minhas próprias idéias". Mas, se sentis verdadeiro interesse, cabe-vos descobrir o que fará cada um de nós mudar — mudar *no centro* — o que promoverá uma revolução no âmago de nosso ser. Não podemos cuidar de coisas triviais (se se deve viajar de terceira ou de primeira classe, ou de avião, ou tomar uma só refeição por dia, ou andar de tanga) quando estamos em presença de um problema imenso.

Ora, que nos faz mudar? E desejamos mudar no centro? O centro é a essência mesma do prazer. Para termos prazer, estamos dispostos a fazer qualquer coisa, a crer em qualquer coisa, a lutar por qualquer causa, a ajustar-nos a qualquer padrão, contanto que seja agradável, contanto que nos convenha, que nos dê uma certa posição, uma certa satisfação, um certo preenchimento. Não rejeiteis precipitadamente esta questão do prazer, pois, afinal de contas, é nele que se baseiam todas as atividades — no prazer. Gosto de uma certa teoria, de uma certa fórmula, e atuo de acordo com ela. Porque gosto dela, ela me interessa, acho-a atraente, creio nela. Ou, ainda, rejeito-a e adoto outra; e opera de novo o mesmo princípio. Ou, rejeito o prazer, dizendo: "Devo privar-me completamente de prazeres, na minha vida", e começo a forçar-me, a torturar-me, para não ter reações de prazer, sendo isso o que se chama "conduta religiosa". Podeis dar ao prazer o nome que quiserdes, designá-lo com uma sonora palavra sânscrita ou latina, ou cobrir essa idéia com uma camada de tinta, tentar destruí-la, libertar-vos dela, sem terdes compreendido a estrutura do prazer.

Assim, pois, que poderá mudar-nos, a vós e a mim — como entes humanos, viventes neste mundo terrível, que nada tem de ilusório, porém é terrivelmente real, indizivelmente brutal, totalmente insensível, — que poderá mudar-nos radical-

mente, na base da estrutura do prazer e do desejo de evitar tudo quanto é doloroso? Credes em Deus porque isso vos dá prazer, um sentimento de segurança, de certa estabilidade. Ou, se não credes em Deus, isso também vos proporciona uma outra espécie de prazer. Toda a estrutura, por conseguinte, se baseia no prazer.

Ora, como podeis, como ente humano, promover uma mudança que não seja uma nova forma de prazer? Temos, pois, de examinar a natureza do prazer, sem tentar destroçá-lo, ou transformá-lo, ou procurar para ele um substituto; temos de compreendê-lo. Não achais? Compreender... que significa "compreender uma coisa"? Empregamos com muita facilidade a palavra "compreender", quando dizemos "compreendo isso". Um estudante dirá: "Compreendo este problema de matemática, compreendo a natureza dos entes humanos, a estrutura da sociedade, ou do governo etc.". Mas, nós estamos dando à palavra "compreender" um diferente sentido. Estamos a empregá-la não intelectualmente, não emocionalmente. A compreensão intelectual de determinada coisa, por certo, não é a verdadeira compreensão. Quando temos um problema sobremodo sério, como este, dele não podemos abeirar-nos intelectualmente, porquanto o intelecto é apenas um fragmento do ser humano total. É um segmento, uma seção da estrutura humana. A compreensão intelectual é uma compreensão destrutiva, porque significa que estamos tratando de um problema imenso e complicado com um fragmento de nosso ser — o intelecto. Ou, quando vos agitais emocionalmente, quando sois sentimentalmente atingido por alguma coisa, isso também é parcial; por conseguinte, não há, aí, nenhuma compreensão.

Por conseguinte, só há compreensão quando o intelecto, as emoções, os nervos, os ouvidos, os olhos, tudo está a reagir totalmente ao problema. Quando o vosso ser inteiro — como quer que seja esse "ser inteiro": pequenino, mesquinho, estúpido, estreito, superficial — reage ao problema totalmente, há então possibilidade de compreendê-lo. Essa própria compreensão é ação; não há primeiro compreensão e depois a ação. Espero que isso esteja claro. Quer dizer, estamos considerando o problema totalmente e não fragmentariamente; e o problema é este: Como pode a mente humana, como pode o ser humano,

que é tão complexo, compreender um problema complexo? Deve-se também perceber que a ação não difere da compreensão, que não se trata de duas coisas separadas. Ao compreender que um certo objeto é uma serpente venenosa, dele me afasto. Não há primeiro compreendê-lo e depois afastar-me dele; a coisa, em si, é perigosa, e a compreensão do perigo me faz agir. Portanto, a ação é total, e não parcial, fragmentária.

Vós, como ser humano, sois uma entidade extremamente complexa. Há não só a mente consciente, educada, experiente, o cérebro dotado de consciência superficial e que se aplica às atividades diárias — trabalho no escritório, vida familiar, etc. — mas também, profundamente, existe o inconsciente — que é racial, comunal, tradicional, que é o passado, e toda a história da civilização em que vive, se educa e atua um ente humano. Impende, pois, compreender a estrutura total, e não parte dela; não se deve dizer: "Primeiro compreenderei o inconsciente, ou o consciente, a pouco e pouco, e depois juntarei todas as partes e as verei como um todo". Espero que estejamos aqui em comunhão.

E vem assim a exame a questão da comunhão ou comunicação. Estar em relação é estar em comunhão. Não sei se percebeis isso. Se estou escondido atrás da máscara de minhas ambições, de minha avidez, inveja, vulgaridade, mesquinhez, etc., não há comunhão entre nós. Talvez sejais também vulgar, ávido, invejoso, atrás de vossas próprias máscaras. Cada um de nós vive atrás de uma máscara. Destarte, ainda que sejais casado e tenhais esposa, filhos, etc., cada um de vós vive numa prisão particular, atrás de sua máscara de astúcia, de falácia, etc., e espera estabelecer relações com outros. Isso é impossível. Só pode haver comunicação, ou comunhão, no estado de relação. Compreendeis, senhores? Se digo que sou hinduísta, isso é uma máscara, uma mera tradição, que nada significa no mundo moderno — e, aliás, nunca significou nada — e estais vivendo atrás dessa máscara. E eu, como muçulmano, vivo atrás de minha própria máscara, minha tradição, meu fanatismo, minha educação. Há comunhão entre vós, como hinduísta, e eu, como muçulmano? Absolutamente. Mas, estar em relação é estar em comunhão. Ora, entre nós, isto é, entre vós e este orador, é necessário estabelecer-se esse estado de relação; do contrário,

não haverá mútua compreensão. Se, enquanto aqui estais, escutais indiferentemente, distraidamente, o que se está dizendo, ou dais atenção ao orador porque tendes uma certa idéia acerca de sua reputação, um certo falso respeito, como pode haver comunhão, um estado de relação, entre vós e ele? Temos de encontrar-nos, vós e eu, no mesmo nível, ao mesmo tempo e com a mesma intensidade; de outro modo, não pode haver comunhão. Não sei se estou tornando clara a questão. Posso dissimular, ser um apaixonado nacionalista; íntima e profundamente, posso ser hinduísta e estar falando a respeito de "união", etc. Dessa maneira, não pode haver comunhão entre nós. Ou talvez não tenhais nenhum desses rótulos.

Assim, para se estabelecer comunicação, uma profunda comunhão entre nós, tem de haver um estado de relação. E esse estado de relação só pode estabelecer-se quando enfrentamos o fato de modo não verbal, não teórico, não abstrato. Só quando ambas as partes, quando vós e eu vamos ao encontro do fato, pode haver comunicação ou comunhão entre nós; temos de ver a mesma coisa objetivamente, e não emocionalmente, não em conformidade com nossas opiniões, crenças, dogmas, esperanças, temores, não como hinduístas, muçulmanos, budistas, comunistas, etc. Temos de ver simultaneamente o fato real; não tendes de ir para casa a fim de vê-lo; tendes de vê-lo aqui, ao ser enunciado, no mesmo instante, com a mesma intensidade. Só então há possibilidade de comunicação ou comunhão; e só então é possível haver um estado de relação. E só quando há esse estado de relação entre vós e o orador, a respeito do fato, só então há possibilidade de juntar a ação ao fato, ou de um fato produzir ação. Segui o que estou dizendo; isso requer atenção.

Estamos falando sobre a mutação na vida de relação, a qual é absolutamente necessária, não no nível superficial, porém nas raízes mesmas de nosso ser. E nós vamos descobrir o fato — descobri-lo, e não ser informados a seu respeito. Ao descobrirmos o fato, não o olhamos teoricamente com opiniões; e esse mesmo olhar produz ação. Por conseguinte, essa própria observação é o fator da mutação. Não sei se me estais compreendendo bem. Estou-me fazendo claro? Não digais que estais de acordo, senhores. Não pareceis satisfeitos. Ou está claro ou não está. Se não está, trataremos de esclarecê-lo, de debatê-lo,

examiná-lo, porque é necessário perceberdes a enorme importância disso. É a própria observação do fato que produz a mutação, e não a vossa vontade, não o vosso desejo, não a vossa memória, que diz: "Tenho de mudar, tenho de ser feliz" — pois tudo isso são conclusões baseadas no prazer e, por conseguinte, não constitui um fator capaz de produzir em si mesmo a energia necessária para a mutação. É a própria observação do fato, o estar totalmente em comunhão com o fato — é essa comunhão ou relação com o fato que produz a mutação. Os entes humanos são violentos, porque ainda são animais. Vou examinar agora este assunto, e peço-vos acompanhar-me.

Sou violento; desde criança fui educado para ser violento, para competir, para impor-me aos outros, para preencher-me, para ajustar-me à sociedade. Assim, desde a infância, e em diferentes culturas e civilizações, a violência continua existente. Detesto toda gente. Sou astuto, quero posição, quero ser famoso, quero ser considerado um homem muito competente, muito capaz; conheceis a imagem que gostamos de formar a respeito de nós mesmos: "Sou isto ou sou aquilo". Vejo que sou violento. Enquanto isso me der prazer, enquanto me der satisfação, continuarei a ser violento. Só quando a violência se torna dolorosa, começo a dizer: "Preciso mudar"; não é por causa de alguma teoria que desejo mudar; nem por causa de algum Deus, ou por causa da sociedade, ou porque desejo prestar bons serviços à sociedade, ou seguir este ou aquele santo. Gosto de ser violento, quando compensa, e não gosto de ser violento, quando não compensa. Tal é o fato.

Vejo que a violência, em si, é destrutiva; que destrói a mente humana, porque, se estou a competir, a querer preencher-me, a lutar, a batalhar contra vós e contra tudo, o cérebro se gasta. Não há afeição, não há ternura, não há graça, não há beleza. Percebo isso, mas não sei como alterar essa coisa que se chama "violência". Percebendo-o, pergunto a mim mesmo: "Como poderei promover uma radical transformação na base mesma da violência, ou seja no Eu, no Ego — constituído de memórias acumuladas, esperanças, temores, ansiedades, conceitos (que sou a alma, que sou o *Atman*, que sou Deus) essencialmente baseados no prazer e, portanto, na violência?" Não sei

se me estais acompanhando. Precisamos entrar em relação com o fato, como já dissemos. A mente ou o cérebro deve entrar diretamente em contato com o fato a que chama "violência". Não achais?

Só posso entrar em contato convosco, quando seguro a vossa mão. Tenho de entrar diretamente em contato, pois, de outro modo, não há contato, contato físico. Tenho de entrar em relação com a coisa que chamo "violência". Nenhuma possibilidade tenho de entrar em contato com o sentimento chamado "violência", enquanto tiver explicações a respeito da violência, ou enquanto tiver explicações intelectuais de por que sou violento: "Sou um animal; a sociedade é violenta; faço parte dessa sociedade e, portanto, por causa da sociedade, sou também violento; as circunstâncias me forçam a sê-lo". Tais explicações me impedem o contato com o fato. Percebo isso e percebo também a importância e urgência de entrar em relação com o fato; por conseguinte, não tenho mais teorias. Compreendeis? Já não tenho teorias de espécie alguma, fornecidas pelo comunista, pelo socialista, por este ou aquele santo; e isso é dificílimo para o homem que vive de palavras. Portanto, não quero nenhuma teoria a respeito da violência; desejo entrar em contato com ela. Não posso ter uma teoria sobre o amor, se vos amo. O amor não é uma teoria. Só há alguma teoria quando o coração está vazio e precisamos preenchê-lo com palavras e teorias. E os teóricos, e os "santos" — tão abundantes neste país — não têm amor.

Assim, só posso entrar em contato com um fato quando, a seu respeito, não tenho teorias, nem crenças, nem opiniões. Também, não posso ter relação com o fato, se estou a fugir dele. Estou fugindo ao fato, quando digo: "Qual é a solução deste problema?", porque então estou mais interessado na resposta, na solução ou substituição do problema, do que em entrar em contato com o próprio problema. Espero me estejais acompanhando.

Assim, entro em relação com o fato, sem estar munido de alguma opinião ou teoria. Opiniões e teorias nos impedirão de pôr-nos em relação com o fato. E a fuga, em qualquer forma que seja, também me impede de entrar em contato com o fato;

e uma forma muito sutil de fuga ao fato é a palavra relativa ao fato. Compreendeis, senhores?

Vede, a palavra é muito importante. Para nós, a palavra "hinduísta" é bem importante, porque, escudados neste palavra ou por causa desta palavra, estamos dispostos a lutar e a matar. Não investigamos o seu significado. Aceitamos, simplesmente, o rótulo e estamos dispostos a matar todo aquele que se oponha a ele — ou a ser mortos por causa dele. Portanto, a palavra — comunista, socialista, minha maneira de vida, a classe a que pertenço — é sumamente importante para as pessoas em geral. Vivemos de palavras, e, por isso, temos o coração vazio, seco, cruel. Assim, a palavra "violência" vos impede de entrar em contato com o sentimento que chamais "violência".

Digamos a coisa de outra maneira: Desejo compreender, conhecer, sentir, penetrar isso a que chamo "amor", e fazer o amor florescer em mim. Não sei o que é o amor; tenho opiniões a seu respeito: amor divino, amor físico, amor virtuoso, amor sensual; amais a Deus? Amais ao próximo? Amais a todo o mundo? — Tenho conceitos, fórmulas: amor puro, amor ignóbil, amor casto. Tenho carradas, volumes de opiniões a respeito do amor. Para entrar em contato com o fato, isto é, com o próprio amor, tenho de evitar, de jogar fora, de queimar todos os livros que se escreveram sobre o amor. Do mesmo modo, para compreender, para entrar em comunhão direta com a violência, a coisa mais importante é não buscar explicações, nem fugas; e fuga é também querer descobrir causas ou achar soluções. Também, é necessário estejamos intensamente cônscios do perigo da própria palavra. Só então pode todo o meu ser entrar em contato com essa coisa que chamo "violência". O Eu (e não o meu ser inteiro) está a observar a violência, a buscar explicações e fugas. — Olho, pois, o fato a que chamo "violência". Essa violência difere do observador? Não. O observador *é* a coisa observada; o observador é violência, não está separado da coisa a que chama "violência". Há, assim, contato com o fato que chamamos "violência".

Nada disso é para ser compreendido gradualmente. Entendeis? Tudo tem de ser compreendido imediatamente. Eis o ponto importante.

Na última reunião estivemos falando sobre a questão da ordem e da desordem. O tempo é desordem; não o tempo cronológico, o tempo medido pelo relógio. Se não damos atenção ao tempo cronométrico, criamos mais desordem. Se não chego aqui exatamente às nove e meia, há desordem. Assim, cronologicamente, o tempo e a ordem coexistem — a saída do ônibus, do trem, do avião, o encontro marcado, o início do trabalho na fábrica, a hora de minha entrada lá. Sob qualquer outro aspecto, salvo este, o tempo gera desordem. Não concordeis; vede o que está implicado aí. Porque, para nós, o tempo é um processo gradual, uma continuação de ontem através de hoje, para amanhã — uma duração. Falta-nos tempo para considerarmos muito extensamente este ponto.

Quando digo "Compreenderei com vagar a violência", trata-se de um processo gradual. Quando dizeis que, com o tempo, entrareis em contato, em relação com o fato; quando dizeis "Precisarei de tempo para compreender a violência", estais adiando a vossa relação com o fato. E, adiando a vossa relação com o fato, criais mais desordem. Não é assim? Vede, agora, como isso é simples; só se tornará complicado e sutil se o deixardes para mais tarde. Isto é, sou ávido; e se digo que sou ávido, é porque este estado se me tornou doloroso. Enquanto a avidez me dá prazer, vou vivendo com ela, dando-lhe diferentes nomes, ocultando-a, simulando virtude, etc. etc. A avidez — não importa se visa a Deus, ou a coisas, ou à felicidade — é sempre avidez. Quando digo, de mim para mim: "Libertar-me-ei dela brevemente", estou adiando minha relação com o fato. E nesse intervalo, a que chamo "gradualidade", no qual há uma demora, estão em ação outras influências, estou a fingir-me de não-ávido, de conformado; muitos e muitos fatores atuam nesse adiamento. Tudo isso podeis ver por vós mesmo.

Assim, aquele adiamento, aquela gradualidade, aquele intervalo de tempo, é fator de desordem. O tempo, pois, como adiamento, é evitação do fato. Ao dizer que amanhã farei uma certa coisa, serei bom, não me irritarei — isso significa adiamento, fuga ao fato. E quando evitais uma coisa, estais criando mais confusão, mais aflições, mais perturbações, mais conflitos e, por conseguinte, mais desordem. Se de fato se compreende

essa coisa, não verbalmente, porém deveras quando se percebe que o tempo gera desordem, a ação é então imediata.

Assim, a relação com o fato só é possível quando não há opiniões, explicações, teorias; quando não há fugas — como seja a procura de uma solução, de uma causa; quando a palavra deixa de interferir entre o observador e a coisa observada, e quando se vê que o observador é a coisa observada. Ao compreenderdes inteiramente este problema do tempo, que acabamos de explicar rapidamente, estareis então em contato direto, em relação direta com o fato. E é essa relação com o fato que gera a energia que operará a transformação completa.

O real é o fato, e toda abstração constitui uma barreira. Qualquer explicação, teoria, opinião, o esforço para evitar o fato; o elemento tempo; o observador que diz que está observando a coisa — tudo isso são abstrações, e se deve eliminar. Enquanto houver a barreira da abstração, não estareis em relação com o fato. Por conseguinte, só quando vos achardes, todo inteiro, em contato com o fato, este fará a revolução; nem a vontade, nem a decisão, nem o dizer-se "Farei sobre isto alguma coisa" — nada disso (como podeis verificar) fará a revolução. Só podeis ver o fato quando estais frente a frente com ele. Se dizeis: "Não quero enfrentar o fato" — e tendes todo o direito de dizê-lo — não sois um indivíduo sério. Mas, se sois verdadeiramente sério e entrais em contato com o fato, podeis ver que este atua sempre.

Não sei se já alguma vez refletistes sobre a razão destas reuniões, sobre por que estais aí sentados e o orador aqui, também sentado, a falar. Por que razão quereis ouvir? Este é um fenômeno próprio da vida, quer se trate do discurso de um político, de um *guru*, de quem quer que seja. Por que desejais ouvir discursos?

Por que os ouvis, e como os ouvis? Não sei se já tivestes ocasião de considerar este ponto: por que desejamos ouvir o que outro diz? É compreensível que eu vá ouvir a preleção de um professor sobre o computador, a ciência, a matemática, etc.; trata-se da ciência tecnológica. Mas, por que vindes ouvir-me? Estais a escutar verdadeiramente, ou estais a observar-vos por meu intermédio? Entendeis? Afinal de contas, quem está a

escutar — se essa pessoa é verdadeiramente séria — está na realidade escutando a si próprio. O orador expõe, explica; mas isso é secundário. O realmente importante é que estejais a observar-vos, a observar a maneira como funciona a vossa mente, observando vossas reações. Quando o orador fala sobre o nacionalismo, o hinduísmo, quais são as vossas reações? Começais a descobrir a vós mesmo vossas reações, vossa astúcia, vossa falácia, etc. — quando estais sentados e verdadeiramente em silêncio, a escutar uma palestra desta natureza. De outra maneira, ela não tem valor nenhum. Posso estender-me indefinidamente em considerações a respeito da violência, mostrar-vos toda a estrutura da violência, etc.; mas, se o que estou dizendo não vos revela o que é a vossa mente, o que é o vosso coração, uma palestra como esta que aqui estamos fazendo nenhum valor tem. Trata-se de vossa vida. Tendes de viver a vossa vida. Cabe-vos verificar como estais reagindo a esta guerra. Estais simplesmente a flutuar na corrente, como faz a maioria das pessoas, inclusive os "santos" e todos os seus discípulos?

Se uma pessoa escuta, descobre por si própria quanto ela é superficial, e esse descobrimento não deprime, pelo contrário, é o descobrimento de um fato; e quando alguém descobre um fato e reage tornando-se deprimido ou dizendo "Eu não queria ser assim", está evitando o fato. Só quando descobris os fatos, observando-vos enquanto escutais este orador ou outra pessoa, pode ser-vos revelado um esplêndido tesouro, ser-vos aberta a porta a maravilhas com que nunca sonhastes. E nascerá, daí, uma afeição infinita, um infinito amor. Sem o amor, o que quer que se faça, nunca haverá ordem, nem paz. Com o amor, tudo vos será possível.

25 de novembro de 1965.

VARANASI — III

Morrer para o Passado

Nesta manhã vou palestrar convosco a respeito de vários assuntos. Porém, antes de começarmos, importa compreendermos o que significa a verdadeira comunicação. Quando comparecemos a uma palestra ou reunião desta natureza, desejamos comunicar-nos mutuamente acerca de diversos problemas. Não pretendemos apenas dissecar opiniões, intelectualmente, ou fazer um confronto de nossos conhecimentos, ou interpretar coisas ditas por outros — Sankara, Buda, Cristo etc. — porém, desejamos descobrir por nós mesmos as origens de todos os nossos problemas. Porque estamos alagados, a afogar-nos em problemas, não só exteriormente — econômica, social, "ambientalmente" — mas também interiormente. No íntimo de cada um de nós, há tantas contradições, conscientes e inconscientes, tantos conflitos não resolvidos, tantos problemas firmemente enraizados em nós mesmos. E desejamos comunicar-nos acerca desses problemas. Não tencionamos escondê-los debaixo de outros problemas, outras soluções, outra maneira de encarar a vida, outra filosofia, outro sistema, etc. etc. Desejamos, sim, descobrir a complexa natureza de nosso ser; olhá-la com nosso coração, nossa mente, nossos ouvidos, nossos olhos, com todo o nosso ser; estar em direta comunhão com todos os problemas, e desse modo resolvê-los.

Por conseguinte, vós que estais a ouvir este orador, tendes, não só de ouvir as suas palavras, mas também de escutar, de observar o que realmente existe, o que, na realidade, se está

passando no interior de vossa mente. Porque esta é a coisa única que possuímos — a mente, por mais insignificante, por mais limitada e vulgar, ou por mais tirânica ou brutal que seja. É só ela que possuímos e temos de compreendê-la, e não tentar negá-la, dizer que é pura ilusão, tentar transcendê-la. Temos de compreender esta coisa que é a nossa vida, que são as nossas relações.

Por conseguinte, importa o escutar, escutar não só o orador, mas todos os movimentos da vida, porque a vida é um movimento de relações. Temos de escutar esse movimento, da manhã à noite, a todas as horas; escutá-lo atentamente, sem procurar traduzi-lo, sem dizer: "Isto é certo, aquilo é errado, isto é bom, aquilo é mau, isto deve ser, aquilo não deve ser"; escutar, simplesmente, a canção deste extraordinário movimento da vida. E, no escutá-lo, começamos a compreendê-lo.

Porque a vida não é algo de exterior, que está a passar ao nosso lado, e que observamos. A vida é este movimento que há dentro de nós mesmos, do qual fazemos parte; é esse movimento que temos de perceber, que temos de clarificar, compreender, amar, acompanhar; temos de embeber-nos completamente de seu significado. Do contrário, nossa mente permanecerá superficial em extremo. Podeis ser um erudito, capaz de citar todos os livros sagrados do mundo, praticar numerosos sistemas da ioga, expor esta ou aquela filosofia, dar exibição de vossa erudição; mas, vossa mente continuará muito estreita e vulgar. E essa vulgaridade é que precisa ser compreendida; e, com a própria compreensão dessa vulgaridade, ela se quebra.

O que vamos, portanto, apreciar nesta manhã é a questão do conflito interior e exterior, do sofrimento e sua terminação, e a vida como ação. São estes os assuntos dos quais trataremos hoje. Quando o orador fala, vós também participais, não estais simplesmente a ouvir o que ele diz, e concordando ou discordando; estais trabalhando tão diligentemente, tão intensa e vitalmente, como o orador. Só quando trabalhais com essa intensidade, tem significação o que diz o orador. Mas, se aí vos sentastes para vos entreterdes com uma palestra casual, ou para terdes confirmação do que credes ou não credes, etc., estais então, meramente, a ouvir uma série de palavras, sentenças e frases, de pouca significação.

O homem vive há mais de dois milhões de anos — dois milhões de anos de sofrimento, isto é, de dor física e dor psicológica, de dor exterior e dor interior. Observai a vós mesmo. A dor não é uma abstração: nós estamos sofrendo, os entes humanos sofrem. Há a dor física, e há a dor interna, psicológica; e, evidentemente, não conseguimos dissolvê-la, no mínimo que fosse, não conseguimos libertar-nos desta dor, desta ansiedade, deste medo, desta contradição. Mas, se não nos libertarmos da contradição, do conflito, da dor, do sofrimento, interiormente existentes, não haverá possibilidade de termos uma mente clara e, graças a essa claridade, silenciosa. Só a mente silenciosa é criadora; só ela pode compreender o que é a Verdade e a criação do verdadeiro. Pois a Verdade não é uma abstração, uma coisa definitiva, porém uma coisa viva, em perpétua criação.

Estamos empregando a palavra "criação" em seu mais profundo e mais amplo sentido; não significa meramente escrever um poema, um livro, um artigo, ou fazer um discurso, ou executar um certo ato externo.

Assim, o que nos concerne, como entes humanos, é o esforço, o sofrimento e a ação. Eles se relacionam entre si. Não podeis dizer: "Compreenderei primeiro o esforço, depois o conflito, depois o sofrimento, depois a ação". Todos estão estreitamente entrelaçados, e compreender qualquer deles é compreender os demais.

Sabemos, pela observação, sem a ajuda de nenhuma filosofia ou ideologia, que estamos em conflito. Tal é o fato. E não sabemos o que fazer com esse fato. Se formos suficientemente inteligentes e soubermos o que cumpre fazer, sairemos desta situação e ficaremos livres do conflito e, por conseguinte, do sofrimento. A ação se tornará, então, um movimento total. Não será ação baseada na fragmentação, porém ação total.

O conflito, pois, faz parte de nossa existência diária. Desde a infância até à morte, vemo-nos sempre em conflito, torturados e a torturar outros; em contradição. E, até morrermos, o problema, muito obviamente, fica sem solução. Do *sanyasi* para baixo ou para cima, do negociante ao homem poderoso, de posição, todos se acham em conflito.

E, há alguma saída desse conflito? Pode um ente humano, como vós e eu, ficar completamente livre desta agonia do conflito? Quanto mais intenso o conflito, tanto mais ele se expressão em ação, se a pessoa é dotada de uma certa capacidade: escreve um livro, uma obra muito sutil, ou um poema genial. Ou, se a pessoa tem talento para a música, seu conflito se expressa por esse meio. Assim, quanto maior o conflito, quanto maior a tensão, tanto mais importante se torna a expressão (se o indivíduo é dotado de capacidades) e não a maneira de nos libertarmos dele ou de compreendê-lo. Se o indivíduo é regularmente intelectual, se é capaz de citar livros, embora interiormente se ache em intenso conflito, ele se levantará para fazer discursos, se tornará político, escritor. Foge-se dessa e de muitas outras maneiras diferentes. Mas, é essencial que vivamos livres de conflito. Parece que não sentimos a necessidade ou a urgência de ficarmos livres do conflito.

A liberdade é uma coisa extraordinária. Não significa estar livre *de* alguma coisa. Se vos livrais *de* alguma coisa, essa libertação é mera reação e, por conseguinte, não é liberdade. Por favor, compreendei isso, mas não intelectualmente; tratai de penetrá-lo. Se me liberto *da* cólera, essa libertação (*nunca mais me irritarei*) é outra forma de resistência, outra forma de recalcamento ou sublimação e, por conseguinte, não é a verdadeira liberdade. O estado de liberdade significa: liberdade em si, e não "estar livre *de* alguma coisa".

Assim, é possível vivermos livres de conflitos? O conflito existe, porque estamos em contradição: querer e não querer; prazer e dor; ambição e ao mesmo tempo o desejo de compreender o amor. Poder, posição, fama, notoriedade — nenhuma dessas coisas pode existir quando há amor, quando há afeição, bondade; eis porque há sempre contradição. Bem o sabemos, mas acostumamo-nos com essa contradição. Por essa razão se embota a nossa mente. Olhais para aquele rio. Quando o vedes pela primeira vez, vos deleitais com ele, com os reflexos nas águas, as rugas na sua superfície, a beleza da luz, a correnteza, os peixes; vedes a extraordinária riqueza e plenitude do movimento daquele rio. Mas, quando a ele voltais e de novo o olhais, com ele já vos habituastes. Vossa memória recolheu aquela primeira visão, aquele primeiro deleite; e, agora, porque a memória

a guardou e com ela se acostumou, ao olhardes de novo o rio, perdestes o sabor daquele espetáculo, deixastes de lhe ser sensível.

De modo idêntico, acostumamo-nos com o conflito e o aceitamos. Esta me parece ser uma das coisas mais destrutivas que um ente humano pode fazer: aceitar, ajustar-se. Admitimos a pobreza, a sujeira das ruas, a sordidez, a corrupção, as coisas terríveis que estão acontecendo no mundo. Tudo isso aceitamos, dizendo: "Ora, foi sempre assim e assim sempre será". Essa aceitação, pois, impede a ação. A aceitação, o mero ajustamento, o acostumar-se com as coisas, não só impede a compreensão do conflito, mas ainda torna a mente embotada. Sempre fostes hinduísta e o sereis sempre até morrer — ou muçulmano. Acostumamo-nos e ficamos repetindo o mesmo padrão de existência, dia após dias, até morrermos.

Deste modo, um dos principais problemas, quando queremos compreender o conflito, é o de gradualmente nos habituarmos a ele, de gradualmente nos acostumarmos a suportá-lo; e esta é a primeira coisa de que nos devemos guardar. Quando não aceitais o sofrimento, quando não aceitais o conflito, vossa mente se perturba e pode, então, fazer perguntas radicais; não só fazer perguntas, mas também encontrar-se num estado de intensidade que a fará encontrar uma saída — não uma fuga para uma certa ideologia ou teoria, ou uma fuga completa da vida, para as montanhas, para algum mosteiro, etc. Não aceitando o sofrimento, vossa mente se torna alertada, penetrante e, por conseguinte, capaz de investigar e encontrar a saída. Esta é a primeira coisa que se deve aprender.

Aprender difere de acumular conhecimentos. A mente que apenas acumula conhecimento, experiência, e cultiva a memória, segundo a qual atua, não aprende. Aprender significa aprender constantemente, sem acumular. Espero estar esclarecendo bem o ponto. Porque o aprender é sempre novo. Não sei uma certa língua, e a estou aprendendo; depois de a ter aprendido, que é o particípio passado do verbo, já não estou aprendendo. Afinal, o verbo "aprender" é sempre do presente ativo. Escutai isto. O aprender está sempre no presente ativo; não o *aprendi* ou *aprenderei*. No momento em que dizeis "aprendi", já acumu-

lastes, e na base dessa informação, desse conhecimento, é que atuais; por conseguinte, a ação é ajustada ao padrão do conhecimento que vos condiciona. Mas, quando o verbo está sempre no presente ativo, ou seja quando é "aprender" e não "aprendi" ou "aprenderei", esse presente ativo é sempre novo; nunca recebe o colorido do passado. Por conseguinte, a mente que está sempre a aprender se mantém vigorosa e viva, e capaz de enfrentar qualquer situação de maneira nova, porque está aprendendo.

Temos, pois, de aprender — no presente ativo — essa formação do hábito, esse acostumar-se com o conflito. A mente que está sempre aprendendo — no presente ativo — é capaz de enfrentar o conflito e, portanto, de aprender a seu respeito. Quanto mais problemas temos, tanto mais conflitos iremos ter; cumpre enfrentar esses conflitos, aprendendo a respeito deles e não das coisas acumuladas no passado. O processo de aprender deve ser contínuo. A mente que está sempre a aprender nunca se acha em conflito; vede a beleza disso! Mas, quando a mente acumulou um padrão de comportamento, um padrão de conduta, e vai enfrentar o presente — que é sempre ativo — nasce uma contradição. E, como resultado dessa contradição, há conflito. E onde há conflito, há esforço incessante, uma azáfama interminável.

Temos, pois, de compreender o "processo" de a mente habituar-se às coisas. Tanto podemos acostumar-nos com o belo como com o feio. A mente é capaz de ajustar-se a qualquer coisa. Aceitareis a guerra, como a Europa Ocidental e a América a aceitaram, como norma da vida. E, uma vez tenhais aceitado a guerra como norma de vossa vida, com ela vos acostumareis. Tereis serviço militar, instrução nas escolas, soldados; quanto mais soldados tiverdes, tanto maior será a pobreza do país; e inicia-se de novo o ciclo: direis que tudo é natural, inevitável! Considerai isso, por favor. Trata-se de vossa vida, e não de minha vida; de vossa vida de cada dia.

E quando a mente não é nova, não está ativa no presente, a aprender, então ou o sofrimento se vos torna um objeto de devoção — como no mundo cristão — ou dele tratais de fugir, ou ainda de encontrar uma causa no passado. Dessarte, vossa

mente está incapacitada para compreender, para aprender o que é o sofrimento. Enquanto não aprenderdes o que é o sofrimento, nunca vos libertareis dele.

Por favor, procurai penetrar isso, junto com o orador. Porque a sabedoria não é compatível com a mente que se acha dominada pelo sofrimento. Por mais engenhosa e erudita, por mais competente que seja, a mente em que há sofrimento é sempre uma fonte de malefícios. Se se deseja a ordem social, os entes humanos devem estar livres do sofrimento. E nós necessitamos de ordem — ordem absoluta. Porque só quando há ordem — e esta vem quando o ente humano está livre de conflito e, por conseguinte, do sofrimento — só quando há ordem pode tornar-se existente uma nova sociedade, uma nova maneira de viver.

Há, pois, possibilidade de terminar o sofrimento. E sois vós a única pessoa capaz de encontrar essa possibilidade, e ninguém mais. Disseram certos instrutores que o sofrimento pode terminar, e se apenas repetis o que eles disseram, isso nenhum valor tem. O que tem valor é descobrirdes por vós mesmo, compreenderdes por vós mesmo a estrutura do sofrimento: observando, em cada dia, vossos movimentos, vossas atividades, vossas relações. Como resultado dessa observação, desse aprender que está sempre no presente, vereis, por vós mesmo, que o sofrimento pode ser extinto. E ele só pode findar quando o observais, e não quando dizeis: "Preciso pôr fim ao sofrimento; o sofrimento precisa terminar", e procuro um método para acabar com o sofrimento; assim ele não termina. O que põe termo ao sofrimento é a observação atenta de tudo o que fazeis, não só no lar, mas também no escritório, na fábrica, no ônibus; a maneira como falais, como gesticulais: tudo tem importância. Nessa observação está o começo do aprender.

E temos, ainda, a questão da ação. Não sei se já observastes, pela manhã, os grandes abutres a planar nas alturas, sem um bater de asas, a flutuar silenciosamente nas correntes de ar. Isso é ação. E também o verme que se move sob o solo, perfurando a terra — isso, igualmente, é ação. Também é ação quando um político sobe a um palanque para dizer coisas sem importância; quando um homem escreve, lê, ou cinzela uma

estátua de mármore. E é ação, ainda, quando um homem, um chefe de família, freqüenta um escritório durante quarenta anos seguidos, dia após dia, para executar um trabalho monótono e insignificante, consumindo sua vida inutilmente! O que faz o cientista, o artista, o músico, o orador — tudo isso é ação. A vida é ação, do começo ao fim; seu movimento é todo ação. Mas, infelizmente, fragmentamos a ação: ação nobre, ação ignóbil, ação política, ação religiosa, ação científica, ação reformadora, ação socialista, ação comunista, etc. etc. Fracionamo-la e, por isso, existe contradição entre as ações e nunca chegamos a compreender o movimento total da ação.

E, em nossa vida, a atividade doméstica não difere muito da atividade no escritório. Somos tão ambiciosos no escritório como em casa. Em casa, dominamos, oprimimos, implicamos, constrangemos — sexualmente e de muitas outras maneiras. O mesmo fazemos fora de casa. E também a mente que busca a Paz, que diz "Preciso descobrir a Verdade", está em ação.

Ora, madureza é a compreensão da ação como um todo, e não em fragmentos. Não estou definindo a palavra "madureza"; portanto, não decoreis esta definição, ou outra. Pode-se ver que, enquanto a ação for fragmentária, haverá necessariamente contradição e, por conseguinte, conflito.

Assim, como iremos descobrir (fazer descobrimentos), sentir, viver no presente ativo, com uma ação total, integral, e não parcial? Está clara esta pergunta? Temos de compreender esta questão, esta pergunta, porque nossas ações são sempre fragmentárias — religiosas, profissionais, políticas, domésticas, etc.; cada uma delas difere das outras, pelo menos é o que pensamos. Assim, o homem mundano diz: "Não posso ser religioso, porque tenho de ganhar a vida". E declara o homem religioso: "Temos de abandonar o mundo para encontrar Deus". Conseqüentemente, tudo causa contradição, todas as nossas ações se contradizem. E, como resultado dessa contradição, há esforço, sofrimento, medo, aflição, etc.

Mas, existe uma ação completa, livre de toda fragmentação, que seja vida, vida total? Se isso não for compreendido, todas as nossas ações serão contraditórias. Como aprender a respeito dessa ação? Não, "ter aprendido" ou "ir aprender", porém,

realmente, *aprender* o que é a ação total, a ação não fragmentária. Entendeis? Está feita a pergunta, e, se o problema está claro, continuemos.

Só há uma ação que é total: a morte! Entendeis? Não pode haver discussões nem sutilezas intelectuais quando se trata da morte. Aí não se admitem opiniões, nem citações de livros religiosos; não há fugir dela, não há evitá-la. Não se pode pedir à morte: "Dai-me mais um dia!". Assim, só há uma ação total, que é — *morrer.* (1)

Ora, *morrer*, para a maioria das pessoas, é negação; é como suicidar-se. E porque não compreendemos a extraordinária natureza da morte, nós, indivíduos sutis, intelectuais, tornamos a vida uma coisa sem o menor significado. Tem vossa vida ainda alguma significação? Por favor, senhores, olhai-a! Tem significação a vossa vida — freqüentar um escritório, ganhar a subsistência, manter uma família, ter prazeres sexuais, conduzir um carro luxuoso ou um carro modesto, ou andar a pé? Que significa isso para vós — escrever um livro ou não escrever nada, promover alguma reforma social sem importância, pertencer a uma certa sociedade, etc. etc.? Que significação tem tudo isso? E quanto mais se questiona o viver, e suas torturas, menos significação tem ele. E todos os indivíduos talentosos escrevem livros sem nenhuma utilidade e significação; em seu desespero, escrevem sobre filosofia, inventam filosofias. Mas, não nos estamos referindo ao suicídio, à ação derradeira do desespero. Estamos assinalando que a morte é a única ação total e completa — tal como o amor. O amor é também ação total. No amor não há contradição. Mas, vosso amor está cercado de ciúme, de ânsias, de solidão; é "meu amor" contra "vosso amor", "minha família" contra "vossa família", "minha nação" contra "vossa nação", "minha tribo" contra "vossa tribo", o "sul" contra o "norte". E dizemos que amamos! Nosso amor é uma contradição.

Temos, pois, de compreender a morte. E só com a compreensão da morte, sabereis o que é o amor. Ou, se compreenderdes integralmente a natureza da contradição existente no prazer, compreendereis a ação total do amor, porque o amor

---

(1) I.e., morrer para o passado, o "conhecido", etc. (N. do T.)

e a morte são inseparáveis. Tendes de compreender esse maravilhoso mistério da morte.

A meditação é a compreensão da morte e do amor. Não é estar sentado à beira do rio, a murmurar continuamente umas poucas palavras; ou estar sentado no quarto, de pernas cruzadas, a respirar de uma certa maneira, a recitar versos sagrados ou a repetir certas frases; isso é auto-hipnose, não é meditação. Meditação é a compreensão da vida, onde existe o amor, a morte e o sofrimento; *não* compreensão intelectual: é aprender a respeito da vida. A compreensão da extraordinária natureza da morte e do amor é meditação. E, para compreendê-la, não há método, não há sistema, não há prática, porque "compreender" é *aprender*. Não podeis aprender no presente ativo, se tendes um método, um sistema: primeiro passo, segundo passo, terceiro passo. Temos, pois, de aprender a respeito da morte. E "aprender sobre a morte" é morrer, todos os dias, todos os minutos, para tudo o que acumulamos, psicologicamente. Entendeis? Isso é que é doloroso para a maioria de nós: morrer, terminar nossos prazeres. Já tentastes isso, alguma vez? Morrer, simplesmente, sem discussão, sem prós nem contras, sem se perguntar "Por que não devo conservar meus prazeres?" — sem nenhuma dessas sutilezas que inventamos para proteger-nos.

Tendes de morrer, natural e facilmente, para qualquer prazer que tendes. Experimentai-o. Fazei-o, sem a vontade, sem luta, sem esforço, sem abandonardes o mundo, sem cultivardes *isto* e *aquilo* a fim de alcançardes uma certa coisa. Como sabeis, quando chega o frio, o outono, as folhas caem das árvores — folhas multicolores, belas, vívidas; na morte, também, são elas tão belas como em vida, agitadas pelo vento e banhadas de Sol. E, para morrer psicologicamente, não comeceis pelo lado físico, "morrendo" para vossas roupas, para cingir uma tanga; isso não tem valor nenhum. Não comeceis do lado errado; começai do lado certo, que é o vosso interior. Morrei, interiormente, para vossas insignificantes ambições, vossas sutilezas, vossas ilusões, vossos prazeres e dores; morrei, simples e naturalmente (como ireis fazer, quando vos tornardes mais velho). Sem a compreensão da morte, a velhice é uma coisa dolorosa, uma deformidade.

E ao conhecerdes essa coisa chamada "morte", sabereis também o que é o amor. Neste país, como em outros, não se

sabe o que é o amor. Porque temos medo à beleza — medo de olhar uma árvore, uma ave a voar, um belo rosto de mulher, de homem ou de criança. Porque fostes educado para a aceitação, o ajustamento; tornou-se costume que o homem religioso seja completamente insensível à beleza, porque "beleza" para ele significa a mulher, sensação, prazer e, por conseguinte, deve ser evitada. Por isso, vossas vidas são vazias; vossa mente pode estar repleta de palavras, porém vosso coração está vazio. Por conseguinte, aceitais coisas que são inaceitáveis para qualquer espírito verdadeiramente religioso.

Assim, quando há compreensão do conflito, há a terminação do sofrimento. E a terminação do sofrimento é o começo da ação total. E a ação total só será possível quando morrermos psicologicamente para as coisas que chamamos prazer e dor. Só então existe o amor, Sem ele, podeis fazer o que quiserdes, subir e descer o Himalaia dez vezes, cem vezes, dar a volta ao mundo, promover todas as reformas, jamais encontrareis uma saída.

Quando bem compreendemos isso, a mente se torna sobremaneira silenciosa. Nessa compreensão há disciplina — não uma disciplina imposta do exterior ou do interior. Essa disciplina é ordem. E havendo esse silêncio extraordinariamente vivo, dinâmico, nele há criação. Dai a essa criação o nome que quiserdes; qualquer nome servirá! Mas enquanto, como entes humanos, não a encontrarmos, não haverá possibilidade de termos ordem e paz no mundo. E nós temos necessidade de paz, porque só na Paz pode o indivíduo florescer em bondade.

28 de novembro de 1965.